DEUS E UNIVERSO

Autor: Pietro Ubaldi

Tradução: Erlindo Salzano,
Adauto Fernandes de Andrade,
Medeiros Corrêa Junior

ÍNDICE

Prefácio **1**

I- Como fala a vida **8**

II- O "eu sou", esquema do ser **12**

III- O egocentrismo **16**

IV- A Queda dos Anjos **22**

V- Origem e fim do mal e da dor **25**

VI - Desmoronamento e reconstrução do universo **31**

VII - A perfeição do sistema **37**

VIII - Solução última do problema do ser **43**

IX - Confirmações em nosso mundo **55**

X- A teoria do desmoronamento e suas provas **63**

XI - A caminho da sublimação **84**

XII - Os três aspectos da Substância 89

XIII-IN PRINCIPIO ERAT VERBUM 95

XIV- A essência do Cristo 100

XV - A procura de Deus 106

XVI- A prece 110

XVII- Imanência e transcendência 116

XVIII - O fenômeno inspirativo 122

XIX - A alma e Deus 128

XX- Visão-síntese 135

PREFÁCIO

Numa grande reviravolta da minha vida e da vida do mundo, nasceu este livro, subitamente, como uma explosão. Foi escrito em vinte noites, pouco antes da Páscoa de 1951, aproveitando-me de uma bronquite que me forçava ao repouso, furtando-me ao trabalho diurno normal, necessário para a manutenção de minha família. Escrevi-o sob intensa febre, que facilitava a elevação do potencial nervoso, na solidão gelada de Gubbio. Como aqui está registrada, a visão me apareceu, em vinte etapas ou capítulos, nos imensos silêncios daquelas longas noites hibernais.

Qual explosão de pensamento e de paixão, este livro não poderia revelar-se a não ser à aproximação da Semana da Páscoa, após um longo e íntimo tormento preparatório. Sob a exposição fria e racional, que pretendeu, sobretudo, ser fiel às visões, oculta-se e arde essa paixão, a ânsia do inexplorado, o terror de debruçar-se sozinho sobre os abismos dos maiores mistérios, a imensa festa da alma pelo conhecimento obtido. No esforço aqui dispendido para galgar os últimos cimos, como coroamento da Obra, há como que uma vertiginosa desesperação da alma, que se sente perdida e des-feita diante do lampejo de uma concepção que não é sua, que dardeja sobre ela, ofuscando-a e arrebatando-a para os vértices do pensamento, onde tudo se faz uno, e para os vértices das sensações, onde alegria e dor se unificam num imenso espasmo de êxtase.

Este livro, que não é meu, apareceu assim como um relâmpago, para trazer a solução dos problemas últimos, em meio a uma humanidade descontrolada, delirante com os sofismas e os requintes da decadência, neste momento em que a História está procedendo à liquidação da velha civilização européia. A hora é apocalíptica, porque é a

hora da justiça quando todas as almas e os valores da humanidade devem ser joeirados, de uma forma implacável, a fim de que tudo o que não seja vital se incinere. Estamos asfixiados por montanhas de falsidades e a vida se rebela por que está faminta de verdade. E a verdade deve ser dita a qualquer custo, pois que o mundo em breve será sacudido pelos alicerces Ela deve ser dita antecipadamente, de uma forma clara, simples e una. Urge lançar a semente da idéia que deverá reger o novo mundo do terceiro milênio, aquele que ressurgirá da destruição do atual.

Este é o décimo volume desta Obra, que agora, depois de haver superado infinitos obstáculos, transborda pelo mundo e, de puro sistema de conceitos, está se transformando em vida. O milagre, predito com exatidão, ainda que proibido, torna-se realidade: o milagre consiste em que um homem sozinho, pobre, cruciado de dores, votado à renúncia e esmagado sob o peso de um árduo trabalho, consiga sobrepujar tudo isso e lançar uma idéia ao mundo. É que, em geral, onde existe o que, humanamente, por inexplicável, se chama milagre, está Deus e, onde Deus está é possível chegar-se até aos fundamentos. Há quarenta anos luto com esta certeza e os fatos de cada dia mais a confirmam. Em breve surgirão os volumes undécimo e duodécimo; - aqui já estão lançadas as suas bases. Desta maneira, uma obra completar-se-á pelo trabalho penoso e íntimo de um homem, a fim de que o mundo possa afinal, enxergar claro todos os problemas e, assim ser levado, unicamente pela via da razão e do utilitarismo, a uma vida mais honesta e justa e a fim de que a fé seja demonstrada, fazendo-se a paz entre idéias e homens.

Quis, por isso, interrogar, por meio de recente contato direto, os povos mais jovens das Américas; encontrei-os preparados para compreender melhor as nossas idéias do futuro do que a velha Europa. E, graças a isso, agora tampouco devemos preocupar-nos se a difusão destas idéias se faz aqui com mais lentidão e se as edições em italiano se vão tornando cada vez mais lentas, em face das dificuldades sempre crescentes do ambiente. Essas dificuldades locais não mais conseguirão conter a divulgação da Obra que se desenvolve no mundo. O importante é que tudo seja logo escrito e publicado, não importa onde. Outras gerações, depois, após outras provas, virão e compreenderão.

Na sua última missiva, na primavera de 1951, Albert Einstein assim me escrevia de Princeton. N. J., a propósito do oitavo volume da Obra Problemas do Futuro – que mais dizia respeito a sua especialidade: **I have studied part of your book and have admired the force of the language and the vast extension of your interest...” (“Estudei parte do seu livro e admirei a força de expressão e a vasta extensão de seus objetivos....”).** ***Mas o presente volume está construído em outro terreno, a que podemos chamar teológico, além da ciência atual. Por isso é mais vasto do que o primeiro livro –*** **A Grande Síntese –** ***que ele encerra, como um seu momento, desenvolvendo-se em um campo que a visão de*** **A Grande Síntese** ***encarando apenas o nosso universo atual, não podia atingir. Com o presente volume pode dizer-se estar exaurido o ciclo dos grandes conceitos básicos, atingindo-se a solução dos máximos problemas. Possivelmente depois deste esforço de racionalismo cerrado, o undécimo volume, por compensação, deverá assumir característica oposta, ou seja, de vitória da vida no espírito.***

"Através da vida tenha caminhado, caindo e levantando. Através dos meus escritos tenho caminhado por uma longa senda de fadiga e de fé. Quantas etapas superei! O meu pensamento desenvolveu-se através de inúmeras conceitos e a minha paixão amadureceu de tanto sofrer. Ao fim de tanta ansiedade de alma e de coração, não restará mais que uma palavra, a última de tantas que foram ditas: Cristo. Sobre esta

palavra, que é a síntese suprema da conhecimento e do amor, eu me reclinarei satisfeito e feliz, para morrer. Satisfeita como quem, superando todas as ilusões. humanas, reencontrou a verdade absoluta. Feliz como quem, vencendo todas as dores humanas, reencontrou a sua suprema alegria". (Do quarto volume: **Ascese Mística** ***- 1939).***

Aventurar-se em um terreno teológico poderá parecer excessiva audácia. Mas, eu hão pude escolher o tema das visões, que apenas registrei. Ademais, era necessário resolver tudo, também os problemas últimos, a fim de que o sistema se completasse. Afinal, por que o teológico deve ser um terreno proibido? Por que a indagação deve furtar-se aos cimos máximos e impor-se eternamente o mistério? Por que relegar ao museu das coisas mortas certas problemas, apenas porque hoje se acredita na ciência que sabe fazer descobertas úteis e não é capaz de formular tais questões? Deveremos, então, cancelá-las de nossa mente? A pesquisa da verdade, feita com sinceridade, com fé e com respeito, não tem sentido de culpa. Possuímos inteligência para usá-la e esforçamo-nos honestamente para compreender, até ande for possível, tem mais valor do que a dormência passiva da crença. Além do mais, se o mundo e as religiões progrediram, isto se deve à paixão de conhecimento que almas sedentas e isoladas cultivaram com o próprio risco e grande tormento.

A este propósito, permitimo-nos citar algumas páginas de Giovanni Papini: **Cartas do Papa Celestino VI aos** ***homens, páginas que ninguém taxou de heterodoxia.***

"Por que é a divina teologia hoje tão pouco popular entre os homens? Por que a ciência suprema, a ciência de Deus é hoje ignorada, mesmo pelos não ignorantes? Por que a vemos relegada, sobretudo em nossa Igreja, às classes dos seminários e aos estudantes dos mosteiros?"

Que aconteceu? Não aflige a vossa alma a dúvida que de tão funesto desinteresse a máxima culpa vos cabe?

"Interrogai a vossa consciência e respondei com franqueza cristã. A responsabilidade desse abandono não é inteiramente vossa, mas é, antes de mais nada, vossa. As grandes coisas jamais são vencidas pelas adversárias, mas pela fraqueza e infidelidade dos seus divulgadores. Que uso fizestes, de muitos séculos para cá do patrimônio sobrenatural que vos foi confiada? Por que permitistes que outros (...) tenham tomado o seu lugar na atenção dos pensadores?

"A verdade, dolorosa verdade, é que a vida ardente e criadora do pensamento se afastou de vós. Depois de S. Tomás (...) não fostes capazes de construir uma nova e poderosa síntese teológica (...)".

"De há muito tempo não aparece entre vós um gênio que saiba, como os granes escolásticos, conduzir à meta única por novos caminhos. Não soubestes acrescentar uma nova prova da existência de Deus, depois das apresentadas por S. Anselmo e S. Tomás. Não soubestes oferecer uma idéia mais profunda da redenção depois de Duns Scott e não soubestes verter o vinho eterno da verdade em odres ardentes, em cálices de cristal mais puro.

"A Escolástica decaiu pelos excessos de sutilezas verbais e pelo pedantismo sofístico dos occamistas[1]. Vós a depositastes decomposta no féretro lúgubre da repetição. Há séculos vós, teólogos, não sois mais que compiladores de sinopses, manipuladores de

[1] Seguidores de Guilherme de Occam filósofo inglês e franciscano de Oxford, para quem o saber verdadeiro é o sensível (empirismo). O occanismo teve êxito nos séculos XIV e XV declinando, em seguida e descambando para um formalismo lógico. Com ele termina a escolástica medieval. (N. do T.)

manuais, registradores de lugares-comuns; não sois mais do que entendiantes comentadores, glosadores, exumadores, postiladores, ruminadores de antigos textos venerados (. . .). Não vos haveis de que os alimentos requentados em demasia despertam aversão aos mais gulosos, e de que as comidas e remexidas nas velhas panelas de barro e com os mesmos condimentos, acabam saturando os mais pacientes paladares? Cada século possui a sua linguagem, os seus apetites, os seus sonhos, os seus problemas. Vós parastes o relógio da História no século XlV e continuais a servir uma sempiterna sopa aos dóceis candidatos ao sacerdócio, sem dar atenção aos cristãos que estão fora das portas claustrais e que já agora estão habituados a acepipes mais apetitosos e saborosos (. . .). Essa inapetência obstinada, que já dura alguns séculos, será devida somente ao gosto pervertido e gasto de dos leitores modernos ou, também, se não mais, à vossa fastidiosa mediocridade de capciosos repetidores? Se entre vós existisse uma estrela de primeira grandeza, bem elevada sobre o horizonte, todos a veriam e a procurariam. Mas não passais de círios mortiços que a grande custo iluminam as trevas dos oratórios. Os antigos e majestosos "in fólios" dos teólogos dormem um poeirento sono entre almofadas de pergaminho e pele, nas estantes carcomidas das bibliotecas, onde de raro em raro os leigos vão despertá-los. As obras dos teólogos modernos são prontuários para uso interno dos clérigos, ou áridos tratados (. . .).

"Mas pode a ciência de Deus, se quer reconquistar o afeto dos desatentos e dos desviados, permanecer sempre sobre as fundamentos e nas portinholas do século XIII? Não poderá também a teologia, como todas as ciências, apresentar avanços e progressos? O próprio S. Tomás de Aquino não pareceu revolucionário em seu tempo, a ponto de suscitar oposições e provocar condenações?(....).

"Existem, ainda, nas Escrituras, revelações maravilhosas que se poderiam mais amorosamente desvelar (. . .). Não é verdade que tudo tenha sido dito e que tenhamos de ser porta-vozes dos mortas. Cada século avança no caminho do espírito e possivelmente se verá, no futuro, uma teologia de fulgor tão brilhante (. . .) que, a por nós herdada, não obstante a sua admirável arquitetura, parecerá, aos venturosos cristãos da futuro, pouco mais que um esboço, isto é, julgá-la-ão como os titãs da escolástica julgaram as primeiros sistemas doutrinários dos Pais da Igreja. O gênero humano e o povo cristão foram educadas por graduações e por isso quem ousará estabelecer confins de tempo aos designos divinos e aos esforços humanos? Espero com fé uma outra idade de ouro da nossa ciência: novas iluminações de santos, novas intuições de poetas, novas interpretações de doutores farão a teologia, como em tempos de antanho a dominadora dos espíritos superiores (. . .).

"Mas, é necessário que vos afasteis, teólogos, das batidas estradas da repetição, da mecanicidade silogística, do pedantismo verbalistíco e formalístíco que tresanda demasiado a ranço, e mofo às narinas modernas (. . .).

"Saí algumas vezes ao ar livre (. . . .), não desdenheis de aprender alguma coisa com os não-teólogos (. . . .). Hoje que estais bocejando no mar morto da indiferença e da monotonia, exorto-vos a ousar (. . ..). Nas palavras da revelação podem-se encontrar novos sentidos, possivelmente mais profundos do que os que já se encontraram; aos dogmas, a esses dogmas pode-se chegar por novas vias, anda mais firmes do que as das velhas estradas.

(. . .) dos homens de estudo e de engenho dependem sempre, em última instância, as opiniões e os pendores das multidões. Se conseguirdes reconquistar as aristocracias do espírita, vereis, logo depois, que os povos as seguirão" (. . . .).

"Bastaria uma inspiração audaz e feliz para fazer convergir de todas os lados os sequiosos. Muitos têm sede hoje (. . . .)".

❑ ❑ ❑

Assim falou Papini. Transcrevemo-lhe as palavras apenas porque, ditas por ele, catolicíssima, encontram, receptividade na Itália, enquanto ditas por nós, seriam condenadas como heresia.

Embora este livro, por necessidades editoriais, deva vir a público primeiro em português, no Brasil, da que em italiano, na Itália foi ele, todavia, escrito jia Itália, levando em consideração es diretrizes do pensamento europeu, que não são idênticas às brasileiras Levou-se, assim, em linha de conta, sobretudo a pensamento católico Foram-lhe, todavia, acrescentadas algumas páginas no Brasil, para que com imparcialidade e universalidade, se colocasse também diante da pensamento espiritualista e espírita.

Com respeito a este último, podemos afirmar, aos que temam que este livro fuja ao seu ponto de vista estritamente ortodoxo, que ele pode constituir uma das maiores provas da reencarnação. Realmente o sistema aqui exposto admite e prova que houve uma criação única de Espíritos. Estes, justamente por motivo da queda (primeiro, através da fase de descida –* involução *– e depois, no decurso da fase de subida –* evolução*), devem, sempre os mesmos filhos da criação única, infindas vezes reencarnar-se na matéria, que é filha da queda, para espiritualizá-la novamente, através das provas e da dor, para que tudo retorne e reintegre em Deus.

Uma grande vida eterna, qual foi na origem, fragmentada na queda em inúmeras vidas e mortes sucessivas na matéria, é elemento necessário e fundamental do sistema, é a imprescindível condição do processo evolutivo.

O sistema é todo sustentado pela idéia reencarnacionista, que tão firme se abriga no coração dos espiritistas. Esta teoria encontra aqui, mesmo quando explicitamente nela não se fala, uma confirmação, uma prova, uma demonstração. Sem ela, cairia o sistema exposto neste volume, como cairia* A Grande Síntese *e também toda a obra.

E se o leitor encontrar aqui conceitos que não são os habitualmente repetidos, recordará que sobre o problema teológico propriamente dito a Doutrina Espírita ainda não pronunciou em definitivo, pois é uma doutrina em desenvolvimento, aberta sempre a novos aperfeiçoamentos que a amadurecem e a fazem evoluir sempre mais.

❑ ❑ ❑

Na noite de 9 de maio de 1932 eu registrava, por via da inspiração, uma mensagem particular para Mussolini que lhe foi entregue na tarde de 5 de outubro do mesmo ano. Ele a leu e agradeceu, através de autoridades governamentais. Tudo está documentado, mesmo na imprensa. Eis algumas frases da mensagem: "(. . .) trata-se de ajudar o nascimento do humanidade nova, que surgirá do convulsão do mundo (. . .). Evita, com todas as tuas forças, qualquer guerra. Não há razão humana que passa justificar hoje uma guerra que, com os hodiernos meios de destruição, significaria uma

tal catástrofe que poderia assinalar a fim da civilização européia, através da invasão asiática e impeliria, enfim, a civilização a emigrar, depois de tremendas cataclismos, para as Américas (. . .)

Outras mensagens, depois transmitidas, diziam, entre outras coisas, o que se segue:

(. . .) o momento histórico está maduro para grandes acontecimentos (. . .), o momento histórico chegou, porque hoje fala a dor. O momento histórico é grave, porque a dor falará ainda tremendamente, como jamais falou (. . .). A civilização européia, que é civilização cristã, ameaça ruir-se (. . .). A presente tranqüilidade, operante, é a calma que precede as grandes tempestades (. . .). O mundo hoje joga tudo e por tudo".

Estava-se assim em 1932, bem distante das condições mundiais que somente hoje começamos a ver claramente e que nessa ocasião foram previstas com exatidão. Para quem tem olhos para enxergar, o plano de Deus é evidente. É vontade Sua que no ano dois mil deva surgir uma nova civilização do espírito, em que o Seu Evangelho seja vivido seriamente, a fim de que Crista não se tenha sacrificado em vão E esta hora chegou, já anunciada há vinte anos pelo que foi mencionada e por outras mensagens já publicadas.[2]

Pode-se atingir esta meta por duas vias: corrigir-se espontaneamente, pela mudança de psicologia, inteiramente integrada no amor evangélico, ou então continuar a trajetória iniciada, com uma guerra que poderá destruir o hemisfério norte e a sua civilização. Em qualquer caso, o plano de Deus se realiza. No primeiro, por compreensão rápida de seres inteligentes; no segundo por compreensão lenta dos seres involuídos, através da dor que sabe fazer compreender por todos.

A humanidade padece a doença do materialismo e agora caminha para a mesa cirúrgica. No ano dois mil, Deus terá completado a operação. A bomba atômica será instrumento de liquidação da civilização materialista que a produziu. A destruição bélica, se essa for a via que o mundo escolher, será a obra de Satanás, que terá a incumbência, assim como a traição de Judas preparou a redenção, de preparar a nova civilização do espírito. E a hora chegou, e a fim de que a humanidade, com o terceiro Milênio, entre no seu terceiro dia, aquele em que Cristo ressuscitou. Cristo que afirmou que reconstruiria o Templo em três dias. Assim a velha civilização materialista deve ceder lugar uma nova civilização do tipo oposto.

Desta forma, se a humanidade não for suficientemente inteligente para compreender, será a própria guerra que destruindo um pouco de tudo, lhe ensinará que ela não constitui o meio adequado para resolver os problemas. Esta será a maior descoberta do século. O tipo biológico condutor de exércitos, o ideal nietzscheano do homem da força, cada vez mais desacreditado hoje, já surge como um tipo falido e uma nova guerra o sepultará definitivamente no reino passado do involuído feroz. O novo homem de comando, assim como a classe dirigente, deverá ser cada vez menos guerreiro e cada vez mais inteligente, até à plena espiritualidade.

Neste momento histórico, nasce o presente volume, terminado na Páscoa de 1951. Logo após os dois volumes: **Problemas do Futuro** ***e*** **Ascensões Humanas,** ***completados na Páscoa de 1950. Estamos nos dois primeiros anos da segunda metade do nosso século, no qual se decidirá a sorte do mundo para o futuro milênio. É neste***

[2] Referencia às primeiras das Grandes Mensagens (Messaggi Spirituali), volume inicial da obra completa. (N. do T.)

momento que* A Grande Síntese *é ampliada e aperfeiçoada até o terreno teológico. E, após ter atingido nos dois volumes acima mencionados a solução de problemas parciais mais próximos a nós, aqui é oferecida a solução dos problemas máximos, de modo que se lance luz sobre tudo, já que o mundo deverá prestes seguir nova orientação e necessita, assim, de um modo absoluto de novas e completas concepções, por meio das quais possa avançar. Para isto é indispensável um sistema de conhecimentos que resolva e esgote todos os problemas até os fundamentos. Para que se possa ter uma orientação até à realidade da vida, é, pois necessário também resolver os problemas últimos, reservados à Teologia, hoje negligenciados como inúteis pelos espíritos adormecidos no materialismo.

Na introdução do livro* Problemas do Futuro*, explicamos que a terceira trilogia, da qual este volume, o décimo, constitui o segundo termo, é a trilogia da sublimação, quanto a primeira trilogia foi a da explosão e a segunda, a da assimilação. Assim após o primeiro momento de simples espontaneidade inspirativa, superado o segundo, de introversão reflexa. Assistimos aqui$_1$ agora, ao desenvolvimento do terceiro momento em que, por meio de uma maturação cada vez maior, os motivos da primeira trilogia são retomados, desenvolvidos e potencializados em uma compreensão crescentemente profunda, elaboração pela qual eles se completam e consolidam definitivamente. É assim que o volume.* Problemas do Futuro *retoma e aperfeiçoa a parte inicial, filosófica-científica de A Grande Síntese, enquanto o volume seguinte.* Ascensões Humanas *retoma e aperfeiçoa o problema social, biológico e místico, desenvolvendo teses apenas acenadas em* A Grande Síntese*. Mas, a fim de que o plano do conhecimento desenvolvido em toda a Obra pudesse ser executado, urgia completar a concepção de A Grande Síntese que encara o universo em função do homem, enquadrando-a em uma concepção ainda mais vasta, que encara o universo em função de Deus. Se esse livro nos dizia como é construído a universo, era necessário explicar por que ele é assim construído a não de outro modo. Era indispensável contemplá-la não mais apenas em relação ao homem, mas em relação aos fins supremos da Criação impunha-se ultrapassar os confins de nosso universo para imergir no pensamento de Deus transcendente. Que está além de toda a Sua Criação, por nós contemplada. Era imprescindível alcançar a solução dos problemas últimos, diante da qual a mente deve conter-se saciada e assim ascender até à fonte de tudo, às causas primeiras de que tudo deriva. Para tocar o extremo limite do conhecimento, era forçoso subir até o plano teológico, de modo que a visão de* A Grande Síntese *assim fosse compreendida e colocada no seu justo lugar, na mais vasta visão de* Deus e Universo*. O primeiro livro parte da Gênese para alcançar o homem, no segundo se contempla o pensamento e a abra de Deus, mesmo antes da Gênese e se atinge a solução última do problema da ser até as confins do espaço e do tempo, onde a Criação terá atingido as suas metas.

Tudo isto confirma o caráter continuamente ascensional de toda a Obra, que agora supera as últimas etapas da sublimação. O próprio método de recepção se faz mais completo e profundo e a intuição conceptual e inspirativa torna-se visão orgânico que resolve os últimas problemas da ser nos braços de Deus. Mas, nestas primeiras etapas da terceira trilogia, da sublimação, quer, antes, no terreno científico, como depois, no teológico, a ascensão, assim retomada, mantém-se sempre no plano racional. Que forma tomará ele no terceiro volume, última desta terceira trilogia? A visão se lançará ainda freneticamente para frente, perdendo qualquer contato com a forma mental humana? Tratar-se-á, então, não mais de sublimação racional, de intelecto, mas de sublimação mística, de um incêndio do sentimento? Será possível levar ainda mais adiante os

assomos deste, surgidas nos volumes precedentes? Não sabemos anda se a maturação poderá alcançar novas cimos. Mas, sem ter atingido e transposto estes, como poderemos chegar ao ultimo vértice: - Cristo? Não podamos saber porque ainda não vivemos essas maturações. Mas, é certo que as trajetórias já estão traçadas, tanto na vida do indivíduo, como no do mundo, tudo devendo prosseguir e amadurecer. O tempo assinala, com o seu inexorável ritmo, o desenvolvimento dos destinos.

Assim, esta grande tarefa encaminha-se para o seu término. Encontramo-nos nos últimos registros sempre mais altos, sempre mais distantes do inferno terrestre. Superando sozinho montanhas de obstáculos, consumiu-se uma vida, mas amadureceu uma alma. Martírio de um homem, mas que se enxerta no martírio do mundo, porque una é a lei para todos: se quisermos redimir-nos não resta senão a Cruz de Cristo. E hoje, queira ou não, também a humanidade nela está pregada para a sua redenção. Cristo fez a sua parte. Agora toca-nos fazer o nossa, acima de todas as tempestades, impassível. Deus observa e aguarda. A grande força do Evangelho está no fato de que ele jamais é superado: pertence ao futuro e, por isso, não envelhece. Está no fato de que ele constitui um ponto de chegada e não de partida.

Freqüentemente, é necessária toda uma geração para compreender um livro. A Grande Síntese só começará a ser compreendida pelo mundo depois de vinte anos. Somente uma nova geração compreenderá toda esta Obra. Entrementes, resta a quem a escreveu o ultimo encargo conclusivo de acompanhar sua difusão no mundo. Depois, após a longa e exaustiva jornada, o repouso em Deus. Mas, somente assim, vivendo para o bem, vale a pena viver.

Agora que a ciclo volve ao seu fim, podemos ver que tudo se desenvolveu com a calma das coisas pré-ordenadas por uma vontade superior, segundo um plano em que cada momento está no seu lugar, na sua justa posição, ainda quando se defronta com obstáculos e quedas. Estas três trilogias se desenvolvam, assim, segundo o ritmo de um esquema muito mais vasto: o dos três dias após os quais Cristo ressurgiu e o desenvolvimento da Sua idéia nos milênios.

A primeira triologia, explosiva, corresponde, pois, à primeira fase do cristianismo que avança no ímpeto de fé dos mártires. (As próprias "Mensagens Espirituais", com que se inicia a Obra, surgem! Nos primeiros três anos que vão do Natal de 1931 à Páscoa de 1933, e continua com o XIX Centenário da morte de Cristo. Depois a igreja se consolida na Terra, após três séculos da perseguições, com o ato da Constantino e o decorrente reconhecimento oficial, da mesma forma que a A Grande Síntese, logo após as Mensagens, lança os bases cientificas do sistema, partindo da matéria. Tudo isso no princípio da primeira triologia, como do primeiro milênio.

A segunda trilogia, a da reflexão e da assimilação, representa o segundo milênio, em que a idéia de Cristo é racionalmente desenvolvida pelos pensadores, assimilada em parte pelos povos, incorporada aos hábitos e instituições. Mas, Cristo ainda dorme no sepulcro.

A terceira trilogia é da sublimação e ressurreição no espírito. Cristo ressurge. No terceiro dia o templo é reconstruído. No terceiro milênio começa a atuação do Evangelho, até agora à espera, na vida coletiva. Avizinha-se o pré-anunciado Reino de Deus Entramos lia fase da luz e do triunfo. Assim, no terceiro milênio, o mundo se unificará em um só rebanho sob um só pastor: Cristo.

Não há dúvida da que é estranha esta impensada coincidência, seguramente não preparada, pela qual este ritmo de três elementos se repete e retorna do período trienal

das Mensagens (fase preparatória), para estas três trilogias da Obra; do ritmo da ressurreição no terceiro dia e reconstrução do templo, ao dos três milênios em que o Cristianismo se afirma: primeiro na matéria, segundo na razão, terceiro no espírito. Dante também se fundiu neste ritmo, na Divina Comédia. E a terceira trilogia nasce na Páscoa da Ressurreição de 1950, ano santo, centro do século, e se orienta para Cristo. Mas toda a Obra não passa de um anúncio e de uma preparação, porque na alvorada do terceiro milênio Cristo romperá a pedra do sepulcro e ressurgirá triunfante. E a humanidade ressurgirá com Ele.

Gubbio, Páscoa de 1951.

I

COMO FALA A VIDA

Escutemos a história de um homem que ouvia vozes de todos os seres e com eles conversava.

Um dia, o vento enfurecia. E esse homem lhe falou: "Cala-te, não vês que danificas a vida? Arrancas as árvores, matas os animais, ameaças as pessoas. modera a tua corrida! Ninguém te impede de andar e, com um pouco de calma, chegarás da mesma forma ao teu objetivo, sem causar danos. Na Terra, não existis somente tu e os demais elementos. Há, também, a vida das plantas, dos animais, dos homens. Há lugar para todos, tanto para ti como para eles, porque todos devem viver".

Ah! O vento não podia ouvir a voz nem compreender os conceitos, não sabia responder. Entretanto, o vento não é coisa morta. É energia, movimento, tem um corpo físico, embora gasoso, é vida. Há, na profundeza de todas as coisas, um oculto pensamento que elas ignoram e que lhes guia a existência, até nas formas mais simples das combinações químicas e movimentos atômicos. À medida que o ser sobe na escala da evolução, vai tomando pouco a pouco consciência desse pensamento.

Àquele homem sabia ouvir interiormente a voz desse pensamento, que, através do vento, como se ele falasse, lhe respondeu:

- É fatal que eu assim aja, porque fui feito assim e porque fatal é a força que me impele e arrasta. Sou a expressão que veste essa força e outra coisa não faço, senão exprimi-la porque ela é todo o meu eu. Quando ela quer e diminui o impulso, também eu paro, tornando-me carinhosa aragem para as plantas, os animais, os homens, para tudo o que chamas vida e que desconheço. Sou surdo e cego no plano em que falas. Não sei o que seja sentir. Para mim somente o movimento é vida. Quando me falas das experiências desses seres, não sei o que estás dizendo. Não compreendo o mal que tu lamentas que eu faça, como seja arrancar e matar.

O homem replicou:

- "Mas, por que não compreender?"

E a voz da vida respondeu:

- "O fato de não compreender é alguma coisa de que tens conhecimento para

que fales dela, mas de que eu não tenho, pelo menos para as coisas que dizes. Só conheço o que diz respeito à minha existência; somente a ela e não às outras. E como aparentas compreender mais que eu, não entendes que não posso conhecer mais que a mim mesmo? Também tu, conquanto mais adiantado do que eu, não podes conhecer mais do que a ti mesmo.

"Vê bem: só tenho uma alma elementar, mecânica, sem direito de escolha, sem responsabilidade e sem outras coisas a que dás nomes que ignoro. Sou apenas um cálculo de forças uma fórmula dinâmica, uma férrea concatenação de causa e efeito, como dirias. Cabe a ti, que tens o que não tenho - a inteligência - como a denominas, estudar a minha realidade, que podes penetrar em sua estrutura e significado, coisas minhas que certamente existem e das quais eu nada sei, mas a que obedeço naturalmente. Ignoro quem o saiba por mim. Apenas obedeço. À ti cabe estudar e compreender-me, porque te sou inferior, não me cabendo penetrar-te, porque me és superior. E para evitar o que chamas de males, ignoro o que dizes que eu faço, para salvar deles os seres de que me falas, compete a ti e a eles, que me sois superiores, aprenderdes a defender-vos, não só porque sabeis mais que eu, senão também porque interessa à vossa existência e não à minha usar os meios necessários de cautela. Cada um deve aprendei a sua lição, vivendo. Eu, a minha; vós, a vossa. E já que tendes a disposição mais recursos do que eu, deveis aprender coisas mais complexas e difíceis. Pareço estar na ociosidade? Se me agito sempre, é porque também tenho o meu trabalho a fazer e as forças, que são a minha alma, devem resolver problemas e aprender soluções, transformações e equilíbrios que ignorais e que têm a sua função na harmonia do Todo em que estais e de que tenho necessidade. Tenho a minha função, que cumpro, na ordem das coisas. Não me podeis pedir mais".

Em seguida, o vento retomou a sua corrida, que era a sua expressão de vida, e, sibilando, se elevou aos espaços.

O homem voltou-se então para uma planta que, cheia de folhas e de espinhos, havia invadido todo o espaço livre ao sol, sufocando as plantas vizinhas, e lhe disse: "Por que és assim egoísta e malvada, prejudicando os teus semelhantes vizinhos, para que tu sozinha possas viver?"

"Malvada, egoísta?" - respondeu a planta e continuou:

Que significam estas palavras? E natural que eu cuide apenas da minha vida, da mesma forma que os outros só cuidam da sua. Não tenho que viver? Possuo o mesmo direito que os outros. Por que deveria preocupar-me com eles, se não se preocupam comigo? Por que evitar sufocá-los, se eles estão sempre prontos a fazer isso contra mim, em seu proveito? Se possuo os meus acúleos, é porque por mim mesma aprendi a formá-los, a fim de que os animais não me comam e mãos como as tuas não me arranquem da terra. Como poderia agir de outra forma para defender-me e para fazer-vos compreender o meu direito de viver, senão através do vosso dano, único ao qual sois sensível? Se quiser viver, esta defesa é necessária. Por minha conta tive de aprender que não me resta outro modo de viver. Tudo isto foi o que a vida, com a sua dura escola, me constrange a aprender e tu sabes que todo ser deve aprender a sua lição.

O homem acrescentou: "Mas, por que não procuras compreender, além da tua vida, também a vida dos teus semelhantes, para que haja lugar para todos e todos possam viver?"

E a voz da vida, respondeu: "Mas, compreenderão porventura, os outros a

minha? Somos inimigos, rivais. O lugar ao sol existe para os vencedores. A vida certamente se defende, mas através do meu trabalho, pois devo aprender a vencer por mim mesma. Essa é a lição que a vida me impõe. Não existem em meu mundo o que chamas piedade e bondade. Há somente a férrea justiça do mais forte. Este é o melhor entre os de seu nível, sendo justo que ele vença. Se me transportares para um ambiente protegido, então eu me domesticarei e perderei os espinhos. Mas, assim civilizada, eu me enfraqueço e, se me abandonares, morrerei. Desta forma, vês que a minha rudeza é necessária e obrigatória, pelo menos enquanto eu estiver entregue a mim mesma. Cabe a ti, que te encontras em nível superior e possuís meios para melhor compreensão, e não a mim, fazer com que existam no mundo piedade e bondade. Executo honestamente a minha parte de trabalho no organismo universal, produzindo a síntese química da vida do mundo inorgânico. O resto exorbita ao meu labor. Cumpro assim a minha função na ordem das coisas, evidentemente no meu nível. Não me podes pedir mais.

O homem se voltou, então, para um animal que avidamente espreitava a presa, dizendo-lhe:

- "Por que este assalto contínuo? Vós, animais, sois superiores às plantas, tendes liberdade para correr e voar, possuís olhos e ouvidos, tato e olfato, muitos sentidos e possibilidades desconhecidas pelas plantas. Por que permaneceis sob a lei feroz desta, que vos é tão inferior?"

E a voz da vida replicou:

- "Se nós somos superiores à planta, e mais coisas podemos perceber, não temos, porém, liberdade para agir. A nossa vida acumula experiências sensórias, mas não temos, como tens, as que chamas de experiências morais e espirituais. Não somos livres para escolher, devendo seguir fatalmente a lei que nos impele sempre nesse caminho, fazendo-nos agir assim. Nós nos alimentamos, procriamos, vivemos quase mecanicamente, como quer uma lei que desconhecemos. Esta é toda a nossa vida e outra não conhecemos. Que pretendes acrescentar? Esta é a nossa experimentação, é a lição que devemos aprender. Dessa forma, tudo vai bem para nós. Estando em plano mais elevado, podes viver assim. Se nos levares para vivermos contigo, poderás modificar-nos, domesticando-nos. Todavia, permanecerás sempre distante, porque não podemos seguir-te".

Em seguida, o animal fugiu em perseguição da presa, seguindo cegamente o seu instinto.

O homem voltou-se, então, para um seu semelhante e lhe disse:

- "Eis finalmente um igual a mim. Resumes todos os seres com que tenho falado até agora. Tens as férreas leis físicas do vento, a sabedoria vegetativa da planta, os sentidos e o instinto do animal, além de uma qualidade nova - a tua liberdade de escolha, o mundo moral com as suas conseqüências. Tu, que dispões de tudo, por que não és perfeito, por que caís em culpa?"

O homem respondeu

- "Caio, porque não sou perfeito. Se peco, é exatamente porque possuo uma qualidade nova. Sou livre, tenho responsabilidade e o direito de escolher".

O animal é mecanicamente sincero na sua ferocidade e não peca, pois que não dispõe de liberdade; não compreende e não pode escolher. A sua visão não se eleva acima de sua Lei, simples, quase mecânica. Eu a domino porque vejo de mais alto, mas ele está encerrado nela. Menos sujeito a errar, é um autômato movido por uma

mais profunda sabedoria, que não é sua, mas que tudo sabe. Devo aprender a manejar uma potência diversa, diretora, o que implica lutas que o animal ignora. Devo viver a Lei de Deus, não como cego instrumento constrangido por impulsos íntimos, através dos quais a Lei se faz presente, mas devo vivê-la por livre escolha para assim chegar a compreender a lógica e a bondade dessa Lei e, dessa maneira, tornar-me consciente dela. Esta é a minha experimentação e, se cada um tem a sua lição, esta e a lição que devo aprender. A Lei é única para todos, mas é diverso, segundo os planos evolutivos, o conhecimento que o ser atinge dela. Os elementos, a planta, os animais, aplicam-na em graus diversos, sem nada saber a seu respeito. Só o homem consegue conhecê-la, para livremente segui-la, depois de ter tomado consciência dela, um instrumento, espontâneo executor, porque compreendeu que só nessa ordem está o seu bem e a felicidade.

"A minha vida é dura e difícil, repleta de fadigas e esforços, de abismos que a mecânica do instinto ignora. O animal obedece cegamente, até à brutalidade, às leis da fome e do amor e não pode superá-las. O homem, mesmo sentindo-as prepotentes, como as sente o animal, tem pela superior natureza humana, possibilidade que ele não possui, de sobrepor-se-lhes e subjugá-las: pode completar a catarse biológica ignorada pelo animal, do herói, do gênio, do santo, do místico, que o conduz a um plano de vida ainda mais elevado, no qual as conhecidas características da animalidade são subjugadas e, vencidas. Se no homem ainda sobrevive a besta, já existe em germe o anjo. O homem sofre e luta justamente para desenvolver em si esse germe e tornar-se anjo. Essa é a fase evolutiva que me compete viver. Se, por isso, eu posso criar muito mais do que o animal, porque sou livre também sofrendo posso aprender muito mais do que ele, através de lições que de modo nenhum ele pode conhecer. Enquanto a sabedoria do animal consiste em aguçar os sentidos e as possibilidades físicas, e nisto está toda a expressão de sua vida, eu aguço os sentidos, os meios morais e espirituais, cuidando cada vez mais destes últimos. Quando o animal tiver conseguido ver e ouvir de mais longe, a farejar com maior delicadeza, para assim vencer com meios cada vez mal perfeitos a lula pela vida, terá assim aprendido completamente a lição. Eu terei aprendido a minha somente quando tiver conseguido ver e ouvir com maior bondade e justiça para todos, para vencer a luta pela vida, não destruindo o meu semelhante, mas com ele coordenando-me e colaborando na ordem divina".

Então o homem que ouvia a voz da vida dirigiu-se a um anjo e lhe disse; "Ó tu bem-aventurado que vives nos céus, distante do inferno terrestre e que progrediste muito mais do que nós, por que não nos ajudas? O animal se equilibra em sua ignorância, guiando apenas pelo instinto, parecendo estático. Mas o homem. quanto mais sobe, tanto mais adquire consciência da Lei, para melhor ver que longa estrada ainda tem a palmilhar e quanto está atrasado no caminho para a meta final!".

E o anjo explicou; "Eu estou mais avançado do que tu, mas ainda muito distante da perfeição infinita de Deus. E pareço bem-aventurado e o sou de fato relativamente ao que representa a vida na Terra. Pareço-te bem-aventurado, despreocupado de fadigas e lutas, mas também nós as temos e grandes, embora elas só visem ao bem. Justamente porque compreendo mais do que tu, meus deveres são maiores do que os teus. A fatal transformação em que consiste a existência, para nós mais vizinhos de Deus, se torna uma ascensão rápida. Vivemos mais diretamente atingidos pelos raios divinos do Amor, não podendo viver senão para os outros. Poderemos ser felizes, mas vimos colher na Terra as vossas dores que tornamos nossas

para o vosso bem, só porque assim podemos melhor sentir Deus. A nossa não é uma beatitude ociosa. Esta é a nossa experiência e, se cada qual deve ter a sua lição, esta é a lição que devemos aprender. Quanto mais subimos, tanto mais nos tornamos fortes operários, porque nos transformamos em mais poderosos instrumentos de Deus na realização do Seu plano no universo. O paraíso seria um inferno se abrigasse alegrias egoístas como as vossas. Sem um trabalho permanente, perderemos as nossas qualidades e volveremos a formas inferiores de vida. Aqui fervilha o trabalho do bem, como embaixo se agita o do mal. Aqui se respira Amor, como embaixo se respira ódio. E nós somos os canais do Amor, que recebemos de Deus, para fazê-lo descer até vós. Ele dirige a grande harmonia da vida, a imensa sinfonia do universo, da qual nós somos as notas mais altas e vos as mais baixas".

Então, o homem voltou-se para Deus e Lhe falou: "Senhor, agradeço-te me haveres dado, pelo Teu Amor, o supremo dom de existir. Tu me fizeste um "eu sou", à Tua imagem e semelhança, no seio do Teu infinito "Eu Sou". Assim, eu existo em Ti, assim eu canto uma nota na grande orquestra do Teu Universo, sou um operário, embora ínfimo da Tua obra uma célula, ainda que diminuta, do Teu grande organismo".

Enquanto assim orava, o homem volvia o olhar para todas as formas do ser e via as criaturas irmãs, hierarquicamente dispostas de acordo com os graus de evolução, cada qual em seu lugar no grande edifício da criação, cada uma com a sua função na ordem universal, cada elemento útil no grande organismo do Todo.

E a cada uma, segundo a respectiva posição, a voz da vida lhe havia falado, conforme à lei dominante no plano em que cada ser se coloca, revelando limites e deveres proporcionais. Mas contra a fatalidade de permanecer encerrado, o esforço próprio, de trabalho e dor, abre as portas, podendo o ser subir cada vez mais para a suprema glória do divino. Esta é a grande experimentação de toda vida, esta é a lição que cada qual deve aprender: O divino freme nas profundezas de todo ser. O espírito adormecido deve despertar para chegar até Deus. Em todos os níveis, tanto baixos quanto elevados, se revela o animador e íntimo pensamento de Deus.

Então o homem sentiu que havia compreendido o universo e abriu os braços a todos os seres, cuja voz ouvia e disse: "Aperto-vos todos no Amor de Deus. Fundidos todos no mesmo amplexo, subi comigo, subamos unidos para Ele. Vós de cima, prodigalizando amor; nós, inclinando-nos para os inferiores e ensinando-os a subir. E os inferiores aceitando o dom de sacrifício e amor dos superiores, que procuram ajudá-los a conquistar com justiça a própria felicidade.

Só assim unidos em um amplexo, nós, criaturas dispersas no infinito pulverizado da forma, poderemos encontrar-nos e, refundidos em um só organismo, poderemos, através do amor, reconstituir-nos no Uno-DEUS.

II

O “EU SOU" - ESQUEMA DO SER

Caminhemos juntos à procura de Deus. Não, certamente, do Deus absoluto, para nós superconcebível na Sua substância, para nós não suscetível de definição, do Deus transcendente, que "é", além de toda a Sua expressão. Para nós, humanos, Ele é hoje o inacessível, o incognoscível, que a nossa mente não pode alcançar além da Sua suprema afirmação no todo em que Ele nos aparece a qual nos diz: "Eu sou".

Caminhemos ao invés, à procura do Deus para nós concebível, porque imanente, expresso na forma, que nos é acessível porque sensoriamente vestido de uma expressão em nosso contingente. Eis um humilde arbusto solitário ao pé de u'a mureta. Que significa essa vida, que pensa e deseja esse pequeno ser, que pensamento contém? Deixemos de lado a botânica, a química. a estrutura orgânica. Busquemos o mistério que das profundezas anima essa vida. Esta pequena planta sabe muitas coisas. Nós o deduzimos pelo fato de que ela as sabe fazer. Se não as sabe como consciência desperta e refletida que as conheça, conscientemente, pela razão e pela análise o fato de que ela se comporte como se as conhecesse prova que deve saber de outra maneira. Estranho modo ele saber inconsciente mas ele é habitual na vida! Entretanto se possuímos os efeitos de uma sabedoria, sinais evidentes que revelam a sua recôndita presença, e se essa sabedoria não se encontra no consciente do ser, é necessário procurá-la algures. Onde? Essa consciência cobre apenas o campo da sua atividade imprescindível aos fins da evolução. Se para o ser individualizado o resto do universo é um oceano de mistério, sepultado no inconsciente, só o é relativamente a ele e não em si mesmo, porque esse oceano de inconsciente é formado de seres, cada um consciente do seu pequeno trabalho, funcionando o Todo imerso em uma atmosfera de pensamento, que o guia e rege.

Quando, pois, cada ser nos demonstra que sabe resolver todos os problemas inerentes às suas necessidades vitais, isto significa que por ele sabe e pensa o consciente universal, que lhe transmite somente a conclusão do seu raciocínio, com um impulso, cuja análise o ser não sabe fazer, mas que lhe diz em síntese: "faça isto". Então ele, ignorante do funcionamento do Todo, passa a ser um instrumento inconsciente do consciente universal, que funciona por ele onde ele não pode nem sabe atingir. Não se nega, com isto, que o instinto seja formado pela experimentação da vida, com a técnica dos automatismos, como já dissemos em *A Grande Síntese.* Mas não falamos aqui dessa pequena inteligência a posteriori, e sim da superior inteligência a *priori,* que tudo guia, inclusive a formação do instinto, imprimindo-lhe a direção necessária, de acordo com o plano geral da evolução.

Os impulsos fundamentais de nossa vida, tanto os do destino individual, quanto os do destino coletivo, que se desenvolve na história não constituem um produto racional e consciente, sendo insuficiente para explicar-lhes a gênese somente um instinto puro formado pelas experiências do passado, pois derivam do consciente universal, que trabalha por nós onde ignoramos.

Aquela pobre e ignorante plantazinha sabe, pois, viver por si mesma, conhece os meios adequados para isso, proporcionados ao seu escopo e ao ambiente, sabe escolhê-los e coordená-los. Ela quer viver. Ela quer crescer e sabe crescer. Ela quer reproduzir-se e sabe como fazê-lo. E, assim, cuidando não mais de aparência sensória, mas por intuição penetrando a forma que ultrapassa essa aparência, nós vemos um pensamento sábio que está além do consciente do ser, que enfrenta e resolve problemas, que opõe uma vontade decidida contra qualquer obstáculo, transpondo-os

a seu modo. É que dentro desse humilde ser existe uma alma, embora sem o grau espiritual que atingiu no homem; ainda que não passe de uma esmaecida manifestação que o consciente universal ou alma do Todo estendendo à periferia da sua manifestação, individualização particular, diante do Todo, imersa no inconsciente.

Esta forma é um transformismo contínuo. Efetivamente, não a encontraremos jamais idêntica a si mesma e periodicamente a vemos morrer e reproduzir-se e, assim, através da morte e do renascimento, por meio de uma renovação contínua, sobreviver sempre. Se a forma não pode assim existir senão continuamente renovando-se, deve então haver atrás dela o imutável, um outro seu aspecto, que permanece constante, aquele sem o qual não se explica e não rege a vida perene de um dado objetivo, caminhando através da incessante mutação de sua existência. E qual pode ser esse outro aspecto do dualismo, inverso e complementar, como o é o imóvel diante do móvel, qual pode ser ele diante da forma material, senão a sua imaterial idéia animadora, senão o pensamento que sabe tantas coisas e que, imutável, se exprime revestindo-se de forma mutável?

Penetremos ainda mais profundamente no íntimo dessa pequena planta. Então veremos que o seu ponto central como o de todos os seres, aquele para o qual tudo converge em síntese para depois se irradiar analiticamente, o ponto pelo qual passa e se manifesta o saber do consciente universal, a vontade de vir, que permanece constante no transformismo, é o eu . O próprio homem sabe que, tendo sido ontem criança, sendo hoje adulto e amanhã velho, tudo muda nele e em seu derredor e que a única coisa que nele jamais muda é a existência desse centro pelo qual ele se chama e se sente sempre "eu". Enquanto no ser tudo nasce e morre, somente esse eu não morre jamais. O fato de que ele permanece através de tão grandes transformações, como são as que de um lactante, fazem um homem e depois um velho, faz com que, intuitivamente, sinta a lógica de uma idêntica continuação da vida do "eu", também através desta outra mutação que é a morte do corpo, que em toda a sua vida jamais foi idêntico a si mesmo e não fez mais do que continuamente morrer e renascer. Por que, pois, só essa outra transformação deveria ter a força de destruir esse "eu" que se revelou tão invulnerável a toda mutação exterior?

Se toda forma pode existir sem desfazer-se no contínuo transformismo que a constitui, resistindo compacta ao turbilhão das suas mutações, é porque no íntimo de todo ser existe esse "eu", centro firme na tempestade transformista. Todo ser existe no tempo enquanto disser: "eu". Di-lo o átomo, a molécula, a célula, o mineral, a planta, o animal, o homem, a família, o Estado, a humanidade, a Terra, o sistema solar, os sistemas galáticos, o cosmo. No universo, tudo está sujeito a essa necessidade de individualização. Ele é composto de seres diversamente diferenciados, mas todos dizem igualmente: "eu". De um pólo ao outro do ser tudo é construído segundo esse princípio, que é lei fundamental E assim que toda força no universo é individualizada, segundo suas qualidades particulares, o que explica a instintiva tendência dos povos primitivos para personificar as forças da natureza, atribuindo-lhes características humanas. É também sob este aspecto que podemos ver as forças do mal personificadas em Satanás e seus demônios[3], que, de resto, nós realmente vemos

[3] O vocábulo Satanás (diabo, Lúcifer, demônio, Belzebu) é de origem hebraica e significa adversário. As referências a ele, no Velho e no Novo Testamento, embora poucas, são claras e objetivas Dentre outras, podemos indicar as seguintes:

Jó 1:6; Zacarias 3:1; Isaias 14:12 e segs;

existir em nosso mundo, nas manifestações dos seres maus. Esta característica de individualização, que em qualquer forma é sempre indispensável à existência de um ser, o princípio comum a todos, a idéia-mãe do universo, o esquema fundamental do sistema. Este princípio universal do "eu", centro de todo o ser, é a única coisa que pode manter-lhe a constante identidade em uma forma que, de outra maneira, não poderia encontrar-se a si mesma e se perderia no seu contínuo transformismo.

É este seu íntimo eu que define toda a forma nas suas características particulares, forma pela qual ele concretamente realiza a sua expressão. Se todas as formas são diferentes, é porque os "eu" são diferentes, embora conservando cada qual na sua diversidade a característica universal comum de ser um "eu". Tornamos a encontrar aqui o conceito já desenvolvido nos volumes precedentes, do princípio central único que no universo se pulveriza no particular periférico das formas, sua manifestação. Mas permanece o esquema único da constituição do universo por individualizações.

Assim se explica como cada ser assume uma forma típica, definida, com os seus limites de desenvolvimento no tempo e no espaço Se tudo isto já não estivesse estabelecido no esquema e não fosse conhecido, ainda que não seja por um processo consciente, pelo "eu" profundo que sabe, quer e permanece idêntico através de contínua mutação de forma, não haveria nenhuma garantia de ordem funcional e de regular desenvolvimento. Assim tudo é típico. O universo é um edifício composto de infinitos "eu", que, de um "Eu" central do Todo, se pulveriza hierarquicamente descendo para "eu" sempre menores. Isto desde o infinito galáctico ao nuclear, um "eu" astronômico, geológico, físico, químico, espiritual, humano, animal, vegetal, sempre este "eu" é uma sabedoria e uma vontade constante, inteligentemente dirigida para um dado fim. que irresistivelmente tende à sua exteriorização. Todos esses "eu" se reagrupam por unidades coletivas, dos menores aos maiores, alcançando, das mínimas unidades atômico-nucleares às máximas organizações galáticas, do simples psiquismo orientador das moléculas dos cristais ao do homem e do gênio. Todos esses "eu" mantém um sistema orgânico que é próprio a cada um, evolvendo e funcionando sempre em cooperação com todos os outros "eu". Esse principio, pois, não apenas conhece, quer, permanece constante, sabe reger o funcionamento individual, como também sabe guiar-lhes a evolução e coordená-los com o funcionamento de todos os outros "eu".

Tudo isto nos mostra que o universo é um Todo que ainda quando pulverizado em infinitas formas ou expressões de um mesmo princípio central único, permanece organicamente compacto, porque ele é construído segundo um esquema único, consoante um idêntico modelo que se repete ao infinito em cada unidade

---

Mt 4:1-11; Mt 12:26; Lc 4:1-13; Lc 10:18;
Mc 1:13; II Co 2:11; II Co 11: 14; Ap 12:9;
Ap 20:2; Ap 2:9

Jesus Cristo e seus discípulos falam dele como um ser real. uma entidade espiritual, um autêntico anjo caído ("Eu via Satanás caindo do céu como um raio"). Não se trata, portanto, de uma alegoria, de um mero símbolo do mal, mas de uma força maligna individualizada.

Em face da evidência salientada em diversas passagens da Escritura e, principalmente, do Evangelho, temos de admitir hoje a existência de Satanás como um ser vivo e atuante, também criatura de Deus, presentemente como representação do mal, em oposição transitória a Cristo - representação suprema do Bem. (N. do T.)

menor, em que a maior se ramifica e se diferencia até à extrema pulverização. O que toma compacto o universo é ser ele um "eu", é o mesmo princípio unitário que mantém compacta toda forma que, à semelhança da máxima, é uma unidade coletiva resultante da coordenação orgânica de unidades "eu" menores. Assim tudo permanece unido porque coligado por uma contínua atração de parte a parte, por uma confraternização dos "eu" menores nas unidades maiores.

A observação da estrutura das formas no plano de nosso contingente nos levou à verificação desse princípio universal inserto em cada forma, o do "eu sou". Agora é a observação da estrutura de nosso particular que nos indica a estrutura do universal. Assim como cada individualização particular do ser não pode existir senão enquanto diz: "eu sou", isto é, em função dele e como sua manifestação, assim também a individualização máxima do ser, isto é, o universo, não pode existir senão enquanto diz "eu sou'', ou seja, em função deste e como sua manifestação. Isto à semelhança do que constatamos em todo ser, inclusive o homem, fato que cada um pode observar em si mesmo. E, se o "eu sou" de cada individualização é o seu íntimo princípio animador, se o "eu sou" do homem é a sua alma, que poderá ser o "eu sou" do universo, o princípio animador da forma máxima, senão Deus?

Assim se nos tornam compreensíveis as relações entre Deus e o Universo, pois que nós podemos observá-las refletidas em nós mesmos. Deus é o "Eu sou" do universo. Este, no seu aspecto dinâmico e físico, é a forma pela qual Deus exprime o pensamento e como que um Seu corpo, de modo que de Deus nós possamos na forma também, ver igualmente um semblante que pode espelhar na fisionomia e expressão o seu íntimo pensamento animador. Assim como nós procuramos num rosto humano uma alma, assim como em toda forma procuramos o princípio inteligente que nela se exprime, assim também podemos ver na criação a fisionomia de Deus. E quanto mais a nossa vista se torna penetrante pela intuição, tanto mais cada forma se fará transparente e lhe revelará sua íntima substância espiritual. Torna-se cada vez mais patente, então, que o criado é a expressão de um seu íntimo pensamento nele imanente, no qual a transcendência de Deus desceu e permanece sempre presente. Se, como transcendente, Deus permanece na Sua essência como um "Eu sou", incognoscível para o homem, como imanente, Deus, com a criação, transferindo-se em nosso relativo, através da forma que assumiu para os nossos sentidos, fica acessível ao conhecimento humano. E em que consiste a progressiva indagação da ciência, que avança de descoberta em descoberta, senão em contínuas e crescentes sondagens na profundeza do pensamento divino? Este está escrito no funcionamento orgânico do universo, e quem o indagar procura ler no livro em que estão escritas as leis ao ser e busca compreender a idéia diretriz, a alma do Todo. O místico por sua vez, é um sensitivo que, ainda quando não se dê conta consciente e racionalmente, se move atrás da mesma indagação por vias mais diretas, porfiando, através das suas visões e sensações místicas, alcançar a mesma compreensão do pensamento de Deus.

Se nós, certamente, não podemos atingir o conhecimento de Deus transcendente absoluto, podemos aproximar-nos muito de Deus imanente, vivo e presente nas formas que O exprimem isto é justamente em virtude desse esquema unitário do "eu sou" segundo o qual é construído à imagem e semelhança do caso máximo, analogicamente, todo o universo até aos casos infinitesimais. Podemos imaginar o nosso universo atual como um Todo-uno que, qual um espelho, se tenha fragmentado em miríades de partículas. Cada uma destas, embora em fragmento com

respeito ao Todo, conserva-lhe em particular as qualidades, de modo a poder nos traduzir e mostrar a natureza do Todo, não obstante o fragmento tenha perdido a unidade global com a fragmentação. Desta forma cada parte reproduz o universal esquema do ser, isto é, cada criatura repete reduzidamente o divino princípio unitário, alma do Todo. Em outros termos, cada "eu", com a sua forma, é um caso menor, que repete em miniatura o motivo cósmico, no-lo narra, no-lo explica. Sendo em si um pequeno universo, fala-nos do universo máximo.

Ignoramos se tudo isto corresponde aos princípios mais aceitos em teologia, filosofia, psicologia etc. Sabemos, apenas, que cada ser fala verdadeiramente de Deus e que, segundo esta realidade é construído o universo.

III

O EGOCENTRISMO

A esta altura, surgem muitas questões a que procuraremos dar aqui as respostas, para resolver, sempre procedendo em profundidade, o problema do conhecimento das últimas coisas.

Se o universo diz em Deus o seu: "eu sou", como o diz toda criatura e, por conseguinte, todo homem, será possível então encontrarmos, no termo máximo, o principio de egoísmo que existe nos seres inferiores, e que é tão condenável no homem? E isto é possível? Mas, por que então o egoísmo humano é uma culpa? E por que ele existe e que significa e quer? E, no princípio centralizador unitário do universo em Deus encontraremos então o egoísmo máximo?

É um fato que, sem egocentrismo, desde os sistemas planetários aos organismos celulares e sociais, não se mantém compacta nenhuma unidade. Ele é, pois, necessário a todo ser. Egocentrismo não é exatamente egoísmo. Este possui mais um sentido de centralização com vantagem individual, com pendor separatista e exclusivista, um sentido de usurpação em detrimento de outros ou necessitados ou com direito. O egocentrismo possui ao invés, apenas um sentido de centralização destituído de senso separatista e exclusivista, sem o objetivo de usurpar nada a outrem pelo contrário, com vantagem de conservação de um organismo global que é necessário e útil a todos os elementos componentes. O Estado, como um chefe de família, pode ser utilmente egocêntrico sem ser egoísta Se todo ser, para existir, deve dizer: "eu" - o egocentrismo é uma necessidade de existência e, por isso, não pode haver culpa em se repetir os princípios do ser, expressos no sistema do universo. É também, segundo a Lei, que cada fragmento conserve interiormente a natureza do esquema consoante o qual o Todo-uno é construído.

Então, por que egoísmo é culpa? Procuremos compreender. Egoísmo e altruísmo são termos relativos ao grau de extensão que o eu cobre com o próprio

amor e compreensão. Enquanto o egoísmo é o amor exclusivo com relação ao próprio "eu" e a nenhum outro, um altruísmo absoluto, que renuncia a tudo, inclusive a si mesmo, sem vantagem nenhuma para um dado ser ou grupo de seres, é loucura, é suicídio. Ambos os extremos constituem culpa. A virtude consiste no altruísmo razoável, no sacrifício em favor de alguém, na dilatação do egoísmo, isto é, na ampliação do princípio do egocentrismo, e não na sua supressão. A virtude será tanto maior quanto mais extenso for o campo dominado pelo amor, que é a substância da Lei. Efetivamente, o egocentrismo máximo do sistema em Deus, não é senão um egoísmo que cobre todo o universo, dilatado assim infinitamente no amor capaz de abraçar e defender todas as criaturas até considerá-las como partes integrantes de si mesmo, sacrificando-se por elas.

Eis como se opera a progressão da abertura da concha do egoísmo no altruísmo, fim da evolução que consiste exatamente na confraternização, a qual, unificando os fragmentos do Uno, reconduz os seres à unidade no centro - Deus. O egoísmo poderia então denominar-se egocentrismo involuído, fechado e limitado em si mesmo, enquanto o altruísmo seria egocentrismo evoluído, aberto e expandido no Todo. Efetivamente, o primeiro é separatista, desagregador centrífugo; o segundo é unitário, centrípeto. O primeiro se afasta de Deus e o segundo se avizinha de Deus.

O egoísmo historicamente se explica. Resultado da fragmentação do Uno em tantos outros "eu" menores, separados e separatistas como veremos, é qualidade do ser involuído, necessário a sua existência, pois que no nível em que se encontra, necessita revestir esta forma de personalidade separada egoisticamente, em guerra com todos na ignorância da superior fase orgânica, que poderá irmaná-lo aos semelhantes em unidades maiores. Esse egocentrismo, biologicamente justificável, só o é, todavia, para o passado, mas se tentar prolongar-se no futuro, tornar-se-á cada vez mais condenável como egoísmo separatista, porque a evolução leva a humanidade a um mais vasto egocentrismo coletivo. É assim que o egocentrismo separatista, sendo uma forma biologicamente de uma utilidade de superada, não poderá reaparecer senão sob o aspecto cada vez mais retrógrado e anti-vital. Tendo cada vez menos razão de existir na sua forma exclusivista e agressiva, cada vez menos também será justificado, pois que deixou de ter função biológica.

Em Deus, o egocentrismo representa um egoísmo tão amplo, que abraça todas as criaturas, tudo o que existe, de modo a coincidir com o máximo altruísmo. E quanto mais o ser evolve, tanto mais o egocentrismo tende a se aproximar ao de Deus, que é o egocentrismo que todo ser sente, com respeito aos elementos componentes do próprio organismo, constituindo uma necessidade para mantê-los todos compactos em unidades em torno ao "eu" central, alma do sistema. O egocentrismo de Deus é, pois, um egocentrismo perfeito, isto é, não constituído de um egoísmo separatista e exclusivista, como o dos seres inferiores, mas sim, feito de Amor, que reforça essa fundamental lei do ser, porque Deus é centro, não para sujeitar, mas para atrair, não para absorver, mas para irradiar, não para tomar, mas para dar. Se, por sua vez, os "eu" menores têm necessidade do seu menor egocentrismo, para manter o seu menor sistema, naquele egocentrismo também eles encontram o limite do próprio ser. Em tal limite eles estão fechados, pois que ele forma o horizonte da sua existência e compreensão e só pela evolução podem sair dele, ampliando-o em outro mais vasto.

Assim é a íntima estrutura do sistema do universo. O grande modelo é Deus, que todos os seres, inclusive o homem, devem seguir. Esse Deus se encontra no centro

do sistema tudo centralizando em Si, para tudo irradiar de Si, e as criaturas devem existir à Sua imagem e semelhança, isto é, como tantos outros sois menores que irradiam, quais centros de sistemas menores. E. assim, hierarquicamente, cada um, segundo o grau de evolução atingido, cobre a maior ou a menor vastidão do sistema relativo ao seu raio de ação. Tal o modelo central, tal a lei do sistema. Certamente, a criatura é livre e pode, pois, agir de modo contrário. Mas esteja bem certa de que é lei também que todo o sistema se volte contra ela para esmagá-la, como a um inimigo. A grande corrente da vida vai contra quem pretende inverter a rota do ser, prejudicando-o. Ela o coloca frente ao dilema: rearmonizar-se com a Lei, enquadrando-se de novo nela, ou ser eliminado. E os salutares golpes da dor, ainda que atenuados pelos impulsos do Amor, não serão sustentados enquanto não se tiver conseguido a correção ou destruição. O ser é livre de violar, mas somente em seu dano e não tem nenhum poder para dobrar ou anular as leis da vida.

Eis as razões remotas, que explicam e impõem o "ama o teu próximo", do Evangelho. Hierarquicamente, a unidade do sistema por esquemas únicos, repetidos em todos os níveis, impõe que o mais sábio o poderoso, porque em níveis mais elevados, deve irradiar para os inferiores, de nível mais baixo, pois que os níveis elevados recebem dos que se encontram em níveis mais elevados ainda do que eles, próximos a Deus. Obtém-se, assim, através da desigualdade, a justiça. Receberá dos irmãos maiores quem der aos seus irmãos menores. Quem mais possui, mais deve dar. Quem menos tem, mais deve receber. Eis a perfeita justiça alcançada pelo Amor, respeitando diferenças e desigualdades necessárias que exprimem a posição atingida, cada qual com sua fadiga e vontade de subir. Uma justiça perfeita, atingida sem nivelamentos forçados, que podem constituir mutilações para os mais evoluídos e apropriação indébitas para os inferiores. Eis a função da Divina Providência, já alhures estudada. Assim se compreende o Evangelho, quando diz que não ganha a própria vida quem a conserva egoisticamente para si, mas somente quem a dá aos outros. Recordemo-nos de que somos células de um grande organismo e de que nenhuma célula pode crescer e viver isolada, pensando exclusivamente em si mesma e em seu próprio benefício, mas somente pode fazê-lo em relação às outras, em favor do organismo inteiro. Uma cé1ula absolutamente egoísta representa em qualquer organismo um germe revolucionário, uma revolta à lei do Todo, uma atividade perigosa que é logo sufocada no interesse geral, um cidadão rebelde que urge ser expulso da sociedade.

Tal é a grande parte da moderna humanidade materialista, para quem o egocentrismo é egoísmo separatista e exclusivista de cada um contra o próprio semelhante. E efetivamente as leis da vida procuram isolar esse tipo biológico, como um cancro ou tumor, para destruí-lo. Com o próprio egoísmo, ele desejaria sustar o livre fluxo da vida, como quer a divina lei de Amor, e a vida o põe na encruzilhada: seguir a rota da Lei ou ser esmagado por ela. O homem moderno não conhece esses princípios, age como uma célula que quisesse viver exclusivamente para si, isolando-se da corrente de todo o funcionamento orgânico de que é parte. Para quem compreendeu a vida, isto é simplesmente a louca pretensão de um ignorante de tudo. Mas o sistema tem como centro Deus e não o homem e ninguém pode alterar a realidade dessa estrutura do universo. E, assim, quando um centro menor, fazendo mau uso da liberdade, tende a agir contra o Todo, então os impulsos do conjunto orgânico se encontram contra ele para expulsá-lo do sistema. Veremos, dentro em pouco, como

pode surgir essa atitude rebelde das criaturas e quais as suas conseqüências.

Compreende-se, dessa forma, como o mundo de hoje, baseando-se no egoísmo, esteja completamente fora da rota. Os métodos mais seguidos para a conquista da riqueza representam, mesmo do ponto de vista utilitário, um grosseiro erro psicológico. Acumular com exclusivismo egoísta significa caminhar contra a maior corrente da vida, agir com prejuízo, significa pôr-se em posição invertida, não obter senão resultados negativos. E quanto mais porfiadamente o homem lutar nessa direção, buscando vencer por ela, tanto mais se afastará das fontes do ser, para perder-se no deserto em que o isolarão as forças da vida, que dele se arredarão como de um pestilento. Deus é Amor e sempre dá. A divina corrente do Todo está baseada no princípio do dar. Agindo em contrário, o homem pretenderia opor-lhe, como u'a muralha, o oposto sistema, do tomar! Então, a muralha não susta a corrente, mas a corrente destrói a muralha. A nossa economia, porventura, não está baseada no princípio "do ut des"[4]? Se a balança da justiça assim se apresenta, isto significa egoísmo pelo qual eu não darei se tu não deres. Se não tiveres para dar, morrerás, o que a mim não importa. E se não deres, eu não darei. Este princípio de compensação, que são as bases reconhecidas da economia vigente, constitui a mais lídima manifestação do egoísmo Se tal é a atitude da alma, que salvação podem realizar os sistemas econômicos que se erguem sobre essas bases? Uma economia desse tipo, em face das mais profundas leis da vida, éticas e espirituais, das quais é ilusório querer furtar-se em qualquer procedimento nosso resulta também utilitariamente negativo, isto é, contraproducente. Efetivamente o mundo econômico-financeiro não passa de uma série de crises em cadeia que formam uma única, perene crise insanável porque ela não se origina de um particular momento ou posição, mas de todo o sistema

Por que então, o homem se comporta assim e não sai dessa posição falsa? Simplesmente porque a grande massa humana e involuída e não compreende esses erros psicológicos e também porque, quando já se tomou uma direção, é muito difícil inverter a rota. E aqui se trata precisamente da evangélica inversão dos valores, isto é, de pôr no cimo da escala destes os espirituais e no fundo os materiais, mas hoje se verifica o inverso, sendo colocados em cima estes últimos em virtude de que o tipo biológico dominante na Terra não se encontra ainda, por evolução, sensibilizado a ponto de percebê-los e apreciá-los. Ele corre atrás dos fictícios do mundo sensório e corporal, ao invés de buscar os mais consistentes do mundo espiritual e da alma. O tipo dominante não consegue ainda compreender esse novo hedonismo e apoderar-se dele em seu benefício. A nova vida é a do bem que opera honestamente, sem enganar, pedindo antes o trabalho e depois a recompensa. O homem ignorante prefere as vias do mal, que agem desonestamente, enganando, prometendo dar muito e chegando mesmo a dar logo alguma coisa sem nada pedir, para mais tarde retomar o que deu e não dar o que prometeu. O caminho feito de mentira é mais atraente, para quem crê ser bastante bravo para burlar as leis da vida, o que leva a cair facilmente numa armadilha. Cada qual atrai segundo a própria psicologia e obtém o que merece.

O homem comum, imerso em um mar de mistérios, não sabe se orientar, detendo-se nos efeitos imediatos. No altruísmo ele vê um sacrifício tangível, próximo, real. Vê nele um perigo para si e para os seus, de modo que tem como um dever arrebanhar o mais que pode para si e para os seus. Em face do altruísmo ele recua

[4] "Dou para que dês". (N. do T.)

exclamando: "E quem me garante a vida?" O assalto permanente que sofre da parte do próximo, que ele deveria amar como a si mesmo, justifica em parte essa sua atitude e exigiria heroísmo ter que invertê-la no oposto. Para chegar a ela terá que dar não apenas o seu sacrifício imediato, mas para manter-se teria que lutar sozinho contra toda uma corrente inversa - a da sociedade humana. Todavia, há uma grande força em sua defesa, coisa de que na Terra bem raramente se dá conta. O homem altruísta que, por não ter egoísmo, é espoliado de tudo, porque tal é o resultado de uma guerra de egoísmos, para quem não ataca e se defende, tal homem atrai as forças da vida que acorrem a fim de salvá-lo. Elas não constituem utopia e regem o mundo. Elas acorrem porque esse homem personifica o maior interesse e a vontade da vida, que é a evolução. Mas, para compreender isto é necessária uma sensibilização moral e psíquica, que não existe na maioria, uma precisa orientação conceitual, através da qual se tenha compreendido o funcionamento orgânico do universo, é indispensável, enfim, a prova resultante do controle experimental de toda uma vida.

Na realidade, funcionam inúmeras forças que a maioria ignora. Deus, ao sensibilizado por evolução, é uma realidade sensível. O caminho para aproximar-se Dele, suprema alegria, consiste na progressiva dilatação do próprio egocentrismo, que denominamos altruísmo, isto é, o fraterno amor evangélico. Este constitui o método de ascensão para a felicidade, encurtando as distâncias entre o homem e Deus, porque assim a criatura, segundo o exemplo divino, volta-se para trás a fim de orientar as criaturas irmãs. Quando o ser se decide dessa forma a funcionar segundo a lei do Todo e se dispõe a despojar-se do que possui em favor do necessitado, põe em movimento os impulsos do sistema e faz com que este funcione em seu favor, de modo a ser de alguma forma provido e largamente compensado do que perdeu, dando voluntariamente. Em outros termos, ativa-se o princípio: quem beneficia seja beneficiado e tanto mais beneficiado quanto mais beneficiou. Inicialmente, punge o sacrifício de pôr em movimento essas forças, mas o sistema, pode-se dizer, é de uma precisão mecânica tal que, uma vez posto em ação por quem compreende e sabe, matematicamente dará resultado.

Certamente é necessário ter compreendido a estrutura coletiva do organismo universal, a universal imanência de Deus, pela qual tudo "é", a orgânica natureza do Todo, do qual cada indivíduo é parte que vive em relação e das relações com as outras partes, célula que morre se se isolar. É necessário evoluir para sensibilizar-se de modo a perceber essa irradiação do centro, Deus, que rege inteiramente o sistema, até a sua periferia, onde nós, menos evoluídos, nos encontramos. É necessário compenetrar-se de que pobreza não existe na infinita riqueza de Deus, de que os bens são ilimitados e constantemente irradiados, sempre prontos a saciar qualquer possível necessidade. Deste oceano, o ser, no entanto, não poderá captar para si mais do que lhe permite a sua capacidade receptiva, que é dada pela sua evolução, pela sua aderência ao sistema, ou seja, pela aderência à Lei ou vontade de Deus. É, pois necessário que ele funcione de acordo com a Lei, agir com amor, sabendo irradiar, dispondo-se a dar e aplicando assim a norma evangélica do "ama o teu próximo".

O problema está em saber acionar os impulsos do sistema de modo a pôr em movimento essa irradiação. Se soubermos abrir as janelas de nossa alma, seremos inundados por essa irradiação. Mas, para economizar o esforço de abri-las, quando não confiamos, prudentemente fazemos os nossos cálculos utilitários para nada arriscar; encolhendo-nos em um canto, e, então, permaneceremos no quarto escuro e

frio de nós mesmos a disputar com o vizinho o pouco de luz ou de calor que, apesar de tudo, coa-se para o interior, ainda que lá fora tudo exista numa exuberante trepidação de vida. Mas, tal é o nosso mundo, em que as maiores guerras se fazem para disputar o que já possuímos de uma riqueza que é infinita, conseguindo apenas destruir o que já se encontra em nosso poder. Desta forma, escondemo-nos em sua prisão. Bastaria saber abrir-lhe a porta para que nos evadíssemos. A porta, para que se abra, exige que recuemos um pouco, mas o homem prisioneiro, na ânsia de fugir, ao invés de recuar um pouco para trás, avança sofregamente, buscando o exterior e, pensando em tudo, menos no que deve fazer para se libertar, mais e mais impele a porta do lado em que ela se fecha, mais e mais com o seu esforço tornando difícil a libertação. Ele é um louco. Para desfazer certas miragens e destruir outras tantas ilusões psicológicas é necessário ao homem a dolorosa elaboração de milênios.

O raciocínio do homem atual parece verdadeiro, porque o é apenas em parte, pelo menos onde ele alcança com o conhecimento, isto é, no seu mundo concreto, que representa a periferia do sistema e que ele, ignorante do resto, supõe que seja tudo. Desfazer em altruísmo o próprio egoísmo é efetivamente uma perda, mas somente periférica e em uma primeira fase. Porque realmente não é perda, mas antes ganho, quando em um segundo tempo o ser vem a pôr-se em contato com outras forças não periféricas. Efetivamente, o altruísmo não é vantajoso neste mundo, quando outros seres estão dispostos a arrebatar-nos tudo e aproveitar-se de nosso sacrifício em proveito próprio, embora com evidente perda para si. E esta é definitiva para o involuído que, em remotas conexões com o centro Deus, só é escassamente irradiado e, por conseguinte, empobrecido e privado de novos suprimentos. E, dado que nos encontramos na periferia do sistema e que a maioria é, por involução, pouco irradiada, a posição do prisioneiro da pobreza e da dor, sem capacidade de evasão, é lógica e compreensível. Não há remédio imediato. Não resta senão deixá-lo na posição que lhe cabe, segundo o seu grau de evolução, a espera de que os golpes da vida o elaborem até que ele compreenda o mecanismo do sistema e consiga assim fazê-lo funcionar em seu proveito. É inútil querer explicá-lo antes que ele amadureça, porque permanece incompreensível, pois que não se aceita aquilo que não se mereça conhecer, por não se ter feito ainda o esforço de conquistá-lo.

Tudo será muito diverso para o evoluído. Desfazer em altruísmo o próprio egoísmo também para ele significa um prejuízo. Mas ele pode enfrentar com segurança esse sacrifício, porque conhece a estrutura do sistema e sabe, por isso, o que se seguirá a esse sofrimento. Espiritualmente ligado ao centro Deus, não vive apenas de limitada vida periférica. Pelo contrário, é justamente este seu sacrifício de dar irradiando, a força decisiva que abrirá janelas que o inundarão de sol. É este o difícil passo para trás, o único que pode permitir-lhe abrir as portas da prisão. É esta negação de si próprio em altruísmo, na periferia, uma afirmação para o centro Deus, isto é, uma mobilização das forças de irradiação que esperavam essa sua atitude para podê-lo inundar. Porque é o ser livre que deve encontrar a chave e com ela abrir o mistério da evolução. E, assim, em um segundo tempo, ele será largamente recompensado e enriquecido pelo seu empobrecimento que, na realidade se reduz a perdas diminutas na zona periférica do sistema universal, na zona da matéria e das ilusões. Defrontamo-nos assim, em verdade, com um sábio cálculo utilitário que, diferentemente do outro, conduzirá a plena satisfação e segurança de êxito.

Eis o raciocínio desse tipo de homem. Dirige-se a Deus, dizendo: "Senhor, eu

dou, empobreço-me materialmente, mas com isto eu me torno instrumento que adere à Tua Lei, vivo segundo as linhas de força do Teu sistema. Para o triunfo do Teu Amor eu sacrifico o meu pequeno eu. Tu sabes que agir assim na periferia, onde me encontro imerso na matéria, significa empobrecer até a morte. Mas eu não existo mais para mim, isolado, mas na vida universal, em que Tu "és" . Eu não quero mais a mim mesmo mas somente a Ti, em Quem eu vivo. Quero a Tua Lei. Faço parte do Teu organismo. Sou uma célula dele, uma Tua célula. Tu és o meu eu maior, em que agora existo. Então a minha morte não é mais possível. Compete a Ti e à Tua Lei impedi-la, e que a vida me seja dada, pois que ao meu fraco poder de defesa eu renunciei para seguir a Tua Lei de Amor. Não é possível que, para seguir-Te eu deva perder a vida. Sei que esta tem fins eternos a alcançar e que eles devem ser alcançados. Ela não pode perder-se ao acaso e não depende da minha pobre defesa do momento. Seguindo-Te, eu ganho a vida. E se também morrer, não perderei senão a minha vida menor, porque ressurgirei na Tua vida maior".

Assim se compreende o Evangelho de São João (Capítulo XII: 24-25), quando diz:

"Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica só; mas se morrer, dá muito fruto".

"Quem ama a sua vida perdê-la-á e quem neste mundo aborrece a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna".

A luta entre o evoluído altruísta e o mundo egoísta, que não se preocupa senão de espoliá-lo e explorá-lo, é terrível. A situação é tal que se procura, por todos os meios, eliminar o benfeitor e isto exatamente por parte daqueles a quem ele desejaria fazer o bem. Poderosa é a resistência que o involuído opõe a quem procura fazê-lo evolver para a felicidade e trágica é na Terra a posição dos benfeitores da humanidade: posição de martírio! É como querer abraçar por amor um tigre: fica despedaçado. Porem a vida só em parte é terrena e não se exaure apenas do ponto de vista humano. O trabalho desses homens é missão e interessa também ao céu. Dado que à vida, se pouco interessa o indivíduo muito interessa a função que ele personifica, sobretudo a evolutiva, então esse indivíduo se torna sagrado e forças superiores intervém para protegê-lo no sacrifício até que a missão seja cumprida e se dê o milagre.

Então, aciona-se o movimento da irradiação, porque o ser não a contém mais em si, mas lhe faculta o fluxo, tornando-se-lhe um canal que permita fluir no universo, de criatura em criatura, a divina linfa vital. E a irradiação está pronta a lançar-se onde a passagem é livre e desviar-se de onde há obstrução. E assim os homens altruístas se tornam, cada vez mais, instrumentos da Lei que, cada vez mais, nutre esses seus canais e os exalta, enquanto funcionam segundo a direção dos seus sistemas de forças. Tudo isto significa dar, cada vez mais amplamente, um despojamento crescente, que aterrorizaria o involuído, mas no mesmo passo significa um nutrimento sempre mais vigoroso de forças. Ser irradiado significa sentar-se a uma lauta mesa de recursos ilimitados. E o sistema é tal que quanto mais aumenta o sacrifício em dar, mais cresce o dom que se recebe, porque com isto se sobe na hierarquia dos operários do Senhor, com a conquista de poder e sabedoria crescentes.

Eis a estupenda realidade que está além das trevas que ocultam ao homem comum a verdadeira estrutura do sistema. O Evangelho concorda com tudo isto, concluindo pela norma do "ama o teu próximo", sem dela dar explicações racionais.

Essa conclusão tem sua grande confirmação no mundo atual, que, não a podendo compreender, a considera uma utopia. Estas concepções, obtidas por visão com o método intuitivo, foram aqui expostas pelo autor sob controle durante quarenta anos, usando o método experimental, sem que elas, nos fatos por ele vividos, jamais encontrassem um desmentido. Se este tivesse ocorrido, teria sido gravíssimo, porque os fatos, ainda que apenas um, teriam desmentido a Evangelho. Muito se deve pensar agora que o Evangelho, que parece utopia, se realmente vivido, torna tangível a verdade que não falha.

Horizontes novos e ilimitados, inexplorados continentes do espírito, repletos de riquezas ignoradas, vastidões abismais de infinito sobre os quais a alma se debruça, em vertigem! O homem ignorante não suspeita qual o futuro que ali o espera. Além do infinito astronômico existe o maior infinito espiritual. E nesta Terra, grão de areia cósmica, por um pouco de espaço e de bens, o homem, centelha divina, com que ferocidade e estupidez mata, sem saber quem é e no que poderá tornar-se!

IV

A QUEDA DOS ANJOS

Concluída a precedente ordem de conceitos, abre-se diante de nós uma outra visão, numa ordem de conceitos afins e conseqüentes que o leitor encontrará em germe, primeiramente em: *A Nova Civilização do Terceiro Milênio,* cap. X*:* "O Problema do Mal", e cap. XIII: 'Problemas Últimos"; e depois no volume *Problemas do Futuro,* caps. XV e XVI: "Deus e Universo".

O capítulo anterior havíamos explorado, sem desenvolvê-lo, este tema: "A criatura é livre, podendo, pois, agir contra o sistema". Aprofundemos aqui, como antes não pudemos fazê-lo, essa tese, desenvolvendo-a e analisando-lhe todas as conseqüências.

Como ocorreu essa monstruosa revolta de algumas células do grande organismo-universo, que, ao invés de funcionar harmoniosamente nele, contra ele se puseram, rebelando-se? Onde se encontra a primeira raiz dessa anarquia na ordem? Importante questão que se vincula ao problema da gênese do mal, da sua presença no mundo e da sua solução final.

Para compreender, observemos a estrutura do sistema. Ela se baseia em alguns princípios fundamentais como o egocentrismo e a liberdade. A criatura, parte integrante do sistema, foi constituída como um esquema menor do esquema maior, cujo centro é Deus, de acordo com o princípio já mencionado dos esquemas de tipo único. Essa dádiva, porém, de Deus, pelo qual a criatura fora feita à Sua imagem e semelhança, constituía um poder muito perigoso se não fosse bem usado, pois continha em germe a possibilidade de um transviamento, possibilidade que o ser, exatamente pelos princípios do sistema, deveria enfrentar com as suas forcas. E as

conseqüências, quaisquer que fossem, deviam ser suas, pois significa responsabilidade, em um sistema de ordem e justiça, a conseqüência do princípio de liberdade.

A quem objetar que um sistema perfeito não deve conter a possibilidade de erro, deve-se contestar que essa possibilidade que não é absolutamente necessidade, está implícita nos princípios supracitados, como sua conseqüência necessária, de modo que, para suprimi-la, seria imperioso suprimir os princípios que dão causa, cujo valor não se discute E natural que, onde exista um "eu" livre, seja também possível o mau uso da liberdade. E nem por isso o valor desta decresce. De outra forma não nos encontraríamos em um sistema de liberdade, mas de determinismo, no qual as criaturas não passariam de autômatos. Ora, Deus não criou seres dessa espécie, mas sim criaturas partícipes das suas próprias qualidades. Dada a estrutura do Sistema, gera-se uma cadeia de férrea lógica, que conduz dos princípios a essas conseqüências. A criatura deveria, pois, necessariamente encontrar-se ante a encruzilhada da escolha.

O ser, portanto, dada a sua estrutura e a do sistema em que existia, deveria achar-se diante da possibilidade do erro. Em outros termos, o ser passava por uma prova, por um exame, de cujo resultado dependeria a sua futura posição, por ele livremente escolhida. Ora, que o sistema contivesse a possibilidade de um erro, não significa absolutamente fosse ele construído errado ou defeituoso. Tanto é verdade que ele, como veremos, de fato não se arruinou pelo erro cometido; pelo contrário, por ser perfeito, tinha capacidade de auto-regeneração. O Sistema estava acima do erro nele possível, e fora constituído para permanecer íntegro, inabalável, para qualquer acontecimento. Por isso podia permitir em seu seio uma possível violação e desordem, tanto mais quanto essa possibilidade tinha uma função, a de aprovar o ser dando-lhe, segundo o princípio de justiça, se superasse a prova, o pleno direito de aquisição da sua posição de filho de Deus, somente depois de havê-lo merecido. O Criador exigia da criatura uma livre aceitação do Sistema, um espontâneo reconhecimento das recíprocas posições nele, para então poder conceder ao ser uma livre co-participação em Sua obra, como o Sistema requer, o que seria impossível com uma criatura escrava ou um autômato.

A prova da livre escolha não foi, pois, um capricho, um' acaso ou um erro do Construtor, mas fez parte integrante da lógica do Sistema, como necessária conseqüência dos princípios que o constituem. A estrutura do edifício de conceitos e forças do Sistema, a natureza do Criador e a da criatura, os fins a atingir além da prova, tudo isto conduzia à necessidade de que a criatura devesse encontrar-se só e livre na encruzilhada da escolha. A possibilidade de erro estava implícita no Sistema, não como uma imperfeição, prelúdio de fracasso, mas como um elemento definido e desejado para determinados fins, como sua força e não como sua fraqueza. Veremos, efetivamente, que esses fins são igualmente atingidos também por outra via e que a obra da criação permanece igualmente, como um triunfo do plano de Deus.

Os dois princípios acima aludidos, egocentrismo e liberdade comuns também as criaturas, faziam delas tantos menores eu "sou", semelhantes a Deus, como tantos Deuses menores em função de Deus. Deus quis a criatura assim feita, à Sua imagem e semelhança, Nem o ser Dele saído poderia ser de natureza diversa da Sua. Em um sistema de esquema de tipo único, a criatura não podia deixar de ser um "eu sou", centro autônomo e livre, como é o Criador. E, então, a estrutura do Sistema, como a natureza da criatura, estando baseadas no princípio da liberdade, tudo quanto dissesse respeito á criatura não podia ter curso sem o seu consenso.

Ademais, existia um terceiro princípio, fundamento do universo espiritual - o do Amor - mercê do qual Deus não é egocêntrico senão para irradiar em Amor. Assim sendo, o Sistema de Deus não pode basear-se na coação, assim como, em virtude do princípio de liberdade, não pode basear-se no determinismo, mas apenas na adesão espontânea. Deus, por ser Amor, não pode querer a criatura forçadamente prisioneira do Seu Amor. Ele limita-se a atrai-la. Eis uma nova característica do Sistema, que não pode admitir da parte da criatura, senão uma correspondência de caráter espontâneo, sem a qual não há amor. Não é possível, forçadamente gravitar-se em direção a Deus, por amor. Assim, pois todo o Sistema, ainda por esse principio, impunha a livre escolha, qual passagem obrigatória para valorização do ser, que devia, antes de aceito, conquistar plenamente esse direito, demonstrando livremente haver compreendido, aceito e querido corresponder ao Amor de Deus. Mesmo sob esse aspecto, a prova corresponde à perfeita lógica, pois que o Amor, para ser tal, não pode deixar de ser espontâneo e recíproco. Estar o Sistema fundamentado no Amor é outro fato a implicar que ele deve basear-se, também, na liberdade. Liberdade e Amor são conexos. Este pressupõe aquela. Um sistema que não se fundamentasse na liberdade não o seria no Amor. Os princípios que regem o universo são estreitamente correlatos. Todos eles se podem reduzir a um só, do qual todos estes derivam - o Amor. Foi por amor que Deus quis a criatura egocêntrica, feita à Sua imagem e semelhança, participe das Suas próprias qualidades. Foi por amor que Deus quis a criatura livre, a fim de que ela livremente compreendesse e retribuísse esse amor.

❑ ❑ ❑.

Entendidas a necessidade, a lógica e a utilidade da prova observemos como se comporta o ser neste momento supremo.

Eis a criatura, substancialmente espírito, centelha de Deus, apenas destacada do seio do Pai que a gerou. Ela fita o Centro, do qual derivou por ato de Amor, a que deve a sua existência. A estrutura do sistema impõe uma resposta sua a esse ato, a correspondência de um recíproco ato com que essa criatura, por sua livre aceitação, confirme ou renegue, como queira, permaneça no Sistema ou dele se desligue, ponha-se dentro ou fora dele, agindo livremente e definindo, assim, a sua posição. O Criador respeita tanto a liberdade que Ele deu à criatura, fazendo-a à Sua imagem e semelhança, que submete a Sua obra de Criador a essa criatura, como ocorre no consentimento necessário de duas partes num contrato bilateral. Somente quando a livre criatura tiver dito: "Sim", a criação estará completa, aperfeiçoada até a esse momento, em que a criatura é quase chamada, com seu consentimento, a colaborar. Parece enorme, absurda, tanta bondade. Mas essa é a estrutura do Sistema, assim quer o Amor de Deus.

Eis o ser diante de Deus. Apenas criado, ele ainda não falou. Deve dizer agora a sua primeira palavra, que Deus lhe pede em resposta ao Seu ato criador: a palavra decisiva. Deus lhe fala primeiramente: "Olha, ó criatura, o que há diante de ti. Eu sou o Pai que te criou. Quis fazer-te da Minha própria substância, um "eu sou", centro, livre como "Eu Sou". Fiz-te grande com a minha grandeza, poderoso com o meu poder, sábio com a minha sabedoria. Fiz assim espontaneamente, por um ato de Amor para contigo, minha criatura. A este Meu ato falta somente um último retoque para ser perfeito e ele deve partir de ti. Espero-o de ti, que o farás com plena liberdade.

Ofereço-te a existência como um grande pacto de amizade. Ele é baseado no Amor com que te criei e a que deves o teu ser. Podes aceitar ou não este Meu Amor. Todo pacto é bilateral, toda aceitação de amor deve ser espontânea. E absurda uma imposta correspondência de amor. Escolhe Vê o que Eu já fiz por ti. Eu ti precedi com o exemplo. Tu me vês. Olha e decide. Qualquer pressão Minha fará de ti uma criatura escrava e Eu te quis livre, porque deves assemelhar-te a Mim. Para que Eu pudesse amar-te como quero, devias ser semelhante a Mim. Não se pode pedir Amor a um escravo, mas somente obediência imposta, o que está fora do Meu sistema e seria a sua inversão. Vem pois, a Mim, corresponde ao Meu Amor que te chama e te atrai Confirma a Minha obra com a tua aceitação. Por tua livre escolha consente, entra e coordena-te no Meu Sistema, do qual Eu sou centro. Subordina o teu "eu sou" menor ao "Eu Sou", o Uno-Deus, supremo vértice que rege o Todo. Reconhece a ordem da qual Eu sou o chefe. Promete obediência à Lei que exprime o Meu pensamento e vontade. Por Amor te peço, pois que és meu filho, que me retribuas o Amor com que te gerei".

Após essas palavras, por um instante ficou suspensa a respiração do universo, enquanto as falanges dos espíritos criados oscilavam em cósmicas ondulações. O ser olha e pensa. Ele sente o poder que lhe vem do Pai, uma imensidade que o torna semelhante a Deus. É livre, como um "eu sou" autônomo, senhor do seu sistema, das suas forças e equilíbrios interiores. A sua própria estrutura, permeada de divina grandeza, impele-o a repetir em sentido autônomo, separatista, o egocentrismo que ele continha do "Eu Sou" máximo: Deus.

Mas, do outro lado há uma força oposta, anti-egocêntrica, tendente a neutralizar a primeira: o Amor. Ele se manifesta como silenciosa atração, que se impõe por bondade. Quem compreendeu esse apelo, verdadeiramente compreendeu Deus.

As duas forças, assim diversas, movem as falanges dos espíritos, que as examinam e pesam. Belo é o Amor, mas acarreta uma renúncia cheia de deveres, uma renúncia à plenitude total do "eu sou", implica obediência, o reconhecimento de uma posição subordinada. Eis o perigo tentador: exagerar, em seu juízo, a própria semelhança com Deus e admitir uma pretensão de identidade. Ao invés de seguir o caminho do Amor, coordenando-se com obediência na ordem, tomar a via oposta. Devendo coordenar o próprio "eu sou", reforçar sua autonomia, fazendo-se isoladamente centro do sistema com sua própria lei. Imitar Deus somente para superá-Lo. Responder ao doce apelo de Amor com um desafio: "Não! Deus, eu, criatura, sou maior do que Tu. Eu sou Deus, não Tu"!

Então, muitos "Deuses" menores, feitos de substância divina, livremente decidiram tornar-se "Deuses" maiores, iguais a Deus. A escolha foi por eles feita, e o universo, abalado até aos fundamentos que estão no espírito, estremeceu e parte dele desmoronou, involvendo na matéria. Mas não foi assim para todos os seres. A balança em que foram colocados os dois impulsos, para uma outra multidão de espíritos se inclinou, ao invés, para o lado Amor, oposto ao da rebelião por orgulho.

Eles reconheceram a superioridade de Deus e se fundiram na Sua Ordem, tornando-se-Lhe colaboradores, livremente aceitando-a e compreendendo. Os primeiros não quiseram reconhecer a Sua supremacia; destacaram-se da Sua Ordem e se transformaram em demolidores. Não quiseram aceitá-la e corresponder. Seu chefe foi Lúcifer. Precipitaram-se, assim, para fora do sistema, em posição invertida

que lhes será a característica de toda a existência.

É certo que a queda foi devida à falta de conhecimento das conseqüências da revolta, mas é também certo que a criatura não poderia ser onisciente, igual a Deus. Pode-se objetar, então, que, se ela ignorava, como lhe pode ser imputada a culpa de haver caído? Deus deveria tê-la dotado do conhecimento suficiente para compreender antecipadamente as conseqüências da desobediência, de modo a não incidir nela. A tal objeção pode-se contrapor que a criatura assim teria seguido Deus unicamente no seu egoístico interesse, a fim de furtar-se a um dano e não por amor. Ora, um ato de aceitação tão fundamental no sistema, não poderia basear-se num interesse nascido do egoísmo, isto é, em um princípio antípoda àquele que rege todo o sistema, como é o Amor. Ele deveria resultar de uma espontânea adesão por amor, ao compreender a bondade do Criador. Como é fundamental no sistema o princípio do Amor, prova-o o fato de o próprio Deus, no seu aspecto imanente, ter seguido o Sistema desmoronado para reconstruí-lo, jamais abandonando a criatura por mais injusta e rebelde que fosse. E Deus não lhe pedia senão uma prova de amor! Os espíritos obedientes a deram, ainda que em conhecimento sendo iguais aos espirites caídos.

Tiveram, então, início no ser decaído, duas vias opostas, que o distinguem. De um lado, o orgulho, o mal, a dor, as trevas, o caos e, consequentemente a criação e vida na matéria. Do outro a obediência, o bem, a luz, a ordem e a vida perfeita do puro espírito. A queda é a involução, da qual se sobe redimido pelo esforço da evolução, absorvendo o mal em dor, edificando-se pelo sofrimento com a experiência da vida, assim se desmaterializando e espiritualizando na ascensão ao encontro de Deus, que não abandonou o ser que caiu, mas apenas lhe disse: "Destruíste o esplêndido edifício. Contudo, continuas a ser meu filho. Reconstruirás, porém, tudo com o teu esforço".

❑ ❑ ❑

Usamos neste capítulo a expressão "queda dos anjos", porque tradicional e de mais fácil compreensão. Todavia, é bom esclarecer ser ele uma expressão antropomórfica, que reduz o fenômeno às dimensões inferiores da matéria. Ainda que acanhado, o antropomorfismo constitui uma necessidade, porque, embora contenha o defeito de desfigurar o real aspecto do fenômeno, tem o valor de aproximá-lo de nosso mundo tão diferente. Cumpre-nos, pois, aqui realçar que a expressão "queda dos anjos" representa uma redução da realidade, na medida limitada da psicologia humana. De fato, o fenômeno ocorreu em planos de existência tão elevados, que para nós se situam no superconcebível; ocorreu em dimensões em que as nossas representações de espaço e de tempo não têm mais sentido. A imagem, pois, que tivemos de escolher representa u'a mutilação e não uma expressão da realidade.

Se devêssemos explicar a um homem inculto um conceito abstrato, um processo matemático, um desenvolvimento filosófico ou coisas semelhantes, seríamos constrangidos, se quiséssemos fazer-nos entender, a apresentar tudo revestido de formas materiais, a usar expressões bem concretas, para adequar-nos à psicologia desse homem, a ponto de os conceitos originais ficarem deformados, tornando-se quase irreconhecíveis.

Mais verdadeiro é esse fato relativamente à queda dos "anjos", em face da grande altura em que se deu o fenômeno e sua distância de nós. Era, porém,

necessário adaptar-se à mente humana, se se quisesse dar uma expressão ao fenômeno, denominando-o "queda" Mais adiante será explicado o seu significado de desmoronamento de dimensões, a partir de um ponto que, estando situado em planos altíssimos, na sua substância foge completamente à nossa compreensão.

V

ORIGEM E FIM DO MAL E DA DOR

Estes conceitos não estão fora de nosso mundo. O universo, repetimo-lo, é feito de esquemas de um único tipo e, por isso, encontramos a cada momento e em todo ponto o esquema maior no menor, embora adaptado aos casos particulares. Tudo ecoa e se repete no universo. O eco desse primeiro ato do ser não se extinguiu. Ele revive nas formas da vida, que continua a se desenvolver pela via então iniciada e traçada. O denominado pecado original, a ingestão do fruto proibido da árvore do bem e do mal, não simboliza o ato sexual, necessário à vida, mas a degradação do amor espiritual em amor carnal, do qual deriva apenas uma gênese falsa, destinada a acabar na morte. Esse pecado encobre um fato muito mais central e mais grave - a revolta contra Deus. Ele foi efetivamente instigado por Satanás, o anjo decaído[5], que pretendeu fortalecer-se com a conquista de novos prosélitos, que ligou ao seu sistema de rebeldia. Assim, o pecado de Adão não constitui mais do que uma reprodução especial do processo de degradação já iniciado, uma conseqüente queda do homem, arrastado por Satanás na queda dos anjos, uma imitação que prolonga o fenômeno à guisa de desintegração atômica em cadeia.

Os motivos da grande queda sobrevivem a todo momento na Terra. Eles se inseriram na natureza do ser, que assim se tornou corrompida e falaz. Â gênese do mal e de nossas dores deve ser encontrada no desmoronamento tremendo que se seguiu à revolta, derrocada que devemos sair agora, tudo reconstruindo em nós e em nosso derredor, com as nossas mãos empenhadas no grande trabalho que se chama evolução. Assim, pois, o fenômeno da queda dos anjos não é estranho à nossa vida, nem está distante dela, mas é atual. O fundamental motivo psicológico de desordem continua vivo em nossa forma mental. Todos compreendemos o que representa a Lei e que seria lógico, justo e útil segui-la, quer no interesse coletivo, quer no individual. E, apesar disso, sentimos a tentação do rebelar-nos, de ludibriá-la, tomando por atalhos que, por via mais breve, nos conduzem aonde desejamos chegar. Ainda aqui, sem dúvida, obedecemos a uma lei da vida, a do mínimo esforço, mas esta deve ser seguida

[5] Na Escritura não há muitas referências a "anjos caídos". Dois textos, entretanto, assinalam essa "queda": o versículo 6 da epístola de Judas fala de "anjos que não guardaram o seu original estado, mas abandonaram o seu próprio domicílio..."; e a segunda epístola de Pedro, cap. 2:4, onde se lê: "Se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas lançou-os no inferno..."

Por meio da intuição de Pietro Ubaldi, a visão moderna de uma "queda" do "original estado", do estado puramente espiritual, em conseqüência do orgulho (pecado) dos espíritos rebeldes, encontra, assim, respaldo na palavra inspirada dos dois discípulos de Cristo: Judas e Pedro. (N. do T..)

com inteligência, levando em linha de conta a estrutura do sistema, em que todo "eu sou" só se valoriza em função do "Eu sou" centro - Deus. E o homem hodierno, como o primeiro anjo rebelde, centralizador egoísta de todo o seu "eu", preocupado somente com o triunfo próprio, separadamente, realiza o processo idêntico de reviravolta do sistema com a conseqüente inversão de si mesmo, terminando nas mortes das guerras, na destruição e na dor.

Somos assim levados a valorizar-nos como "eu" independentes e não como "eu" em função orgânica do Todo. E a exata repetição da primeira revolta.

A conduta dos eleitos é justamente a oposta, de completa adesão à vontade de Deus. Sua primeira característica é a obediência à ordem. Este terrível instinto do "eu", que se deveria controlar pela obediência à Lei de Deus, mas que, ao contrário, se deixa livremente explodir em revolta, não é também para o homem a causa principal de tantos males? E assim como, nas mãos dos primeiros rebeldes se desmoronou a ordem no caos, nas mãos do homem tudo continua a fragmentar-se, repetindo-se o mesmo processo originário no tempo com o mesmo resultado de destruição. Por isso, se se pretende novamente a elevação à ordem, reconstruindo-se na unidade do sistema, é imprescindível saber dominar este "eu" egoísta e prepotente, enquadrá-lo na ordem, coordenando-lhe as funções no Todo, é necessário retificar o seu inicial estado de revolta, mantendo-o na obediência ao plano de Deus, porque só assim, em obediência à Sua ordem é possível de novo unir laboriosamente uma a uma as partes do edifício desmoronado, reconstruindo-o na sua grandeza.

Este esforço exigido para a reconquista do paraíso perdido é justamente a condenação da nossa humanidade. Justa condenação, mas também salutar remédio, pois é a via de salvação para a criatura a quem o Amor de Deus, apesar da ingratidão dela, oferta a possibilidade de redenção.

No fundo da natureza humana está a tragédia da queda, em razão da qual a alma, centelha divina, desceu para a ilusão da matéria e dos sentidos, num corpo vulnerável a tudo e num ambiente ingrato, em que a conquista do progresso lhe custa esforço permanente; com mente acanhada que aos poucos terá de buscar o conhecimento que antes possuía do pensamento de Deus. Daí o tormento da insaciabilidade, que revela no instinto humano o anseio pelo grande bem perdido; daí o afã pela maceração evolutiva sob o contínuo martelar da dor, a ânsia de criar sobre as areias movediças de um mundo em que tudo caduca. Eis a razão de ser da ignorância a vencer com o esforço do pensamento, com as descobertas científicas, com o sacrifício dos mártires e com o Amor de Deus que, manifestando-se pela revelação, vem ao nosso encontro inspirativamente, permitindo que levantemos os véus do mistério. Eis Cristo, o mais perfeito filho de Deus, fazendo-se homem em nossa dor para nos ensinar a via da redenção.

Assim tudo se explica: a luta pela seleção, as guerras, as enfermidades, as desgraças, o ódio, a mentira, todas as traições de que se entretece a vida. O nosso mundo assumiu o aspecto que revela a estrutura do sistema desmoronado. Cada individualização reproduz a originária inversão, pela qual todo "eu sou" está inquinado do princípio oposto, negativo, destruidor do "eu não sou". Ele tudo corrompe. Por ele o incorruptível fragmentou-se no corruptível. O princípio originário permanece, mas falseado em virtude de não mais oferecer correspondência com os antigos valores. Foi a revolta originária que semeou no ser esse germe maléfico que continua a viver da sua vida. E assim, em nosso mundo, a negação está infiltrada em

toda afirmação, a vida se casou com a morte, a enfermidade aninha-se em todos os corpos sãos, a destruição é o guia de toda construção, o mal ofende o bem e Satanás se introduz por toda a parte, procurando trair Deus. O motivo da queda dos anjos e do pecado original repete-se a todo instante entre nós, em nossa vida cotidiana. Não se trata, pois, aqui de elucubrações filosóficas relativas a fatos distantes, que não nos dizem respeito. Só a evolução, a ascensão da matéria ao espírito, pode cicatrizar a grande ferida, desembaraçar o ser do cerco maléfico que desejou. Mas isso só se completará após um caminho longo e doloroso. Só desta maneira se explica o motivo de nossas posições atuais, de que só podemos evadir-nos subindo, embora sofrendo. Eis as origens da dor e do mal. O semblante da criatura traz o estigma funesto. Ela continua a sangrar da primeira colisão com as colunas do sistema. O ser decaiu, mas as colunas da Lei não se abalaram. Permaneceu intacta e a dor tornou-se o sinal da alma rebelde, continuando a recordar-lhe a grande tragédia que desejaria esquecer, abandonando-se ao originário instinto de felicidade, ainda vivo. Mas, entre a felicidade e ele jaz uma nuvem que só poderá dissipar-se através de uma longa luta de reintegração.

Desejaria repousar, mas a dor o aguilhoa e o chama à dura realidade e, então, só então, ele desperta e indaga - por quê? Por que nascer, existir, sofrer? Quem goza está bem, nada pergunta, continuando adormentado na inconsciência. Assim, pois, após a sua gênese, a dor desempenha a função de instrumento de evolução. A própria culpa gerou o remédio; a enfermidade deu nascimento à sua medicina. A dor, oriunda da revolta, esmaga e humilha, induzindo à obediência à Lei e, assim, curando o ser. Dor implacável, mas salutar, que os involuídos amaldiçoam, porque não lhe compreendem a função criadora e que os santos abraçam, não por insano masoquismo, mas porque sabem que ela significa a escada pela qual se sobe. É salutar o imperativo que impele ao trabalho benéfico pela reconquista do paraíso perdido. Falamos também da dor de todo universo e não apenas na Terra, da dor cósmica, de que a da humanidade terrena não passa de um átomo em um átimo daquela dor de que o próprio Deus quis participar, integrando-se por Amor às próprias criaturas. Foi assim que o Pai enviou Cristo á Terra, para que, com o seu sacrifício, desse á humanidade o maior impulso á redenção. Por primeiro a revolta, origem do mal, depois, a dor do mundo, seu meio de recuperação; o auxílio do Alto neste árduo caminho; a redenção obtida pelo sacrifício, que Cristo nos ensinou. Estes conceitos unidos em cadeia, confirmam estas teorias.

A humanidade percorre atualmente o caminho de retorno. Só assim se pode compreender o conceito de redenção e o significado da vinda e do sacrifício de Cristo na Terra, motivos tão centrais na história da humanidade. Só assim se pode compreende como a dor salva e o sacrifício redime e por que era necessário que Cristo sofresse. O Seu exemplo nos indica, à evidência, que a via de retorno não se pode percorrer senão dessa forma. Com a Sua paixão, Cristo quis, diante do Pai, tomar sobre os ombros o peso da correção do primeiro erro, o da revolta. Por aqui se vê quanto Deus continua a mostrar-se ativo e presente na história do mundo.

A psicologia que enxerga, não raro, no mal e na dor, indícios de um sistema falido, um erro de que pode ser acusado o Criador, como único responsável, nasce justamente do ponto de vista representado pelo "eu sou", que, colocado em posição reversa, só através desta pode ver as coisas. É psicologia corrente, dominante na vida comum, e mercê da qual cada um procura atirar a culpa, a causa de qualquer mal nos

outros, mas jamais em si mesmo. O homem conserva o seu originário instinto irrefreável para a alegria, mas o faz em um sistema invertido que, assim, só lhe pode oferecer a dor. Não compreende o porquê, mas sente o tormento desta negação. Desmembrado da causa remota, se irrita inutilmente contra as causas próximas, incapaz de enxergar mais longe. Compreende apenas que a dor fere, e agita-se confusamente nas trevas em que caiu. Procura e não encontra, ignorando mesmo que a salvação está na ascensão. E, constrangido a evoluir, tangido pelo destino em passagens obrigatórias, preso à dura experimentação da vida, cheia de alegrias a fim de atraí-lo para o alto, carregada de dores, a fim de afugentá-lo das regiões inferiores. Ele desejaria adaptar-se a este inferno para repousar, mas não lhe concedem tréguas, de um lado o desejo insaciável de alegria, de outro, os incessantes golpes de dor. E imperioso evolver.

A sensação de falência do sistema é dada não somente pela visão às avessas, seguida de uma posição invertida, mas também pela real imersão em um mundo invertido, satânico, sensivelmente mais próximo do mundo material do que do outro do real, do divino. Os esforços por subir, muito comumente terminam no retrocesso de alguns passos, em virtude do terreno informe, movediço no qual o pé não encontra apoio e a vontade se despedaça. É o esquema da primeira queda que retorna em cada decaída subsequente, tendendo a repetir-se ao infinito. E então se exclama: "A redenção do mal é utopia, a dor é inútil, jamais galgaremos o monte da perfeição.'" E se conclui: "E inútil tentar. O sistema faliu definitivamente. A obra de Deus é mal feita, porque continha um insanável erro de construção!".

Mas se o homem soubesse ouvir a voz de Deus, teria a resposta: "Sim, criatura, podes pecar e negar à vontade, pois que és livre, De qualquer forma, entretanto, alcançarás o triunfo do Bem e do Meu Amor, isto é, a realização do Meu plano. Poderias ter preferido, como o fizeram tantos espíritos, a via curta da livre aceitação encontrando-te agora na minha alegria. Preferiste o caminho mais longo. Não importa. Desejaste, assim, a gênese do mal e da dor, fazendo delas a tua triste herança. Mas a Mim chegarás da mesma forma. O resultado final não se altera por isso. Continuo o Centro do Todo e tu não te evadiste do sistema, porque nenhuma evasão é possível. Tu te inverteste e não o sistema. Todavia, permaneces meu filho e, endireitar-te, é o que procuro, influindo a livre criatura com o uso de dois meios: a dor e o amor.

Nada está perdido. Podes reconquistar a antiga posição. Mas deves sofrer, o que não é apenas justo, mas igualmente benéfico, porque sofrendo compreenderás. A dor te abrirá os olhos, uma longa e dura experimentação te constrangerá, através de muitas provas, a te reconstruíres qual eras, antes que te demolisses na queda do teu ser. Minha bondade te oferece, na evolução, uma via de redenção do mal desejado e de evasão da dor. Será duro e não terás outro caminho, se quiseres sair do teu estado. Voltarás a percorrer em ascensão o que percorreste na descida. Bem mereceste, ao te rebelares, este açoite em tuas carnes, e Eu o permito para que o teu espírito ensombrado desperte.

"E para o teu bem, porque te amo e te quero ver feliz amanhã. Primeiro entenderás a lição da dor para poder fugir dela. Quanto mais tardares em compreendê-la, tanto maior será a sua duração A tua rebelião à Minha ordem aumentará em proporção à intensidade da pena. Continuas no sistema do qual Eu sou o centro e no qual represento a alegria suprema do ser. Na Minha ordem está im-

plícito que rebelião significa dor, que tanto maior será, quanto mais de Mim te afastares".

"Meu outro meio o Amor. Com ele te atraio sem cessar, incitando-te a refazer o caminho para chegares a meus braços, neles repousares e te alegrares. É por esse motivo que te ofereço todos os auxílios possíveis para instruir-te por meio de espíritos superiores, meus operários no sistema que, com a palavra e o exemplo, te indicam as vias da redenção. Compelido pelo impulso negativo e tangido pela dor, atraído pelo impulso positivo, onde há alegria, não podes resistir à convergência destas duas forças. Como, de outro modo, induzir uma criatura livre, mas cega a reencontrar o próprio bem?"

"Quis, assim, tornar quase fatal a tua salvação, sem jamais violar a tua liberdade. Mas, ainda que esta, no caso extremo, quisesse, contra o teu interesse, o absurdo do teu prejuízo; ainda que, com inflexível revolta, quisesse a tua dor eterna, mesmo diante de tamanha loucura, que o ser desejasse para sempre, também neste caso o sistema perdura intacto e o Meu Amor triunfa. O edifício erigido pela rebelião contra Mim será anulado até o último fragmento E tu. criatura ingrata, se quiseres persistir absolutamente na negação, caminhando de dor em dor crescente, com as tuas próprias mãos procederás à tua autodestruição, assim desaparecendo também a tua última negação, como quiseste, no "não ser". Anular-te é o Meu último ato de bondade e piedade para contigo é o que tu chamas a minha vingança com o inferno eterno."

Assim poderia falar a voz de Deus a quem soubesse ouvi-la, pois no final dos tempos tudo se realizará plenamente, como Deus quis. A revolta dos espíritos das trevas não terá passado de um episódio impotente a perturbar a integridade do sistema perfeito. E, como Deus o quis no princípio Ele resplandecerá no fim, no triunfo do Bem. O dualismo bem-mal em que hoje está dividido o universo, como desvio transitório e não estrutura do sistema, será no fim reabsorvido no monismo originário, que a cada momento permanece só relativamente despedaçado, e o Uno triunfará. O mal e a dor, filhos da revolta contra Deus, por orgulho, não têm poder para fazer desmoronar o sistema, mas significam apenas uma doença curável, que o próprio sistema sabe sanar. Doença somente do aspecto imanente do Uno e que Ele, do seu pólo oposto observa e cura. Tudo permanece absolutamente perfeito, ainda quando não possamos observar senão a imperfeição em que estamos imersos. Permanece perfeito, como o exigem a lógica e a razão.

É evidente que, em um sistema gerado pelo Amor e baseado neste seu princípio central, construído de bem e para a alegria, o mal e a dor não possam ser eternos. Uma sua afirmação definitiva, embora em mínimas proporções, significaria a falência de sistema de Deus. Mal e dor não constituem senão o seu aspecto patológico, que não se pode tornar eternamente crônico, sem resolver-se ou com a morte do enfermo ou com a sua cura. O que acontece, em escala menor, em nossa saúde física, repete o que nos mostra o esquema universal do fenômeno. A morte se manifestaria pela anulação do indivíduo que quisesse permanecer sempre rebelde isto é, pela sua expulsão do sistema, ou seja, para o nada, pois que o sistema é o todo. A cura é representada pela reentrada do ser no sistema (conversão ao bem).

Uma das mais fortes razões pelas quais o mal e a dor têm de se anular, por fim, é dada pelo fato de que eles nasceram justamente de uma exagerada superestimativa, por parte dos espíritos rebeldes, do princípio divino do "Eu sou". Foi

exatamente esse exagero que, pela lei de equilíbrio inerente ao sistema, produziu, como reação, uma contração desse princípio no oposto do "eu não sou", isto é, a limitação ao negativo, ou inversão do bem em mal, da alegria em dor. Ora, insistir em tal via de ruína significa marchar cada vez mais contra o princípio vital que rege o próprio eu, isto é, caminhar contra si mesmo; significa o suicídio completo do ser Será possível que ele pretenda avançar sempre em tal caminho de autodestruição, negando a si próprio e a própria vida que representa o seu interesse máximo? Será possível que um ser, baseado no princípio do "eu sou", queira retroceder até renegar-se no não-ser? Poderá resistir uma lógica que se anula avançando para o absurdo? A existência é dada pela própria natureza do princípio do "eu sou" e que não pode vir senão do princípio positivo: Deus. Então, chegaríamos à completa inversão também da lógica, no extremo absurdo, pelo qual a máxima realização de Satanás e, com ele, do mal e da dor, consiste em sua anulação. Uma vez que a vida só existe em Deus, quem é contra Ele, se quiser sobreviver, deve retornar a Ele.

Mal e dor não podem ser eternos por uma outra razão. Entre a idéia do mal e a da eternidade há contradição, que não lhes permite a coexistência. A eternidade é alguma coisa qualitativamente diversa do tempo, situada nos antípodas. Ela não é um prolongamento de um tempo que, embora avançando, sempre está sujeito à duração. É um tempo imóvel, que não anda e jamais passa. É um não tempo. E que é o tempo, senão um produto do desmoronamento, um fracionamento do Uno, o imóvel em fuga no transformismo? A eternidade, unidade indivisa, com a queda se faz tempo, como o espaço, fração do infinito. O tempo existe somente como medida do transformismo (involutivo-evolutivo), cessando quando este termina: A fração cindida reconstitui-se em unidade no eterno, o finito no infinito A eternidade, despedaçada no tempo, se refaz no uno imóvel, integro, indiviso, e nela a corrida de transformismo, lançada em busca da perfeição, se detém diante da perfeição atingida. Então o tempo volta a ser imóvel, sem mais transformismo, e se faz eternidade. Com a evolução, ao passar da matéria à energia e desta ao espírito, vai-se tornando cada vez mais evidente o avizinhamento desta fusão final, paralelamente a uma progressiva libertação do domínio do tempo fracionado até aos fenômenos do pensamento, que são quase independentes dele. Pode-se dizer que ele existe antes e além do tempo, tanto que lhe escapa. E como o tempo é relativo ao fenômeno particular quanto mais evoluído é este, tanto mais se liberta dele.

De tudo isto se conclui que o tempo faz parte do sistema desmoronado, do qual também fazem parte o mal e a dor. Devemos, pois, enfileirar de um lado as características do sistema perfeito, tais como: eternidade, bem, alegria, e do outro colocar: tempo, mal, dor, que são propriedades e produtos do desmoronamento e aferíveis somente no sistema de estado imperfeito. Eis por que entre mal, dor e eternidade nada pode haver em comum, porque entre os dois primeiros e o último existe uma inversão de posição que os mantém inexoravelmente separados, situando-os nos antípodas em dois sistemas opostos. Cada coisa devendo permanecer no seu sistema, o mal e a dor não podem entrar em conexão a não ser com o tempo que passa, com o relativo, com o limitado, característica do anti-sistema. E o bem e a alegria não podem ligar-se a não ser com a eternidade, o absoluto, o infinito. Por isso mal e dor não podem ser eternos. Eles só se podem ligar com o tempo, sendo, como este, produtos do desmoronamento, isto é, uma contração no limite do que, no estado perfeito, foi bem, alegria, eternidade.

Como se vê, tudo se enquadra em perfeita logicidade. É assim que o mal se apresenta encerrado nos limites do tempo, acuado pelo transformismo que tende a corrigi-lo, transformando no bem. Por isto, o mal, dada a sua tendência em conservar-se como é, tem pressa, pois sente a sua instabilidade, a sua posição de desequilíbrio, de exceção, ao passo que a regra do sistema incorrupto é uma posição de equilíbrio, de estabilidade: o bem. Este, ao contrário, não tem pressa, não joga com efeitos imediatos, como faz o mal preferindo, na maioria das vezes aguardar para realizar-se e concedendo ao mal a primeira vitória, porque sabe, contrariamente a ele, que é senhor do tempo. Assim, também, as estratégias das duas forças, bem e mal, como é natural, são opostas. A estratégia do último é contraída, curta, imediata, complicada, concreta. A do bem é ampla, a longo prazo, lenta, linear, de finalidades elevadas. Por isso que as suas energias são mais poderosas, movem-se mais calma, mas dirigidas com sabedoria superior, sabem erigir construções maiores e, sobretudo, mais sólidas. Por todas estas razões, na luta contra o bem, o mal se encontra em posição de inferioridade e vencido de saída. Sua inteligência é apenas de superfície, estupidez em profundidade, lógica conseqüência na perda de sua primeira inteligência, motivo principal que induz o mal a engajar uma luta contra o bem, mais forte e sábio, sem probabilidade de vitória verdadeira.

Eis o quadro do fim do mal e da dor. Além deste aspecto negativo, de sua eliminação e restabelecimento, como elementos patológicos mais débeis, há ainda o aspecto positivo, isto é. há o impulso incessante do princípio básico da criação, do elemento mais forte e sadio - o amor (V. Cap. IV – "Queda dos Anjos", e Cap. XX – "Visão-Síntese"). Este princípio, do qual tudo nasceu, deve finalmente triunfar, firmando-se como senhor absoluto, o que significa que o bem e a alegria, de que o Amor é feito, devem triunfar sobre o mal e a dor. E vemos o Amor sempre em ação. Ele significa também unidade, constituindo a força que compele o universo à reunificação no Uno originário. E todas as vezes que o ser retorna para o todo, tentando uma reunificação parcial, encontrará a alegria, que lhe exprime o consenso da vida. Assim deve ser, ainda que de forma para nós misteriosa, até os mais recônditos recessos da matéria, onde tantas forças atômicas se unem nas combinações químicas, como também sucede no congresso sexual dos corpos e, ainda mais, no espiritual das almas.

Ao amor, impulso criador primordial, está confiada, pois, a função de reconstruir o universo. Pelo princípio dos esquemas múltiplos e de tipo único, repetido em todos os níveis evolutivos, o fato de o amor ser, também em nosso nível, ato de criação e de alegria, que ele repete e imita, prova que o primeiro ato originário de Amor de Deus foi de criação para a felicidade. Se tudo igualmente entre nós nasce do amor, que é alegria, também a primeira criação deve ter sido fruto alegre do amor. Indicam-no os fatos que nós continuaremos a repetir, ainda que com formas e resultados imperfeitos, sem poder esquecer o motivo de origem, mantido como esquema fundamental do ser. O nosso amor, havendo decaído, inverteu parte da sua alegria em dor e agora só pode criar parcialmente com sacrifício. Apesar disso, ainda que dolorosa, a criação, desde a física do animal, até á espiritual do gênio e do santo, constitui sempre a maior alegria da vida.

O nosso é um universo contraído, da infinita liberdade e vastidão do Amor de Deus, na prisão do nosso egoísmo separatista, que lembra o acanhado campo cinético das trajetórias fechadas do mundo atômico da matéria (energia congelada). Ora, toda

vez que o ser consegue completar o esforço para evadir-se da sua prisão, dilatando-se da contração da queda, ele percorre um segmento de ascensão e de libertação, desfrutando, assim, a originária alegria do Amor. Deve gozar e sofrer ao mesmo tempo. É trágica a nossa posição a meio caminho. Sentimo-nos sufocar pela estreiteza da prisão de nosso egoísmo, mas rompê-la nos parece a morte do "eu", e desejamos, portanto, reforçá-la. Mas a vida só pode estar no retorno à circulação do todo. Esse egoísmo nos mata e, assim, para poder desfrutar a vida e expandir-se, é imperioso que nos evadamos, que despedacemos a prisão em que sufocamos. E imprescindível, pois, encarar o sacrifício do "eu", e para alcançar a alegria de uma vida maior, importa em enfrentar a dor, que quebra o egoísmo protetor do "eu". Para viver é necessário em parte, morrer, ou seja, é necessário destruir-se como cidadão do anti-sistema, para ressuscitar cidadão do sistema. Eis por que Cristo disse que conservará a vida pela eternidade, não quem a ama, mas quem a odeia neste mundo. O nosso egoísmo tende a manter o estado de contração em que o sistema ruiu. Do lado oposto, o Amor vota-se a destruir este separatismo negativo, para lançar-se no universal fluxo do todo, e novamente colocar-nos no originário estado orgânico, em que tudo era Uno. E a alegria que acompanha todo ato de Amor, desde a entrega desinteressada do próprio corpo, na geração física, aos mais elevados altruísmos pela humanidade, nos indica que esse é o caminho da reconstrução e do retorno ao estado de origem, de Amor, que somente gera bem e alegria.

VI

DESMORONAMENTO E RECONSTRUCÃO DO UNIVERSO

Sinto encontrar-me diante da mais vasta e profunda dentre as visões até aqui observadas. Nos volumes precedentes havia aparecido certo motivo fundamental, cujos delineamentos se vão agora precisando e dilatando em vastidão cósmica Estamos diante da visão dos últimos problemas, diante das conclusões sobre o sistema do universo, diante do pensamento de Deus. A primeira obra de 12 volumes atinge aqui um vértice e se precipita para a sua conclusão. Conturbado pela potência apocalíptica da cena que se me apresenta, não mais consigo existir qual "eu" isolado e nela penetro. Tenho uma sensação de vertigem assim suspenso sobre as profundezas abismais do infinito.

E este fala! Chegam a mim conceitos em um oceano de ondas, quais montanhas, e, como avalanche, me investem e agitam. É ofuscante olhar no infinito pensamento de Deus, é aterrorizante senti-lo na Sua potência. Mas é impossível parar, quando se é arrastado pelo turbilhão. O pensamento não é apenas esmagador pela sua imensa massa, mas também ardente pela sua alta tensão. Elevada a semelhante potencial a minha vida física vacila como se estivesse prestes a ser fulminada. Torna-se impossível ao organismo humano resistir a descargas tão gigantescas, que fulguram e estrondam como o relâmpago. E devo saber funcionar como transformador, que

regule essas descargas em uma luz moderada e igual. Moderada para que não cegue, proporcionando-a à receptividade normal Igual, diluindo a potência concentrada extratemporalmente e reduzindo o lampejo sintético da intuição à exposição sucessiva em termos racionais. É preciso, por isso, ter forças suficientes para impedir que escape o indomável dinamismo do fenômeno, e para regulá-lo de modo a conduzi-lo ao plano normal, traduzindo conceitos e sensações na linguagem comum, a fim de que também os outros possam desfrutar o devido rendimento espiritual. E necessário, ademais, tornar tudo acessível e compreensível. Na maioria das vezes os místicos renunciam a tal empreendimento, confessando que não existe na linguagem humana imagens e palavras adaptáveis a esse fim. É-nos necessário encontrá-las. Impõe-se-nos exprimir o inexprimível.

É necessário saber fazer tudo isto, sem interromper o trabalho para viver, o que é dever de todos, significando saber manter exteriormente a conduta, freqüentemente tão banal. Significa continuar provendo as necessidades do corpo, dominando muitas exigências que quereriam tudo para si, sem deixar tempo nem lugar para o resto na alma. E preciso escrever à noite, porque de dia não sobra tempo, e porque muitas coisas e pessoas existem, inúteis geralmente, que só sabem fazer-nos perdê-lo. E, enquanto as infinitas mazelas do contingente continuam a acabrunhar-nos sem cessar, as cataratas do céu permanecem abertas, pois se esgarçaram as névoas e, através dos dilacerados véus do mistério, o tremendo infinito continua a olhar-nos. O pensamento de Deus está presente, acumula-se e faz pressão. A mente entumece e deve descarregar, exaurindo nos escritos os conceitos, se não quiser explodir. Eles ardem e não se pode contê-los por longo tempo na alma. São irrequietos, de um indomável dinamismo, turbilhonam, esmagam, aturdem a mente, querendo explodir e manifestar-se, e não dão paz, enquanto não se fundirem no registro da palavra escrita. A voz interior troveja. Como fazê-la calar? Todo o ser arde. Como parar?

Esta breve pausa é para que o leitor sinta em que atmosfera de incêndio nascem estes escritos. Podemos agora retomar o curso de nossa observação.

Quem tiver seguido todos os volumes da obra até aqui poderá ter notado a crescente limpidez das visões e a precisão dos seus delineamentos. Que extraordinário esforço de elaboração íntima foi necessário para chegar até aqui! De tudo quanto dissemos, pode-se concluir que nós, seres pensantes, enquanto corporalmente constituídos, situamo-nos no universo físico, que é o resultado do processo involutivo que se denomina na criação - matéria. Estamos situados naquela parte do Todo que representa o desmoronamento do sistema, mas já dirigidos para o caminho oposto - o evolutivo, o da sua reconstrução. Como espíritos, somos filhos de Deus, centelha Sua sempre, e, ainda que almas em expiação regeneradora, destinadas à redenção final, não permaneceremos indefinidamente em um universo desmoronado para sempre. Ao contrário, essa centelha, que no fundo de nosso espírito trabalha para voltarmos a Ele, tem função saneadora. E, em que consiste esse saneamento? Se a doença é representada pelo processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$[6], a cura representa o processo inverso $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ isto é, a espiritualização, cuja fase evolutiva culminante - a mística sublimação - estudamos aqui.

A esta altura é necessário clarear a mente do leitor, no sentido de que, se na queda dos anjos e desmoronamento do universo só levamos em conta o processo

[6] α (alfa), β (beta), γ (gama) $\rightarrow$ (vai para). (N. da E.)

$\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, foi somente para simplificar, tornando assim mais fácil a compreensão. Se assim não fosse. poderiam surgir dúvidas em face da figura 2 do cap. XXII de *A Grande Síntese,* na qual, além das fases α, β, γ, foram tomadas em consideração fases superiores como +x, +y etc., assim como inferiores -x, -y etc. Falando no presente volume apenas de α, β, γ, fizemo-lo para que, com brevidade, tomássemos a grande equação somente na sua forma mais simples *(A Grande Síntese,* cap. IX). Desta forma ilustramos a fórmula do ciclo fechado e não a mais complexa do ciclo aberto *(A Grande Síntese,* cap. XXIII), que nos permitiu no gráfico (fig. 3) a curvatura do sistema com a derivação da espiral pela linha quebrada. Todavia, havermos nós limitado o campo de observação somente por comodidade de compreensão, não impede que, saindo do ponto de vista espiritual para entrar no filosófico-matemático, possamos considerar a queda dos anjos a partir de fases superiores como +x, +y, +z etc. e a reconstrução, subindo de fases inferiores, como - z, - y, - x. O fenômeno da queda e ascensão permanece idêntico qualquer seja a relação que se opere em suas oscilações interiores, pois que procede de $+\infty$ para $-\infty$ e ao contrário (como na referida fig. *2)* isto se verifica entre o infinito positivo e o negativo, entre os quais podemos seccionar e assim isolar uma parte qualquer do fenômeno. Qualquer seja a amplitude que quisermos dar-lhe, ele se reduz sempre a um desmoronamento de dimensões e a uma reconstrução dos mesmos. A queda dos anjos significa, em verdade, desfazimento do potencial da substância da fase α - espírito - para a fase mais involuída β - energia, àquela ainda mais involuída γ - matéria. Mas, pode-se partir e chegar quer no processo de ida, quer no de volta, de fases superiores e inferiores a essas. Evitamo-lo porque, ainda que possível como abstração filosófico-matemático, implicaria conceitos além do nosso concebível, que não abarca senão as três fases α, β, γ, constitutivas de nosso universo.

O desmoronamento é para nós imaginável como a passagem de uma fase espírito a uma de energia e depois a uma de matéria, com suas dimensões relativas: consciência, tempo e volume, enquanto temos sob observação a evolução das dimensões (*A Grande Síntese* cap. XXXV e seguintes) em sentido inverso. Por outras palavras, temos a matéria γ, completa na dimensão volume, evolver para energia (que se poderia denominar uma espiritualização em relação à matéria) situada na dimensão tempo; e a energia evolver para a fase vida, que culmina no psiquismo humano, situado na dimensão consciência.

Mas um desmoronamento a partir de dimensões superiores a estas e uma reascensão a partir de dimensões inferiores escapa aos nossos meios conceptuais de representação. Evitamos, destruição forma, recorrer a elas para não penetrarmos no inconcebível.

E, todavia, necessário insistir em que, na realidade, o desmoronamento não é apenas dado por $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, mas por $+\infty \rightarrow -\infty$ e, inversamente, a reconstrução (evolução atual) não é representada somente por $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, mas por $-\infty \rightarrow +\infty$. A fig. 2 de *A Grande Síntese* examina apenas o curso interior do fenômeno ascensional: $-\infty \rightarrow +\infty$, isto é, um pormenor que aqui não interessa mais seguir, pois que já foi estudado em *A Grande Síntese,* O processo destrutivo e reconstrutivo do Todo, como aqui o estudamos, dilata os seus limites bem além daquele, que ali foi examinado em particular, porque se referem ao nosso universo, isto é, ele é mais do que: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ *(A Grande Síntese* cap. IX: "A Grande equação da

Substância"), em que ω representa o nosso universo. Ele é dado por Δ = +∞ → −∞ → +∞, em Δ exprime o Todo, organismo-universos. Considerando Δ em *A Grande Síntese*, observa-se apenas o progresso evolutivo atual de nosso universo, isto é, −∞ → +∞. Somente no presente volume – Deus e Universo -, ser-nos-ia possível encarar todo o fenômeno completo no seu ciclo que, partindo de +∞, completa-se pelo retorno a +∞.

Prossigamos. A queda do ser não significa somente desmoronamento de dimensões, mas igualmente o de todas as suas qualidades, na posição inversão. E, pois, natural que a primeira delas: a liberdade se transforme em escravidão. Agora verificamos precisamente isto: a característica da matéria, situada na dimensão inferior, volume, em que o espírito se despenha (forma espacial), é justamente o determinismo; e a característica do espírito situado na dimensão superior, consciência, é exatamente a liberdade. Esta condição de determinismo na matéria representa, pois, a posição dos espíritos decaídos. Estes são, assim, precipitados de sua natural liberdade na prisão da forma, na condenação de não poder viver senão em um corpo. Evolver, espiritualizando-se, significa inverter a posição, isto é, aprender a viver sem ele, a dele desprender-se sem mais considerá-lo como a própria vida, mas apenas como uma negação desta. Se se atentar para como esta é concebida em nosso mundo e que apego se tem neste pelo corpo e seus bens, compreender-se-á então quão longe ainda estamos de libertar-nos do mal e da dor. Para um espírito elevado, sujeitar-se a uma vida física humana representa a maior pena, mas mesmo assim grandes espíritos a aceitaram para ajudar-nos a subir e redimir-nos. Ser condenado a viver a vida eterna fragmentada em uma infinidade de pequenos ciclos, com a morte ao fim de cada um, é realmente a dor merecida para quem tentou despedaçar o Todo, negando a Deus e, por isso, a própria vida maior. Desta forma Ele se despedaça, sujeitando-se a despedaçar-se em cada morte.

O desmoronamento do sistema com a queda dos anjos se nos apresenta como um processo pelo qual as criaturas são projetadas do centro à periferia, distanciando-se de Deus. E viver na periferia do sistema quer dizer perda e inversão das próprias e melhores qualidades. Em tudo isto domina uma lógica tão sólida que parece mecânica. Se o sistema representa liberdade no centro, mais determinístico se torna, quando caminhamos para a periferia. Se no centro está a vida, na periferia encontramos a morte; se no centro está a verdade, na periferia há erro e mentira; se no centro há paz, na periferia há guerra. Estas afirmações se evidenciam na realidade de nosso mundo. Efetivamente, quanto mais periférico for o ser, isto é mais involuído e primitivo, tanto mais precária lhe será a existência. A vida supre essa precariedade com maior fecundidade, que redunda em mais rápido ritmo vida-morte individual isto é, em um fracionamento mais acentuado da única vida eterna. A existência torna-se, então, menos segura e garantida, com o ser mais sujeito à dor da morte. Mas tal é o seu reino. A única via de evasão é retroceder para o centro, caminho evolutivo ao longo do qual a natureza corrompida reconstrói as suas qualidades originárias. E quanto mais o indivíduo evolve, quanto mais se alça aos planos superiores da vida, tanto mais esta tende a ser longa e segura, menos sujeita à dor e ao despedaçamento pela morte.

Mas esta não é a única aflição que constringe o ser. A feroz lei da luta pela seleção, dominante no mundo animal e vegetal, a que não se furta também o homem

não passa de uma conseqüência da posição periférica. Só assim se compreende o porquê da sua existência e de que modo se pode superá-la. A observação nos mostra que ela é mais feroz, quando se desce nas posições involutivas ou periféricas, onde é maior o separatismo, a cisão, o antagonismo, a agressividade, conseqüências da fragmentação do sistema com o afastamento do princípio Uno: centro-Deus.

Matar ou ser morto é a única razão possível, seja para o animal, seja para o homem involuído. Lógica terrível, porque ao ser não resta outra forma de vida, senão na matéria. Um infalível índice das qualidades involuídas de um indivíduo está no seu espírito de agressividade. O litigante, ainda que goste apenas de polemizar, é sempre um primitivo. O evoluído, ao contrário, sabe compreender o inimigo, sabe perdoá-lo, procura fraternizar com ele e foge a disputas. Ele julga e busca os pontos de contato para unir-se. O involuído agride antes de compreender, porque a sua lógica é unicamente a luta, não sabe pensar senão com o assalto para conseguir compreender. O sistema de Cristo é evidentemente o do evoluído, o Evangelho ensina-nos o caminho de retorno ao centro-Deus, reconstruindo-nos e libertando- nos.

Assim, também a ciência analítica, o sistema racional são mais periféricos que a síntese e o método intuitivo, que concebe por visão. É evidente o processo de unificação conceptual, que se obtém subindo da primeira forma mental, mais separatista e fragmentária, à segunda, essencialmente unificadora. Somente esta orienta cada problema no seu conjunto, desde o início. E um problema bem orientado e enquadrado já está meio resolvido.

Em suma, o homem periférico está mais deterministicamente sujeito à Lei, dado que a ignora e a ela se sujeita sem conhecê-la. E, assim, menos livre, menos provido de livre arbítrio, qualidade do evoluído. Enquanto este é autônomo, as massas humanas, contrariamente, são como rebanhos impelidos pelos instintos, fios através dos quais a Lei os dirige. Quanto mais evoluído for o indivíduo, tanto mais sabe manejar estes fios que movimentam os instintos e paixões, dos quais é senhor. Desta maneira, torna-se independente da submissão e, se obedece à Lei, o faz porque a compreendeu e preferiu segui-la. A sua harmonização na ordem é consciente e espontânea. Obedece, porque compreendeu. Torna-se ele, assim, um súdito de grau superior, que colabora conscientemente, não o fazendo por força ou pelo temor de punição. Trata-se de uma posição inteiramente diferente na hierarquia dos seres, muito mais vizinha do centro, resultando daí que todas as qualidades da criatura se traduzem em bem e alegria. Esta transformação é fatal, como fatal é a reconstrução do sistema desmoronado. Quanto mais involuído for o ser, havendo perdido no desmoronamento a própria liberdade, tanto mais está sujeito ao determinismo da Lei, que quer a evolução, isto é, tanto mais é compelido pelas forças da Lei a evolver, em face da sua ignorância. Quanto mais evoluído for o ser, tanto mais terá retornado à liberdade, tendo adquirido consciência da Lei, seguindo-a espontaneamente, sem mais constrições, porque compreendeu que nela estão seu interesse e felicidade.

Deus, que respeita o princípio de liberdade, jamais obriga alguém a aceitar a Sua Lei; entretanto, nos graus mais involuídos, após a liberdade haver desaparecido pelo desmoronamento, Ele prossegue impulsionando.

Mal, porém, ela começa a reconstruir-se e a criatura pode compreender, Deus faz com que, através da própria experiência, ela conclua que na Sua Lei residem o interesse e a felicidade e que fora dela existe apenas a dor. Assim, pois, qualquer seja a posição em que o ser se encontre, quer de involuído, quer de evoluído, da pedra ao

santo, uma impulsão existe sempre, que atua constantemente no sentido de sua evolução. O sistema desmoronado tende sempre automaticamente a reconstituir-se. Automaticamente, porque a presença de Deus é imanente no sistema.

Eis os maravilhosos resultados da evolução: espiritualizar-se, desmaterializar-se, sensibilizar-se, transferir o próprio centro de vida consciente cada vez mais na profundeza do "eu", onde está a centelha divina, que é a causa da existência.

Que ensinam todas as religiões senão um afastamento permanente do mundo periférico, para que nos avizinhemos do centro? É' necessário compreendermos o que isto significa e qual a utilidade da virtude para que devamos segui-la. Trata-se de nos afastarmos das ruínas de um universo desmoronado no qual nos encontramos imersos corporalmente, destacarmo-nos de sua forma de vida animal, para aprendermos a viver uma vida diversa, a vida do espírito, que contém a parte íntegra do ser, tanto menos corrupta, quanto mais nos aprofundarmos ativamente em plena consciência, no interior do "eu", até aí encontrarmos Deus. Despertar até esse ponto, eis o problema. E nada mais há de melhor que a dor para despertar a alma que, na realidade, desejava esquivar-se às provas, furtar-se ao esforço e aguardar no ócio.

Quanto mais se descer na via involutiva, tanto mais profundamente Deus se oculta na intimidade do ser. De fato, quanto mais se involve, tanto mais desaparecem as qualidades de Deus: liberdade, sabedoria, Amor, que reaparecem com a evolução. Subindo do mineral à planta, verificamos o aparecimento de uma vida vegetativa mais ampla; com o animal, surge a vida sensória e o movimento mais livre; com o homem desponta a vida psíquica que alcança um conhecimento maior, e assim por diante, Torna-se evidente o processo de liberação do espírito, que volta a encontrar as suas qualidades originárias, que reconquista pouco a pouco. O férreo determinismo da matéria atenua-se e, paralelamente, cresce o livre arbítrio, com um campo de ação cada vez mais vasto. A matéria é um ciclo fechado de energia, nela coagulada e aprisionada. Com a evolução da matéria para a energia, esse ciclo se abre. É a libertação do férreo determinismo das trajetórias atômicas. O processo $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$ é um processo de liberação e espiritualização, é a retificação da inversão e a reconstrução do edifício desmoronado. A ascensão culmina no estado α em que o edifício se reconstitui em unidade, como era no estado originário, o ponto de partida.

Em todo esse processo não nos esqueçamos de que Deus, que estava em todas as Suas criaturas, não cessou de existir nelas, mesmo na profundeza de sua decadência. Apenas Ele e mais ou menos latente nelas, está mais ou menos imerso no seu íntimo, e tanto mais distanciado de sua consciência ativa, quanto mais baixo elas se encontram, isto é, involuídas, mergulhadas e presas em uma forma de matéria. A trajetória atômica fechada exprime esse aprisionamento da liberdade de movimentos que aí é mínima, na energia se abre e no espírito é máxima. É nessas trajetórias fechadas que a liberdade ilimitada do espírito caiu e está aprisionada. A matéria, de fato, é o reino de Satanás, que aspira à Terra e jamais ao Céu, tendo-o Dante colocado, no fundo com seu inferno, no centro do planeta. Tudo isso tem um significado, pois que, para esse ponto, convergem e nele se encontram todas as negações das qualidades de Deus e dos espíritos eleitos, como sejam escravidão, ignorância, ódio, trevas etc. O reino de Satanás está no relativo, no tempo, isto é, na eternidade despedaçada. O reino de Deus está no absoluto, no eterno, fora do tempo que divide.

O desmoronamento do universo é, pois, a queda do espírito na matéria, ou

seja, a formação desse invólucro que aprisiona o espírito rebelde. A luta entre corpo e alma é, para o homem, a luta evolutiva da sua liberação. Mais abaixo ainda existem seres prisioneiros de formas bem mais densas, em que a escravidão é cada vez mais pronunciada. Mais em baixo se encontram os animais, depois as plantas, depois as pedras. O homem está a meio caminho. Outras criaturas, das quais os santos nos dão uma idéia, encontram-se mais acima. Mas em toda parte, mesmo no âmago do espírito de Satanás, Deus está presente, e, com a Sua presença, Ele impele todos os seres a retornar a Ele, ativando-os, atraindo-os, chamando-os. E esta Sua universal imanência que torna ao ser possível palmilhar de volta o caminho da evolução para reconquista o paraíso perdido. Toda a virtude do sistema está em saber restabelecer-se. No íntimo da criatura, por mais corrompida e entenebrecida que seja, por mais sepultada que esteja na matéria por involuída, existe sempre a centelha originária de Deus, que, destacada do Pai que a gerou, constitui a razão de ser da existência. A antiga nobreza de origem pode estar recoberta de todas as imperfeições e de todas as culpas, mas permanece indestrutível, porque é divina.

Tais são as criaturas! Eis o que é o homem! Por este motivo todos os seres são irmãos, ainda quando o despedaçamento do Uno, no desmoronamento, os tenha tornado inimigos. Irmãos, tudo o que existe deriva de Deus e, gravitando em torno Dele, como centro, procura a Ele retornar. Deus, no Seu Amor, não abandonou o universo, desmoronado por culpa da criatura, e continua a ser Amor, apesar de tanta ingratidão. Ao homem ignaro, ávido apenas de gozo, desmemoriado da revolta de que nasceu o mal e a dor, isto pode parecer vingança e erro, ou injustiça de Deus. A característica da involução é justamente, porém, a ignorância e a rebeldia. Ele desconhece como Deus está presente para defender-lhe a vida, para dosar-lhe as dores que o eduquem sem destruí-lo, para atraí-lo a Si, na felicidade eterna!

VII

A PERFEIÇÃO DO SISTEMA

Observemos, sob outros pontos de vista e sob outro, aspectos, a estrutura do sistema do universo, para melhor compreender-lhe a perfeição. Esta representa o estado primeiro da criação: o Verbo, isto é, o estado α, um sistema espiritual pronto a transformar-se em ação, β, energia, e depois na forma concreta, γ, a matéria. Este é o estado em que nos encontramos hoje depois da queda, isto é, em um universo material. E nos identificamos tão profundamente com ele, que supomos ser esta sua outra parte corrompida todo o verdadeiro universo. Há, portanto, dois universos: o verdadeiro, de natureza espiritual, perfeito, e uma contrafação sua, imperfeita, o material, em evolução para a perfeição. O primeiro é o absoluto, imóvel; o segundo é o relativo, a caminho. Este tanto ascenderá que, no final dos tempos, se sobreporá ao primeiro e com ele coincidirá. Os dois universos existem para se fundirem porque são um só que se despedaçou com o desmoronamento e que agora volta à união. O Uno,

fragmentado no multíplice, se reconstitui pelo princípio das unidades coletivas, refazendo-se com todos os fragmentos do multíplice no Uno. Este processo é possível porque os fragmentos permanecem intimamente ligados por um fio que é a imanência de Deus. O segundo universo, o material corrompido, não ficou só, não foi abandonado por Deus transcendente, Que continua a considerá-lo o Seu universo, e a trabalhar, no seu íntimo para restabelecê-lo. O quadro é completo, o sistema é perfeito.

Somente com este quadro completo, colocado diante de nossa mente, é que podemos compreender tantos fatos, de outra forma inexplicáveis. Essa é indiscutivelmente a estrutura atual do universo em que vivemos, são essas as razões que logicamente nos confirmam a gênese desse estado de fato. O dualismo universal é a primeira conseqüência tangível que assim verificamos generalizada e cuja origem não se pode explicar, a não ser com os conceitos acima expostos. Desde a cisão máxima - Deus e Satanás, ordem e caos, Amor e ódio, bem e mal, alegria e dor - até às mínimas coisas, cada unidade resulta composta de duas metades inversas e complementares. Já o havíamos afirmado, mas só agora podemos explicar a sua razão e sua origem. É um fato que não se pode ter unidade senão reunindo os dois contrários que a constituem, isto justamente porque, pelo princípio dos esquemas de tipo único, o motivo fundamental da cisão se repete do caso máximo ao menor caso, de modo que o motivo da queda retorna em tudo o que existe. Desta forma, o princípio fundamental do universo pode se observar em qualquer parte, onde quer que olhemos. E o fato de cada unidade só poder constituir-se em todos os casos pela união de dois opostos, indica-nos exatamente que a unidade do universo, atualmente cindido em matéria e espírito, isto é, o Uno não nos poderá ser dado a não ser pela união desses dois pólos apostos seus.

Também o fato da ação humana assumir sempre a forma de luta, que está presente em toda parte, tanto que parece se este a único modo de afirmação, depende do conflito entre os dois princípios contrários do universo. Assim, a percepção não é possível sem o contraste entre dois contrários. Tudo que é pacífico, é estático, como coisa morta. E a gênese é luta e esta é criativa, por que é exatamente no contraste que os dois universos devem chegar a fundir-se, retornando ao Uno, centro genético.

Sem dúvida, é de grande ajuda para a compreensão do sistema do universo essa sua estrutura de repetição de esquemas, de modo que podemos reconstruir o máximo a partir dos menores, feitos à sua imagem e semelhança e que temos sob nossos olhos. Podemos, assim, avizinhar-nos da compreensão do Todo que, de outra forma, constitui para nós um sistema inacessível. Essa possibilidade, que aqui utilizamos largamente, seja para a indagação, seja para a confirmação, nos mostra um outro aspecto do universo a sua organicidade. Há no Todo uma grande harmonia e correspondência de partes o que o mantém unitário e compacto, não obstante a infinita multiplicidade das suas formas. Essa compactação deriva do fato de que a sua diferenciação, a que a vida tende, é uma ramificação a que se inicia sempre na mesma raiz, onde está o tipo modelo da gênese que, embora se diversifique em particulares, permanece sempre aderente aos princípios fundamentais que tudo regem. Assim, o pensamento de Deus, que deu o primeiro impulso ecoa no universo, chega e se repete em todos os seus recantos, por mais remotos que sejam. Quanto mais periférico for o ser, quanto mais se distanciar do centro, tanto mais o eco será amortecido e fragmentado em esquemas menores, mais relativos e mais particulares. Mas esse

pensamento chegará sempre uno, na infinita multiplicidade, tudo atraindo a si e, assim, tudo, por mais pulverizado que esteja, se mantém ligado à unidade.

Quando um fenômeno, por evolução, chegou a produzir-se uma vez, esta nova posição se fixa na manifestação e o fenômeno, quase que por lei de inércia (misoneísmo), tem tendência a continuar reproduzindo-se (a ontogênese recapitula a filogênese) com um ritmo constante, enquanto a elaboração evolutiva, devido ao impulso divino interior, que compele à ascensão, não o modificar ainda através de pressão e martelamento constantes, vencendo, assim, a misoneísmo, que quereria persistir na linha de idêntica repetição. Assistimos, desta forma, a um ecoar fenomênico, rítmico, musical, que mesmo nos contrastes mantém uma harmonia maravilhosa, que alcança características estéticas de suprema beleza. O dinamismo do universo assume, assim, formas que tendem a girar sabre si mesmas, em repetição. E isto se dá por outra razão também: o retorno é a único meio pelo qual o absoluto pode continuar a existir no sistema fragmentado do relativo, como um eterno retorno do espaço sobre si mesmo, como espaço curvo, e a única forma pela qual o infinito pode vir a existir no finito.

Assim, conjugando os pequenos esquemas do nosso contingente aos maiores esquemas do ser, podemos explicar a razão profunda de tantas coisas que todos fazemos, sem saber e sem discutir, tomando-as por axiomáticas. Mesmo nós, em nosso dinamismo moderno, agimos por repetição, rodando apenas mais velozmente do que o passado, em torno dos mesmos pontos. Toda a nossa vida percorre e volta a percorrer sempre os mesmos círculos, repetindo vertiginosamente as mesmas coisas. Não nos colocamos em substância, senão lentamente, mas apenas turbilhonamos mais rapidamente. Se atentarmos para a imprensa, para o rádio, para o ciclo de nossa vida individual cotidiana e para o das grandes cidades, assim como para o da agricultura nos campos e para os ciclos históricos, verificamos que tudo é repetição, que nos movimentamos em derredor de certos pontos, para ficar ali. Parece que, ao lado da curvatura do espaço, existe também uma curvatura do tempo, pela qual o que uma vez foi feito tende a ser refeito (tradição), cientificamente voltado para si mesmo.

Mas o aumento de velocidade de rotação não é estéril, porque produz um mais rápido deslocamento dos pontos de referência, a que significa produzir a elaboração evolutiva, que antes era mais lenta. Se tudo tende hoje a repetir-se sobre o decalque de velhos esquemas, fá-lo, no entanto, a maior velocidade com o resultado de elaborá-los e determinar mais rápida maturação de sua transformação. Isto, porque, encontrando-nos no relativo, não é possível mudar um instinto, uma idéia de nosso "eu", ou seja, mudar o seu esquema, senão com este processo rotário em seu derredor, através da longa repetição que nos transforma por meio da aquisição de automatismos novos em lugar dos velhos. Hoje corremos, pois, não por correr, o que para nada serve, mas para aprendermos a matutar-nos mais rapidamente, através de um acelerado ritmo de sensações e reações.

Voltemos, agora, a observar a estrutura do sistema sob o aspecto mais importante, que é o da sua grande perfeição. Faremos isto em dois momentos, nos quais esta é posta à prova e, por conseguinte, ressalta com mais evidência: primeiro no desfazimento da queda e, depois na mecânica da sua auto-reconstrução.

No primeiro caso, a perfeição a parece-nos na invulnerabilidade do plano que se realiza da mesma forma, não obstante o erro, persistindo intacto. O dano foi reservado somente à parte dos seres que o desejaram, prejuízo que, depois, em face da

bondade inerente ao sistema, reduziu-se a escola instrutiva aos fins da reconstrução, em favor de quem praticou o mal. A perfeição do sistema revela-se exatamente nesta retomada e autocorreção, nesta sua arte de saber transformar um mal em bem. Isto demonstra que todo o sistema é feito de bem, tanto que nele sempre termina; ainda mesmo quando o mal possa ter-se originado em seu interior, ele sabe reabsorvê-lo por completo e reconduzi-lo ao bem. É justamente nesta luta entre o princípio negativo do mal, em que o sistema se corrompeu, e o princípio positivo do bem, que se vê que este último é dominante, mais poderoso, tanto que acaba vencendo. Este é o índice do valor do sistema que, apesar de tanto mal, o bem vence. Poderá parecer o contrário a quem vive imerso no momento de um caso particular. Mas assim não é nas grandes linhas.

O escopo, efetivamente, era levar o ser a Deus e em ambos os casos foi atingido. No primeiro caso, isso acontece por via direta. A criatura reconhece o Pai, ama-O, segue-O e se harmoniza com o sistema. Temos o seu triunfo espontaneamente, em plena liberdade. No segundo caso o fim é o mesmo, mas por via indireta. A criatura rebela-se, separa-se, cai no caos, fora do sistema. Por esse motivo ela sofre, aprende, expia, volve a subir e, se não deseja morrer, deve relutar no sistema, isto é, coordenar-se na sua ordem. Dessa forma, ela alcança igualmente a meta, tendo, todavia de percorrer um caminho mais longo. O sistema triunfa, afinal. No primeiro caso temos o ser, que permanece inocentemente perfeito. No segundo, teremos um ser igualmente perfeito, mas que, chegando à perfeição através de uma via longa e dolorosa, conheceu o bem e o mal e se refez pelo sofrimento. No segundo caso a evolução produzirá um anjo que, através de todos os erros e dores, chegará a ser conscientemente perfeito, com uma sabedoria mais profunda do que a que possuía, se os anjos não se tivessem rebelado e se Adão não houvesse comido o fruto proibido da árvore do bem e do mal. Sem tão dura experiência a criatura também seria perfeita, mercê de um conhecimento diverso, mas, com ela, o anjo decaído e redimido se torna detentor da prova do lado oposto do ser, do negativo. O sistema é, pois, tão perfeito que, suceda a que suceder, o erro se transforma em conquista, a destruição em elemento criador, e o mal se transmuda em bem. Ele cria sempre a bem, mesmo no mal, na dor, mesmo através de Satanás. Tudo o que nele pode aparecer de negativo, devora-se a si mesmo, destrói-se por si e gera a bem. Assim, o sistema termina sempre na perfeição desejada. A primeira dada por um conhecimento intuitivo, sem a prova da dor; a segunda por um conhecimento experimental através do longo e estafante caminho da evolução. A primeira permanecendo intacta, imune à corrupção; a segunda, degenerando-se para depois curar-se. Não importa se o caminho é mais ou menos longo. Esta outra estrada conduz igualmente à meta.

A própria queda dos anjos pode ser atribuída mais à perfeição do que à imperfeição do sistema. Nas páginas precedentes assinalamos as seguintes palavras de Deus à criatura: "Ofereço-te a existência como um grande pacto de amizade". (Cap. IV, "A queda das anjos"). O dom da liberdade, concedido por Deus à criatura, para que ela se Lhe assemelhasse, era completo. Ela poderia aceitá-lo, grata, como poderia ter dito: "Não! Não aceito". A revolta foi o primeiro passo no sentido desta recusa, visto que a tentativa de existência autônoma era, mantendo-se negativa, uma primeira tentativa de não-ser. A insistência definitiva na revolta significava o desejo de anular-se, ou seja, a recusa em aceitar o pacto da existência. É lógico que quem não aceitasse a pacto ficasse fora do sistema, pelo qual, quem não aceita a existência se anula, retornando ao estado anterior à gênese, ao do não-existir. O existir significa a

afirmação na alegria e o não-existir significa apenas uma negação crescente da alegria na dor; por que a ser, mesmo livre, prefere a segunda via?

Tudo, pois, no sistema, concorre para o seu bom êxito, para o triunfo do bem, mesmo o mal e o erro. Um sistema, expressão de um Deus perfeito, não podia deixar de ser perfeito. A lógica impõe, de modo absoluto, a presença dessa perfeição. De outra forma tudo se desmorona e nada mais se explica e justifica. E, no fundo do universo atual, mesma quando em parte continue ele caótico, vemos uma sabedoria profunda que rege a ordem e nela enquadra mesmo esse caos, regulando-o. E a verificação dessa perfeição que nos impõe confiança, porque nos diz que, tudo quanto a criatura faça é por Deus utilizado e guiado para o bem.

❑ ❑ ❑

Verificada a perfeição do sistema no desmoronamento da queda, observemos agora a sua perfeição, na mecânica da sua auto-reconstrução.

O sistema de Deus é o sistema do ser, do "eu sou", do qual Ele é o centro. Dado este esquema do grande organismo, positivo, vemos que a rebelião tentou instaurar em seu seio, para submetê-lo, um sistema de esquema oposto, do não-ser, o negativo que, sendo contrário, não podia representar senão a sua reviravolta, segundo a esquema da "eu não sou". Então, deu-se a fratura. De um lado, o sistema do esquema "eu sou", em Deus, do outra, um contra-sistema do esquema, o do "eu não sou", em Satanás. "Eu sou o espírito que sempre nega", diz Satanás, no "Fausto" de Goethe. E a sua verdadeira natureza, isto é, a estrutura segundo o esquema do "eu não sou , o princípio inverso, segundo o qual Satanás é construído, que lhe inquina o organismo até às raízes e a que o mina, sem cessar, impelindo-o à anulação. Observemos a mecânica desse processo.

Este sistema rebelde é formado de muitos eu sou menores, que, ao invés de coordenarem-se hierarquicamente no sistema de Deus, quiseram isolar-se, formando uma hierarquia oposta de centros autônomos. Podemos imaginar o sistema positivo coma um processo giratório dextrogiro. Ora, esses elementos rebeldes, constitutivos do contra-sistema, podem ser imaginados como tantos outras centras menores que, em vez de continuar rodando nesse mesmo sentido dextrogiro, como impunha o sistema, harmonizando-se com o seu movimento e alimentando-o com o próprio impulso concordante, puseram-se a girar em sentido oposto, sinistrogiro, contra a corrente, opondo-se ao seu movimento, na tentativa de gerar, assim, um movimento contrário, através do qual pudessem dominar o primeiro, para impor o próprio. Puseram-se, dessa forma, a agir como freio e não como impulso, intentando inverter a rota das trajetórias, iniciou-se a desordem, a revolução tendente a transformar a ordem em caos, fenômeno que daí por diante passou a repetir-se de acordo com a mesmo esquema, ainda que em escala menor, estando sob nossos olhos e reproduzindo o mesmo princípio, quer no campo espiritual, quer no campo material, pois que ele continua o mesmo, agora como então. Os dois campos são conexos. E como a criação física procede do pensamento, também o caos espiritual pôde logo transformar-se em caos físico, do qual nasce e continuamos a ver nascer o nosso universo astronômico.

A pretensão era inverter o sistema. Mas esses elementos não eram o centro. Eram planetas e não a sol. E por mais que se coalizassem em um contra-sistema, não passavam do que eram, isto é, centros menores, elementos periféricos. Por mais que

pretendessem ser sois, eram apenas planetas. Era, pois, impossível que o contra-sistema pudesse vencer o sistema. Não lhes restava, então, outra possibilidade, senão a de funcionar como resistência, quais massas negras em um sistema de massas brancas.

Continuemos. Resultou daí um atrito que representa permanentemente a luta entre o bem e o mal. São estas as duas forcas sempre em ação. O único sistema originário, positivo, transformou-se, então, reequilibrando-se, em um duplo sistema, isto é, no conhecido dualismo universal, que vai do plano espiritual ao físico, sistema que podemos conceber como uma quantidade de massas negras navegando em um organismo dinâmico de massas brancas. Mas estas são mais fortes, porque o centro é branco. É, porém, negro o anticentro, em torno do qual gravita a anti-sistema Mas esse pela própria natureza só pode ser um centro negativo, isto é, periférico, uma paródia de princípio, um absurdo geométrico, que exprime exatamente, também no plano físico, a idéia negativa do "eu não sou". Este é Satanás!

Agora que, com esta representação, uniformizando-nos com uma lei de analogia, pudemos transportar para um terreno mais concreto a conceito abstrato da revolta dos anjos, vejamos o que sucedeu.

Estão em luta as duas forças, bem e mal, mas não perfeitamente iguais. Há uma superioridade pelo fato de que o bem é o centro, posição da qual a revolta não o pode despojar. O atrito desgasta os dois elementos, arrebatando do "eu-centro" fragmentos da sua parte periférica, detritos de substância, quer espiritual, quer dinâmica, quer física, segundo o plano em que se observa o fenômeno. Isto porque o modelo de cada elemento é feito de centro e periferia, repetindo-se, assim, no caso menor, o esquema do elemento máximo centro-Deus. Desta forma, quanto mais fortes a choque e o atrito, tanto mais acentuado o desgaste, a que redunda em pôr sempre mais a descoberto a natureza do centro do sistema de cada elemento, ou "eu", que, assim, quando se trata de uma massa branca, se faz sempre mais branco, e, quando se trata de uma negra, torna-Se cada vez mais negra. O resultado da luta e atrito é, pois, intensificar e fazer aflorar as características, a verdadeira natureza de cada um. Assim, na luta o anjo se torna sempre mais anjo e o demônio sempre mais demônio, o santo se aperfeiçoa e ascende, o mau piora e desce.

Esse atrito é dor para ambas as partes. Mas a natureza íntima, tão diversa para os dois tipos, faz com que os seus efeitos sejam apostas como esses tipos são apostos. Podemos ver o processo repetir-se na Terra, entre os seres que, tendo já percorrido um certo trecho do caminho da ascensão, se acham mais próximos dos elementos brancos. Sua dor, que decresce com a subida, é bendita e confortada por Deus, repleta de esperança e sempre mais viva. Ela integra um sistema positivo, em que a dor está desaparecendo, enquanto o problema da felicidade se encontra em vias de solução, porque a vida está caminhando para Deus. Mais acima, os anjos não decaídos se apresentam imunes à dor, que adeja em torno de seus espíritos incapaz de excitar neles as ressonâncias dolorosas a que a nossa natureza corrompida não pode fechar as portas. Contrariamente, a dor dos espíritos inferiores, que permanecem na revolta, é maldita, sem conforto, de esperança cada vez menor, dor que aumenta em cada queda do ser. Ela faz parte de um sistema negativo, em que a dor se potencia e a felicidade se afasta, porque a vida está caminhando para Satanás. Duas dores apostas em sentido oposto. A do santo é sacrifício útil, construtivo, de que se colhem frutos. A do mau é amarga conseqüência da destruição, que a carrega mais de ruínas. A dor do santo bendiz e cria; a do mau é feroz e destrói.

Podemos agora imaginar essas correntes sinistrogiras do mal, navegando às avessas no sistema, em contrário ás dextrogiras do bem. Qual delas vencerá? Indubitavelmente a branca, porque é mais forte. A revolta padeceu de um erro fundamental de estratégia: o de haver confundido semelhança com identidade Deus na Sua bondade para com a criatura e por amá-la, fizera-a semelhante a Ele, mas não idêntica, isto é, da mesma natureza, mas não da mesma potência. A própria estrutura do sistema implicava que Deus permanecesse centro, posição que nem mesmo Ele poderia ter cedido, ainda quando a Seu Amar a tivesse desejado porque então o sistema inteiro ter-se-ia alterado. O erro dos rebeldes estava justamente inserido em sua natureza egocêntrica de "eu sou", como uma conseqüência sua, direta, pais que consistiu em sua dilatação exagerada, a ponto de iludir-se, acreditando que semelhança pudesse vir a ser identidade. Efetivamente a ela nada faltava como qualidade faltava um pouco somente como quantidade. Foi essa quantidade que o orgulho admitiu que pudesse criar, por meio da potência do próprio "eu sou", retirando-a desse "eu" já tão divinamente poderoso. Enganou-se, porém. Era absurdo o que pretendia. Mas a identidade estava ali, a meio passo, tão vizinha da semelhança que o "eu sou" da criatura deixou-se arrastar pelo instinto inato de dilatar-se. Quis nivelar-se a Deus e, ao invés de engrandecer, estourou. Eis o grande erro, causa da ruína. Tudo é lógico e compreensível, especialmente a nós, criaturas hoje numa situação que é oriunda desse erro e pelo qual, com tanta freqüência, somos ainda levados a repeti-lo, iludidos pela mesma ilusão psicológica e colhendo os mesmos frutos dela.

Isto esclarecido, podemos indagar: através de qual técnica a sistema é tão bem capaz de reconstruir-se? A resposta, para ser dada, exige que, prosseguindo o exame iniciado, perguntemos ainda aonde vão findar, a que ponto do sistema se dirige aquela parte de substância que, no atrito e na luta, se destaca da periferia dos "eu" componentes? Ela assumirá naturalmente o sentido dextrogiro, que é a mais forte no sistema, em virtude de ser a única alimentada pela irradiação dinâmica do centro - Deus, positiva e que está pronta a atrair e arrastar em sua órbita tudo quanto ainda não se mantenha unido à corrente aposta, visto que o contra-sistema também possui o seu anticentro, antagônico, de ação inversa, cuja irradiação é negativa, obscura, destruidora, atracão invertida, que repele. Tal é Satanás. A substância, assim repelida pela atracão negativa do anticentro, inverte a sua direção tornando-se positiva, a favor do sistema positivo. (O primeiro germe destes conceitos encontra-se no capítulo X - "O Problema do Mal" - da volume *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*). Sucede, então, que essa poeira de substância, que se destaca, é atraída para Deus e inserida no circuito positivo do sistema, com este resultado final: o contraste entre as elementos dos dois sistemas apostos só pode operar no sentido de um desgaste e empobrecimento crescente de substância do sistema negativo, em favor do sistema positivo, que cada vez mais ganha em substância. Isto conduz o processo fatalmente a propender para o aniquilamento do sistema negativo e domínio absoluto do sistema positivo. Como se vê, esta realidade é inerente à natureza do sistema positivo, o primeiro a existir e o último a triunfar. O princípio e o fim vêm, assim, a coincidir no imóvel absoluto do Deus transcendente. Que está fora da forma e do tempo, independente da Sua manifestação no universo criado. Em conclusão, podemos afirmar que não há dois sistemas iguais e contrários, mas, no fundo, um único sistema: Deus.

Eis a maravilhosa técnica do processo de auto-reconstrução do universo. Tudo desmoronou no caos, mas a caos sabe reconstruir-se na ordem. Que melhor prova existe para a imanência de Deus? O princípio positivo não abandonou o anti-sistema negativo. De que outra forma poderia este, feito de substância negativa somente capaz de destruição, reconstruir-se, isto é, agir inteira e contrariamente à sua natureza? Assim, se o processo evolutivo realmente funciona e determina o bem, o mal deve estar em decréscimo. Ele, vivendo, desgasta-se e tende a morrer. O bem, ao contrário, com a vida, revigora-se e tende à gênese. O mal pode parecer em crescimento, num determinado ponto do universo, como a Terra, em conseqüência da ascensão e chegada de elementos inferiores. Mas, no todo, o mal, com a existência, devora a si mesmo, em razão da própria natureza e estrutura, e só mediante esta condição pode existir. O mal, como o bem, no universo, assim como na Terra, não está uniformemente distribuído e o aparecimento local do fenômeno pode iludir-nos quanto ao seu destino real, que está fatalmente traçado.

E, então, surge naturalmente em nós uma última pergunta: qual a sorte final dos espíritos maus? O seu sistema os conduz automaticamente ao aniquilamento, que representa o seu triunfo, a morte da alma, verdadeiro inferno eterno, porque, para o ser, a pena máxima está no não-ser. E a criatura que renega a Deus, não pode ter outra sorte. Mas, será possível que um ser livre queira, em seu prejuízo, fazer da liberdade um desastroso uso? Será possível que ele queira agir tão loucamente, que possa resistir à tortura crescente da dor máxima, que é a agonia espiritual, sem mudar de rumo?

O universo é um organismo em que, como no corpo humana, uma solidariedade de todos os elementos componentes compele as células sãs e mais evoluídas a tentarem todos os meios de conseguir a cura ou salvação das células patológicas do sistema, que fazem dele um ser enfermado de rebelião. Será possível, então, que a ser possa resistir a todas as infinitas ocasiões que se lhe oferecerem, possa resistir a todas as amorosas solicitações e amparos, através dos quais os espíritos bons e eleitos se prestam a sacrificar-se por amor à redenção daqueles seres que se transviarem? Será possível chegar a tamanho absurdo?

Se isto se der, então o ser, que assim o quis, ficará no inferno eterno da negação da existência, em que o "eu" desaparecerá consumido em pó, e será refundido no sistema do bem. E, então, como havíamos concluído que não existem, na realidade, dois sistemas contrários, mas um só - Deus -, assim, também, podemos concluir que o inferno eterno existe como possibilidade, mas que, como disse um santo, não podemos estar certos de que nele possa haver alguém. Ele existe, pois como uma possibilidade teórica do sistema, sem que estejamos em grau de saber se esta pode transformar-se em realidade. (Este assunto será melhor desenvolvido no Cap. X: "A teoria do desmoronamento e as suas provas"). Sabemos, com certeza, apenas que Deus é a absoluta potência do bem. Devemos daí deduzir ser impossível que, ao cabo, o bem não sobrepuje todo o mal, tornando-se senhor absoluto. Se do mal restasse um átomo que fosse, o plano de Deus não teria vencido. Sabemos com segurança que Deus é bondade e que a criação é um ato do Seu Amor e que, pois, se um só átomo lhe escapasse, Seu plano teria falido. Sabemos, assim, que é impossível que, ao fim, a Seu Amor não vença a tudo e a todos, envolvendo no Seu amplexo todo o criado.

❑ ❑ ❑

A esta altura pode surgir uma objeção. É verdade que a universo está destinado à reconstrução e se reconstruirá. Todavia, se o sistema é perfeito, que garantia nos oferece ele que a queda não se repetirá? Observemos; a parte caída está, por enquanto, ligada ao processo evolutivo. Quem quisesse involuir, ao invés de evoluir, se exporia ao aniquilamento como individualidade própria. Estaria, pois, eliminado. Mas temos visto (e ainda melhor o veremos no cap. X), como o egocentrismo de cada "eu" deva terminar com a compreensão de que este caminho é contraproducente e desvantajoso, já que o ser está destinado à salvação.

Depois, há a parte dos espíritos não decaídos que se permaneceram puros por obediência, aplicando, em seu benefício, a sabedoria de Deus, que os guiava, estão agora assistindo ao calvário do ser decaído. Eles estão vendo as conseqüências do desmoronamento e têm, diante de tal exemplo, uma experiência própria adquirida indiretamente. Após essas duras verificações, é impossível possam pensar em repetir, com seu prejuízo, uma tão terrível prova, sob a qual estão caídos os espíritos seus semelhantes.

Ao termo do processo reconstrutivo da evolução, a parte dos espíritos caídos, agora redimidos, volta ao estado anterior através da experiência do bem e do mal, que serviu como exemplo para todos, inclusive aos espíritos não caídos

Todos, pois, acabam adquirindo a mesma experiência. Ora, a parte redimida não se cuidará de novas desobediências, porque provou as suas conseqüências. Ela conserva um conhecimento direto. A outra parte - os não caídos - tem um conhecimento indireto, reflexo. Não é possível haja novas quedas, embora todos permaneçam inteiramente livres. Chega-se, assim, a um determinismo superior: o do ser convicto, a quem o conhecimento ensina que só há um caminho, também livre, que se possa seguir e que é a adesão à Lei.

Podemos compreender tudo isto, reduzindo o fenômeno, que se situa para nós em planos inconcebíveis, às dimensões exíguas da razão humana. Aparece-nos, então, um novo aspecto da maravilhosa perfeição do sistema: o de que o mal causado pela revolta se transforma em bem, o que constitui uma experiência vital também para os não caídos, destruindo-se definitivamente "para todos" qualquer possibilidade de novas quedas.

VIII

SOLUÇÃO ÚLTIMA DO PROBLEMA DO SER

Pouco a pouco a nossa descrição progride, a visão se faz mais completa, também no intelecto do leitor, ao qual estamos aqui fazendo uma exposição racional. Não quisemos conferir a esta uma forma sistemática, como sói acontecer quando se apresenta um processo psicológico de quem escreve, cristalizado nos seus resultados finais, sem demonstrar o seu desenvolvimento genético. Preferimos aqui começar a descrever a visão à medida que a observamos, de modo que o leitor pudesse seguir o desenvolvimento, segundo o qual ela, embora instantânea em sua natureza, apareceu progressivamente em nossa mente . Assim procedemos, não só para facilitar a

compreensão, mas também para facilitar ao leitor acompanhar igualmente o fenômeno psicológico do registro da visão, como na realidade ocorreu. Tudo isto, porque, não significa que, por não ser sistemática, a exposição não possua um encadeamento lógico, porque toda a visão é substancialmente um processo lógico.

Certamente, a psicologia racional, que é a forma da mentalidade hodierna e, por conseguinte, da maioria dos leitores, está muito distanciada da forma mental intuitiva, por meio da qual as visões são percebidas. Por isso mesmo, procuramos sempre reduzir tudo aos termos da psicologia racional, a fim de colocar-nos no plano no mental do leitor. Em verdade, o crítico extremado poderia objetar que os dois princípios fundamentais - amor e liberdade - sobre os quais se eleva o edifício conceptual atrás exposto, são absolutamente incontroláveis. Eles aqui são aceitos como axiomas não demonstrados, conseqüência do método intuitivo. Não é preciso demonstrar a quem vê que a luz existe. Mas nós queremos aqui colocar-nos de acordo com a psicologia corrente. Limitamo-nos, pois, a aceitar a intuição apenas como hipótese de trabalho. Apresentar o pensamento sob esta forma significa torná-lo mais compreensível e aceitável, em nosso tempo. Podemos, assim, encarar toda a visão como uma hipótese de trabalho. Não importando se se trata apenas de forma. O importante é conseguir a exposição de um quadro completo e pormenorizado, que resolva todos os problemas do ser.

Continuando a proceder com esta psicologia, poderemos dizer que, só quando os fatos confirmarem a hipótese, é que a aceitaremos como verdadeira. Teremos, assim, assumido a atitude que coincide com a psicologia hodierna, e o leitor poderá, então, ler estes capítulos com esta mentalidade, sem que nada se altere Permaneceremos, desta maneira, obedientes aos requisitos científicos da pesquisa. O leitor que ama e escolhe esta forma mental, deverá, porém, admitir que. se tal via fosse seguida pelo escritor nada teria quem sabe depois de quanto tempo! Se ele chegou logo à visão completa do quadro resolutivo e das conclusões, é necessário aceitar que isto só se deu em virtude do método da intuição e as concepções sintético-intuitivas, e não analítico-racionais. A resultados tão amplos quanto estes não se chega nunca com a observação e a experimentação, através da hipótese e da razão. É necessário admitir que conquanto a solução dos últimos problemas deva aqui sei apresentada em forma racional, ela só poderia ser obtida por via intuitiva.

Pode-se objetar contudo que a intuição também está sujeita a enganos, necessitando ser controlada. Por esse motivo ela não pode ser erigida em método de uso corrente, mas é também verdade que o uso corrente bem pouco descobre de novo, limitando-se, freqüentemente, a demonstrar e a aperfeiçoar o que foi apanhado pela intuição. Assim, só nos resta aceitar a intuição, quando o indivíduo sabe alcançá-la, submetendo-a depois ao controle, para verificar se os seus resultados coincidem com a realidade. Os exemplos que aqui aduzimos, retirados do mundo dos fatos, estão sempre em favor da visão. O leitor poderá buscar outros, contanto que cuide antes de compreendê-los bem e enquadrá-los no sistema, para verificar se há correspondência. Trata-se de colocar, como no quadro de um grande mosaico, cada peça no seu justo lugar para obter a imagem perfeita.

Por estas observações o leitor poderá compreender como a forma racional aqui usada é uma tradução da visão em uma outra linguagem, o da forma mental racional. Poderá, do mesmo passo, compreender que a psicologia de absolutismos axiomáticos, com que algumas afirmações são aqui feitas, não é uma inconsistente

pretensão de verdade, mas que deriva da sensação do absoluto verdadeiro que se passa com todo aquele que contemple qualquer fato por percepção direta. Ora, quem aqui escreve não pode fazer sentir ao leitor esta sua sensação. Não lhe resta, assim, outro recurso que não seja o do raciocínio e da demonstração indireta, como àquele que tivesse de explicar a um cego um panorama que tenha diante dos olhos. O leitor poderá, assim, compreender quão estranho deve parecer a quem se encontra imerso em uma visão, ter de apresentá-la como hipótese de trabalho. Entretanto, ele deve saber exprimir-se também nessa forma, se quiser ser compreendido.

❑ ❑ ❑

Chegados a este ponto, podemos dizer que temos sob os olhos um quadro suficientemente completo da criação, para poder contemplá-lo no seu conjunto. Também *A Grande Síntese* nos apresenta esse quadro, mas dentro de limites mais restritos. Ela não vai além dos confins de nosso universo, não lhe aprofunda as origens. Comprovando a existência de uma Lei, cujo funcionamento e desenvolvimento estuda, não explica as razões pelas quais ele tenha tomado a sua forma atual. E de *A Grande Síntese,* o volume *Ascese Mística* só aprofundou e desenvolveu o estudo particular de uma fase da evolução: o superconsciente intuitivo, especialmente no misticismo. No presente volume a visão se dilata para além da criação atual, da qual se vêem os precedentes, as causas e o significado, em um sistema mais vasto, qual é o sistema do absoluto, o sistema do Todo, o sistema de Deus.

Voltemos a contemplar a visão no seu conjunto, nos lampejos da síntese. O homem racional, positivo, poderá tomá-la como hipótese de trabalho, para fazer o seu controle nos pontos acessíveis ao homem, já que se trata de uma projeção analógica do esquema universal em nosso plano de existência.

Antes que qualquer coisa tivesse princípio, fora do tempo, nascido depois, existia Deus que foi, é e será sempre o Todo, ao qual nada se pode tirar, nem acrescentar, mesmo em sua criação, que não pode estar acima ou além, mas sempre, como Sua emanação. Sua característica fundamental era o amor, qualidade pela qual se exprime a natureza de Deus, princípio de que derivam todos os outros, primeiramente a liberdade do ser e, depois, as outras como o bem, a bondade, a harmonia, o poder, o conhecimento, a beleza. a felicidade etc., em suma, tudo o que de mais belo e melhor o ser possa imaginar. São princípios que o homem encontra instintivamente em si mesmo, aceita como axiomas e segue sem discutir, com ardente anelo. Ninguém necessita de demonstração para obedecer a tais impulsos, que são inerentes à natureza humana. Afinal, tudo isto faz parte do absoluto, que está além da razão, e da qual com esta só nos é dado controlar as conseqüências, em nosso relativo que no-lo confirma. Admitir o princípio de Amor, tudo o mais procede logicamente. À razão não pede mais do que admitir esse princípio, o que, aliás, é instintivo. E o quanto basta para o desenvolvimento lógico ulterior.

Deus, causa primeira sem causa, não tem princípio nem fim e tudo gera sem ter sido gerado. Deus simplesmente "é", e tudo Ele "é", não encerrado no limite de nenhuma dimensão. As várias dimensões nascerão depois, entre as quais o tempo e o espaço, apenas como limites do ser, enquanto Deus é o ser sem limites. Eis, então, que Deus transcendente, que "é" acima e independente de qualquer criação Sua, acima da

atual, como de qualquer outra possível, eis que Deus realiza, com respeito à atual, a Sua primeira criação, feita de espíritos perfeitos. Ele destacou do Seu seio, por Amor, seres feitos à Sua imagem e semelhança, para amá-los, incluindo-os na Sua própria felicidade. Isto ocorreu segundo um sistema, cujos princípios fundamentais eram aqueles mesmos que observamos na natureza do Pai, que os gerara. Nesse sistema tudo era feito à Sua imagem e semelhança: Ele era Único e tudo encerrava, nada havendo fora e além Dele e dos Seus princípios e perfeição.

Ora, dada a liberdade do ser, inata no sistema, por ser da natureza de Deus, de que ele proviera essa primeira criação perfeita degenerou, em conseqüência da revolta examinada nos capítulos precedentes. Parte dos seres permaneceu íntegra, incorrupta e assim se conservou sempre, mantendo-se no sistema perfeito originário, por haver aderido livremente ao Deus transcendente, outra parte rebelou-se e, por isso, corrompeu-se, dando origem a um segundo sistema, derivado e imperfeito, invertido, de oposição a Deus, tendo o centro em ponto antípoda, em pólo oposto, no anti-Deus, em Satanás. O sistema único cindiu-se então em dois - sistema e anti-sistema - nascendo o dualismo de dois sistemas opostos, um perfeito e o outro imperfeito, não mais segundo um esquema de unidade íntegra, como antes, mas segundo um esquema de unidade cindida, que não pode existir, senão constituída de duas partes inversas e complementares, opostas e fundidas conjuntamente. De então por diante, a unidade não poderá mais ser obtida a não ser através da luta entre as duas partes contrárias, princípio universal, que encontramos por todos os lados. Essa é gênese do principio da unidade e dualidade, sumariamente exposto em *A Grande Síntese*. Por esta razão, o nosso universo é construído de acordo com esse esquema, desde o caso máximo até o caso mínimo.

Agora podemos compreender por que Deus transcendente e não somente pessoal, visto ser um "eu sou", da mesma forma que todas as criaturas feitas á esta imagem e semelhança, mas também porque Ele pode ser considerado acima e independente de qualquer criação Sua, além do bem e do mal, isto é fora do esquema dualístico em que está baseado o universo atual. O dualismo nasceu com o referido desmoronamento do sistema em seu anti-sistema e está destinado a ser sanado, representando, pois, apenas um momento na Divindade. Deus "é" sempre, antes do desmoronamento e depois da reconstrução, além deste período dualístico. No absoluto Deus "é" simplesmente uno, acima desta cisão, que concluirá na junção das duas partes e que, por isso, constitui apenas um episódio no divino e eterno existir.

Mas, então, foi justamente com o desmoronamento do sistema no anti-sistema que se formou a contraposição — transcendência e imanência. Esta cisão do único aspecto, o absoluto de Deus, no de Deus transcendente e Deus imanente, representa justamente a cisão do Uno, que, como Uno absoluto, reúne em si os dois aspectos. Ele é ambos ao mesmo tempo, estando acima da cisão, sem poder ser um só deles, ou seja, não é exclusivamente transcendente, exclusivamente imanente. Desta forma, compreenderemos que a visão dualística, a do Uno bipartido, é relativa à posição do ser no universo atual e no período da cisão, não possuindo valor absoluto. Em outros termos, se encarado do seio de nosso universo, Deus pode parecer à criatura como imanente ou como transcendente, isto é, poder ser concebido sob dois aspectos diversos, desde que saiamos do relativo para o absoluto, deveremos admitir a existência de Deus em um Seu só e único aspecto, que está além de qualquer dualismo e criação, ao qual denominaremos Deus absoluto.

O ser vive, presentemente, imerso na cisão. Se concebe a transcendência, é porque se coloca no aspecto imanência e, se concebe a imanência, é porque se põe no ponto de vista da transcendência. Uma presume a outra e ambas são complementares, como duas metades do Uno indiviso. O ser é incapaz de conceber fora de relações. Desaparecida a contraposição dos contrários, a sua percepção e concepção se anulam. Para compreender, pois, o Todo Divino, o Deus absoluto, é imprescindível compreender ambas as metades da unidade e depois reuni-las. Compreender de Deus um só aspecto, qualquer seja ele, significa atingir uma concepção falha e unilateral. Admitindo Deus apenas como transcendência, o ser se defrontaria com uma abstração, de tal forma destituída de expressão, que ela se confundiria no nada. O universo lhe pareceria, então, um autômato vazio de alma, um sistema estático, incapaz de reconstruir-se e reerguer-se até Deus. Admitindo Deus apenas como imanência, chegaremos a um universo através de um caminho sem fim, não tendo ponto de partida nem de chegada, teremos uma unidade despedaçada, sem possibilidade de reconstruir-se.

É necessário compreender essa descida do Deus transcendente na imanência em seguida ao desmoronamento do sistema. Quando este, por culpa da criatura, se cindiu em dois, Deus não quis abandonar o sistema invertido, conservando-se presente nele (imanência), para poder realizar assim a sua salvação, em um trabalho constante de reconstrução (criação contínua), pelo processo que denominamos de evolução. Deus, em perfeita coerência com o princípio fundamental do Amor, acompanhou o edifício desmoronado que permaneceu Ele mesmo, embora em posição invertida, um Deus em negativo, como se Ele mesmo se tivesse invertido. Desta maneira, Deus se faz, por Amor, imanente, e neste Seu segundo aspecto desce às formas, à criação, que assim se tornam em Sua manifestação ou expressão. Eis de que modo o universo é regido pelo pensamento de Deus (a Lei). No fundo do anti-sistema está sempre o sistema, no fundo dos espíritos decaídos, está sempre a originária centelha divina. Não pode existir no universo nada que não seja Deus. Será um Deus invertido, mas será sempre Deus.

Aproximamo-nos agora de nosso mundo fenomênico, mais controlável pela observação. O desmoronamento do sistema é representado pelo processo involutivo que procede de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, isto e, do espírito á energia e desta à matéria. Assim nasce a matéria. Eis a criação de nosso universo dinâmico e físico. Compreende-se, pois, como esta não foi a criação originária, perfeita, operada por Deus mas apenas uma inversão e uma corrupção dela, operada pela criatura, e não por Deus, em razão da sua liberdade. Deus, porém, não abandonou o ser aberrante. Abre-lhe de novo os braços, apontando-lhe uma via de recuperação e redenção. Desta forma, Deus o aguarda no ápice do caminho oposto, o da evolução, que se processa de $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, o caminho de nosso universo, no plano físico e dinâmico, e dos seres mais evoluídos, como o homem, no plano espiritual (α). Eis por que o nosso é um universo em evolução e o motivo por que a lei de ascensão é a lei fundamental de nossa existência. Não basta, contudo, ter verificado o fato, como nos volumes anteriores. Precisamos compreender por que este fato existe nessa forma. Por isso a dor é herança da criatura, sendo a redenção, através das provas da vida, o seu necessário trabalho fundamental. Essa a razão por que Cristo desceu à Terra e por que Ele é a figura central na história da humanidade.

Podemos agora compreender o nosso universo. Ele é uma criação negativa, não a originária, mas uma segunda, derivada e corrompida, conseqüência da primeira. Aqui, o primeiro sistema se inverteu e o vemos revirado. Aqui, o espírito eterno e perfeito se precipitou na matéria caduca e imperfeita. O amor tornou-se físico, de corpos prontos a entrar em decomposição. Aqui, a existência eterna se despedaçou no ciclo em que gravitam como duas metades os dois opostos vida-morte, encerrados no tempo. A felicidade naufragou na dor, o espírito infinito se enclausurou no limite do finito. A medida originária, incorrupta do ser não é o tempo, mas a eternidade; não é o finito, mas o infinito; não é o relativo mas o absoluto; e assim para cada qualidade humana, da qual só restaram ruínas. Explica-se, desta forma, por que o instinto mais forte e a maior alegria do ser sejam a superação do limite. É que eles significam a reaproximação do centro e o reencontro com o originário infinito.

O universo que a ciência estuda é exatamente este invertido, em que o Uno está pulverizado na infinita multiplicidade fenomênica do relativo.

Pretender reconstruir, com essa poeira conceptual, o princípio unitário e o esquema universal, a síntese máxima, tomando contato com o mundo fenomênico através da observação e experimentação, é simplesmente uma louca pretensão. É isto o que deseja fazer a ciência. Já em outra ocasião o dissemos, mas só agora podemos saber as razões de semelhante absurdo.

Uma das vantagens, e mesmo novidade, da presente concepção está em ser uma síntese, que pode fundir com um só sistema unitário o mundo físico e dinâmico ao espiritual, até agora inteiramente distintos, ignorantes, senão inimigos (ciência e fé) entre si, sendo o espiritual negado definitivamente pela ciência. Mas somente com estas concepções é possível compreender de que maneira o desmoronamento moral possa ter-se tornado físico; de que forma, de uma cinética de conceitos (revolta dos espíritos) tenha podido nascer uma cinética involuída, a da energia, que, por sua vez, se congelou na matéria. O desmoronamento é moral, enquanto permanecermos na dimensão α, consciência. Ele torna-se dinâmico, quando o sistema involve na dimensão inferior (mais afastado de Deus) da energia. Transforma-se, finalmente, em físico, quando o sistema involve na dimensão matéria.

Eis como surgem e se resolvem múltiplos problemas, tanto espirituais como físico-matemáticos, tendo todos a mesma raiz comum, o mesmo tronco unitário que os coliga à mesma síntese e a um idêntico princípio.

Observemos agora as particularidades desse desmoronamento, que vai do espírito à matéria por uma linha contínua. Desta forma obteremos igualmente as características da fase atual, evolutiva, inversa da precedente involutiva, apenas com a reviravolta de posição. Para compreender o desmoronamento e o caminho por ele percorrido em descida, na demolição do sistema, é necessário que nos reportemos aos capítulos que tratam da evolução das dimensões expostas em *A Grande Síntese* (Cap. XXXVI: "Gênese do espaço e do tempo", e Cap. XXXVII: "Consciência e Superconsciência. Sucessão dos sistemas tridimensionais"). Em nosso universo, o nosso poder de concepção não abrange mais do que dois sistemas dimensionais trifásicos que, escalonados em direção ascensional (para Deus) ou evolutiva, são:

I - Sistema dimensional trifásico:

(Início: - Ponto - não dimensão - o nada espacial.)

1ª dimensão - linha;

2ª dimensão - superfície;

3ª dimensão - volume.

II - Sistema dimensional trifásico:

1ª dimensão - tempo (consciência linear)

2ª dimensão - consciência (razão, análise = superfície)

3ª dimensão - superconsciência (intuição, síntese = volume)

Sistema Dimensional	*1ª dimensão*	*2ª dimensão*	*3ª dimensão*
Sistema Dimensional Trifásico - I	linha	superfície	volume
Sistema Dimensional Trifásico - II	tempo	consciência	superconsciência

Além destes dois sistemas está o inimaginável para a mente humana. Embora, como dissemos no início do Cap. VI ("Desmoronamento e reconstrução do universo"), o desmoronamento proviesse de dimensões superiores ao superconsciente, não podemos lhe traçar a análise, porque, ainda que se possa em parte atingir a abstração físico-matemática, o fenômeno nos escapa, porquanto dele nos foge qualquer possibilidade de representação.

Vejamos, pois, o processo de desagregação do sistema — a involução, que, mais tarde, retificar-se-á no processo oposto — o evolutivo. Movemo-nos, agora, apenas dentro dos limites de nosso universo, isto é, no interior dos dois sistemas dimensionais trifásicos, acima mencionados.

Eis que os espíritos puros, rebeldes, isto é, colocados em posição sinistrogira, no sistema dextrogiro, provocam uma contração ou curvatura cinética na substância, que estamos observando sob o seu aspecto de movimento. Inicia-se, então, o desmoronamento do ser ao longo da escala das dimensões. A intuição sintética (visão direta da Lei — pensamento de Deus), contrai-se na simples racionalidade analítica e sucessiva, à guisa de volume que se distenda em uma superfície. Então esta dimensão (consciência) contrai-se ainda na dimensão tempo, como uma superfície que se desfizesse em uma linha. Tais são as primeiras três etapas da descida: a superconsciência (espírito) transmuda-se em consciência (vida), e esta em tempo (energia). Mais para cima existirão outras fases e sistemas dimensionais, dos quais e através deles o espírito pode ter sido precipitado, mas que não nos é dado conhecer. Assim, o sistema mais elevado, o IIº sistema dimensional é demolido, e a consciência, reduzida à linha no tempo, precipita-se ainda para os confins do sistema dimensional inferior — o Iº — e mergulha então no volume, que para ela significa uma não-dimensão, isto é, anulação como consciência. O espírito deixa, então, de existir como espírito, isto é, perde a consciência, anula-se como tal. Isto não significa a sua destruição, mas apenas a sua anulação como vida e consciência, sua atual forma de existência, em um estado de latência em que permanece sepultado. Assim chegamos à matéria.

Começa, agora, um segundo período de demolição. O volume se contrai na superfície, esta na linha e esta se anula no ponto. Assim o sistema dimensional inferior é também destruído. Com isto anula-se o ser, não somente como consciência e vida, como foi atrás descrito, mas também como forma inferior de existência, único meio

que lhe restava no fim do desmoronamento do sistema superior, para continuar a existir ainda que em condições inferiores á da forma de vida. A matéria era o túmulo em que o espírito se sepultava como morto, em letargia Agora também, o túmulo se anulou, porque o sistema espacial foi anulado no ponto.

Procuremos compreender esse processo, repleto de ensinamentos. em qualquer campo. Os capítulos acima mencionados (XXXVI e XXXVII) de *A Grande Síntese* nos explicam como se constróem evolutivamente as dimensões mais elevadas, erguendo-se das inferiores. Este é o caminho inverso ao que foi acima examinado; é o caminho de retorno. Abordemo-lo para assim percorrer o processo em todas as direções. O ponto é a dimensão espacial nula. O universo espacial, nesta fase, encontra-se no vazio. A 1ª dimensão, a linha, obtém-se elevando-se uma perpendicular sobre o ponto. Que queremos significar com tal afirmativa, além de qualquer representação geométrica? Queremos dizer que quando o centro do sistema, no seu aspecto cinético em que é aqui considerado, isto é, como movimento, irradia um pouco de si mesmo até o ser, transfunde neste parte da sua natureza e atributo. Então o ponto se move e desse movimento nasce a linha. É princípio geral que se passa da dimensão inferior à superior, em qualquer nível, através sempre deste mesmo processo, que, geometricamente, representamos como uma elevação da perpendicular sobre a dimensão inferior, pelo que esta é abandonada. Isto significa tão-somente um deslocamento, por imissão cinética, da dimensão inferior em uma nova direção fora dela, que a levam além dos limites que a constituem. Basta mesmo um pequeno deslocamento, contanto que se processe neste sentido, para que sejam superados os limites da dimensão inferior e alcançada a dimensão superior. Este é o significado que emprestamos aqui à expressão geométrica empregada — elevação da perpendicular — expressão que adotamos porque é concisa e de mais fácil representação.

Eis que a 1ª dimensão linear atinge a 2ª — superfície, através do mesmo processo — perpendicular elevada sobre a linha, ou também, deslocamento da linha em uma nova direção, fora da precedente e, por conseguinte, do seu limite linear, e isto sempre por imissão cinética, por irradiação do centro do sistema, DEUS, motor universal. É facilmente imaginável, quer no sentido físico, quer moral, uma semelhante emanação, dinamizante e que, quando esta alcança o ser, qualquer seja o plano em que se situe possa imprimir-lhe um novo movimento, que o eleva à dimensão superior. E, da mesma forma, fácil imaginar que, quando, ao contrário, o ser é posto à margem de semelhante irradiação (veremos depois como), desenrola-se o processo inverso, que denominaremos abaixamento de perpendicular, isto é, contração de dimensão, pela qual ele cada vez mais se confina nos limites do próprio plano, dos quais antes se estava libertando. Nasce, assim, a superfície.

Atinge-se a 3ª dimensão espacial: volume, pelo mesmo processo. Eis o volume, estando completo o primeiro sistema.

Da mesma forma, pelo princípio de analogia e dos esquemas de tipo único, prossegue o processo da construção do sistema trifásico superior. No volume ou matéria, dimensão espacial completa, a superior 1ª dimensão conceptual é nula. Mas, elevando-se uma perpendicular sobre o volume, pela imissão do centro radiante de novo potencial cinético, o volume se move. Nasce a energia na sua dimensão tempo, a 1ª do novo sistema trifásico correspondente à reta. Os esquemas se repetem analogicamente nas fases correspondentes do sistema inferior ao superior, segundo os mesmos princípios. Chegamos, assim, à consciência linear, que não pode expandir-se

ainda além da linha do seu transformismo e só conhece o seu isolado progredir no tempo. Com o mesmo processo, que chamamos elevação de perpendicular, isto é, por imissão cinética, se atinge a consciência (vida) correspondente à 2ª dimensão do sistema espacial: a superfície. Fase subumana e humana, em que a consciência linear se deslocou em novas direções laterais e pôde percorrer, além da própria, também o transformismo de outros fenômenos; sabe distinguir-se deles, aprende a dizer "eu", projeta-se no exterior, observa e julga. Estamos na fase racional analítica Movendo-nos ainda em novas direções, por meio do que chamamos elevação de perpendicular, isto é, imissão cinética e novo movimento. entramos na 3ª dimensão do sistema conceptual, que corresponde ao volume. Atingimos o campo do espírito, da intuição sintética, da visão direta da Lei, do pensamento de Deus. Por tudo isso se compreende como seja a ação dessa irradiação do centro do sistema, isto é, a imanência de Deus nele, que opera a evolução, a reconstrução do universo, a sua redenção. Vemos, assim, que a originária lei do amor atinge toda a sua plenitude e como o ponto de partida, Deus, tudo reconduz ao ponto de chegada — Deus.

O exame desse processo nos exprime claramente o desenvolvimento do fenômeno. Podemos, agora, invertendo o caminho, melhor compreender o processo oposto, do desmoronamento, do qual pretendemos melhor ocupar-nos, observando-o mais de perto. O sistema é um edifício regido pela radiação dinamizante que emana do centro. Quando, na ordem universal dextrogira, se isolaram, pela revolta, os elementos que esta se tornaram sinistrogiros, eles arvoraram-se em centro, com a pretensão de irradiar, mas só conseguiram fazê-lo no exíguo círculo dos seus satélites ou elementos sequazes. A grande emissão cinética dinamizante, emanada do verdadeiro e máximo centro, Deus, não pode agir para eles como impulso dinamizante. Pelo contrário, havendo-se eles tornado de sinal oposto, só pôde ela atuar como atrito, resistência, impulso frenador, isto é, como força, não construtora, mas demolidora do sistema.. Começou, então, ele a demolir-se automaticamente, plano por plano. Ao invés de expandir-se, contrai-se; em lugar de vaporizar-se, congela-se; e as mencionadas perpendiculares abaixam-se, em vez de elevarem-se. Tudo se inverte no negativo. Enquanto antes se passava para uma nova dimensão superior, por imissão, por irradiação provinda do centro, de novas qualidades cinéticas, e, pois, com um movimento em novas direções, agora, na fase involutiva do desmoronamento do sistema ocorre o contrário. Passa-se para uma nova dimensão inferior, não por suspensão da irradiação central, pois que Deus é sempre benéfico, para onde quer que irradie, mas por desgaste do anti-sistema, em virtude justamente do atrito que essa irradiação benéfica nele sofre, de modo que o bem para ele, agora, em posição retrovertida, se transmuda em mal, a potência construtora em destruidora.

Sob esse impulso dinamizante, assim invertido para os anti-sistemas em assalto destruidor (cuja culpa só lhes cabe, por se terem posto contra a corrente), eles, para continuar a existir resistem, conseguindo-o através da contração crescente em torno do seu centro, "eu" do sistema. A universal substância animadora do Todo, que agora observamos na sua natureza cinética, fica assim isolada nestes anti-sistemas, fechados em si mesmos e arredados da universal fonte do ser: o centro — Deus. Não podendo ela mais alimentar-se do exterior, porque o anti-sistema está fechado e isolado, a substância cinética busca alimento e vida restringindo cada vez mais em derredor do único centro do qual possa recebê-lo e que representa tudo o que lhe restou da divina potência de que se destacou. Mas, ele não é Deus e sim um centro

menor, que se exaure. Abaixam-se, por isso, progressivamente, todas as perpendiculares, cuja elevação, sob a irradiação divina, permitira ao ser subir para Deus. O movimento se retrai, involvendo; a substância tende a perder a sua originária e divina natureza cinética, para congelar-se em uma imobilidade crescente. Os anti-sistemas ficam assim sujeitos a um processo de contração progressiva. E que significa contração? Significa sempre maior curvatura cinética, isto é, curvatura das trajetórias constitutivas do sistema cinético de que se compõem todos os seres, desde o plano físico ao espiritual. Eis a razão pela qual o espaço é e deve ser curvo, pois que ele não representa senão uma fase do ser, sujeito a esses processos. Eis porque a ciência pode falar de espaço em expansão ou contração. Eis por que também o tempo deve ser curvo e retornar inteiramente ao ponto de partida. Os retornos cíclicos e periódicos que se verificam por toda parte confirmam esse fato.

Agora, podemos melhor compreender a técnica observada no fim do capítulo precedente e pela qual se consegue a destruição dos espíritos maus, nos quais se personifica o mal. Eles são anti-sistemas que se isolam e se imobilizam cada vez mais, por progressiva curvatura, até se anularem. Há uma descida de dimensão em dimensão, da fase superconsciência à nossa consciência racional, à fase de consciência linear (tempo). Deste modo, o espírito, reduzido de uma estrutura volumétrica à de superfície e, enfim, à linear, está definitivamente sepultado como consciência, anulado na matéria, sua última forma de vida, sem consciência. Ele pode continuar a existir, assim, negativamente, ou então, desde que o deseje, inverter a rota para subir e evolver. A fase humana do mal não é a dos níveis mais baixos. Em qualquer deles, porém, o ser está sempre diante de uma alternativa: retroagir, voltando a subir para o bem e para o centro-Deus, ou, então, continuar a descer até ao aniquilamento. Neste último caso, por meio do habitual processo, abaixar-se-á a perpendicular, cuja elevação erguera da superfície ao volume, conduzindo de novo este, como por achatamento, à superfície. Depois se abaixará a perpendicular que elevou a linha á superfície e esta, como se se achatasse, se reduzirá à linha. Finalmente se abaixará a perpendicular que elevou o ponto à linha e esta, como se se achatasse, se reduzirá ao ponto. Estamos no final do processo. A contração se completou, o sistema se anulou, todo o edifício se reduziu a um ponto, a uma não-dimensão. O núcleo último reduto do anti-sistema, continuará ainda como rebelde sinistrogiro, girando sobre si mesmo. Mas, por fim, mesmo essa reserva cinética será destruída pelo atrito contra as radiações dextrogiras dominantes, e esta última substância componente também será retomada na corrente positiva do "eu sou". E desta maneira que os anti-sistemas que quiserem persistir como tais são submetidos a um processo progressivo de achatamento até à sua destruição enquanto a substância que os compõe, sendo indestrutível, vem a ser utilizada em favor do sistema Uno-Deus, pois que a destruição é da individualidade (eu), e não da substância.

Essa é a técnica da destruição do mal e da vitória final e absoluta do bem.

❑ ❑ ❑

Para tornar compreensível um fenômeno substancialmente abstrato, que abrange todas as formas do ser, do puro espírito á matéria, recorremos a representações geométricas, que nos facultaram a possibilidade de formar uma imagem de tudo. Mas já é tempo de dar-nos conta de que elas não constituem a

realidade, não passando de uma representação nossa. Cabe, então, indagar qual é a verdadeira fisionomia do fenômeno da destruição do edifício do ser, assim como a do fenômeno inverso, o de sua reconstrução. Será facultada ao homem essa abstração, de modo a fazê-lo apreciar o fenômeno em sua substância? Que haverá de verdadeiramente real por trás da representação que dele demos?

Para sermos mais compreensíveis, tivemos de encarar o Todo no seu aspecto cinético. Deste ponto de vista, o impulso α representa um dinamismo livre em qualquer possível direção e energia, β, representa um dinamismo encarcerado na transmissão linear por ondas; a matéria γ, um dinamismo completamente fechado em trajetórias que retornam sobre si mesmas. Notamos, pois, também, na realidade, um processo de curvatura do sistema. Nas grandes dimensões, a energia segue linhas curvas, até o fim que retornam ao ponto de partida. Assim, o espaço é curvo, como o é também a estrutura atômica e planetária. Tudo é curvo, pois, mas não com uma curvatura estática e constante, mas em expansão e contração, por trajetória espiralóide. Eis a trajetória típica dos movimentos fenomênicos (vide *A Grande Síntese*, fig. 4, cap. XXV). Tudo, pois, tende a expandir-se ou a contrair-se: esta é a respiração do universo, em dois tempos opostos. E tudo isto confirma e explica a nossa precedente representação geométrica. Mas o fenômeno, na sua substância, deve poder assumir infinitas formas e ser susceptível de infinitas representações. Uma delas, porém, que tenhamos escolhido é suficiente para fazer-nos compreender o seu andamento e a sua fisionomia. Qualquer seja o ponto de vista, trata-se sempre de uma inversão para o negativo, que pode manifestar-se como congelamento ou solidificação cinética, como contração ou curvatura do sistema, como um aprofundar-se do espírito na matéria, uma destruição da consciência, e assim por diante.

Certo é, no entanto, que aqui pudemos fundir em unidade todos os fenômenos, desde o moral da queda dos anjos, ao de progressiva demolição do espaço até o ponto; desde o da involução, ou criação, até o da evolução. Ora, o denominador comum de fenômenos, para nós tão distantes um do outro, não pode deixar de ser um conceito que, para ter valor universal, deve ser de natureza extremamente abstrata, além do concebível humano. Eis realmente o que existe por trás da representação que demos ao fenômeno: uma abstração que, para o homem atual, se perde no superconcebível. A ciência se encontra em condições idênticas ao definir substancial e última estrutura do átomo, só nos podendo dar uma equação matemática.

Deste modo, limitando-nos apenas à demolição do espaço (volume), até o ponto, o conceito de progressivo achatamento de dimensões é puramente representativo. Certamente é mais fácil de imaginar, com a nossa psicologia concreta e sensória, um fenômeno expresso em termos geométricos espaciais. Mas, na realidade a substância do fenômeno é abstrata: é um pensamento reduzível a cinética, que pode involver no dinamismo linear da energia e aprisionar-se no dinamismo fechado da matéria. Então, o que se contrai nas demolições do espaço não é o volume ou a matéria. mas é a construção criada por esta idéia abstrata e nela projetada. O que se contrai não é apenas o movimento constitutivo da forma, mas o seu princípio abstrato diretivo, o pensamento que a isso preside. Como se vê, caímos em uma terminologia que soa demasiado estranho à nossa mente habituada a outras medidas e a outros conceitos. Estamos frente ao inimaginável e inexprimível, isto é, á progressiva demolição do espaço, por demolição do conceito diretivo do fenômeno espaço, como se

a fórmula matemática que o rege fosse gradativamente perdendo os seus elementos constitutivos, simplificando-se cada vez mais, desprovida de seus elementos, até transformar-se em 0. O zero seria o nada conceptual e matemático, o momento final e conclusivo no anulamento do desmoronamento do sistema sinistrogiro. Uma representação mais concreta do fenômeno é impossível. Esta é, talvez, uma prova em favor da tese aqui sustentada, pois que nos diz que estamos absolutamente fora do antropomorfismo ao qual tudo tendemos reduzir para nossa comodidade de concepção Na realidade, é lógico que as visões do universo serão tanto mais verídicas, quanto menos sejam antropomorficamente imagináveis. Assim deve ser para a demolição do espaço, visto que ela não ocorre na fase em que vive o nosso universo e, como realidade inimaginável, está fora do alcance da experimentação e observação. Das coisas não podemos conceber a realidade absoluta, mas só em relação a nós mesmos.

Concluamos. Embora por intermédio de representações de valor relativo, podemos formar uma idéia da real estrutura íntima, funcionamento e transformismo de nosso universo e de nossa posição nele. Nós, seres humanos, estamos a meio caminho, suspensos entre o abismo do aniquilamento e o cume da perfeição. Sendo livres, vamos para onde quisermos. Naturalmente vemos o universo, consoante a posição que nele ocupamos. Damos importância ao universo físico, porque nele se apoiam nossos pés, mas pouco lobrigamos do universo espiritual que, se quisermos evolver, representa a nossa vida de amanhã. Mas, agora, em virtude do que dissemos, estamos aptos a ter desta visão o panorama completo do Todo. Vejamo-lo.

Transpondo os limites da estreita visão, somente do universo físico e dinâmico, veremos o Todo como um sistema bipolar que se pode deslocar para um ou outro dos seus pólos, repetindo, como tudo o que existe, o esquema máximo, e só existe realmente enquanto oscila entre os seus dois extremos opostos. O sistema do Todo possui, portanto, dois pólos para os quais tende: um, para atingir a plena existência; outro, para atingir o aniquilamento. Esses pólos podem chamar-se positivo e negativo: do ser, em Deus; do não-ser, em Satanás. Ao primeiro se sobe evolutivamente, por $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. O sistema negativo não é senão a contraparte do positivo, com o qual forma uma unidade. Ele é, por sua natureza, destinado à anulação em favor do segundo que, por sua natureza, está fadado à afirmação e ao triunfo final. O ser poderá oscilar, mas ao cabo deve tomar uma direção e sofrer as conseqüências da sua livre escolha. Os dois pólos são dois extremos aos quais tudo deve chegar. Quem sobe segue uma curva que se abre, em expansão, dilatando-se a tal ponto que atinge o infinito em Deus. Quem desce, segue uma curva que se fecha em contração e que, restringindo-se sempre, acaba no vazio, em Satanás. Quer no positivo, quer no negativo, o sistema obedece ao mesmo princípio da curvatura cinética. Embora a representação geométrica não nos dê a substância do fenômeno, ela, contudo, no-lo torna tão claramente imaginável, que podemos dele fazer um esquema gráfico. Ao princípio analógico e ao dos esquemas em tipo único devemos a possibilidade de reproduzir em nosso plano, ou seja, em nosso imaginável, uma estrutura universal que, de outra forma, fora desta idealização, seria para nos inacessível porque na zona do inconcebível.

De um lado temos, pois, uma cinética em abertura; de um outro, uma convergente em si mesma, fechando-se. De um lado, o ser se dinamiza, potencia-se e se liberta. Eis o progresso, superação de dimensões (a técnica que progressivamente

supera o limite espaço e tempo). Isto está no instinto e constitui a alegria e o triunfo da vida. De outro lado, esta se contrai, congela se e imobiliza Eis por que os anti-sistemas sinistrogiros se enfraquecem por não poder, como negativos que são, usufruir da divina irradiação positiva. Eles ficam, então, isolados no sistema e imobilizados pela sua curvatura cinética progressiva, acabando afinal desgastados pelo atrito contra a corrente, anulados e reduzidos ao ponto, não-dimensão. Assim se consolida a fratura e se dá a reabsorção do dualismo do Uno — triunfo final do sistema sobre o anti-sistema. Eis a visão completa do universo uno, regido por um princípio único, que se inverteu em conseqüência da revolta da criatura, mas apenas para de novo endireitar-se: que se despedaçou, mas somente para reunificar-se, ou para anular-se, se o ser não quisesse a existência.

Desta forma, se enquadrou e ampliou a concepção de *A Grande Síntese,* ficando completa a visão do Todo.

❑ ❑ ❑

Vamos agora retomar em síntese os conceitos até aqui expostos, exprimindo-nos, não com símbolos, mas com fórmulas matemáticas. Podemos, assim, contemplar de uma só vez toda a visão da existência, do princípio ao fim.

Todo o processo involutivo-evolutivo poderia ser representado por um círculo, cuja metade direita exprime o período ou fase de ida em descida ou desmoronamento do sistema, e cuja metade esquerda exprime o período ou fase de retorno em ascensão ou reconstrução do sistema. Neste que é o ciclo do transformismo, o ponto de partida e o de chegada coincidem. Esse é o pólo positivo do sistema, do qual se parte e ao qual se retorna, atravessando os seus antípodas, do pólo negativo.

Nas gravuras 1, 2, 5 etc., de *A Grande Síntese* só foi analisada particularmente a segunda metade, a evolutiva, do ciclo, que vai de - ∞ para + ∞, aquela que agora estamos vivendo, tendo sido deixado de parte o estudo da sua primeira metade. a involutiva, que vai de + ∞ para - ∞. Mas o semiciclo evolutivo é composto de várias criações ω_1, ω_2, ω_3 etc. ou universos, exprimindo-se por Δ o seu conjunto ordenado, ou organismo de universos (cfr. Cap. XXIII de *A Grande Síntese* e suas figuras). Tendo presentes as referidas figuras e conceitos, procuremos desenvolvê-los com formulação matemática, indicando por S a substância e com o índice numérico colocado abaixo o estado em que ela se encontra, substituamos os símbolos usados em *A Grande Síntese,* pelos seguintes:

$$-y = S_{-2};\quad -x = S_{-1};\quad \gamma = S_0;\quad \beta = S_1;\quad \alpha = S_2;\quad +x = S_3;\quad +y = S_4;$$

etc.

Então o processo involutivo no tempo (tempo que já definimos, como ritmo do vir-a-ser, ou do transformismo fenomênico), para um elemento isolado, poderá ser assim representado (deve-se ler a expressão da direita para a esquerda, assim apresentada para melhor compará-la com a semelhante das linhas seguintes);

$$S_{-\infty} \leftarrow \ldots \leftarrow S_{-2} \leftarrow S_{-1} \leftarrow S_0 \leftarrow S_{-1} \leftarrow S_0 \leftarrow S_1 \leftarrow S_0 \leftarrow S_1 \leftarrow S_2 \leftarrow S_1 \leftarrow S_2 \leftarrow S_3 \leftarrow S_2 \leftarrow S_3 \leftarrow S_4 \leftarrow \ldots S_{+\infty}$$

Esta expressão significa que o elemento substância se transforma do estado de máxima evolução ($S_{+\infty}$) no de máxima involução ($S_{-\infty}$).

De outro lado, o processo evolutivo poderá ser assim representado:

$S_{-\infty}$ → . . . → S_{-2} → S_{-1} → S_0 → S_{-1} → S_0 → S_1 → S_0 → S_1 → S_2 → S_1 → S_2 → S_3 → S_2 → S_3 → S_4 → . . . $S_{+\infty}$

Como já foi dito em *A Grande Síntese* e pouco acima, em nosso universo (ω) e em nossa fase, que é a evolutiva (vai de $-\infty$ a $+\infty$), os três estados sucessivos da substância S são: matéria γ, energia β, espírito α; que, com o simbolismo aqui adotado serão respectivamente:

$$S_0,\ S_1,\ S_2.$$

O conjunto dos universos ω_1, ω_2, ω_3 etc., forma Δ, que em símbolo será: $\Delta = \Sigma\omega$. Naturalmente tudo isto não diz respeito á parte do sistema que permaneceu íntegro, a que não desmoronou pela revolta e queda dos anjos. Essa parte continuou na sua perfeição, sem tomar o caminho do vir-a-ser (transformismo involutivo — evolutivo).

Ora, pelo princípio de liberdade já admitido, que aqui é de liberdade de movimento no transformismo em um instante genérico, encontraremos em Δ todos os estados possíveis desde $S_{-\infty}$ até $S_{+\infty}$. Mas entre eles haverá a seguinte diferença: na 1ª fase, descida involutiva, os estados da substância se transformam segundo a lei supradita de $S_{+\infty}$ para $S_{-\infty}$; na 2ª fase, de ascensão evolutiva, os estados da substância se transformam de $S_{-\infty}$ para $S_{+\infty}$.

Vimos que, em termos de dinâmica, a revolta consistiu cm introduzir no sistema de forças originário dextrogiro (positivo), vórtice de forças sinistrogiras (negativas), funcionando como anti-sistema menor no sistema. Então, na 1ª metade do ciclo (fase involutiva, de desmoronamento) atua e domina o elemento negativo, tendente ao estado $-\infty$ (caos, plena realização do anti-sistema), o que quer dizer que é este anti-sistema, constituído de vórtices sinistrogiros, que desgasta em seu favor o sistema dextrogiro de forças, enriquecendo-se com esse desgaste. Atingido, porém, no ciclo, o ponto crítico de saturação no negativo, o processo inverte-se. Na segunda metade é ativo e domina o elemento positivo, oposto tendente ao estado $+\infty$ (ordem, realização plena do sistema), o que significa que é o sistema dextrogiro que desgasta em seu proveito o anti-sistema sinistrogiro, enriquecendo com o seu desgaste. E assim, após haver atingido, no ciclo, o ponto crítico de saturação no negativo, agora se alcança o correspondente no positivo, ponto que, como vimos, coincide com o de partida, mercê do que, o sistema desmoronado acaba, finalmente, por encontrar-se em um estado em que tudo está perfeitamente refeito e reconstruído. É natural que as duas fases de desgaste e progressão devam ser inversas e complementares, como as duas metades que se equilibram e compensam em um sistema único dividido em dois períodos equivalentes, um de ida e outro de retorno. Isto corresponde também a uma

necessidade lógica e, além de tudo resolver, satisfaz a razão.

Todo o processo se reduz a uma elaboração íntima de Δ, que do estado de + ∞, através de sua transformação pelo desmoronamento até chegar ao estado de - ∞, supera este, auto-reconstruindo-se, até retornar ao estado originário + ∞. E sabemos que significa o estado orgânico de perfeição, de ordem, da criação originária, em que Deus, o bem a felicidade e o amor triunfam; que - ∞ expressa o estado de desorganização, de imperfeição máxima, de caos do universo desmoronado, em que Satanás, o mal, a dor e o ódio triunfam. E como a criação de origem foi uma construção orgânica feita por Deus em Seu seio (o Todo no Todo), assim também essa elaboração do desmoronamento e reconstrução, da ordem ao caos e do caos à ordem, ocorre sempre no seio de Deus (o Todo no Todo), ou seja, está compreendida no âmbito da circunferência que fecha o ciclo de ida e volta. Em outros termos, é sempre a mesma substância do Todo-Deus, que nos vários estados de ω, nosso universo, assume as formas de γ, β, α, aparecendo-nos em cada um deles essa substância, segundo o seu estado de transformismo.

É assim, pois, que todo o processo se executa, aumentando sempre no semiciclo involutivo a transformação de $S_{+\infty}$ para $S_{-\infty}$; e no semiciclo evolutivo. a transformação de $S_{-\infty}$ para $S_{+\infty}$, Deste modo, ao término do semiciclo involutivo, a substância de Δ terá assumido totalmente o estado $S_{-\infty}$; e ao término do semiciclo evolutivo, a substância de Δ terá assumido totalmente o estado de $S_{+\infty}$ (ordem).

Analisando então Δ nos instantes extremos (máximo e mínimo) do ciclo, em um instante genérico situado no semiciclo da sua involução, e também no semiciclo da sua evolução, representando com os símbolos:

Δ (tp) = instante inicial (princípio) do ciclo de delta;

Δ (tgi) = instante genérico do semiciclo involutivo de delta;

Δ (t max i) = instante máximo final do semiciclo involutivo e inicial do semiciclo evolutivo de delta;

Δ (tge) = instante genérico do semiciclo evolutivo de delta.

Δ (t max e) = instante máximo final do semiciclo evolutivo e final também de todo o ciclo delta, instante em que tudo retorna ao estado inicial de perfeição, os estados da substância de Δ nos vários instantes serão:

Δ (tp) = $S_{+\infty}$, isto é, toda a substância se encontra no estado $S_{+\infty}$;

Δ (tgi) = $S_{+\infty}$ → . . . → S_4 → S_3 → S_2 → S_3 → S_2 → S_1 → S_2 → S_1 → S_0 → S_1 → S_0 → S_{-1} → S_{-2} →. . . $S_{-\infty}$ isto é, em um instante genérico de involução da substância, encontramos contemporaneamente todos os seus estados, que se transformam em $S_{-\infty}$;

Δ (t max i) = $S_{-\infty}$, isto é, toda a substância do sistema desmoronado, encontra-se no estado $S_{-\infty}$;

Δ (tge) = $S_{-\infty}$ → . . . → S_{-2} → S_{-1} → S_0 → S_{-1} → S_0 → S_1 → S_0 → S_1 → S_2 → S_1 → S_2 → S_3 → S_2 → S_3 → S_4 → . . . $S_{+\infty}$;

isto é, em um instante genérico de evolução da substância, encontramos contemporaneamente todos os seus estados, que se transformam em $S_{+\infty}$;

Δ (t max e) = $S_{+\infty}$, isto é, toda a substância do sistema desmoronado exauriu o seu ciclo, atingindo o estado final $S_{+\infty}$, para refundir-se, porque se tornou idêntica a ela a parte do sistema que não se tendo revoltado, não desmoronou. Em outros termos, a conclusão de todo o processo, o seu resultado final é que toda a substância que se corrompera se restabeleceu, do estado $S_{-\infty}$ para o estado $S_{+\infty}$. Isto significa o triunfo final do bem sobre o mal, de Deus sobre Satanás, com a anulação do aspecto negativo e a afirmação absoluta do aspecto positivo da substância.

Em termos matemáticos, iodo o processo pode ser representado pelas duas expressões limites:

$$\lim_{t \to \max i} \Delta = S_{-\infty}$$

$$\lim_{t \to \max e} \Delta = S_{+\infty}$$

A primeira nos representa o universo no pólo Satanás, podendo ser chamada a fórmula do desmoronamento, que o processo apenas atravessa. A segunda nos representa o universo no pólo Deus, podendo ser chamada a fórmula resolutiva do universo momento em que o processo, que teve um início, terá um fim, reintegrando-se tudo no estado perfeito de origem. Assim, o princípio e o fim se reúnem em um ciclo que se fecha sobre si mesmo. E o Todo, o infinito, Deus, permanece o que sempre foi e será, e simplesmente "é".

IX

CONFIRMAÇÕES EM NOSSO MUNDO

"Portae inferi non preavalebunt[7]". Justo. Mas por que? Só agora podemos

[7] A frase foi extraída da VULGATA: "Portae inferi non preavalebunt adversus eam"; "As portas inferiores (do Inferno, do Hades) não prevalecerão contra ela", isto é? as forças inferiores, infernais não vencerão as do Bem. Ela faz parte do contexto evangélico de Mateus, 15:20, quando Jesus Cristo se dirigiu a Simão Pedro, em misteriosa e solene revelação, dando-lhe ciência de sua futura missão na Terra.

Aqui, Pietro Ubaldi atualiza o conteúdo dessa remota revelação, reafirmando que as forças do Bem jamais

compreender as razões. A concepção dualística acima exposta, nos revela que, ao lado das forças boas do sistema, existem as satânicas do anti-sistema, que procuram inverter todo o sistema, para arrastá-lo igualmente na própria fatal destruição Mas em vão! A estrutura do Todo nos diz que o mal está irremediavelmente condenado em virtude da própria posição por ele assumida no sistema e pela natureza mesma deste. O seu reino é periférico, está na forma. Ele pode encarniçar-se contra os efeitos, mas as causas primeiras estão além do seu assalto. Não ele, mas somente Deus detém o timão da grande nave do universo.

Na estratosfera do pensamento está, pois, a grande paz das coisas eternas. Ali Satanás não chega, e tanto mais lhe fugiremos, quanto mais subirmos. Mesmo no reino da matéria, a sua vitória está encerrada no tempo. A eternidade supera e vence o tempo. Mas, por ora, a Terra é um dos seus reinos. O nosso mundo faz parte do universo desmoronado, e, por este motivo, a vida se desenvolve aqui em uma atmosfera de revolta, de mal e dor. Aqui, as forças satânicas podem manifestar-se, isto é, agir em sentido sinistrogiro e, por isso, as vemos exprimir-se na pulverização de tudo, no relativo. Dividir a unidade. fracioná-la cada vez mais até a sua destruição, este é o impulso de Satanás, com objetivo de demolir o sistema dextrogiro, unificador, retificador, tendente à plenitude da vida. Eis porque na Terra se eleva a barreira do limite a cada passo, sufocando a alma anelante de infinito, do qual nasceu e de que é feita. Eis o espaço dividido, que nos torna rivais E o espaço em si mesmo não tem limites! Eis o tempo seccionador, reduzido a medida de esforço e de ganho ("tempo é dinheiro!") e o temor de que nos falte. E o nosso espírito é feito para a eternidade! Eis a luta pela riqueza e o anseio infinito da alma ligada às efêmeras alegrias de um corpo caduco, quando riqueza e alegria são infinitas em Deus! Eis a um passo, ao alcance da mão uma abundância sem par, e ser-se dela separado pela incapacidade de conquistá-la! Deus aí está, Que nos aguarda e, no entanto, não sabemos alcançá-Lo por preguiça, ignorância e incapacidade de compreender! Que barreira tremenda é a nossa involução!

Estamos no reino da subversão dos valores. Tudo, de calmo, eterno, estável, faz-se agitado, fracionado, incerto. Tudo se torna calculado, pensado, pesado, medido, disputado. Assim nascem a miséria e a dor. Aí está o império do contingente, o afã de subdividir a atenção em particularidades, na análise sem fim do relativo. Eis o vórtice da civilização moderna que, com espírito satânico, porfia por triturar o espírito entre as engrenagens de suas máquinas; que, com a miragem de umas tantas vantagens materiais, destrói a maior riqueza da alma, que é a bondade. Vive-se. Assim, sob o terror de que falte tudo, quando tudo é infinito.

Se fôssemos capazes de compreender que somos criaturas de Deus, isto é, filhos do Pai Supremo, que o universo é construído para a nossa vida, primeira necessidade, e que esta é por conseqüência sumamente protegida por nosso Criador, que nos ama, não haveria razão para tantas e inúteis aflições.

É o Uno íntegro que aterroriza Satanás. Não conseguindo ele destruí-lo, procura demoli-lo até onde pode, o mais que pode subdividindo-o. Percebe-se nisto uma íntima vontade de pulverização, para chegar à destruição. Fragmentar, triturar, dividir e atirar um contra o outro, a dissensão, a contradição, a ânsia, o tormento, a

---

serão vencidas pelo mal. (N. do T.)

guerra, tal é o ideal subvertido de Satanás.

Se descermos das grandes visões sintéticas para a realidade quotidiana de nosso mundo, neste também veremos que são elas verídicas e que as teorias acima expostas encontrarão continuas confirmações. A nossa realidade não se pode mesmo explicar e compreender a não ser em função delas. Por que, por exemplo o homem é tanto mais destruidor, quanto mais involuído? De onde deriva o instinto vandálico dos primitivos? E que quanto mais involuído o indivíduo, tanto mais próximo está do pólo negativo do ser, e tanto mais afastado do positivo. Quanto mais for involuído, tanto mais na periferia do sistema se encontra o ser, tanto mais distante do centro genético de Deus, tanto mais invertido no sistema oposto a destruição. Assim se pode compreender como fosse fatal que Cristo encontrasse o martírio na Terra. Que mais pode encontrar aí quem, provindo do centro, se lança para a periferia, reino do anti-sistema? Aqui a manifestação do ser é a agressão e a destruição. Elas tiveram de defrontar-se com o Amor de Cristo, e com o Amor deveria vencê-las.

Que o princípio da destruição seja próprio da periferia do sistema e o princípio genético seja próprio do centro, prova-o também o fato de que as formas da vida para sobreviver têm que, continuamente, travar luta, resistir a assaltos, suportar um ambiente hostil, em que se faz sentir uma ação destruidora em seu exterior, enquanto, de seu interior, onde reside o princípio genético que todo ser possui no íntimo, elas recebem continuamente recurso de reconstrução (defesas orgânicas, reparação de tecidos etc.). A vida se manifesta, efetivamente, do interior para o exterior: esta é a direção do fenômeno. Este se nos apresenta como uma floração contínua, por obra de um influxo emanado de um imponderável no íntimo do ser, que faz pressão para manifestar-se no plano físico. Uma vez neste, fica sujeito a contínuos atritos e assaltos (sistema sinistrogiro), num desgaste lento até à morte, mas sustentado por um íntimo impulso vital (sistema dextrogiro), luta pela sobrevivência e, prepara, ao mesmo tempo, com a reprodução, a imortalidade.

Por tudo isso, a fadiga e a luta de viver são necessárias, porque da experiência nasce a evolução, que leva o ser a nível superior. Encontramo-nos no ponto de atrito (dor) entre os dois sistemas, devendo ser nosso trabalho de reconstrução com o desgaste do sistema sinistrogiro (o mal) em favor do sistema dextrogiro (o bem). Devemos restaurá-lo, porque nós o destruímos. E a justiça de nosso domínio sobre os seres inferiores se explica pelo fato de que, com o nosso esforço, mais temos avançado no caminho da reconstrução.

Este árduo trabalho não pode ser executado pelo espírito senão nas zonas periféricas da destruição, onde a matéria oferece mais resistência e o ambiente é mais hostil. Ele aí tem que se submeter ao sacrifício e à dor, para promover a evolução, isto é, aquela elaboração para a qual as zonas mais calmas do centro não poderiam oferecer nem oportunidade, nem o material. Mas, outra razão ainda existe para isso. A queda foi no estado de matéria, e o ser deve ressurgir dela, através dela, carregando-a consigo como seu corpo. A carga só poderá aliviar-se pela sua purificação e reespiritualização, operada pela dor. Decaído na matéria, ele deve reerguer esta parte decaída de si mesmo, reconduzindo-a, com o próprio esforço, ao primitivo estado de pureza e perfeição espiritual. Por este motivo, a evolução do ser se processa na matéria. Por mais que seja, essa projeção à periferia tende e serve para elevar o ser até o centro. O sistema, contra todas as resistências do anti-sistema, é sempre construtivo.

Essa evolução procede do caos para a ordem, em todos os planos A primeira criação de espíritos foi um estado orgânico perfeito, em que reinava uma ordem hierárquica. O desmoronamento convulsionou essa ordem em uma hierarquia subvertida, uma anti-hierarquia do anti-sistema, contraposta à hierarquia do sistema. Na anti-hierarquia o deus é Satanás e o bem é dado pelo mal e a perfeição está no caos A grande luta em nossa fase se trava entre os dois princípios e hierarquias, pela reconstrução do estado originário orgânico, partindo do estado inorgânico caótico, em que caímos e do qual evolvemos.

Por este motivo, as nossas hierarquias humanas são falsas e fictícias, não correspondem aos valores intrínsecos, porque as vezes elas expressam mais a anti-hierarquia do anti-sistema do que a hierarquia do sistema.

Mas em outros campos também a evolução procede do caos à ordem No plano social, o legislador humano repete o gesto de Deus, que enquadra a Sua criação na Lei. Legislador a principio armado de sanções ferozes e do terror das penas, para depois apoiar-se, cada vez mais, na convicção, na consciência da utilidade de seguir a lei. Assim se avança para a livre e espontânea observância, que substitui a coação. Quanto mais compreensivo se faz o indivíduo, tanto menos severa se torna a disciplina, transformando-se sempre o legislador mais em amigo que ajuda do que em um opressor. Assim também a idéia de Deus legislador abranda-se nesse sentido, com o progresso da consciência dos povos. Desta forma se compreende como o terror de um inferno feroz e eterno, ainda que, em Deus, essa idéia ofenda o princípio fundamental do Amor, tenha sido e seja uma necessidade psicológica para disciplinar o involuído.

A visão do sistema, acima exposta, explica-nos, também um outro fato, ao qual já acenamos no Cap. III "Egocentrismo". Por que o método do mal é o de oferecer primeiro a alegria e depois afogá-la na traição da dor, enquanto o do bem, ao contrário, é exigir primeiro o esforço, para em seguida dar a justa e proporcional recompensa? Tudo agora se torna lógico, pois que se trata de posições opostas, nos dois pólos contrários do sistema. Os métodos, efetivamente, são de oposição entre si. O primeiro consiste em sacar o gozo a crédito, sem a intenção de pagar, método desequilibrado, desonesto, irresponsável, adaptado à consciência do involuído que, em sua ignorância, é levado a fraudar, porque o crê possível e útil. O segundo antepõe o esforço à alegria, a fim de que tudo seja merecido, método equilibrado, honesto, de quem se sente responsável; método consentâneo com a consciência do evoluído, levado, por haver compreendido, a proceder com justiça, certo de que sé ele é útil e de que o contrário é nocivo. No primeiro caso gera-se a confusão tanto para o indivíduo como para o sistema; no segundo, a sinceridade está em toda parte. Cada qual coloca-se em um dado ponto do sistema, segundo a própria natureza. Se for involuído, permanece na periferia com um tratamento relativo ao seu nível; se for evoluído, ascende ao centro com resultados opostos. O sistema subverte-se tanto mais, quanto mais periférico for o ser.

Avizinhando-nos do pólo negativo do ser. A livre lei moral do evoluído involve de tal maneira que se precipita no determinismo da matéria. Já no fim cio Cap. V dissemos que Dante colocou Satanás no fundo do inferno, no centro da Terra. Aqui a condensação física é máxima, como o é a pressão gravífica, ao passo que o purgatório se eleva do lado oposto, utilizando, como na técnica reconstrutiva do sistema, o material produzido pela ação do mal, para caminhar rumo ao céu, ao bem,

espiritualizando-se, à medida que se distancia da matéria. Assim, também na concepção de Dante, o abismamento de Lúcifer é um meio para a formação do purgatório, instrumento do bem, meio de expiação. Desta forma, o mal, em última análise, torna-se um meio utilizado para a libertação do próprio mal. Os produtos da ação do mal, que escavou o abismo na Terra, servem para a edificação de um monte fora dela, no qual se prepara para a realização dos fins do bem.

Se soubéssemos ver em profundidade, poderíamos bem dar-nos conta deste fato, que se repete em tantos eventos de nossa vida, pelo qual o mal acaba por gerar o bem.

Os nossos juízos sobre a ação divina se detém na superfície e se limitam ao momento, e, pretendemos com eles concluir a respeito dos problemas que desconhecemos, freqüentemente, algumas construções não se podem conseguir a não ser por reação, pois a do mal é o impulso a que o involuído mais obedece. Então, a força mobilizada não pode ser o bem, mas o mal. Por isso, as guerras, que parecem tão inúteis e homicidas, são muitas vezes úteis para determinar entre inimigos, que de outra forma se odiariam, a necessidade de coalizão com o objetivo de defesa comum, levando-os à unificação, uma das grandes vias evolutivas, que nos conduzem a Deus.

A sabedoria da Lei, com freqüência, se revela em excitar as nossas possibilidades latentes para que o bem, que está dentro de nós, possa aflorar pelo nosso esforço. Por isso, os assaltos exteriores do mal e da dor agem sobre todos indiscriminadamente. O efeito é que difere, dependente sobretudo da reação que a natureza de cada qual estabelece. Se o indivíduo for um involuído, tudo para ele pode tornar-se instrumento de perdição; ao contrário, se for evoluído, tudo se lhe transforma em meio de elevação. O primeiro, vendo-se acuado pelo mal, reage com o mal, descendo mais ainda. O segundo reage com o bem, elevando-se. A mesma força pode, assim, produzir dois efeitos opostos, conforme o ser com que colide, mas, em qualquer caso, pondo a descoberto a natureza do indivíduo. Isto significa tendência a aumentar-lhe as qualidades, sejam quais forem elas, tendência a assim resolver o dualismo da existência, quer para o bem, volvendo a Deus, quer para o mal. onde o ser se anula longe de Deus. Isto patenteia-nos que a fratura dualista do sistema tende verdadeiramente a consolidar-se, fundindo-se no Uno originário, que se reconstitui integralmente na sua primeira unidade. É verdade que o sistema fracionou-se, mas no seu seio permanece a imanência da Causa Primeira que o gerou, a qual representa um impulso permanentemente ativo na sua reconstituição integral.

É assim que tudo, inclusive as forças negativas, são compelidas pelo sistema a cooperar na reconstrução positiva. Qual maior prova do que esta da apenas aparente corrupção do sistema e da sua substancial integridade permanente? Se em seu aspecto exterior o nosso universo parece degradado, entretanto, na sua estrutura íntima ele é são e poderoso, equilibrado e sábio, incorrupto e perfeito, mesmo que os seus elementos negativos, pareçam funcionar com resistência; que em última análise, agem como elementos positivos colaborando à sua maneira, com sua natureza invertida, efetivamente para o restabelecimento e triunfo do sistema. Eis a que função criadora está votado um erro que poderia se nos afigurar irreparável! A íntima e divina potência criadora não se extingue e tudo sabe criar de novo! Neste sentido, dizemos que em nosso universo a criação é contínua, isto é, Deus, no Seu aspecto imanente, está permanentemente em atividade na obra da Sua reconstrução.

Que maior maravilha do que um sistema invertido no exterior, na forma, mas

que possui, em seu âmago, uma alma, representada por Deus e por Suas criaturas obedientes, capaz de endireitá-lo e restabelecê-lo, fazendo de uma ordem decaída no caos, um caos que se reconstitui na ordem de um sistema orgânico? Que há de mais extraordinário que, num universo em que tudo está fragmentado e degradado, fazer dos escombros um excelente material de construção e das ruínas erguer um esplêndido edifício? O bem é tão central e forte no sistema que será sempre o senhor. E o pobre mal rebelde, acreditando-se vitorioso, é reduzido à banca de prova na oficina do bem. Outra alternativa não lhe resta senão a de anular-se espontaneamente, reconhecendo-se errado, para aderir ao bem, ou de consumir-se até o anulamento, cedendo toda a substância de que se constitui ao seu inimigo, o bem. A rivalidade só colima um objetivo — o da pacificação. É assim que o erro da criatura é honestamente guiado para a sua automática superação. A criação desmoronou nas trevas mas em sua profundeza permaneceu muita luz. O espírito caiu no mal, mas em sua intimidade ficou o bem. Satanás desviou de Deus muitas almas, mas no interior delas Deus continua vivo, agitando-as para reconduzi-las a Ele.

❑ ❑ ❑

Que sucede, podemos agora indagar, quando um homem pratica o mal? A técnica do sistema, como acima foi observado, diz-nos que ele, crendo na sua ignorância praticá-lo em seu favor na realidade opera em seu detrimento. Praticar o mal significa dispor-se a marchar contra a corrente do sistema, introduzir-se na corrente inversa, isto é, significa enveredar pela via ela autodestruição. A vantagem imediata poderá dar-nos a ilusão de vitória mas e necessário ver o que se paga por ela, o que ela nos vem custar em nossa ruína espiritual, isto é, em demolição de nosso "eu" . E isto significa inversão de todos os valores da vida, significa expulsão e isolamento do sistema. Então, neste, do qual não se pode sair porque ele é o Todo, do qual nem mesmo Satanás conseguiu sair, assume-se uma posição inversa, em que a riqueza se transmuda em miséria; o conhecimento em ignorância; a liberdade em escravidão; a alegria em dor etc. E, efetivamente os triunfos do mal são efêmeros ainda que as aparências momentâneas nos iludam. Não nos estagnamos no presente. A vida eterna é longa e em sua extensão tudo se paga. Quem entra na corrente sinistrogira, por mais que seja o seu poder como centro autônomo, está sempre cm uma corrente que tem contra si todo o universo. E também Satanás, o máximo rebelde, poderá vencer Deus?

Vitórias encerradas no tempo, maculadas de traição e prestes a ruir, porque fazem parte do sistema da revolta e do desmoronamento. "Portae inferi non preavalebunt". Quem pratica o mal, isola-se no Todo, e é envolvido pelo sistema para corrigir-se ou é combatido pela anulação, qual tumor patológico. Qualquer que seja a vantagem aparentemente obtida, a posição que dela resulta é um grande malefício para o ser, e os de quem a escolhe. Eis de como o mundo moderno, por não haver compreendido nada da estrutura do universo, está laborando em próprio dano. E terá de pagar por si mesmo, como é lógico no sistema. Ainda não aprendemos a compreender que toda infração da Lei é uma subversão parcial do sistema, que toda culpa que se repete estabelece a inversão das correntes das forças do bem nas do mal, em nosso prejuízo. Não conseguimos ainda entender que assim nos ligamos cada vez mais á dor, colocando-nos em uma posição revirada, de que não é possível sair, senão endireitando-a, com o próprio esforço. Assim se explicam tantos destinos carregados

de impulsos negativos, que não podem cessar de atormentar-nos, enquanto não forem completamente exauridos.

O conhecimento da estrutura do sistema e de nossa posição nele, explica-nos o porquê da forma que assume em nosso mundo humano esse fator fundamental que é o Amor. É natural que em um sistema corrompido, tudo ofereça o seu contraste em mal e dor. Do eterno e divino Amor, ao qual se deve a gênese de todas as coisas, no grande naufrágio do ser, só ficou uma pobre caricatura dele, aqui na periferia em que nos encontramos. O seu produto tornou-se caduco; a vida que ele gera não é a vida eterna criada por Deus, mas uma vida fragmentada sempre ameaçada de precipitar-se na morte - a vida do corpo, a vida na carne. Do amor humano, que é uma corrupção, uma derivação involuída do Amor-divino, só pode emanar uma gênese imperfeita, continuamente contrastada pelo mal e pela dor. Mas não nos esqueçamos de que no interior da forma remanesceu a originária centelha do ser da gênese divina, o espírito "que não nasceu do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus", (João: 1-13). O amor se avizinha da incorruptibilidade originária, quanto mais evolve da matéria, sabe subir da forma corruptível ao espírito. Somente os produtos do amor feitos mais com alma do que de corpo podem resistir à destruição que o ser encontra na periferia, por serem o resultado de um processo genético menos periférico, qual a carne, e mais central, qual é o espírito, mais próximo de Deus. Só o amor feito de alma pode sobreviver à morte do corpo.

A própria forma que o amor assumiu na criatura nos fala de um universo desmoronado. Com a queda tudo se desmoronou, inclusive o amor. O indivíduo é, assim, incompleto, uma metade. O ser completo forma-se de dois sexos, as duas metades que, reunindo-se, reconstituem a unidade cindida. Sozinho, o eu deve sentir-se mutilado e perenemente à procura do termo oposto, somente com o qual pode completar-se, voltando a ser uno. Só assim se pode chegar à recomposição da unidade partida, atingindo-se, através do amor, a gênese criadora. Quanto mais periférico o ser, tanto mais separatista, isto é, egoísta no amor, que assim é sempre menos amor. Quanto mais central for o ser, tanto mais é unificador, isto é, altruísta no amor, que assim é sempre mais amor. O Amor é o centro do universo!

O amor evolve do egoísmo para o altruísmo, em vastidão, profundidade, potência e prazer. Ele deve tornar-se cada vez mais semelhante ao Amor de Deus e, quanto mais se lhe aproxima, tanto maior o seu poder criador. O amor egoísta, pelo gozo próprio, que o caracteriza, é um amor separatista, é a contradição de si mesmo, é um amor degradado, encerrado em si próprio, em um mar de ódios, um amor que, distanciado de Deus, cresce em poder destruidor e involve para a autodestruição. Quanto mais a criatura inverter o modelo que deve imitar, tanto mais ela se põe fora da Lei. Esta, então, se houve abuso do prazer, contrai-se e nega o amor. Fica, então, fragmentado, tornando-se o outro termo inacessível. Nascem, assim, em ambos os sexos os invertidos cuja personalidade tem os sinais opostos aos do seu corpo. Deste modo a Lei se revolta contra eles, como eles se revoltaram contra a Lei.

Qualquer violação, seja do gênero que for, nos coloca em posição inversa, condenados à carência correspondente ao abuso O ser se deforma, não a Lei. Ele permanece estropiado no patológico, vulnerável, portanto. O mal fere aquele que o faz, não aqueles para os quais foi feito. Pretender gozar farta e ilicitamente significa privação futura, a conseqüente e proporcionado sofrimento de recuperação. Impõe-se depois a reconstrução na Lei, em que se deu a demolição, reconstrução com a própria

dor, que outra coisa não é senão a originária alegria de existir, invertida pelo ser rebelde. Á via da desobediência a Lei é a da autodestruição, pois que a Lei é a atmosfera de Deus, sem a qual falta ao ser a respiração da vida. E o homem, porque mais evoluído e, portanto, mais livre que o animal, pode pecar muito mais e por isso mais sofrer, porque mais conhece, e mais ainda deve aprender a conhecer, tornando-se cada vez mais ativo e responsável na Lei por ser cada vez mais investido na função de piloto da própria nave.

A morte e a dor são o tributo de todas as formas periféricas de vida e por conseguinte, também da vida terrena. Outro meio não existe de fugir a essas trajetórias extremas do sistema, se não restringindo-lhe as órbitas com o avizinhamento do centro, isto é, com a retomada da posição direita. Em nossa zona de vida, a corrupção do sistema acarreta a impossibilidade da afirmação do "eu sou", que constitui a existência, a não ser pela negação intermitente desta, que é a morte. Não se pode chegar ao ser, senão percorrendo o não-ser em etapas inexoravelmente ligadas à própria inversão, qual se desejou. Mas persiste o ser, que não pode morrer, porque é eterna centelha divina. Não pode morrer definitivamente como tal. Mas, entretanto, se deve viver, só pode fazê-lo de maneira fragmentária periodicamente submetido ao retorno agoniante da morte e do nascimento. Eis a vida, originariamente una e agora assim despedaçada. Essa precariedade, contudo, é a qualidade que lhe faculta a evolução, como único meio para que de cada vez ganhe em perfeição. O dano é, assim, ao mesmo tempo, remédio. Eis o doloroso ciclo incessante da vida e da morte, das sucessivas reencarnações, de que só a evolução espiritual nos poderá libertar. Na Terra, o princípio do "eu sou" (vida) mesclou-se ao do "eu não sou" (morte). A Lei impõe que a unidade fragmentada se deva refazer laboriosamente, através da dolorosa operosidade da existência: nascer e morrer, para renascer e tornar a morrer. Esta é a lei atual.

O amor, igualmente, nessa zona do ser assumiu a cor dominante. Como se vê, há uma razão profunda pela qual o parto deva ser doloroso, mas não de ordem apenas fisiológica. E que a gênese criadora não somente tem de dar uma vida fragmentaria. mas também de cumprir-se em posição negativa de dor, isto é, às avessas do originário em Deus, em que a gênese é alegria. E o pouco de prazer que ficou no amor sexual não passa de uma ruína, de um fragmento uma antecipação da originária felicidade de criar em Deus. A alegria vem antes, e a dor depois, por isso mesmo que aqui continua a repetir-se o motivo originário da inversão, pelo qual a divina alegria de criar foi substituída pela dor da queda. A dor é ulterior, como uma traição, tal qual se deu com a revolta e segundo já vimos ser a regra na periferia, reino da ilusão, onde o mal nos embala primeiro com a miragem do prazer, para depois nos abandonar em um corpo que, apesar de mantido unicamente por este último raio da divina emanação, corrompe-se e não resiste. O nosso mundo, tão ávido de prazeres, mas ignorante na arte de saber buscá-los, não imagina absolutamente que o místico, em seus amores espirituais para com Deus e Suas criaturas, é o mais sábio e o menos iludido entre os gozadores.

Eis a grande condenação do ser decaído: só poder participar da divina alegria de criar, através da dor. "Crescei e multiplicai-vos", mas não para gozar, como crê o mundo, mas para atravessar a dor e assim percorrer o duro caminho da ascensão. Cresça e se desenvolva a vida! Esta foi a lei que ficou, mas ralada na dor! Sede falanges, atados a roda da vida e da morte e que o ser aceite o prazer sexual, que o

convida a suportar as agruras restantes! Deus bendiz a união dos sexos, mas. . . Existe o grande "mas", pelo qual o homem inconsciente não suponha que, ao casar-se, vai ao encontro de alegrias da vida, mas sim do sacrifício de evolver e fazer evolver. O verdadeiro conteúdo do matrimônio é levar o amor a evoluir da sua forma egoísta, que pede prazer, à altruísta que, em dor e tormento, dá por amor não a si, mas aos outros. E desta forma que o amor se avizinha de Deus, elevando-se do plano animal à função evolutiva de reconstrução espiritual do ser. Quem cria apenas para o próprio prazer, mergulhará cada vez mais na dor, cada vez mais repelido para a periferia do sistema. Quem usar a inteligência, centelha divina, para fraudar a natureza, acreditando que espertamente lhe possa furtar prazer, inverter-se-á ainda mais dentro do sistema, e agora sabemos o que isso significa. Eis como, do grande movimento da criação, acima examinado, chegamos aos casos da vida que mais de perto nos tocam. Vemos, assim, de que longínquas origens cósmicas provém a lei moral, que regula a nossa conduta de cada dia.

❑ ❑ ❑

Repetimos nestes livros indefinidamente a utilidade da dor, único elemento de redenção. Ela é o nosso tributo, também no amor, que, entretanto, é a nossa maior alegria. O instinto fundamental do ser é criar, eco longínquo do primeiro impulso que Deus imprimiu a todos os seres e por eles repetido, revoluteando continuamente no mesmo ciclo e esquema fundamental do universo. Instinto irrefreável e que, contudo, termina na dor, mais não se poderia dizer sobre o instinto que leva à alegria e a fatalidade que conduz ao sofrimento, pois que este é o fundo da taça de todos os prazeres humanos. Um impulso irresistível impele-nos para a vida compele-nos a gerar, mas lhe obedecemos apenas para alimentar a morte. Não é este o último termo de toda a gênese humana? Esta é uma gênese que se exaure, se cansa, porque está ruída a originária potência divina que lhe concedia indestrutibilidade. Tudo na Terra se desgasta e exige contínua restauração. Iludimo-nos pensando em reviver nos filhos e nos netos, mas o tempo se encarrega de tudo destruir, tanto nós indivíduos, como nossa progênie, e tudo se desfaz no pó de todas as coisas, até à última recordação.

O ser, aterrorizado em face do sacrifício de viver em uma existência despedaçada, em que o instinto originário é permanentemente traído, poderia furtar-se à vida. Mas também deste lado não é possível evasão. Estaria na condição de um faminto que, não podendo saciar-se na copiosa refeição que anseia, recusasse uma côdea de pão e preferisse morrer de fome. Uma recusa à própria vida ou a gênese de outras, significa distanciar-se ainda mais do centro, é uma aproximação maior do anticentro do negativo; significa pôr-se a caminho do aniquilamento. É culposa, por conseguinte, uma castidade egoísta, cujo escopo é conjurar encargos e enfados, mas é santa uma castidade física que sacrifica os prazeres do sexo, para dar-se à gênese espiritual, em que a criação passará dos corpos para a alma, elevando-a para o centro - Deus. Somente nesta condição é lícito retirar-se da vida, porque realmente a ela se retorna em escala ainda maior. Assim um ser pode ter milhares de filhos, pois que a renúncia alcançará então uma proliferação, cuja intensidade a natureza desconhece. Entramos, de tal forma em uma trajetória mais vizinha do centro, na qual as posições invertidas começam a endireitar-se, em que o sacrifício vem antes e a alegria depois e onde a gênese produz frutos que não temem a morte, porque eles mesmos continuam a

gerar indefinidamente no tempo. O homem que lança uma idéia para o bem do mundo é um pai espiritual de uma capacidade genética desconhecida no plano material.

Estas são as leis da vida. Violá-las só pode acarretar dano ao violador. A vida é irrefreável impulso divino - O suicida é o maior negador de Deus, porque quem atenta contra a Lei é assassino também da própria alma. A vida quer expandir-se para voltar a ser o que era - infinita. A vida quer retornar à unidade. A união dos sexos tem o seu rito próprio e celebra, ainda que em forma profundamente reduzida, a conjunção final na unidade, dos dois semicírculos do grande ciclo do ser: o involutivo e o evolutivo, o momento supremo da reconstrução, o triunfo final da gênese divina. E assim que os seres, por instinto de unidade, se atraem. À solidão é terrível. Por isto, a vida procura a vida, as multidões atraem multidões. A segregação do convívio humano, como no cárcere, é punição e dor. E quanto mais involuído for o ser, e é mais fracionado, tanto mais se sente só e mais procura uma companhia. Quanto mais espiritualizado for ele, mais evoluído, por conseguinte, tanto mais sente a vida universal por toda a parte, e menos se sente só em qualquer solidão aparente.

❑ ❑ ❑

Ao concluir este capítulo, procuremos compreender o grande alcance das conseqüências práticas a que nos conduz a concepção deste volume. Tudo nos demonstra a verdade do quanto acima dissemos, isto é, que se o sistema desmoronou, permaneceu no fundo dele a imanência da causa primeira que o gerou e que está em nós sempre presente e ativa, para reconstruí-lo.

No piano físico, efetivamente, que é, em última análise, a "vis sanatrix naturae"[8], senão a expressão de Deus imanente? Ele está em nosso interior sempre atento à restauração da forma, que é protegida, porque é manifestação de vida no plano em que devemos elaborar-nos, para reerguer-nos. No fim do Cap. XV "Ã procura de Deus", concluiremos, descobrindo o divino na profundeza do nosso "eu". Sabemos que não é possível existir em nosso universo a não ser como um vir-a-ser. A criação não é um fenômeno estático, mas de incessante formação, que não se pode reger, nem se explicar sem esta permanente e operosa presença de Deus no Seu aspecto imanente. Quem mais poderia assim tudo reconstruir? E verdade que a morte ameaça continuamente a vida, mas é verdade também que quem acaba vencendo é a vida, reduzindo a morte a um meio de renovação, que é justamente o que determina a evolução, que avança para a superação da morte.

Esta presença de Deus patenteia-se não só no campo físico, como também no moral. Fala-se de impulsos reativos da Lei ao nosso erro que se chama culpa. A idéia do pecado leva-nos à concepção de que ele implica uma punição, quase uma vingança de um Deus, que com isto egoisticamente defende a Sua ordem violada, defende a justiça por Ele representada, em suma, mais a Si próprio do que a criatura. E assim, para nós, se explica a dor. Isto, porém, não basta. Agora podemos compreender melhor que se *tra*ta de um remédio que nos cura e de uma escola que nos instrui. A reação da Lei significa a salutar intervenção de Deus imanente a infligir-nos uma dor proporcionada e adequada ao fim, para que, através dela, o sistema possa

[8] "A força curadora da natureza". (N. do T.)

reconstruir-se precisamente no ponto violado e assim o ser possa reentrar no binário da sua salvação. Todos os nossos males não passam, pois, de expedientes corretivos para retificar posições erradas por nós assumidas, e para ensinar-nos a viver na ordem divina, onde só pode haver felicidade. Assim, em qualquer campo, este impulso divino interior e restaurador nos acompanha para curar-nos. A própria moléstia é sua reação para sanar o nosso corpo. E quando o dano ultrapassou os limites permitidos, e a ordem (saúde) não se pode mais assim rapidamente restabelecer, essa mesma força, a que denominamos natureza, resolve, igualmente o mal, de maneira mais radical, por meio da morte, que permite recomeçar a vida sadia de novo.

Desta forma, no campo moral, todo excesso de abuso é compensado por uma proporcionada e específica carência. Mas, não basta dizer que isto é justiça e reconstrução da ordem. É necessário dizer, também, o que mais nos interessa, ou seja. a razão pela qual a dor nos flagela e essa reside no restabelecimento que opera em nós mesmos, para fazer-nos volver à ordem, onde somente podemos ser felizes. Com o erro não violamos apenas uma Lei que pertence a Deus, mas demolimos a ordem em nós, a ordem que é a nossa felicidade. E Deus não pensa egoisticamente na reconstrução da Sua ordem violada, mas sim em nosso bem estar, obrigando-nos, pela dor, a reconstruir ordem e felicidade.

Uma conseqüência prática importante de tudo isto e a seguinte: é verídico que devemos nascer e viver, como já dissemos, quase sempre para sofrer, porque esta é a escola da necessária reconstrução que nos incumbe. É certo, também, que esta dor é lição e não vingança, querida por um Deus bom em vista, não do Seu, mas de nosso interesse, de nosso bem. De tudo isto se depreende que ela deve ser dosada, isto é, diminuir quando superiores às nossas forças, pois que a vida, que é sagrada, jamais deve ser ameaçada. Isto porque a dor não é reação cega, punição que esfacela, mas constrição ao esforço que educa e endireita. Nas nossas dores devemos ter sempre presente que não estamos tratando com forcas inimigas e inconscientes, tuas com forças boas, justas e sábias A dor, pelo contrário, se bem compreendida, deve fazer-nos sentir mais próxima a presença ativa e salvadora de Deus imanente, ao Qual mais nos devemos unir. Que maravilha para o intelecto e que conforto ao coração chegar a compreender que a dor é um ato de amor com que Deus nos agracia para induzir-nos a retomar o caminho certo de nossa felicidade, que havíamos abandonado!

Então, o intelecto compreenderá porque efetivamente as provas jamais podem superar as nossas forças e como elas se desvanecem mal se tenha realmente aprendido a lição. Compreenderá porque a Providência costuma tardar tanto, salvando-nos somente no último momento, ao cairmos sob o peso da cruz. Isto porque é necessário antes esgotar todos os recursos na aprendizagem da lição. Uma Providência que no-lo poupasse, trairia o nosso restabelecimento e prejudicaria a nossa evolução. Enfim, o coração encontrará em meio à dor o imenso conforto do amor, sentindo Deus a seu lado, Deus que no Seu aspecto de Filho, de Cristo, ampara a nossa cruz e a arrasta conosco, compartilhando de nossa dor. Pois que Deus imanente desceu a sofrer na forma, no íntimo do "eu" da criatura decaída, para reerguer-se nela ao Seu aspecto originário e perfeito de Deus transcendente.

X

A TEORIA DO DESMORANAMENTO E AS SUAS PROVAS

Procuremos neste capítulo responder por nós mesmos, a algumas possíveis objeções ao sistema acima exposto. Este é um controle racional a que submetemos os produtos da intuição ou da visão. Por um momento proponhamo-nos a rejeitar esta teoria, a que podemos denominar simplesmente teoria do desmoronamento, como explicação de nosso universo.

Devendo axiomaticamente admitir que Deus não pode ser imperfeito e mau, mas sempre perfeito e bom e que, por conseguinte, criou por Amor e não por ódio, como se pode explicar a presença do mal e da dor em nosso universo? E se, em absoluto se podem atribuir a Deus-Criador estas realidades, impõe-se procurar-lhes uma outra causa que não pode ser Deus. E aqui o dilema é fatal: ou essas tristes verdades são devidas à criatura e forçoso é admitir a teoria da queda, ou, se Deus-Criador - foi causa de tudo, Ele é imperfeito e mau.

Uma bem triste cadeia de males pesa sobre o mundo. Este fato é indiscutível. Queremos buscar-lhe a causa, o responsável. Podemos chegar à monstruosidade de tornar-nos acusadores de Deus, como causa de todos os nossos males? Podemos sentir-nos autorizados a amaldiçoá-Lo, como inconsciente e mau? Isto só poderá fazer quem segue Satanás, imerso no pólo negativo, na ignorância e no mal. Jamais o fará u'a mente iluminada, que sentiu a sabedoria, a perfeição e a bondade que reinam no funcionamento orgânico do universo.

Mas, ainda que a teoria do desmoronamento fosse errada, que significação possui a lenda, tão difundida no mundo, da queda dos anjos? Poderá ter ela nascido do nada? E com a Sua paixão, que poderia redimir Cristo, se a culpa era mais de Deus do que do homem? Por essa paixão a humanidade se redimiu, então, mais da falha de Deus do que das suas próprias. Isto sim, nos parece verdadeiramente um esboroamento do bom senso, ao ter que admitir que a humanidade deva sofrer tanto, que em virtude da insciência ou maldade de um Criador irresponsável ou perverso. Este seria o mais escandaloso triunfo da injustiça. Mas, desta forma, pomos um conceito negativo no centro do sistema positivo do ser; dessa maneira tudo se subverte, a vinda de Cristo à Terra carece de qualquer sentido, e, onde tudo é ordem, estabelecemos o caos de um universo em delírio. Então, o primeiro pecado original teria sido o de Deus e não o do homem, e a rebelião contra um Deus imperfeito, injusto e malvado seria mérito e não culpa. E a redenção, que é a retificação de uma posição invertida, que teria retificado? Talvez a justa revolta de Adão contra um Deus criador do mal e da dor? Como se vê, cai-se em um redemoinho de absurdos, em que tudo se subverte em uma horrenda concepção satânica.

Devemos axiomaticamente admitir em Deus também a unidade. Ora, o universo é inegavelmente dualístico. Como se pode explicar essa estrutura dualística em um universo cuja base deve ser unitária, se não com a teoria do desmoronamento? Quem despedaçou o uno, como e por quê? É absurdo um universo dualístico desde a sua primeira essência, em seu centro. Se assim fosse, pelo menos os dois termos do dualismo - bem e mal - deveriam ser iguais. Como se explica, ao contrário, que o bem é mais forte, acaba vencendo, e que o Senhor é um só — Deus? Também aqui, se excluirmos a queda, tudo se confunde no caos. Então Deus se transforma em artífice

de uma obra diabólica, e se confunde Satanás com Deus.

Abolindo a teoria do desmoronamento, não se sabe mais justificar a origem e a presença de Satanás. Quem é ele, então? Que significa no sistema do todo? De que nasceu, para o que tende e como acabará? Em um sistema lógico, como pode manter-se esse anti-Deus? Em uma construção equilibrada que significa hostilidade desse contínuo atrito demolidor? E que imperfeito universo seria este, sempre sujeito aos assaltos de um princípio destruidor, que se aninha em seu seio! Certamente o sistema deve parecer bem pobre e mal feito, concebido desta forma! E, no entanto, ele é pleno de obras que revelam uma sabedoria tão grande, que nem podemos compreendê-la no seu todo.

Repugna, de maneira absoluta, a um instinto fundamentalmente peculiar a todo ser de mente sã, admitir em Deus a criação do mal. Este só pode ter surgido depois, por outras razões. Não se podendo conceber duas criações, tendo que aceitar uma única. Como explicar que não encontremos tudo em perfeição e bem, ou então, uma imperfeição e mal, mas perfeição e bem de mistura com imperfeição e mal? É evidente essa duplicidade de princípios precisamente opostos. Isto não se pode explicar a não ser como a inversão de uma parte do sistema. E como no fundo da imperfeição encontramos a perfeição, isto é, uma sabedoria que possui a força de salvar a imperfeição da autodestruição, e de purificá-la reconduzindo-a ao estado de perfeição?

Evidentemente, deve ter ocorrido que Deus criou espíritos puros, tirando-os de Si. (A técnica da criação será progressivamente exposta neste volume e depois definitivamente precisada no início do Cap. XX: "Visão-Síntese"). Este era o sistema perfeito. Mas uma parte, como vimos, rebelou-se, formando o anti-sistema do dualismo. Ora, a parte incorrupta ficou a mais forte, porque com ela permaneceu Deus a Quem ela ficou aderente. A outra parte não tem Deus consigo, no sentido de que a sua imanência não pode funcionar, já que o ser o renegou. Por isto o mal não pode vencer. A vitória final, é lógico, não pode deixar de caber ao único senhor do sistema - Deus. Não importa que no Todo se agitem forças opostas! O sistema tornou-se inquinado de culpa, sofre para restabelecer-se, mas continua sistema - Ele não desmoronou no seu conjunto. Apenas uma parte dele, em seu seio, decaiu.

Mas, então, poder-se-á objetar - por que Deus, se é sempre o mais forte, o Senhor do sistema, não sana de vez o mal, anulando-o? Não basta que uma coisa se nos torne lógica e justa, por ser cômoda. Há necessidade de que, quem criou, compreenda. Nenhuma força pode ser destruída, mas apenas corrigida. Subsiste a lei de equilíbrio e justiça, em que se baseia o sistema que exige a sua reconstrução. Não é com a psicologia da própria vantagem imediata, relativa e utilitária, que se podem resolver tais problemas. Recordemos que nós não somos punidos pelas nossas culpas por um Deus vingativo, mas sim, automaticamente, por essas mesmas culpas, isto é, pelas forças por nós movidas e pelas posições que quisermos assumir no sistema. O mal não se pode extinguir por um ato arbitrário, pois que a Onipotência divina não é jamais arbitrária, mas segundo a Sua própria Lei. O mal só se pode extinguir por reabsorção, isto é, por retificação, pela reconstrução daquilo que ruiu. Só assim se explica como a dor pode redimir. Trata-se de um processo de cura. Eis por que a luta contra o mal é virtude, ou seja, é qualidade reconstrutora de bem. Se o nosso universo fosse, no estado atual, conseqüência pura do primeiro ato criador de Deus, ele deveria ser perfeito. Não o é porque a criatura nele introduziu outras forças. É da lógica,

justiça e equilíbrio do sistema que a correção seja operada nas próprias criaturas que representam tais forças. É justo que o labor da reconstrução lhes caiba, como delas foi a revolta à ordem. Somente assim elas poderão verdadeiramente aprender a conhecer a Lei cuja compreensão já revelaram não ter desejado. Como se vê tudo se desenvolve com cabal lógica. Muitos desejariam Deus como seu servo, e se lamentam porque Ele não lhes poupa o incômodo de trabalhar, lutar, sofrer e por isso O acusam. Mas é fácil compreender quanto é absurdo colocar as nossas pobres comodidades como centro do sistema. Não é com tais medidas que se pode medir, nem com semelhante psicologia que se pode compreender.

❑ ❑ ❑

Prossigamos no controle racional, que nós mesmos estamos fazendo, dos produtos da intuição ou visão.

Alguma vez perguntamos a nós mesmos porque o estado primordial do universo é o caos? Se tivesse sido obra de Deus, deveria ser obra perfeita e não caos. E, pela evolução. esse caos e o ponto de partida de um longo caminho que avança para a ordem. Somente com a teoria do desmoronamento tudo isto se torna compreensível. Satanás está nos antípodas de Deus, assim como o caos nos antípodas da ordem. O universo atual vai do primeiro ao segundo, os dois pólos do ser. Só com a precedência de um desmoronamento, isto é, com a existência da outra metade do ciclo, inverso e complementar, tudo se pode compreender. O que implica que, se uma parte ruiu, não o fez o sistema e que, no fundo do caos, Deus continua a estar presente, Deus que e a única força capaz de retirar uma nova ordem da desordem. Á reconstrução, se de fato é operada pela dor purificadora da criatura, é dirigida por Deus, o que é provado pela descida de Cristo à Terra. Unicamente assim se explica o porquê da evolução e sua direção, bem como a grande equação da substância (*A Grande Síntese,* Cap. IX).

Agora podemos compreender melhor a fig. 4 de *A Grande Síntese,* que indica o desenvolvimento da trajetória típica dos movimentos fenomênicos. Esse diagrama sintetiza também o atual caminho da evolução, para reconquistar, entre dores e provas, o paraíso perdido. Este é o diagrama da ascensão. O desmoronamento ocorreu de $+\infty \rightarrow -\infty$. A reconstrução aqui sintetizada é de $-\infty \rightarrow +\infty$, ainda que para o nosso concebível ela agora é limitada ao trajeto $\Upsilon \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Na fig. 4 o desmoronamento das dimensões reduziu o Todo ao nada, ao ponto, sem dimensão. E este $-\infty$ (infinito negativo), o ponto de partida da evolução, segunda metade do ciclo, a que vivemos atualmente. O ponto de chegada é $+\infty$ (infinito positivo), sendo todo o processo dado pela dilatação do ponto, não dimensão, na dimensão máxima, o infinito. Eis o mais profundo significado da abertura da espiral.

Mas a maneira como se processa o seu desenvolvimento nos diz algo mais. Na sua tendência periódica para volver sobre si mesma em direção ao centro (v. a mencionada fg. 4 - *A Grande Síntese),* expressa também na fig. 2, pela descida da linha quebrada, vemos como que um rítmico, ainda que parcial, retorno ao desmoronamento, como que uma recordação sua ou tendência a repetir-se, que no-lo revela em ação, imiscuído no funcionamento do universo, desde a primeira revolta e desmoronamento. Essa característica impressa, indelevelmente, nos fala como uma testemunha. Todavia, o movimento retoma sua direção e, no conjunto, consegue subir, sempre contrastado e em luta com a descida. A subida prossegue, isto é, a evolução

vence, ganhando terreno em cada ciclo, ainda que em todos os ciclos o primeiro desmoronamento volte a se fazer sentir como um assalto do mal, mas depois vencido e superado. Assim é, porque o sistema no seu conjunto não é o sistema de Satanás, mas o sistema de Deus. Deus, como vimos, permaneceu centro de tudo, enquanto o sistema de Satanás tem por centro - ∞, o nada, o ponto não dimensão, razão por que, para ele, a existência só pode significar anulação. O sistema positivo de Deus, embora contendo o sistema negativo de Satanás é mais forte de que ele. O outro sistema está contido e é mais fraco, irremediavelmente minado pelo seu negativismo. Por isso se pode dizer une o bem deve vencer e: "Portae inferi non prevalebunt".

❑ ❑ ❑

O motivo do desmoronamento imprimiu-se, assim, tão profundamente no sistema, que o vemos ressurgir em todo lugar, a cada momento. Um estigma dualístico inquina e fragmenta toda a nossa vida. A vida una íntegra, esboroou-se em um ritmo alterno vida-morte: ao dia se contrapõe a noite; à luz, as trevas; a cada afirmação, a sua negação. A vida não se pode prolongar no tempo, senão continuamente invertendo-se no negativo, que a mata, vida que continuamente se despedaça, por efeito da queda. Bastaria isto, apenas, para provar a reencarnação. Mas no fundo da morte (Satanás), está sempre Deus. Que é a vida o princípio pelo qual ela jamais se extingue. Assim como o imutável absoluto desmoronou no imutável contingente - que justamente por isso faz presumir a existência do primeiro - assim também a existência eterna corrompeu-se na existência no tempo, que a mede e a pulveriza em um ritmo interrompido por pausas opostas.

Eis, porém, que Deus, a força restauradora presente na evolução, tende para a correção do desmoronamento. A vida evolvendo, transfere-se cada vez mais do plano físico para o espiritual. Desta forma, cada vez mais também há tendência ao desaparecimento do lado negativo - morte - como igualmente do mal e da dor, com o retorno a Deus na reconstituída unidade íntegra da vida, que não tem mais morte.

Mas tudo rui por terra. Cada alegria ameaça inverter-se em dor, parecendo ter nascido envenenada pela recordação do primeiro desmoronamento. Para continuar, a vida deve refazer-se desde o começo, na semente, no filho. Tudo nos dá idéia de alguém que, subindo uma encosta em terreno resvaladiço a cada três passos para diante, dá dois passos para trás. Recua, mas um passo ganha sempre, e assim a evolução avança, avizinhando-se cada vez mais, ainda que lenta e fadigosamente, da libertação. É longa e dolorosa a elaboração evolutiva. Mas é verdade também que o elemento negativo está submetido a um atrito contínuo, em face da resistência que opõe à força, mais poderosa, de Deus, motora da ascensão. O elemento negativo assim se desgasta, autodestruindo-se e cedendo, como já vimos, da sua substância à parte positiva. A sensação desse atrito de forças opostas chama-se dor. Mas, por isto ela redime, mata o mal, ilumina as trevas, reconduz à alegria, à unidade findando o dualismo, retificando o negativo em positivo. É este atrito que se chama dor que reconstrói o lado desmoronado do sistema e, por isso, constitui a base da evolução, ascensão para a felicidade.

❑ ❑ ❑

Tudo isto evidencia a necessidade de aceitar a teoria do desmoronamento. Só ela pode explicar o dualismo dá árvore do bem e do mal, o pecado original — continuação da revolta dos anjos e queda conseqüente, pecado cometido por Caim contra Abel, primeira personificação da cisão e da luta. Só assim podemos compreender Cristo e a Sua obra de redenção, destinada a sanar este dualismo, compreender a inversão operada pelo Evangelho, que e uma retificação dos valores. Assim podemos explicar por que a Terra é o reino em que o mal triunfa e os bons sofrem, porque a seleção é nela operada pelo critério selvagem do mais forte. Sem a teoria do desmoronamento nada se explica, tudo é caos e mistério.

Todavia, ainda se lhe pode levantar uma objeção. Pretendemos complementar aqui os conceitos expostos no fim do Cap. VII: "A perfeição do Sistema".

Admitida a liberdade individual e a revolta, deve-se admitir também que um espírito possa conservar-se eternamente rebelde. Ele teria, então, o poder de macular definitivamente o sistema, frustrando-lhe o restabelecimento e toda a obra de salvação de Deus e dos redentores por Ele enviados. A obra de Deus não seria, então, sanável e, em última análise, estaria falida. Tudo isso é lógico. Bastaria que se verificasse o caso para uma só criatura, e o mal, em definitivo aninhado no sistema de Deus, não seria vencido, tornando-se parcialmente vencedor. Conclusão absurda. A solução do dualismo deve, pois, ser completa e, por conseguinte, para que todo o sistema seja reconstruído e tudo retorne ao Uno, impõe-se a destruição final do mal. A anulação é a única expulsão possível de um sistema que é o Todo e fora do qual nada pode existir.

Agora surge a objeção da impossibilidade de admitir-se a destruição ou anulação do espírito rebelde. A isto respondemos que, como já vimos (Cap. VII), a mecânica dessa destruição se realiza por um processo de choques e atritos de forcas, nos quais o que perece não é a substância divina, indestrutível, que forma o espírito, mas apenas a sua forma de individualização como "eu" distinto, e isto em favor do sistema do bem, que se enriquece dessa substância. O que se anula é a individualização, a personalidade rebelde, o tipo de forma revestida pela substância e não propriamente a substância que a constitui. Trata-se, pois, apenas de uma destruição relativa ao indivíduo e não em sentido absoluto. Destruição como sua individualização e não como substância. Isto torna possível a anulação no caso extremo de uma revolta indefinidamente prolongada.

A esta altura, podemos perguntar qual poderá ser a sorte de Satanás e seus demônios. Após haver tratado do problema do fim do mal no Cap. X do volume *A Nova Civilização do terceiro Milênio*, ali lançando a semente dos primeiros conceitos, desenvolvidos melhor no presente volume; após haver precisado a técnica da destruição do mal em geral no Cap. VII: "A perfeição do sistema", deste volume, podemos propor-nos agora o problema específico da sorte de Satanás, a propósito da anulação dos espíritos rebeldes.

No Cap. II do presente tomo - "O eu sou, esquema do ser", acenamos para Satanás, como personificação das forças do mal. Mas será ele apenas uma individualização fenomênica qualquer em tudo que é personalizado, ou Satanás é uma verdadeira personalidade? Como personalidade queremos significar o que ela expressa para o ser humano. O leitor que compreendeu os elementos constitutivos de nosso sistema, dos quais a lógica não permite que saiamos, pode responder por si. Nós simplesmente lhe propomos o problema. A verdadeira criação foi única, a dos espí-

ritos puros, isto é, a que Deus realizou em Seu seio, distinguindo-se interiormente em muitos "eu sou", feitos à Sua imagem e semelhança. O nosso universo físico não foi uma criação, foi um desmoronamento da criação. Os espíritos puros eram outros tantos "eu sou", semelhantes ao tipo originário - Deus - isto é, individualizações pessoais, como é o próprio homem. Todos os espíritos eram assim, nem havia razão para que fossem diferentes os que depois decaíram com a revolta. O próprio homem atual estava entre eles e, tendo uma personalidade própria, distinta, mostra-nos o que significa personalidade. O tipo fundamental do ser, como eu sou", não podia mudar apenas pela queda, como de fato não mudou para o homem, que é justamente um espírito decaído e que chegou às vezes até o grau de demônio. O desmoronamento do sistema podia alterar a disposição e posição dos elementos do edifício, mas o material permaneceu o mesmo, sem o que o edifício não se poderia reconstruir. Podia ofuscar, mas não alterar a essência pessoal do ser, porque isto teria significado destruir o tipo modelo, fato fundamental da criação. Não é concebível que a queda possa ter produzido uma despersonalizarão, pois que ela significaria uma anulação de personalidade, isto é, da individualização eu sou , o que só pode ser o último resultado de uma liquidação final de um rebelde indefinidamente em estado de revolta. Não se pode antecipar a sua destruição, sem comprometer todo o processo da reconstrução e redenção. É absurdo, fora do caso de tal liquidação final, a dissolução desse núcleo "eu sou , desse centro em torno do qual se desenvolve todo o processo do desmoronamento e da reconstrução. Somente um eu pessoal, definido nos seus atributos, pode involver e depois evolver; pode reconstruir-se, se quiser, ou então ser reabsorvido no sistema, pelo seu progressivo desgaste no atrito do anti-sistema com o sistema, consoante expusemos no citado Cap. VII deste volume. Unicamente um "eu" pessoal pode ser objeto de salvação ou instrumento da necessária anulação do mal, sem o que Deus seria vencido: sem um centro pessoal, um "eu", não pode haver mérito ou demérito, culpa, responsabilidade, experiência, evolução e retorno a Deus, ou, em caso contrário, anulação. Sem um "eu", tudo se dissolve no vago e nebuloso.

Considerando tudo isto, o leitor poderá agora responder por si à questão acima proposta. Mas é evidente que a solução cabal de qualquer problema não pode ser obtida, encarando-o isoladamente, mas somente quando ele tenha sido enquadrado em todo um sistema de que venha a fazer parte e em que todos os outros problemas do ser sejam harmonicamente resolvidos.

Procuremos, todavia, precisar os elementos do problema.

Assim como em um espelho partido cada fragmento reproduz a natureza do espelho inteiro, trazendo também em si os indícios do estilhaçamento, assim igualmente no sistema desmoronado, cada unidade individual carrega consigo os sinais do divino princípio do bem, da mesma forma que os satânicos princípios do mal. Bastaria este fato, que é possível verificar a todo instante em nós mesmos, tão profundamente ele se encontra impresso em nossa natureza, para demonstrar que, nas raízes deste nosso estado e como explicação desta nossa estrutura, não pode deixar de existir uma queda original, da qual se gerou este modelo de tipo dualístico, que se repete em todas as individualizações menores. É assim que o princípio da queda se conservou presente em todo ser decaído. E é lógico e justo que cada ser, já que é um momento do sistema desmoronado, carregue consigo os estigmas do desmoronamento e a estrutura do sistema desmoronado. E por isso justamente que toda personalidade está dividida em duas partes opostas, ativadas por um dinamismo inverso, um divino e

outro satânico, em contraste no campo do "eu". Foi assim que a indivisível personalidade do "eu sou" originário se cindiu no seu íntimo dualismo, e é neste exatamente que Satanás se aninha.

Analisemos tudo moto para melhor poder compreender o que deveremos realmente entender por personalidade de Satanás. Ele é personificado no sentido de que existe em todo ser como princípio negativo, se equilibra para contrastar o princípio positivo, com o qual está sempre em luta para dele se desvincular e se libertar. Esta luta é a base da evolução. A personalidade de Satanás está presente em todos os seres como princípio de trevas, enquanto Deus está presente neles como princípio de luz. Treva significa: inconsciência, matéria, prisão na forma, estado involuído. Luz significa: consciência, espírito, libertação, estado evoluído. Em outros termos, em nosso universo, não se encontra apenas a presença de Deus imanente, nele descido de Sua transcendência para salvá-lo, mas existe também o princípio oposto, filho da queda, isto é, a presença do mal ou Satanás imanente, sempre operante para tudo destruir e perder.

Em todo ser defrontam-se, em permanente contraste, o divino princípio do bem, fazendo evolver e subir, e o satânico princípio do mal, insistindo no desmoronamento e na descida. O último serve, assim, de resistência à evolução. É esta resistência que procura demolir todas as nossas conquistas, o que nós temos de vencer com o nosso esforço, intentando livre refazer em ascensão o mesmo caminho que livremente percorremos em queda. Somente com a queda pode-se explicar como o princípio do mal se aninhou no âmago do ser e lá permaneça vigilante para impedir a ascensão. Este princípio onipresente em nosso universo e personificado como o lado de trevas em qualquer personalidade é o que entendemos por personificação de Satanás, princípio que pode revestir-se de uma forma qualquer, assumindo consistência real. Não se trata de uma vaga abstração, mas de qualquer coisa de concreto que se encontra como força individualizada no ser que, na Terra pelo menos, sempre apresenta uma certa dose dela, maior ou menor. A percentualidade é que varia, sendo santo aquele em que ela for mínima ou nula, e demônio aquele em que ela se aproximar da inteireza. No caso máximo deste último tipo, quem sabe em alguma forma cósmica da vida, teremos a personificação concreta e real de Satanás.

Efetivamente, pode-se idealizar dele um tipo biológico mesmo na Terra. E isto realmente foi feito pelo homem representando o demônio com as características dos animais danosos, mais inimigos e involuídos, agressivos, com chavelhos garras ou bicos, traiçoeiros como as serpentes venenosas, escuros e peludos como o urso, com dentes de lobo, olhos ferozes e cauda, lançando chamas e enxofre, na representação de um mais antigo e elementar adversário, qual o fogo vulcânico da terra. Tudo isto é lógico e se justifica, porque Satanás simboliza a involução, isto é, a animalidade, que é o nosso passado, ou seja a matéria e o caos num reino subterrâneo, onde ele sempre se aprofunda, como nas representações que fazemos dele. Inimigo da evolução, que é progresso em direção a Deus e à felicidade, também é um inimigo da vida, representando tudo o que é agressivo e mau.

Onde está este inimigo? Está em toda parte como Deus, junto de Deus como Sua negação, assim como a sombra está junto da luz e sem a qual não sabemos o que é luz. Satanás é a treva que se aninha em cada ângulo, no qual se ocultam o mal e a dor para nos golpearem traiçoeiramente. Satanás é o veneno depositado no fundo de toda taça, a dor sempre pronta para macular as nossas alegrias. É a moléstia que assalta a

saúde, é a morte que espreita a passagem da vida. É a traição que está no fundo da amizade. É o ódio em que está prestes a transformar-se o amor. É o princípio de destruição que secretamente mina todas as construções humanas. É o princípio do mal que sempre busca manchar a obra do bem. É um princípio que toma forma concreta em atos e pessoas.

Durante as trevas da Idade Média, houve o domínio, inclusive no terreno religioso (inquisição, guerras santas, bruxarias) desse princípio de negação, em que Satanás prevaleceu. Por dois milênios ele tem reinado com o terror do inferno, construção sua. Tudo isto está escrito na hora histórica, para todos, e teve a tolerância da Igreja. E até hoje, mesmo no que respeita a Cristo, se tem atentado principalmente para o lado negativo e destrutivo da criatura humana, na crucificação que foi um triste espetáculo de carnificina, sem se olhar para o lado positivo e construtivo da ressurreição, eterna vida do espírito. Isto demonstra como Satanás está vivo entre nós, personificado em correntes, ações e pessoas. Satanás, embora como força invertida e negativa, está presente entre nós, como o está Deus, e eles se defrontam e se batem em nós, seu campo de batalha. Ainda que Deus, pela própria natureza do sistema, venha a ser o vencedor, esta batalha existe e a vivemos, em nós, sem sabermos que ela é a maior batalha do universo, que repercute em nós.

Em cada ato nosso, através da escolha que soubermos fazer, amadurece o nosso ser e avança a grande marcha da evolução. Em virtude dos atos e da livre escolha de todos os homens, opera-se o resgate, bem como a salvação. Graças a essa intensa elaboração em que se empenham todos os seres, ocorre a regressão ou a estagnação, ou a redenção do universo. Satanás exige que lhe paguemos em moeda sonante de dor o tributo de nosso resgate porque quisemos cair e, com a queda, o abrigamos em nosso interior.

Satanás está em toda parte do sistema desmoronado, é a doença do sistema, que o acomete e faz todos sofrerem. Também a parte incorrupta não se pode furtar a esta dor e, como fez Cristo, ajuda igualmente com o seu sacrifício. Mas é a parte divina, é a originária centelha de Deus, não extinta de todo e que permanece em nós, que deve lutar para restaurar a parte enferma ou satânica, da mesma forma que no organismo a parte sã luta, com os recursos vitais provenientes de Deus, para recuperar a saúde e reconstituir o equilíbrio. Quando em nós se defrontam, em ação, duas motivações opostas de bem e de mal, em que se pesam a vantagem, em forma de alegria, e o dano, em forma de sacrifício, estamos diante do maior drama do universo, que configurou o nosso tipo de existência e que retorna, repetindo, no caso menor, a apocalíptica luta do universo entre o bem e o mal.

Por uma lei de inércia, que é verdadeira também no campo moral, pela qual u'a massa, como uma idéia, continua a avançar na direção em que foi lançada, enquanto não encontrar uma força que a desvie ou um atrito que a freie, por essa lei em nós, Deus continua a gritar "eu", assim como Satanás grita "eu". E assim que cada um de nós, mais ou menos, pode personificar um ou outro, segundo o grau de evolução. E quando o homem desce até ao delito, nele encontramos uma sempre maior personificação de Satanás. É fácil assim imaginar uma hierarquia na gradação dos valores invertidos em negativo, no mal, da mesma forma que há uma hierarquia dos valores positivos, no bem. Poderemos, desta maneira, idealizar, no ápice da pirâmide invertida, um Lúcifer, qual sublimação do mal elevado à máxima potência, assim como no ápice da pirâmide positiva está Deus, sublimação infinita das potências

do bem. E como se pode explicar racionalmente a idéia tão difundida do anti-Cristo.

Parecendo-nos, por ora, bastante clara esta argumentação sobre a personalidade de Satanás e seus demônios, concluimo-la com a verificação de estarmos assim diante de uma nova maravilha do sistema. Nele, de fato, o princípio do mal e da dor, que se faz sentir em tudo, é utilizado como uma dificuldade a superar, como uma escola para aprender e ascender. A realidade é que, embora Satanás e seu poder pareçam espantosos, o nosso universo está inteiramente impregnado da presença de Deus imanente, de modo que a vitória está garantida e as portas infernais não prevalecerão. Todo o grande assalto de Satanás se reduz a um exame das forças do bem, a um sangrento banho de purificação, do qual o espírito sairá triunfante. Desta forma, encontramos não somente uma justificação para o mal e a dor, senão também o segredo para demoli-los, transformando uma infelicidade em um meio para conquistar a felicidade. Assim, o tremendo princípio do anti-bem e do anti-Deus se pulveriza em nossas mãos, onde, se somos sábios, em meio a tanta ruína não resta senão um instrumento de salvação.

A esta altura, nós nos perguntamos: será possível uma revolta eterna e definitiva? Agora podemos compreender o que significa essa indagação, isto é, a mácula da personalidade, até que o percentual dos elementos componentes positivos seja reduzido a zero e o percentual dos elementos componentes negativos seja reduzido a cem. Quando o "eu" fica assim reduzido, em sentido negativo, ele é = 0, isto é, ele se autodestruiu. Quando, ao contrário, todo o "eu" se reduziu, em sentido positivo, ele atingiu a salvação. No primeiro caso, ocorreu a morte total pela completa negação de Deus; no segundo caso, foi alcançada a vida total em Deus.

De tudo isso encontramos um paralelo na vida de nosso organismo, o que é lógico num universo dirigido por um princípio unitário. Antes de tudo, a difusa presença do espírito satânico do mal não nos deve espantar mais do que a presença dos micróbios patogênicos em nosso organismo. Quando ele está são, os micróbios não perturbam, mas quando as portas estão abertas, eles penetram o organismo no seu ponto vulnerável, porque débil. Também Satanás só pode entrar quando encontra uma porta aberta no espirito, isto é, um ponto vulnerável, porque débil. Se formos sãos e fortes no campo orgânico e no moral, podemos mover-nos sem perigo entre os micróbios patogênicos e as forças do mal. Em qualquer setor, a vida nos quer sãos e fortes, para que prossiga a evolução. atuando a Lei, que quer o ser caminhando para a perfeição e felicidade. Quem deve, paga, colocando a dor o ser no reto caminho, o da sua salvação. Tanto no terreno orgânico, assim como no espiritual, a Lei acorre para salvar, impelindo com as suas reações dolorosas o indivíduo a salvar-se. A Lei indiretamente se vale de todas as constrições compatíveis com o respeito à liberdade individual. Mas quando, apesar de tudo, o doente do corpo e o do espírito não querem de forma alguma salvar-se, eles, que desejariam fixar em sua personalidade uma permanente violação da Lei, que e inviolável, são por ela eliminados. Em outros termos, a vida mata os que se voltam contra ela.

Se assim acontece, então nos perguntamos: que probabilidade existe no sistema, que possa verificar-se, não para o sistema, que é invulnerável, mas para o indivíduo, de um desastre, qual seja a sua anulação pela revolta definitiva? Respondemos logo: Embora a destruição de um espírito seja possível, a probabilidade de semelhante destruição é praticamente teórica. É verdade que o sistema é construído de maneira que possa chegar até aí, mas não está na lógica das coisas que um espírito

se deixe arrastar até esse extremo. As razões são as que seguem: ser destruído é contra o interesse e a felicidade do ser, é agir contra o princípio do "eu Sou" que o mantém em vida. É verdade que o rebelde, tendo-se colocado no negativo automaticamente propende para essa anulação. Mas a arma da revolta, ele crava na própria carne e, quanto mais ele a utiliza tanto mais intensifica a própria dor. Ele tem de suportar um esforço cada vez maior, uma luta sempre mais feroz para insistir nessa via dolorosa, para contradizer o seu próprio instinto de felicidade, para afastar-se do que constitui o centro para todos e também para ele - de Deus. Poderão impeli-lo por essa via de perdição o seu originário orgulho, o espírito de revolta, a força da inércia, como massa lançada em ricochete, o mal e o ódio do que ele está feito. Mas o fenômeno deverá também atingir um ponto de saturação, pelo qual o interesse egoístico deverá prevalecer, pois que a dor, intensificando-se sempre, superará o limite individual de tolerância, e uma existência de ódio e de mal, cada vez mais distante de Deus, centro de felicidade, acabará por tornar-se impossível. Este será o momento crítico da inversão de rumo, da direção involutiva para a evolutiva. Então o ser se porá no caminho da reconstrução, percorrendo-o, a dor irá diminuindo, e não aumentando como no oposto.

Além disso, temos ainda que levar em conta a presença de Deus que, como dissemos, está no seio da parte desmoronada do sistema. Esta presença é uma forca em ação, que envia apelos, auxílios e esclarecimentos. Em imensos períodos de tempo, pela convergência de tantos impulsos, é impossível que o ser não compreenda o absurdo de laborar apenas em seu próprio dano, que ninguém, por pior que seja, pode desejar.

Existe, afinal, um outro fato. A unidade entre os involuídos, na zona corrompida do sistema, quanto mais se desce, tanto mais pelo negativo é obtida, isto é, não mais como amor que unifica, mas como ódio que desagrega, como luta recíproca e cisão, ao invés de como paz e fusão. Enquanto o sistema de Deus é centrípeto, o anti-sistema Satanás é centrífugo. Este, pois, em vez de centralizador é autodispersivo. Tudo isto constitui uma fraqueza que mina cada vez mais o indivíduo, isolando-o e acelera a chegada fatal àquele limite, em que se impõe a inversão de rota.

De todo o exposto podemos concluir que, na realidade, todos deverão, mais cedo ou mais tarde, salvar-se. Os mais rebeldes sofrerão mais e também alcançarão os braços salvadores de Deus, porque, se um só não chegasse, a obra de Deus teria sido imperfeita e seus fins de Amor seriam frustrados.

❑ ❑ ❑

Retomemos mais uma vez em exame a teoria do desmoronamento, para discuti-la ainda sob o fogo de todas as possíveis objeções, com o objetivo de esclarecer os seus mais recônditos significados. Observemo-la dos mais variados pontos de vista e focalizemos todas as suas particularidades. Só assim poderemos chegar à mais clara visão dessa teoria e à sincera convicção da sua veracidade.

Se para alguns a teoria da revolta e da queda repugna, experimentemos eliminá-la. Que resta, então? O semiciclo involutivo necessariamente tem de permanecer, pois que sem ele faltará o indispensável e lógico complemento do inverso semiciclo evolutivo que nós vivemos atualmente. O mal e a dor são realidades indiscutíveis e características do ser decaído em planos inferiores de vida uma

necessidade lógica que a sua causa não possa estar em Deus e, por conseguinte, só pode estar na criatura. Sem a teoria do desmoronamento, teria sido Deus quem determinou o semiciclo involutivo, isto é, a inversão do espírito na matéria, da liberdade na escravidão, da luz nas trevas, da felicidade na dor etc. Como poderia o próprio Deus chegar a esta absurda contradição de querer subverter o sistema que Ele mesmo criou? O universo é também um conjunto lógico, no qual não há lugar para absurdos.

Do ponto de vista da criatura, não teria sido injusto e maldoso (duas qualidades que Deus não pode ter) condená-la ao sacrifício da ascensão sem que ao menos fosse justificado o seu erro inicial? Ás mentalidades que se rebelam à idéia de uma reação da Lei pela queda na dor, em virtude do erro de origem, perguntamos se não se revoltariam mais ainda contra o conceito de um Deus que haja querido uma criação imperfeita e progressiva, impondo ao ser inocente o tremendo esforço de construir a sua felicidade através da dor, por um preço tão duro, quando sabemos que o princípio de Deus, ao criar, é o Amor, isto é, doação por ato de bondade. Nós podemos variar de hipóteses, repelir escandalizados uma e outra, mas há fatos positivos, que não se podem discutir ou abolir, tais como o do mal ao lado do bem, da dor ao lado da alegria, o da imperfeição junto à perfeição, ou seja, da existência de um lado desgastado e enfermo, de algo de corrupto, que repugna atribuir-se a Deus, que, de forma alguma, podemos conceber seja incapaz ou mau. É absurdo colocar no bem a causa primeira do mal; na felicidade, a da dor; na perfeição de Deus, a imperfeição. A causa deve estar na própria natureza do efeito. Dos dois termos com que nos defrontamos, a um dos quais pode caber a responsabilidade, somente a criatura pode errar, jamais o Criador. Poderá desgostar-nos a idéia de sermos culpados, mas outra hipótese não existe para explicarmos as causas.

Na equação, cuja incógnita procuramos, muitos termos são tomados como pontos fixos, inamovíveis, tais como a bondade e a sabedoria de Deus, pois que Ele não poderia deixar de querer, e das Suas mãos não poderia ter saído senão uma obra perfeita. Do outro lado, a existência da dor e do mal e o contrastante dualismo de princípios opostos, enfim, a atual fase de evolução, que em um sistema de equilíbrio implica a lógica necessidade de uma complementar, inversa e precedente fase involutiva . A única teoria que concilia e resolve tudo é a da queda. Se a eliminarmos, acaba--se em um mar de contradições e nada se resolve. É evidente que à incógnita da equação não se pode emprestar outro valor que não seja o seguinte: a causa está na revolta e o nosso é um universo desmoronado. O leitor que deseja eliminar a teoria da queda, procure outra que igualmente resolva tudo sem dúvidas. Parece-nos lógico que tenhamos preferência pela teoria que tudo resolve, deixando de lado as que não resolvem: teoria que aceitamos por força dos fatos e não por influência de uma escola ou religião.

A primeira vez que em nossos escritos começamos a encarar essas questões, foi nos dois capítulos XV e XVI do volume *Problemas do Futuro.* Ali começamos a tatear o terreno, ouvindo as teorias contrárias, limitando-nos, porém, a fazer mais interrogações do que cuidar de dar-lhes respostas. Os problemas foram apenas esboçados e orientados sob um aspecto geral, como germens de conceitos, que seriam posteriormente desenvolvidos no presente livro, ao qual os dois capítulos referidos, do mesmo nome, podem servir de introdução. Neles começamos a assentar e agitar o problema na forma psicológica, como muitos o propõem, e dizíamos que o mal parece

uma força negativa, que atenta contra Deus, uma imperfeição devida a um erro Seu e que Ele, em dado momento, encontra no sistema, apressando-se a remediá-lo. Há então, um outro Deus que limita o primeiro? Cai o conceito de um Deus absoluto e perfeito. E para o homem resta a dor, punição de um Deus vingativo. Essa dor deriva da culpa do primeiro rebelde, que certamente não podia ter consciência completa do bem e do mal, pois se a tivesse tido, não teria, como a revolta, se prejudicado e mergulhado na dor. E como pode um inconsciente ser responsável e punível, se ao procurar o próprio bem, erra, sem o saber? E em nome de que justiça, Deus, que tudo sabe, que de tudo tinha presciência, mesmo desse erro, pode condenar um ser que errou por ignorância, a pagar com a dor? Quando uma criança inexperiente cai, a culpa é dos pais, que, sabendo de antemão, deveriam prever a queda; é dos pais, que têm o dever de educar, antes de punir e, ainda assim, proporcionalmente à experiência adquirida pelo filho. Quando este não tem conhecimento, os pais não podem punir. E então, que deveremos pensar de um Deus que, contrariamente aos seus princípios de amor, bondade, lógica, justiça, comporta-se dessa maneira para com a criatura?

Assim falávamos naqueles dois capítulos. Esta é uma primeira e elementar forma de plantar a questão. Mas já ali se viam as conclusões, absurdas como eram, visto que se voltavam contra Deus. Isto é um assalto á lógica, que o evoluído não pode aceitar. Mas a maioria dos homens é presa de ilusões de ótica psíquica e de perspectiva mental, porque neles, mais do que a lógica e o raciocínio, impera o instinto de auto defesa na luta pela vida. Ora, na procura do responsável pelo mal, pela causa da dor, repugna a este tipo biológico admitir e confessar a própria culpa porque sua vida gira, por completo, em derredor à seleção animal do mais forte, que é aquele que sabe vencer, não importando os meios. E então, confessar-se culpável é perder; defender-se se é necessidade, ainda que em plano mais elevado semelhante modo de proceder se reduza a absurdo. Assim, para não acusai a si próprio, chega-se até mesmo a acusar a Deus. E somente a falta de capacidade de raciocínio que permite imaginar um absurdo tão incrível, como o erro e a culpabilidade de Deus.

É aqui o caso de perguntar-se se esta atitude mental não constitui uma prova da queda, se ela não deriva da natureza do rebelde e da persistência do originário espírito de revolta. Tudo isto revela e confirma a perpetuação de uma corrente de uma força que continua a manifestar-se na sua direção inicial. Imaginar a possibilidade de culpa divina é prosseguir rebelando-se em favor do próprio "eu" contra Deus, o que é culpa de origem, o ponto de partida, que torna e retorna na normal psicologia humana de abuso.

Diz-se também: "Sim, o homem errou, mas a culpa é de Deus, Que o criou assim. Ele deveria criar um ser que não poderia errar". Como se vê, persistimos sempre na atitude de quem pretende fazer uma escola para Deus, a fim de ensinar-Lhe a operar, sobretudo segundo as nossas próprias conveniências, que se cifram em gozar, sem sofrer. Esta é uma concepção antropomórfica para uso e consumo exclusivo do homem. Encontramo-nos aqui nas últimas raízes da dor, nas suas causas mais profundas. E o homem, azorragado pela dor, não quer compreendê-la e, para livrar-se dela, sem nada haver compreendido procura arredá-la de si, para atirá-la aos outros, mesmo a Deus, culpando-O. Como é raro encontrar o homem que reconhece em si as causas do próprio infortúnio, não as procurando nos demais! A razão pela qual a tantos repugna a teoria da queda é que ela humilha e nos induz a

reconhecer os nossos erros.

À medida que deixamos as causas acessórias e subimos para as mais remotas, o problema se concentra, por inteiro, no momento psicológico da revolta. Como o homem propõe comumente a questão, parece que não podemos fugir ao dilema seguinte: ou os espíritos eram sábios e, portanto, não podiam cair, porque sabiam as conseqüências, ou eram ignorantes e, então, não podiam ser culpados da queda, nem por ela serem responsabilizados, outras palavras: ou Deus criou um espírito que sabia e que, por isso, não podia cair, ou o criou insciente e, então, não o podia punir. Igualmente se diz: o mal existe de fato, como força inimiga de Deus. Se ela não foi criada por Deus, Que não é capaz de extingui-la, Ele não é onipotente: se Ele a criou, foi criada uma obra muito imperfeita. Logo, Deus não pode ser perfeito. (Na realidade o mal não foi criado por Deus. Que o vencerá).

No fundo, tudo se reduz a compreender a psicologia desse erro. Será a nossa psicologia humana capaz de compreender uma psicologia tão distante de nós? Podemos admiti-lo, já que os homens se incluem entre os espíritos que fizeram a revolta (não sendo deles inocentes descendentes) e pelo fato de que o universo é regido por princípios únicos, repetidos em todos os níveis. Ora, é possível, então, que as posições dos primeiros espíritos não poderiam ter sido senão as expressas do dilema? Pode-se dizer: ou é branco ou preto Mas pode também ser verde, isto é, nem branco, nem preto. Assim também as causas podem ter sido bem diversas das acima expostas. Podemos bem entender o conhecimento dos primeiros espíritos como limitado, em face do ilimitado de Deus. De fato, os espíritos, nascidos de Deus como uma divisão orgânica em Seu seio, não podiam possuir o conhecimento do Todo, que só Deus possuía, porque só Ele era o Todo, enquanto eles eram apenas momentos da Todo. Eles eram, certamente, perfeitos, mas dentro do limite dado pelo fato de serem uma parte e não Todo. Somente a totalidade que eles formavam, isto é, o conjunto orgânico do Todo, de que eles eram parte no sistema, podia coincidir, também, no conhecimento, com o Todo - Deus. É assim que cada um deles não podia ser onisciente, porque a parte pode ter um conhecimento perfeito, nos limites do próprio ser, sem poder alcançar o conhecimento do Todo. E óbvio, pois, que para seres perfeitos, mas limitados em face de Deus, Que, como é lógico, devia ser mais do que eles, pudesse existir uma zona que o seu conhecimento não podia atingir. Essa zona do ignoto foi o campo da queda.

Essa zona desconhecida não somente faz parte da lógica e da estrutura do sistema, mas também desempenhou um papel específico em relação à liberdade do ser. A sua função foi de servi r como meio de prova da amorosa obediência a Deus e da espontânea e livre adesão à ordem da Lei, como era dever da criatura demonstrar para com o seu Criador. É lógico que a célula que faz parte de um grande organismo, nele e dele vive como sucedia aos espíritos puros no seio de Deus - é lógico, repetimos, que ela deva aceitar e exercer as leis do organismo, mesmo quando, sendo limitada, não as pode conhecer e compreender. E, de fato, as células de nosso organismo humano, mesmo possuindo uma vida autônoma, obedecem à lei do conjunto orgânico, lei superior à delas, de simples células isoladas, e nelas se coordenam em obediência. Obediência necessária, porque sem ela teremos uma anarquia, que faria ruir todo o sistema. A coordenação na ordem é sempre indispensável em qualquer todo orgânico.

Este confronto que aqui fazemos não é por acaso, porque realmente a estrutura de nosso corpo físico repete um tipo de modelo originário, qual foi o da

primeira criação, cuja estrutura nos revela, do mesmo passo que nos explica por que todos os organismos, justamente por serem derivados do primeiro modelo, são construídos segundo o mesmo esquema e correspondem ao mesmo princípio. É ele o princípio universal das unidades coletivas, que já examinamos em *A Grande Síntese.* Este motivo originário ou tipo construtivo fundamental da criação vai-se repetindo, como um eco, em todos os níveis evolutivos nas menores criações, que são conseqüência da primeira, à guisa de desintegração atômica em cadeia. É assim que as unidades maiores são formadas de agrupamentos de unidades menores e assim se explica o instinto de viver em sociedade, o espírito gregário, quer entre os homens, quer entre os animais, para vencer na luta pela vida. É assim que nas unidades maiores as menores possuem funções menores, em que elas se especializam.

Foi assim, pois, que para os espíritos puros existiu uma zona situada além do seu conhecimento, zona reservada a Deus, na qual eles não deviam, nem podiam entrar, sem formar um estado de anarquia, que teria atentado contra o próprio sistema. Era essa uma zona em que se devia somente acreditar, obedecendo. Ela possuía, desta forma, a função de propiciar como que um exame, um consentimento pedido e feito por Amor, livremente, uma argüição com a qual o Criador interrogava a criatura, para que ela declarasse a sua aceitação: sem coação, permutando Amor com Amor. Eis a zona em que podia nascer e nasceu o erro.

Alguns espíritos responderam com obediência, aceitando por Amor e por fé, permanecendo fiéis a Deus, em Sua ordem. Outros, todavia, sempre livres, desejaram ultrapassar o limite prefixado, entraram usurpando poderes, no domínio proibido, reservado somente a Deus. Eles quiseram usar a liberdade, poderio e sabedoria recebidos de Deus, para dilatar ainda o princípio do "eu sou", que Deus havia colocado como base dos seres, à Sua imagem e semelhança. Eles quiseram ainda crescer, ao invés de coordenar-se em obediência na ordem do sistema: pretenderam crescer além do limites de seu ser e natureza, que Deus lhes assinalara. E que sucederia, se uma célula do corpo humano quisesse equiparar-se ao nosso "eu" e usurpar os poderes centrais, assumindo a direção de todo o funcionamento orgânico? Certamente, onde existisse desordem o sistema desmoronaria.

Não restou como um instinto fundamental da vida o de crescer além dos limites, invadindo, usurpando impondo-se? Assim ele se explica. E não sucede sempre a mesma coisa, isto é, que é a Lei o instrumento que exprime o pensamento e a vontade de Deus, que mantém todos os seres dentro dos devidos limites? Todos desejariam crescer ao Infinito, como se pretendessem escalar Deus, mas a Lei serve-lhes de freio, repõe-nos em seu limite, disciplina-lhes o desenvolvimento, guia-lhes a ação através dos instintos e mantém-nos no posto que lhes fora designado na estrutura orgânica do sistema. E a realidade quotidiana da vida não repete aos nossos olhos as mesmas coisas? Nós também dizemos às crianças, ávidas de romper o freio do limite, para não fazer isto ou aquilo, a fim de evitar-lhes dano e freqüentemente eles não obedecem e pagam depois com a dor, que é a salutar lição que, quando erramos, nos reconduz à ordem. Assim também automaticamente, devem recair nos espaços vitais que lhes cabem todos quantos tentam evadir-se, violando a Lei. Quem espera vencer sem esforço, isto é, fora da Lei, perde-se e paga. O prazer fora da ordem, no vício, acarreta sofrimento e obriga a pagamento.

Ora, os espíritos sabiam os seus limites e não deviam ultrapassá-los, sabiam ser parte de um sistema a ser respeitado, com cuja lei deviam harmonizar-se, sabiam

que era dever não ir além dos limites assinalados, nem invadir a zona reservada a Deus. Tudo isso sabiam bem e não foi por ignorância que erraram. O seu ato foi uma revolta consciente, feita, portanto, com plena responsabilidade. Os espíritos podiam ver escrita no pensamento de Deus a norma que lhes pedia - seres sempre livres, mas responsáveis - a aceitassem espontaneamente. Eles não a aceitaram. Ouviram a palavra de Deus e não quiseram acreditar. E nesse ponto deviam acreditar, pois não conheciam todo o sistema, já que o conhecimento total só cabia a Deus. Eles conheciam o Seu comando, a norma a seguir, mas uma coisa ignoravam, pelo menos por experiência própria, direta: a desobediência faria os rebeldes decaírem gerando a dor, que eles ainda desconheciam.

Pode-se objetar: "Mas Deus deveria ter dado esse conhecimento". Há, todavia, uma imprescindível necessidade lógica, que impede tenha o absurdo lugar no sistema. Deus não podia tirar do Seu seio tantos Deuses iguais a Si mesmo, pois como tais seriam senhores de todo o conhecimento. Ele não podia de Si mesmo que era o Todo, tirar senão momentos menores que o Todo, dotados, pois de conhecimento menor e parcial, em face do Seu, que só podia ser total. Tudo isto está implícito na lógica do sistema e constitui, assim, uma necessidade mesmo para Deus, visto que assim Ele não cai no absurdo e na contradição, respeita a Sua lógica e, por conseguinte, a Si próprio.

Não sendo, então, possível, sem violar a ordem do Todo, conceder um conhecimento direto e total, abrangendo também a zona do desconhecido, Deus comunicara aos espíritos um conhecimento indireto, isto é, advertira a respeito do que poderia suceder. Por que os rebeldes não obedeceram? For que não acreditaram na palavra de Deus? Eis a culpa. Ademais, um conhecimento completo teria anulado a possibilidade de escolha a prova, a aprovação. a aceitação por ato de obediência, enquanto a lógica do sistema exigia uma aceitação livre, espontânea por obediência e por amor. porque era justamente sobre esses alicerces que se erguia todo o sistema e essas eram as condições necessárias para que se mantivesse. O ser era livre e sabia, pois fora advertido. Ele deliberadamente não quis crer e obedecer. A escolha não estava vinculada a nenhuma força, porque Deus quis, acima de tudo, a liberdade do ser, para que ele não fosse um autômato ou escravo. Nem era possível que do Seu seio saísse uma criatura que Lhe fosse semelhante, se não fosse livre. Com a revolta, faltaram ao edifício as bases da obediência, do Amor e da ordem e, onde eles faltaram, o edifício desmoronou. Então a zona de conhecimento que, sendo diretamente inacessível, fora indiretamente comunicada sob a forma de advertência, para ser aceita por fé, essa zona que os espíritos obedientes conquistaram por crer e obedecer, os espíritos rebeldes foram condenados a conquistar pela dor, através da dura fadiga da reascensão pela evolução. Assim, o erro é reabsorvido na dor, o mal é sanado, o edifício desmoronado é reconstruído.

Por que é difícil a compreensão desse ato de revoltar-se continuamente violamos a Lei, embora sabendo que devemos pagar? Sabemos e, entretanto, nos iludimos, porque somos vencidos pelo instinto dominador e expansionista do "eu". Como da primeira vez, o mesmo ato repercute e retorna em nossa experiência cotidiana. E, por ventura, não comprovamos em nossas vidas que do erro nasce a necessidade de remediá-lo, nasce uma dor pela qual expiamos e, expiando, aprendemos a não mais cometê-lo? Não vivemos nós comprimidos nas malhas de uma Lei, onde qualquer violação é erro e que pagamos com dolorosa experiência? Mas,

apesar de tudo, continuamos a violar, sendo a dor um tributo nosso. A Lei é perfeita e quem a cumpre não pode deixar de ser feliz. Se a dor é um fato real, inserido em nossa vida como elemento inseparável e fundamental, isto só pode ser explicado como um erro proporcional e fundamental violação inicial da ordem divina.

A dor é um fato inegável e tremendo que atinge a todos, porque cedo ou tarde é inevitável. Sem a queda a dor seria uma condenação imerecida, o belo presente dado por um Deus que cria por Amor! Seria, porém, um presente de ódio, ainda que nos servisse para pagarmos uma futura felicidade. A evolução é o necessário sacrifício da subida, se não quisermos agravar a nossa situação, descendo. Somente nesse sacrifício de ascensão está a salvação. Sem a queda, porque esse sacrifício? Talvez para pagar a Deus o dom da vida? E onde a liberdade e o Amor, quando se é constrangido pela força a pagar tão caro essa vida, que o espírito não pediu a Deus? Mas, que Deus seria esse que não saberia gerar senão na dor, e á criatura não reservando mais do que a dor?

Como se vê, se recusamos a teoria da queda, entramos numa insolúvel trama de contradições e absurdos, de que nasce uma triste idéia da divindade. O homem pode bem justificar-se fazendo do erro da criatura um erro de Deus, mas não há quem não veja nisso um absurdo. Na vida temos que nos reportar ao erro para explicar a dor, porque ele é essencialmente um estado de desarmonia na ordem da Lei de Deus. Ora, podemos nós admitir um erro em Deus? Não, é absurdo. Então, onde poderá ele ter existido, senão na criatura? É inútil procurar mais, pois não há escapatória.

Que resta, então, do dilema já proposto: "Ou os espíritos eram sábios e, por conseguinte, não podiam cair, ou eram ignorantes e, nessas condições, não podiam ser culpáveis"? Que resta do outro dilema, pelo qual Deus não podia ser nem onipotente, nem perfeito? Deus que nos salve dos dilemas, que parecem uma tenaz de aço, mas que nada comprimem, porque ao fim se descobre que um dos seus braços era fictício. Incumbe-nos mostrar a lógica dos fatos. Os espíritos sabiam que a zona do ignoto era destinada à obediência. Eles sabiam, não eram ignorantes, sendo, por conseguinte, responsáveis e culpados. Sabiam o quanto bastava para obedecer e não quiseram, porque não acreditaram. Tudo foi merecido, segundo a divina justiça. Só assim poderia permanecer intacta a liberdade. E o Amor de Deus persistiu, porque, no Seu aspecto imanente, Ele desceu com a criatura, para ajudá-la a subir. Só assim se compreende e justifica o sacrifício da evolução. Somente assim a dor nos revela a sua lógica gênese. Unicamente desta maneira se confere um valor lógico a todos os termos da equação e eles se podem coordenar em um princípio unitário e num sistema orgânico. Caem assim apenas os rebeldes e explica-se a gênese do universo físico, a evolução das dimensões, o espaço curvo em expansão o processo evolutivo. Desta forma se explica tudo: de outro modo, nada. E o grande desmoronamento é um desastre, mas o sistema é tão perfeito, que pode restabelecer-se. Tudo se reduz a uma lição instrutiva, para que se aprenda a não mais errar. Compreende-se, então significado da dor, amarga medicina, que cura o enfermo e elimina o mal, que restaura o ser, no ponto em que se feriu ao errar e o robustece nos sítios em que se revelou fraco e ignaro. Não é este o processo corretivo de todo erro nosso em cada reencarnação? Nada de vingança punição ou condenação, mas escola para a reconstrução da felicidade!

Quisemos acrescentar tudo isto, mesmo repisando alguns conceitos, a fim de que tudo seja exaustivamente controlado pela lógica e claramente demonstrado para

todos.

❑ ❑ ❑

Tudo que dissemos tem sua lógica. Logo que as coisas sejam assim, não padece dúvida O nosso problema aqui reside em fazer a psicologia moderna compreender que assim é, em termos que ela possa aceitar, dada a sua formação. Não há razão que nos leve a crer que o universo seja uma obra ilógica e que o pensamento de Deus, que tudo guia e sem o qual nada se explica, não deva ser um processo lógico. Isto é o que a mais avançada ciência materialista, ela própria admite, e que ressalta também da presente obra. Que lógica? - poderemos indagar. A lógica de Deus não poderia ser um outro sistema de lógica? O fato é que em nosso universo comprovamos um só tipo de lógica, que é também a humano e é este fato que nos torna o universo compreensível. Se ele correspondesse a um outro tipo de lógica, não lhe seriam aplicáveis os nossos sistemas matemáticos, aos quais, pelo contrário, ele corresponde perfeitamente. Não existe, pois razão alguma para crer que a lógica do pensamento de Deus deva obedecer a leis diferentes daquelas a que obedece a lógica humana. Entre o pensamento do homem, como função primeira do espírito (que vimos não pode ter-se originado senão de Deus - espírito) e o pensamento de Deus deve existir um denominador comum, por mais remoto e profundo que seja, dado pela mesma substância que os constituem. Há idéias axiomáticas, não demonstradas, com as quais instintivamente toda a humanidade concorda. São conceitos metafísicos que não constituem resultado da experimentação biológica. O fato é que no fundo do pensamento do homem, quanto mais reto, evoluído e inteligente for ele tanto mais fala o pensamento de Deus com a sua lógica. Na verdade, o homem tem de Deus uma representação a sua imagem e semelhança, criando-O, dessa forma. Mas aqui se trata de uma das aproximações sucessivas, as quais só são possíveis quando sob elas existe justamente uma realidade que as torna possíveis. E esta realidade está em que o homem é realmente feito à imagem e semelhança de Deus, porque é Seu filho, de origem divina e, ainda que filho degenerado, é sempre filho, semelhante ao Pai.

Ora, tudo o que houve na revolta e queda é igualmente provado pelo fato de que, como é também lógico, tudo isso continua a ocorrer todo dia, em nossa própria vida, em uma série de maneiras de agir, verificada por motivos de um dado tipo, que, de outra forma, ficariam sem ter explicação. Por que teria a conduta humana assumido esta direção? Por que corresponde ela a tal ordem de princípios conhecidos, poder-se-ia mesmo dizer, a todos, como o bem e o mal, a dor, o progresso, a idéia de Deus etc.? De onde surgiu este sistema, que também é lógico para a humanidade inteira? Como explicar a gênese e o profundo significado de tudo isto? O hábito nos faz esquecer estas questões e, por isso, os simples não as propõem, achando tudo natural apenas porque sempre viram tudo assim. Mas isto não basta para satisfazer a quem pensa. Foi somente este conjunto de remotíssimos precedentes que marcou a via e a direção a um movimento ou desenvolvimento particular de fenômenos, que, atualmente, por inércia, continuam a se desenvolver justamente segundo o tipo com que nasceram. Somente assim podemos explicar porque continuamos a errar e sofrer cegamente, quando a felicidade está pronta na adesão à Lei. Continuamos, porque somos filhos do erro.

Erro e dor são conexos em uma lógica de ferro. A dor é um fato real. Há, pois,

uma necessidade absoluta de admitir o seu termo paralelo e complementar - o erro - sem o qual a dor não se explica, e, num universo lógico, cairemos num flagrante e inconcebível absurdo, absurdo de tal ordem, que faz ruir a lógica de todo o sistema, provocando o seu desmoronamento e chegando mesmo a macular de maldade e incoerência o semblante de Deus. É tão grande a contradição, que nenhum ser racional poderá introduzi-la nas próprias conclusões. Entretanto se chega a ela, o que quer dizer que os termos em que foi colocado e desenvolvido o problema estão errados. A lógica tem suas exigências matemáticas, das quais o nosso pensamento não pode fugir, porque ele se move num universo regido pelas necessidades matemáticas de tal lógica.

Compreende-se, todavia, que alguns se rebelem contra essa teoria da queda e do desmoronamento. Para impressioná-los menos, poder-se-iam criar termos novos, mas seria trabalhosa para o leitor uma terminologia nova. Contudo, o conceito não se alterará. Rebelam-se com razão, porque essa teoria foi até hoje apresentada apenas como enunciado de revelação, não analisada racional e logicamente, não explicada e demonstrada. Ela permaneceu, assim, como um ato de fé, como uma lenda envolta no mistério.

O problema, para sua explicação, foi enfrentado com as expostas objeções e dúvidas, que deixam tudo sem solução, qual indagação feita pela metade na fase de interrogação, sem complementar-se jamais na fase de resposta. É natural que dessa forma a teoria da queda permaneça como um esboço incompleto, do qual se arredam entediadas as mentalidades racionais. É cabível, então, que a estas repugne aceitar uma teoria que se apresenta vaga, incontrolável e contraditória. Responde-se: é mistério. Mas o fato é que a mentalidade racional moderna abandona no vazio do incerto tudo o que ainda permanece insolúvel, aceitando e tomando para exame apenas o que é positivamente compreensível, porque é racional. E aqui temos de falar esta linguagem se quisermos despertar a mente moderna. É o nebuloso, o desgaste pelo ilógico que faz nascer nela fastígio e rebelião, quando ouve falar em queda dos anjos. É reportando-se aos velhos conceitos tradicionais que muitos ficam chocados.

Mas aqui se trata de outra coisa. Nós não repetimos idéias de nenhuma religião ou escola. Com o método da intuição. encaramos os fatos, transcendentais, mas sempre fatos. Sem tê-los procurado, concordamos com os enunciados sumários da revelação, o que é uma prova em favor e não contra. Já que não é possível dar ao leitor a sensação desta visão, procuramos descrevê-la com os únicos meios que temos á disposição, a lógica, os argumentos. como só se pode fazer para explicar a luz a um cego. Acreditamos tê-lo conseguido. Mas se assim não foi, repetimos ainda: fatos são fatos.

Dizíamos que a Lei reage. Mas aquilo a que chamamos dor que crucia e atribuem a Deus a causa de tudo, culpando-O também dela. Revoltam-se porque acreditam ver em tudo isto uma punição, uma vingança divina. Mas a queda não foi vingança, nem punição. Deus é sempre Amor. Deus jamais pune. A punição é infligida pelo ser a si mesmo. Dada a estrutura do sistema, ele, através da rebelião, lacerou as carnes com as próprias mãos. Quem compreendeu a estrutura do sistema, não pode falar de vingança. Esta é uma concepção antropomórfica, é como querer explicar o trovão como ira dos deuses. Se perdemos o equilíbrio e quebramos a cabeça não é porque as leis do equilíbrio e a gravidade nos tenham querido punir e vingar-se. No campo moral é a mesma coisa. O universo é regido por uma ordem, por uma Lei, e

quem a viola não violenta ou altera a intangível ordem divina, mas gera apenas uma desordem em si próprio; não subverte a Lei, mas inverte-se a si mesmo no seio da Lei. É necessário compreender que a criatura é livre, mas dentro de limites, livre para alterar-se a si mesma, mas não a ordem universal. A criatura deverá, pois, sofrer as conseqüências dessa alteração, que só lhe diz respeito e sofrerá pela sua desarmonia que ela desejou, até que, com sacrifício, se haja reintegrado na zona por ela violada, na ordem por ela alterada.

Dizíamos que a Lei reage. Mas aquilo a que chamamos reação é uma sua resistência à deformação, uma resistência elástica que se pode comparar à da borracha, que cede, mas resiste e que, quanto mais cede, tanto mais se retesa, para reconduzir tudo ao estado normal anterior. Assim, como a Lei, a norma é inviolável, determinística vontade absoluta de Deus. Mas essa Lei é dotada de uma certa elasticidade, no quanto basta para conter um dado âmbito no arbítrio ou latitude de movimento, que representam a liberdade humana, isto é, a possibilidade de escolha e, por conseguinte, de erro, necessários para experimentar e, no caso de erro, para aprender. Compreende-se que a perfeição não pode deixar de ser determinística, no sentido de que só o melhor absoluto pode ocorrer. Tal é o sistema incorrupto dos espíritos que não erraram e não caíram. Pode, pois, deste ponto de vista, parecer mesmo que o arbítrio humano, além de ser um resíduo da liberdade originária, seja um produto da queda, visto que a escolha significa uma incerteza e uma procura do melhor absoluto, que se perdeu e ainda não foi reconquistado. Os termos do nosso estado de decaídos, escalonam-se nesta ordem de sucessão: incerteza, escolha, experiência, erro, dor, prova, escola, conhecimento. Estes são os termos do desmoronamento e reconstrução de consciência, termos que não podem existir no estado de perfeição, e que a própria evolução, isto é, nosso retorno a Deus, vai realmente reabsorvendo e eliminando, com a progressiva conquista de consciência. No estado de perfeição dos espíritos que aderiram à Lei, só há uma liberdade possível: a da absoluta adesão à Lei, que é a vontade divina, adesão livre e espontânea, querida e consciente. Por este motivo, os espíritos rebeldes deveriam ter obedecido e, como desobedeceram, caíram. Nessas alturas não podem subsistir os nossos conceitos antropomórficos de liberdade, arbítrio ou capricho.

Mas esclareçamos ainda melhor. Quando Deus criou o ser puro espírito, deixou apenas um ponto incompleto na Sua obra, a fim de que ela fosse completada pela livre adesão do ser. Este deveria, com a aceitação, harmonizar-se com o sistema e, nele fixando-se em seu posto, dar prova de que sabia fazer bom uso da liberdade e inteligência que Deus lhe dera, compreendendo qual era o seu lugar na ordem da criação. Elevar o ser ao grau de colaborador da obra de Deus foi ato de Amor, ato paralelo ao dom da liberdade, pois que a criatura não podia ser um autômato, ainda que perfeito. A prova era um exame lógico e necessário.

Pode-se objetar: Deus, que sabia por antecipação que na prova muitos faliriam, devia impedi-la. Mas ela não se poderia evitar, a não ser violentando a liberdade do ser, tornando-o um autômato, incapaz de compreender e dirigir-se conscientemente. Significaria alterar todo o sistema, abalando-o pela base. O raciocínio do homem preocupa-se, sobretudo, em como ter podido evitar a dor, que tanto o vergasta, mas não leva em consideração muitos outros elementos necessários. Como podia Deus logicamente, impedir semelhante experiência sem coação? A prova consistia exatamente era uma livre adesão por fé e obediência, na reciprocidade por

Amor. E se na lógica do sistema não entrava a possibilidade de tal constrição, Deus, Que sabia da queda de muitos espíritos, não os deveria ter criado? Mas o sistema é um organismo compacto, de férrea lógica, e nesta não podia caber essa possibilidade, que teria sido um ato de flagrante injustiça. Por que tolher aos candidatos à queda e dom máximo da existência e a possibilidade de redimir-se, alcançando a felicidade eterna, ainda que através da dor? Que punição e que injustiça não teriam sido essas, pois que seria condenação antecipada de inocentes, antes de haverem cometido qualquer erro! É lógico que Deus deixasse a esses espíritos a liberdade e a vida, que constituem sempre ato de bondade e de Amor porque a escolha continuava entre a via curta da felicidade pela obediência á ordem da Lei e a via longa da redenção pela dor, após o erro da revolta.

Deus permitiu o erro justamente porque sabia. E sabia também que esse não era um mal irreparável, era apenas uma via mais longa para alcançar a felicidade eterna Vimos que o mal, ou se converte em bem, ou esta destinado, pela férrea lógica do si tema, à autodestruição. Deus sabia que a Sua criatura qualquer que fosse a via que tivesse escolhido para percorrer alcançaria a felicidade. Eis que o amor, a bondade$_3$ a justiça, a lógica de Deus ressaltam cada vez mais evidentes, em cada caso. Fala-se de vingança por cegueira, e não se vê que o Amor de Deus foi tanto que, como Filho, desceu ao nosso mundo para sofrer conosco e redimir-nos, ensinando-nos a subir! Foi tamanho esse Amor, que Ele quis descer dos céus da transcendência à imanência, para permanecer em nosso contingente. Assim o médico vela e ajuda o enfermo de perto, até que ele se tenha restabelecido. Que mais se poderia pedir a este Deus que muitos pretendem acusar de injustas punições? Ao contrário, quanta sabedoria, quanto Amor, quanta bondade! Só mesmo uma grande ignorância pode concluir de maneira diversa.

É o antropomorfismo que leva o homem a aplicar a Deus os princípios do seu plano biológico. Repitamos: Deus jamais pune. O que nos parece punição não resulta de uma atividade positiva de Deus contra a criatura - conceito absurdo -, mas é a automática conseqüência da ausência de Deus, Que a criatura repeliu. A causa determinante é a recusa voluntária da criatura. Deus não inflige punições, mas quando a criatura O nega e repele, Ele respeita a verdade que lhe deu e, assim, pela própria vontade, a criatura se afasta de Deus, como se Ele se tivesse retraído. Ora, uma vez que Deus é vida, a maior punição é esse afastamento, porque significa privação de vida. E, com a revolta, a criatura se privou da própria vida, que é dada pelo espírito, tornando-se matéria, mas com possibilidade de ressuscitar da sua sepultura.

Tudo isto demonstra como se fosse lógica e fatal a queda após a revolta, porque esta significava um afastamento de Deus, ou seja, da vida; significava, portanto, um suicídio, a morte, ainda que a bondade de Deus lhe deixasse a possibilidade de ressurgir para a vida, corrigindo o erro com a dor. Tudo isto poderá agora também permitir-nos melhor compreender aquilo a que precedentemente lá nos referimos, no presente capítulo, com respeito à anulação dos espíritos rebeldes, que insistem em permanecer na rebeldia. O espírito que recalcitra na revolta é anulado (ainda que o seja somente como individualização e não como substância, porque esta, sendo de Deus, é indestrutível), em virtude de que todo o afastamento de Deus significa morte, porque Deus é vida. Negar Deus é o mesmo que negar a existência, porque só Deus é, e fora de Deus nada mais pode ser. Deus é o Todo, e sair do Todo é

cair no nada. Fora de Deus, que é o Todo, não pode existir senão o nada. É a natureza de Deus e a própria estrutura do sistema que, automaticamente, sem nenhum ato ou intervenção de Deus, implicam a morte de quem se afasta Dele. Somente em Deus se pude existir, no Seu seio e na Sua Lei, e a Ele retornando, se a criatura se afastou. Quem não estiver com Deus e quem Dele se afastou e não mais retorna a Ele, perde a existência.

A essência da queda não é, portanto, um ato de punição, mas o afastamento de Deus, desejado pela criatura, que tem fatal necessidade de subir novamente a Ele, se quiser reencontrar a vida. Como se poderá manter o edifício criado por Deus, sem Deus, seu princípio animador? Não será lógico o desmoronamento para os seres que se afastaram desse princípio? A revolta contra Deus significava revolta contra a própria vida do ser, contra a sua própria existência. Que poderia resultar desse comportamento, senão a morte, um não-ser, como é para a consciência, qualidade do espírito, a inconsciência - qualidade da matéria? Assim a queda foi um desmoronamento de dimensões, em planos de vida inferiores, involuídos, nos quais todos os dons de Deus se contraíram em um estado potencial, de latência, do qual só o sacrifício de ascensão do ser poderá retirá-los, despertando-os para a atualidade. Ora, o ser, para curar-se da desobediência, deve compensar a ordem com equivalente obediência à Lei, para que o equilíbrio seja restabelecido. Não se pode restabelecer a harmonia de outra forma em um tal sistema. O homem deve, assim, provar o aspecto duro da Lei, mas esta permanece sempre lógica, boa e justa. No fundo da descida está o inferno; no ápice da subida, o paraíso. De fato, quanto mais se desce, mais aumenta o egoísmo separatista, a desarmonia, a luta e a agressividade entre os seres, sempre dispostos a entredevorarem-se. Quanto mais se sobe, tanto mais a vida se harmoniza em paz e amor.

Eis, pois, tudo esclarecido até às origens. Assim se explicam as razões e as causas deste processo evolutivo, do qual em *A Grande Síntese* só se fez um exame objetivo, uma comprovação do fato. A muitos poderá desagradar este destino de tão laboriosa ascensão pela conquista da felicidade. Mas não está tudo agora lógico? A nossa miséria atual não é um defeito de criação, de uma culpa de Deus. É uma mácula, uma chaga nossa, que Deus está curando. A dor permanece, mas com uma interpretação tão otimista, que adquire um grande significado positivo e um poder construtivo em nossa vida. E a criação, que verificamos ser contínua, é, assim, na sua essência, uma obra de restabelecimento contínuo, com a qual Deus auxilia o homem a reconstruir o edifício desmoronado. Tudo assim se explica em perfeita lógica de bondade. Se nessa lógica do sistema colocarmos os conceitos fora do respectivo lugar, é natural que resultem quadros horríveis, monstruosos, como em um mosaico em que as diferentes pedrinhas fossem assentadas ao acaso. Mas respeitemos a lógica (o sistema está saturado dela), e entre nós aparecerá a maravilhosa beleza e perfeição do plano divino.

Que maior maravilha do que o surgimento do aspecto imanência da Divindade, que assim permanece presente no universo desmoronado, nele descendo para animá-lo, curá-lo e salvá-lo? Que perfeição no sistema, fazendo com que um erro - a revolta -, ao invés de constituir um desastre irreparável, se transmude em um processo de restabelecimento semelhante ao que o poder curativo da natureza (imanência de Deus) exerce num organismo enfermo! Não. Não houve nenhum defeito de origem. Ao contrário, o sistema era tão perfeito na sua estrutura orgânica, que a revolta não

lhe afetou a perfeição, permitindo que todos se salvem. Finalmente, desaparecerá qualquer traço de erro com suas conseqüências, sendo o mal e a dor eliminados do sistema. A cruz que Cristo tomou sobre os ombros inocentes era o efeito do desmoronamento. Ele a carregou para que todos, com Ele, reabsorvessem na dor a conseqüência do erro. Que maior Amor poderia revelar pela sua criatura um Deus Que após lhe haver dado a vida, desce a sofrer com ela para devolver-lha, quando ela já a havia perdido?

É bom, é lógico, é satisfatório reconhecer no Amor o centro do sistema. É este princípio de Amor o princípio de coesão que mantém una a Divindade, ainda que, para criar, ela se cindisse no seu íntimo (dizemos intimo, porque nada se pode acrescentar ao Todo e Deus é o Todo). É este princípio de Amor que também mantém unido o edifício desmoronado e o reconduz à salvação, mesmo que seja através da dor. Quanto mais se desce nos planos da queda, tanto mais áspera é a dor e tanto mais amarga de ódio. Quanto mais se sobe na evolução$_3$ tanto mais dulcificada pelo Amor ela será. Assim, a dor de Cristo na redenção está baseada no Amor, enquanto a dor de Satanás não tem esperança de ascensão e é baseada no ódio. Amor invencível, que resiste á revolta da criatura. Amor que conserva, mesmo no universo decaído, o divino princípio positivo da reconstrução! Amor que luta contra o satânico princípio negativo da destruição, e o vence. Amor que permanece, ainda que a revolta tenha sido pela criatura com a sua negação! Amor que continua a cimentar as partes do edifício desmoronado fazendo dele entretanto, um sistema orgânico, como é o nosso universo!

A criatura rebelde pretendeu atentar contra o sistema para lhe alterar os planos hierárquicos, e ele, baseado em uma férrea lógica de Amor, resistiu e a está salvando. E a pena para a revolta e uma lição de Amor, porque, se é dor, também é impulso e pressão para a reconquista da felicidade. O ser deverá sofrer até aprender a grande lição de Amor, até saber como deveria ter, no início, espontaneamente retribuído a Deus o Amor que de Deus recebeu. Sem o Amor o sistema não se mantém, como efetivamente se verificou no desmoronamento, onde ele faltou. Sem o Amor, a criação teria sido uma cisão de Deus em partes, e o Todo não poderia conservar-se, em Deus, um organismo uno. Daqui a necessidade absoluta da existência no sistema da livre correspondência de Amor, que era o conteúdo da prova em que os espíritos rebeldes falharam. Tudo isto, repetimos, porque sem Amor o Sistema não se mantém. Eis o que está em seu centro e lhe constitui a essência.

Temos observado o problema sob todos os pontos de vista e debaixo do fogo de todas as objeções. Agora o desígnio da obra divina está claro. Dele, como a nossa mente exige, foi eliminado tudo que é negativo e absurdo, como erro, imperfeição, desordem, injustiça, maldade, que não podem ser atributos de Deus. Não restou senão o que é positivo e lógico, como perfeição, ordem, justiça, bondade, Amor. Um sentido instintivo nos diz que assim é, que não pode deixar de ser. Somente dessa forma o nosso espírito se sente satisfeito, saciado e receptivo. Ele exige que a idéia de Deus se salve e se conserve O resto não é explicação. É blasfêmia! O princípio do Amor está no vértice da criação, foi o seu motor, é a força que rege. Deste vértice, o Amor tudo anima e sustém. Se em Deus existe o aspecto justiça, sabedoria, bondade, lógica, ordem, poder etc., a ultima síntese do pensamento e vontade de Deus é dada pelo *Amor*.

❑ ❑ ❑

Poderíamos, após o exposto, considerar exaurida a argumentação e nada mais acrescentar. Queremos, todavia, ainda esclarecer melhor qualquer dúvida, especialmente no que se refere à teoria: em que muitos crêem, pela qual se admite, no invés da queda dos anjos uma criação progressiva, evolucionista, no sentido de um universo criado imperfeito e a caminho de um aperfeiçoamento contínuo.

Após ter submetido semelhante teoria a uma séria análise, despido de preconceitos, fomos obrigados a recusá-la, porque ela nos levaria a cair numa série de absurdos, que nos permitimos aqui sujeitar a exame.

Deus, Que, sendo perfeito, não pode deixar de criar senão perfeitamente teria feito uma criação imperfeita. Deus Que é Espírito e ordem teria tirado diretamente da Sua essência a matéria e o caos, que são o ponto de partida da evolução. Deus, Que é tudo, fora de Quem nada pode existir e que representa toda a existência, faz derivar tudo do nada, (isto é, da Sua negação, porque Deus é o ser), e a Sua grande obra criadora não passa de uma inversão, restabelecimento ou reconstrução do Seu contrário. Isto presume um antagonismo, uma cisão e luta de dois princípios opostos na própria essência de Deus, independentemente e também anteriormente à criação. O ponto de partida desta estaria não em Deus, mas nos antípodas de Deus; não no absoluto, no imóvel, no espírito, na perfeição - qualidades de Deus -, mas no relativo, no transformismo, na matéria, na imperfeição, que são o oposto de Deus. É evidente que tudo isto não pode ser obra de Deus, pois Ele não pode errar, e sim obra de uma criatura, que podia e livremente quis errar. Tudo isto não podia nascer diretamente de Deus, mas somente em um segundo tempo, posterior à primeira criação, por obra de um outro "eu" e em conseqüência de uma outra causa. E como tenha ocorrido, procuramos logicamente demonstrar neste volume, de acordo com uma outra teoria, a da queda dos anjos, a única para salvar-nos de tal cadeia de absurdos.

Prossigamos no exame. Segundo a teoria da queda, Deus desce ao nosso universo por Amor, para salvá-lo. De acordo com a teoria da criação progressiva, Deus, Que é perfeito, se põe, Ele, Que é tudo através de Suas criaturas, em um estado de desmoronamento do ser, é, um estado em que a consciência, primeira qualidade de Deus, se anula na matéria. O ponto de partida da criação progressiva seria um estado em que Deus se autodestruiu nas Suas qualidades primaciais estabelecendo a própria negação na inconsciência, na dor e no mal, para iniciar num penoso sacrifício de ascensão, cotidianamente imposto à criatura, certamente inocente de tudo isto. Os elementos fundamentais do sistema, isto é, Amor, bondade divina, liberdade da criatura, falhariam completamente desta maneira. E não se poderia imaginar mais absurda violação da justiça no seio de Deus, Que não pode deixar de ser essencialmente justo.

O mal e a dor teriam sido, pois, obra direta de um Deus e, por conseguinte, de Sua natureza malvada. Deste modo a obra da criação tornar-se-ia uma maldição para a criatura, uma condenação de que o ser inocente deve redimir-se à custa de um ilimitado tormento. E assim dever-se-ia dizer, não como escreveu S. João: — "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus" (....), mas sim: - "No princípio era o mal e a dor, e eles estavam com Deus. ." A grande obra divina teria sido a criação de um inferno, e à criatura só restaria o penoso encargo de redimir-se dele com a própria dor. O tudo sem liberdade de escolha, sem culpa alguma, como uma fatalidade sem

apelo. Para condenar a criatura, Deus não lhe teria pedido permissão, nem lhe teria dado a faculdade de escolher. Desta maneira, ela já se encontra no inferno ao nascer, sem saber por que, automaticamente. Se quiser e souber subir através de seu sacrifício, para lhe fugir, conseguí-lo-á; de outra forma, nele permanecerá para sempre.

Mas eis que, um dia, desperto de tão horrível obra, exclusivamente Sua, Deus se arrepende e, para remediar o mal, verificando que o homem por si não consegue subir, envia Cristo, o Filho dileto, também Ele inocente, para ser sacrificado por um Deus injusto, para pagar um débito que ninguém contraiu, nem Cristo nem a criatura, ambos inocentes. Como se pode então negar razão ao homem que blasfema contra semelhante Deus, quando Ele lhe é apresentado revestido de tais absurdos? Se o mal e a dor foram criações diretas de Deus, como atirar a culpa sobre a criatura? E que se pode pretender de bom e que pode exigir o Evangelho de um ser criado em condições tão más, quando a vida é uma condenação e a criação um delito?

Não! Se verificamos que efetivamente a criatura sofre e algo paga, através de sua dor, por um senso de lógica e de justiça, devemos admitir que ela deve pagar algo que lhe compete, um erro ou uma culpa que seria absurdo atribuir à perfeição de Deus. Olhamos o efeito, e a sua natureza nos indica a causa que o produziu. Se tivesse sido o Criador a causa, Ele e ninguém mais deveria expiar na dor. E como pode o Onisciente ter necessidade da escola da dor para aprender?

Como se vê, quanto mais se medita na teoria da criação progressiva, mais se torna esmagador o acúmulo dos absurdos. Se a alguém, por preconceito de grupo, pode desagradar a teoria da queda dos anjos, apenas porque ela é admitida pela teologia católica, incumbe-nos afirmar que nos preocupamos somente em conhecer a verdade e que a aceitamos onde quer que ela se encontre, desde que convença e satisfaça, independentemente de qualquer preconceito de religião, escola filosófica ou grupo humano.

É oportuno indagar agora como poderia ter surgido essa teoria da criação progressiva, evolucionista, de um universo criado imperfeito e em via de contínuo aperfeiçoamento.

Essa teoria nasceu em virtude de corresponder à realidade do que se observa, fornecendo-nos uma primeira explicação, embora superficial, do fato indiscutível da evolução, que realmente leva o universo de um estado de imperfeição, caos, matéria, ao de perfeição, ordem, espírito. O fato existe. O erro está em sua interpretação. Ninguém ousará discutir o fato, porque é uma realidade. Se não quisermos porém, cair nos absurdos mencionados, impõe-se explicá-la não como conseqüência da obra de Deus, mas como conseqüência do desmoronamento do sistema, decorrente da queda por obra da criatura. O fenômeno da evolução não pode ser um absurdo e incompreensível caminho em uma só direção, um semiciclo desprovido do seu semiciclo inverso e complementar sem o qual não se forma o ciclo completo e o fenômeno não se verifica e não se explica no equilíbrio divino. O fenômeno da evolução existe e é aceito, mas se pode compreendê-lo e admiti-lo como contraparte de um inverso processo involutivo causado pela criatura. Esta necessariamente devia ser livre, mas como não podia ser igual a Deus, era passível de erro e, por isso, embora advertida do perigo, por desobediência quis errar. É certo também que a criação é progressiva, mas não no sentido de uma nova criação, porque tudo já estava e está em Deus sempre, e a Deus nada se pode acrescentar, como Nele nada criar ou destruir. A

criação é verdadeiramente progressiva, mas no sentido de reconstrução de um edifício desmoronado, do qual se estão juntando as partes desagregadas e reedificando os planos afundados.

Em nosso universo, é absurdo um fenômeno unilateral desequilibrado, por falta do seu complemento compensador; um fenômeno que avance em uma só direção, isto é, apenas um semiciclo, um semicircuito, significando um semifenômeno. Todo fenômeno tem que volver sobre si mesmo para completar-se, permanecendo sempre a mesma substância, ainda que mude a forma, porque ele é apenas um estado de vibração interior com finalidade de elaboração evolutiva, e não um deslocamento real. A mobilidade é, assim, só aparente, situada no relativo de um vaivém cíclico, enquanto no absoluto tudo permanece imóvel Sabemos que o transformismo é filho da queda pois em Deus não há mutação nem evolução, mas tudo simplesmente é. Tudo, pois, no universo, deve completar-se no seu semiciclo e com ele volver ao ponto de partida, ainda que com pequeno deslocamento, que constitui a evolução. Todos os fenômenos caminham em duas fases inversas e complementares, sem que, no transformismo, não pode haver fenômeno. Efetivamente, este se pode definir como um momento particular do transformismo evolutivo. Por tal razão, o fenômeno não pode existir no absoluto.

A própria teoria da reencarnação, simplificando contínuas inversões entre vida e morte, entre erros e expiações, provamos o princípio fundamental do ciclo completo, composto de dois semiciclos: queda e ressurreição. Há absoluta incompatibilidade entre a teoria da criação progressiva e a teoria da reencarnação. Uma exclui a outra. Se admitimos a reencarnação, temos que abandonar o conceito de criação unicamente progressiva e aceitar a teoria da queda. Se aceitamos a criação apenas progressiva, é necessário abandonar o conceito de reencarnação. Isto porque, segundo o princípio de criação progressiva, que se desenvolve apenas no sentido evolucionista, sem o precedente semiciclo involucionista, o criado deverá mover-se em uma única direção, devendo no sistema ser desconhecido, jamais aparecendo, o princípio do ciclo. Se este princípio surge em um caso particular, num universo que sabemos construído num tipo único de sistema, depois repetido em todos os níveis e dimensões, isto significa que o referido princípio do ciclo está também no caso geral do tipo-base do sistema. Se o fragmento que recolhemos reflete, verificamos claramente que a unidade de que esse fragmento deriva era um espelho.

Concluindo, procuramos neste capítulo prever todas as objeções possíveis. Mas, na realidade, elas podem ser tantas quantas são as formas mentais humanas, o que é um número praticamente infinito. Para as que não puderam aqui ser imaginadas asseguramos ao leitor que as coisas ocorrem como realmente estão expostas neste livro e que, sobre estas bases, qualquer dificuldade pode ser logicamente resolvida. O leitor inteligente, que se apossou da chave do sistema, poderá fazê-lo racionalmente, desde que pense sem preconceitos e sem pontos fixos inamovíveis. Entretanto, já que uma das primeiras condições para a aceitação de uma teoria é a sua clareza de exposição e facilidade de compreensão, procuramos aqui traduzir, na forma mais transparente e evidente possível, o pensamento recebido por intuição que provindo de outros planos dificilmente se traduz em palavras humanas.

XI

A CAMINHO DA SUBLIMAÇÃO

Nos capítulos precedentes fizemos algumas observações sobre o nosso mundo, para comprovar a sua posição periférica, consoante o plano do universo. Os poucos fatos escolhidos não passam de uma exemplificação particular. Muitos outros poderiam ter sido aduzidos para confirmar a concepção de que partimos e que apresentamos aos racionalistas, apenas como hipótese de trabalho. Procuremos, agora, uma vez observado o sistema na sua posição periférica, percorrê-lo em direção ascensional. Isto é importante, porque esta representa a única via de correção do anti-sistema e de evasão das suas dolorosas conseqüências. Avizinhamo-nos, desta forma, do problema central da presente Terceira trilogia - o da sublimação (v. Introdução no volume: *Problemas do Futuro)*.

Para poder enfrentá-lo e resolvê-lo, é necessário antes enquadrá-lo em nosso atual e mais amplo esquema do universo, como, aliás, seria necessário fazer para qualquer problema, sem o que ele se torna de difícil compreensão e solução. E o fenômeno da sublimação espiritual é agora aqui de um enquadramento lógico em um sistema completo, harmonicamente proporcionado em todas as partes componentes e aceitável para qualquer pessoa de bom senso. O fenômeno pode agora estar situado logicamente no conjunto de um edifício conceitual, do qual faz parte, que o sustém e demonstra. Isto não impede que ele seja pouco consentâneo com a psicologia hoje dominante, porque esta constitui uma forma mental sediada em uma fase particular destruidora de fim de um ciclo, ao passo que aqui antecipamos a fase reconstrutiva; que fatalmente se seguirá. O homem atual é analítico, vê as coisas da Terra e do plano físico, que ele confunde com a realidade e acredita ser todo o universo Por ser periférico, vê o sistema de uma posição periférica. De tal ponto de vista, tudo deve evidentemente parecer invertido. Hoje, de fato, a superação é freqüentemente tida por patológica. Tudo depende do ponto de referência que, neste caso, é representado pelo tipo biológico corrente, ou seja, pelo involuído. E natural, então, que a catarse biológica, que é superação e sublimação, vista assim de baixo, de uma posição invertida, possa parecer deformação e regressão, quando é formação e progresso de vida. Este problema já foi por nós examinado no cap. XXVI "Sexualidade e misticismo", do volume precedente: *Ascensões Humanas.*

Para aprofundar o fenômeno da sublimação espiritual, começamos aqui a orientá-lo, enquadrando-o no esquema do universo atrás exposto, que aqui resumimos em relação ao fenômeno, submetendo-o ao habitual método da intuição.

Por criação, entendemos aqui o processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$, isto é, a transmutação da substância única Deus, eterna, incriada e indestrutível, do seu estado de puro pensamento, no de energia e, a seguir, no de matéria. Já examinamos esse fenômeno, pelo qual Deus vem a manifestar-se na forma; o pensamento, na matéria; o imutável no vir-a-ser; o uno, no multíplice, e ao qual se deve a existência de nosso universo. Assistimos a um movimento centrífugo que, do centro, se projeta para a periferia, na matéria, invertendo todas qualidades do espírito. São muitos os aspectos do processo, mas todos redutíveis ao conceito de inversão do positivo em negativo, ou da subversão

de valores, conceito que se pode resumir em uma só palavra: involução. Esta pode apresentar-se-nos como um desmoronamento do universo perfeito, originado da primeira, a verdadeira criação perfeita, e isto como resultado da revolta e queda, de que já falamos. Deste modo, o universo perde e inverte a sua qualidade de origem, na atual. Podemos, assim, compreendê-lo melhor agora.

Tudo isso sucedeu em uma primeira fase, a de ida. O universo atual, em que existimos, encontra-se na fase oposta, na de retorno, isto é, não involutiva, mas evolutiva, de forma que a verdadeira criação que Deus, nela imanente, está processando agora, lentamente, através da evolução, tendo todos os seres como operários, a verdadeira criação é a atual e não a precedente, que foi, antes, um desfazimento. Todavia, esta última observada de nossa posição periférica, em que a existência é material, pode parecer criação. Tudo depende do ponto de vista. O mesmo processo $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ se visto de α, pode parecer destruição; mas visto de γ, pode ser tomado como criação. E realmente, o nosso universo, construído assim na forma física, pode definir-se como uma criação, mas no sentido físico. É certo, porém, que, se tomado do ponto de vista central do sistema, é uma demolição, como espírito, cuja inversão representa. É bom esclarecer tudo isto, a fim de evitar mal-entendidos. O nosso habitual conceito humano de criação é, como todos os nossos conceitos, relativo a nós. A primeira, única e verdadeira criação foi, não uma criação do nada, mas uma emanação do seio de Deus, de puros espíritos, em que Deus, o "Eu Sou" Uno, Criador, quis refletir a Si mesmo, nela amando uma Sua diversa individualização em miríades de "eu sou". Suas criaturas.

O que depois nós passamos a chamar criação foi o desmoronamento na forma-matéria de uma parte, que se rebelou, destes "eu sou" criaturas E o que chamamos de evolução seria a verdadeira criação, no sentido de reconstrução da originária integridade espiritual, que foi, por sua vez, emanação, mais do que criação do nada. Tudo isto está além das nossas habituais concepções, todas em função de nosso relativo. Assim é que aqui chamamos freqüentemente o nosso universo de manifestação de Deus, o que pode ser verdadeiro para os nossos sentidos, relativamente à nossa posição periférica na forma-matéria, que, "para nós, é o que significa existir. Mas para quem se encontra no pólo oposto do sistema, na posição central de puro espírito, o nosso universo não é um manifestar-se e sim um ocultar-se, porque é o espírito que se aprofunda e sepulta no que chamamos de manifestação. Se ele se exterioriza, parecendo, pois, tornar-se verdade, apenas o faz para os nossos sentidos, enquanto por si mesmo o espírito entra na grande *maya*[9] ou ilusão da vida corpórea. Aquilo que é verdade para quem é exterior, é mentira para quem é interior. Tudo é relativo. O que para nós é vida, para o espírito é prisão ou limite. Para ele, o nosso tempo é o fracionamento do eterno; o espaço, o do infinito; o relativo, o do absoluto; o multíplice, o do uno. A instabilidade do transformismo, que deve sempre aperfeiçoar-se, envolvendo, é o desmoronamento da originária e perfeita existência imutável.

Aclarados, assim, estes conceitos, retomemos o nosso caminho. Se, na primeira metade do ciclo, temos o desmoronamento na matéria, na segunda metade,

[9] Maya (maia) - vocábulo técnico sânscrito (a antiga língua Índia), com a significação filosófica de ilusão, engano, aparência irreal da natureza ou envoltório fenomenal do Absoluto; (N. do T.)

em que ele se fecha pelo retorno a Deus, ponto de partida, temos o processo inverso, isto é, $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, ou seja, não de materialização, mas espiritualização. Estamos na fase de reabsorção da forma em Deus, da matéria no pensamento, do mutável no eterno, do multíplice no uno. Assistimos ao movimento centrípeto que, da periferia, se projeta para o centro, no espírito, invertendo todas as qualidades da matéria. Aqui, os valores subvertidos devem retificar-se, segundo a Lei, de que o Evangelho é o código. Os aspectos do processo são muitos, mas todos redutíveis à inversão do negativo em positivo, conceito que se pode resumir em uma única palavra: evolução. O transformismo tende à reconstrução, de conformidade com o princípio das unidades coletivas *(A Grande Síntese,* cap. XXVII). Retornam à unidade todos os fragmentos em que o Uno se havia pulverizado. O estado de matéria transmuda-se no de energia, e este no de pensamento, para retornar ao ponto de partida.

É no plano desse segundo percurso, que o ser agora vive, que logicamente ocorre o fenômeno da sublimação espiritual, ou catarse biológica. O espírito não está morto. Tão somente é prisioneiro. Deseja reconquistar consciência para retornar ao estado de origem. Por um instinto fundamental da vida, ele odeia a prisão e quer a liberdade. Com esse impulso e para esse fim ele foi gerado: a liberdade foi a sua primeira qualidade. Tudo quer crescer, expandir-se, e toda a nossa vida somente triunfa com esse impulso. Este instinto fundamental do ser se debate contra todos os obstáculos que lhe opõe a sua posição negativa em um sistema invertido. Mas eis que o Amor, proveniente do centro positivo, vem em auxílio do ser no seu esforço de redenção. Deus, do centro, estende-lhe os braços, dizendo-lhe: "Sus, coragem, sobe, sobe! Eu te espero!" E os espíritos não rebeldes e incorruptos descem com sacrifício, como Seus mensageiros, irmanando-se aos seres inferiores, sepultados na dor, abraçando-a juntamente com eles por Amor. É assim que a reconstrução do edifício desmoronado constitui um processo criador de reabsorção do mal e do caos, nascidos do desmoronamento através do sacrifício. O Amor permanece, invertido, porém, no sacrifício, que é Amor na dor. Eis por que a redenção não pôde ser operada por Cristo, senão através da paixão, e por que nenhuma redenção poderá ser operada de outra forma. Há, portanto, uma grande porta para a evasão de todos os sofrimentos do anti-sistema. Porta grande, mas pela qual ninguém quer passar, porque é feita de dor e esta afugenta. E afugenta justamente porque ela é o inverso da felicidade, para a qual o ser nasceu e para a qual se sente irresistivelmente atraído. Mas o nosso não é um sistema pervertido? É natural, pois, que nele a felicidade se tenha transformado em dor. Então, o homem se atira ao encontro das derradeiras cintilações de alegria e de Amor, que o sistema desmoronado ainda contém, mas somente lhe é oferecido um pão traidor que não pode satisfazê-lo. E o pobre ser fragmentado tenta, em vão, no amor físico dos dois sexos a conjunção de ambos os semiciclos, em que a unidade se cindiu. Ao contrário, o místico, que não teve medo de atravessar a porta da dor, pelo menos através da renúncia, pode celebrar bem mais no alto as suas núpcias de amor com Deus, isto e, a fusão bem mais perfeita das duas semicircunferências do círculo. Com isto, chegando ele, através da dor, a aproximar-se mais do centro, também alcança uma alegria bem maior. Os pobres seres periféricos, apegados à forma, porque não sabem sentir uma vida mais profunda, apegados, assim, a uma existência de penas, alimento sobremodo escasso para uma alma faminta de felicidade (alimento que entre si disputam encarniçadamente) - esses pobres seres fogem da sublimação e a condenam, porque da sua posição periférica, situados na matéria, a sublimação lhes

parece anulação da vida, e não retorno a esta. É natural que para o ser subvertido, tudo pareça invertido, uma miragem traidora. Para enxergar a verdade; é necessário subir, atravessando a porta da dor!

Eis, pois, a posição agora do ser no universo atual: ele jaz entre as ruínas de si próprio, mas, em seu âmago a originária centelha de Deus — a alma não está extinta e se conserva no estado de um anseio instintivo e irrefreável, com todas as características originárias. Entre esse anseio, porém, e a sua realização, existe a barreira da dor, interposta pela distância do centro à periferia, onde veio a cair o ser. A irresistível ânsia se bate continuamente contra essa barreira para evadir; entretanto, é exatamente através da barreira, isto é, através da dor, que se pode evadir. Eis o grande drama do ser, vivendo-o todos em cada dia.

Então Deus, Que não nos abandona, vem ao nosso encontro para ajudar-nos, enviando-nos em forma concreta, para que possamos tocá-lo com as mãos, o exemplo vivo do método a usar para a evasão. É inútil debater-se. Não há outra via que a do Calvário para atingir-se a redenção e cada qual tem que percorrê-la por si. Quem vencerá? As seduções do mal, o horror ao sofrimento ou o grande anseio da alma, o seu instinto de ascensão e de vida, e o poderoso auxílio de Deus, Que quer a salvação final? O caminho é longo, a criatura está retida entre as engrenagens de duas imensas rodas e triturada pelo atrito dos seus dois movimentos contrários. Ambas as forças, todavia, não são iguais, seus pesos não são idênticos. A roda de Deus é a mais forte e tanto girará na eternidade, que desgastará inteiramente a de Satanás, que terminará em pó.

A sublimação espiritual é o fenômeno pelo qual a evolução da fase biológica humana, através da catarse de todo o ser, conduz a vida à fase super-humana. Já vimos que este é um momento do grande processo de toda a ascensão, que vai de $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$. Isto é o que significa voltar a subir. São estas as grandes etapas, os degraus da escada que leva ao trono; Voltar a subir significa, pois, transformar-se da matéria em energia e desta em espírito, ou seja, um processo de espiritualização. Eis ao que se reduz substancialmente todo o progresso. Esta é a fase que a humanidade está vivendo. É verdade, sem dúvida, que esta ainda está imersa em noite profunda, mas nos encontramos em uma grande volta da história, que anuncia iminente uma nova aurora. O homem, hoje, pela primeira vez, sabe transformar a matéria em energia. Com isto ele intervém nos processos criadores de uma forma que se poderia chamar espiritualização da matéria, que se volatiliza em energia. Processo que implica o inverso da criação da matéria com a energia. Paralelamente, a superação dos limites do espaço e tempo significa uma ascensão de vida em dimensões mais evoluídas. Ademais, o tipo biológico se dinamiza, e a sua luta, de física, se torna nervosa e psíquica; as leis do ser passam a ser compreendidas; os mistérios se aclaram; aumenta o domínio sobre as forças naturais e sobre a matéria; o indivíduo funde-se no conjunto de grandes unidades coletivas. O homem, pois, embora recalcitrante, está engolfado no tormento de novas criações e empenhado, no momento crítico, em uma catarse biológica.

A luta pela vida sempre foi, mesmo na feroz fase animalesca da seleção do mais forte, uma luta por subir. Ainda agora é assim. É a grande batalha da libertação da involução para o retorno a Deus. Se nos mais baixos níveis biológicos essa batalha pela ascensão é imposta pela necessidade de viver em um mundo em que vigora o lema: "comer ou ser comido", nos mais elevados níveis da Lei, onde o ser se faz mais

consciente, ela pode suavizar-se e, assim, realizar-se pelas vias da compreensão. É a evolução que nos liberta de tão duras necessidades e sanções. Nós vivemos explorando todas as vias da libertação, que na sublimação mística se escancaram para o céu. A luta é um meio de despertar a consciência. O ser, submetido a uma vida de permanente ameaça, aguça a inteligência; as provas e os insucessos o adestram e o preparam para maiores conquistas, aquelas que nascem da experiência e se fixam no espírito. Quer embaixo, quer no alto, a existência é sempre uma elaboração evolutiva, seja revestindo formas mais ou menos ferozes, seja assumindo aspectos mais ou menos espiritualizados. Elaboração evolutiva é o trabalho da matéria, desfeita no caos e integrada nos fenômenos cósmicos, como também, no extremo oposto, é a atividade espiritual do gênio e do místico que, desvinculando-se dos instintos da carne, transforma-lhes a potencialidade em manifestações espirituais. Todo o universo está empenhado neste esforço penoso da própria maturação evolutiva, que o deve reconduzir a Deus.

Hoje a vida tenta, na Terra, novas formas de expressão com um tipo mais evoluído o homem. A luta humana não está atualmente confinada no tradicional plano animal-humano, como até ontem, mas sé agita para sair dele.

Ela não se resume mais na vitória de um grupo humano sobre um outro, permanecendo sempre no mesmo nível e sistema de vida, mas colima a vitória de um princípio sobre o outro, para fugir ao atual plano e sistema de vida. Em outros termos; encontramo-nos, não em período de estagnação, mas de transformação. Todo o esforço da vida concentra-se hodiernamente, não na sistematização e consolidação de suas posições, mas na tentativa de novas. É por isso que o seu dinamismo é febril e tudo parece esboroar-se Mas é justamente porque a vida está possuída de uma ânsia de construir, que ela se apressa em libertar-se, por toda parte, das acanhadas fórmulas do passado, das quais, assim ampliada, extravasa de todo lado. Tudo tende no presente à superação; por todos os cantos se anda à procura de novas fórmulas que possam dar expressão a uma vida que já não encontra espaço nas velhas. Jamais ela fervilhou tanto em criações. Quem quer que possua olhos de ver e ouvidos de ouvir, sente que o mundo está vertiginosamente lançado em direção a um transformismo evolutivo de uma intensidade e rapidez sem precedentes. E, num crescendo, a vida absorve as etapas para concluir, porque tem pressa de resolver o problema que a agita e atormenta.

Vemos, pois, nesta hora histórica a realização, não só do transformismo $\gamma \rightarrow \beta$, com a desintegração atômica e a gênese da energia da matéria, mas também um transformismo paralelo $\beta \rightarrow \alpha$, em que a vida, embora ainda primariamente, tende a tornar-se cada vez mais nervosa e psíquica, isto é, tende a espiritualizar-se. Assistimos a um universal processo de espiritualização no sentido lato. A plena realização está ainda distante, mas o germe já está lançado. Muitos são incapazes de ver uma árvore na semente e não conseguem aperceber-se da sua existência, a não ser quando plenamente desenvolvida. Não importa! Eles chegarão a compreender mais tarde, mas chegarão. Toda semente é um explosivo da vida, no qual ela se concentrou aguardando o momento para explodir, e explodirá por força de lei. E, no fundo, o ser humano está à espera de despertar aquele divino eu sou, que vem de Deus. Os novos e menores continentes do espírito aguardam os pioneiros que os conquistem, explorem e colonizem para a própria e nova grandeza. O esperado *Reino dos Céus* não é vã

promessa que deva permanecer no campo da utopia. Ele jaz no fundo das consciências e se realizará quando estas despertarem, quando nós pudermos compreender de que maravilhoso universo somos cidadãos.

Trata-se de movimentos de grandes massas. Hoje na Terra não existe mais uma classe social, uma aristocracia que se movimenta para a conquista do domínio sobre camadas sociais inertes e passivas. Hoje a fermentação evolutiva investe toda a massa humana. Poder-se-ia dizer que ecoa no sentido $\beta \rightarrow \alpha$, isto é, da vida para o espírito ou para a espiritualização da vida, desde o plano $\gamma \rightarrow \beta$, com a desintegração atômica. Parece que ambos os fenômenos moveram-se paralelamente, obedecendo ao mesmo impulso de Deus imanente, Que, fazendo pressão de dentro para fora, impõe à velha forma que cada passagem a uma nova, capaz de exprimir íntimos estados novos, que contínua pressão interior matura em milênios de silenciosa atividade. Tudo deriva do princípio da vida inerente aos seres. Hoje, este princípio se lança em novas rotas.

Baste-nos aqui, por ora, antes de prosseguir além, haver enquadrado o fenômeno da sublimação neste processo de espiritualização universal $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, que é o processo evolutivo. A sublimação mística não passa da fase mais elevada da espiritualização em nosso planeta Este é um fenômeno, como vimos, universal na vida. É por ele que o mineral se eleva a vegetal, este ao animal, o animal ao homem, e este ao super-homem. Trata-se de um processo de sensibilização, que nos graus superiores se chama consciência e que vai desde a existência destituída de sentidos e encerrada em si mesma, como é a da matéria, a uma existência que se expande cada vez mais, em uma vida, a princípio vegetativa, depois sensitiva, a seguir racional, e finalmente intuitiva. Trata-se de uma gradual floração do espírito, que volta a encontrar a si próprio, expandindo-se sob a irradiação do centro-Deus. Agora pode-se compreender que, tendo a involução consistido na formação de invólucros, cada vez mais densos, em torno à centelha do espírito, em que ele permaneceu sepultado - a evolução, contrariamente, consiste na progressiva destruição desses invólucros que se tornam cada vez mais tênues, até a completa libertação. O "eu" eterno, com o desmoronamento do sistema, não foi destruído, mas apenas envolvido no princípio oposto em que se invertem todas as divinas qualidades de origem. A evolução é um processo de maceração que consome os casulos, é uma chama lenta em que se evola a sua materialidade, facultando a evasão da sua prisão. Eis o que entendemos por espiritualização.

Mas o fenômeno pode ser observado também de outros pontos de vista. Se concebemos o Centro no seu fundamental aspecto cinético, poderemos dizer que involução é progressiva imobilização no limite, e que evolução é desvinculação do limite. O aspecto de estado cinético pode significar, sobretudo, estado vibratório e a este é possível reduzir aquele estado do espírito que se chama consciência. O estado oposto, de imobilidade, de congelamento da vibração, significa então o estado de espírito que se denomina inconsciência. Que mais significa precipitar-se nas trevas, senão decair da sensibilidade, até à cegueira? Assim, o desmoronamento do ser consiste na inversão do estado cinético, ou vibratório, ou consciência e conhecimento, máximo no centro — Deus, em um estado oposto, de inércia ou inconsciência ou cegueira. Na periferia embotam-se as qualidades dinamizantes e vivificantes, máximas no Centro. Não foi a matéria definida como energia congelada? A energia é também pensamento congelado. Lúcifer, como dissemos, é por Dante colocado no centro da

Terra, imerso nas trevas, encerrado na imensa prisão da matéria, imobilizado no gelo, negação da mobilidade e do calor, elementos de vida. Para voltar a subir, o espírito tem de tornar à ordem a fim de fundir esse gelo, a fim de queimar no fogo da própria dor as escórias da forma que o encarcera. Tem que, como elemento primeiro de vida, reacender por si a chama que se extinguira.

Nós temos até agora observado o grande desmoronamento da universo, para encontrar a gênese e a explicação do universo atual. Mas isto não basta. Dado que este é um estado bem doloroso, o que mais interessa ao ser humano é, sobretudo, saber como dele sair. Eis por que é importante, no seio do universal processo da espiritualização, conhecer o processo humano da sublimação, porque ele representa para o homem a única solução do problema da dor.

Desperta, ó homem, no espírito, porque neste, em teu âmago, está o infinito. Sepulto em todas, as coisas está o pensamento divino que as rege. Mas em nada, como em ti, ó homem, esse pensamento se potencializou tanto na ascensão, desejando hoje dar mais um passo avante. Em $\gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, o processo evolutivo é uma reconquista e reconstrução do estado cinético, vibratório ou de consciência e conhecimento, que se perdera. Jamais como atualmente a batalha entre matéria e espírito foi tão encarniçada. Mas o espírito é o princípio do movimento e da força. Ele, no ser está apenas adormentado. Abençoemos as grandes dores dos nossos tempos, que o despertam.

XII

OS TRÊS ASPECTOS DA SUBSTÂNCIA

Orientemo-nos, antes de passar adiante. Iniciamos o estudo do conceito central, do esquema do ser — o "eu sou". Isto nos conduziu a observar o fenômeno do egocentrismo cuja significação quisemos esclarecer. Por esta via chegamos às portas do grande drama da queda dos anjos, devida justamente à rebeldia do "eu", por excessivo egocentrismo desvirtuado. Detivemo-nos, então, a contemplar as suas conseqüências, estudando as origens do mal e da dor. Mas isto nos colocou defronte ao problema inverso da sua finalidade. Entramos, assim, na visão do grande ciclo constituído do desmoronamento e reconstrução do universo, ciclo que se reconstrói em unidade pela junção das suas duas fases inversas e complementares, involução e evolução. Adentramos, desta forma, a visão da estrutura do sistema e dos processos íntimos de seu transformismo, admirando-lhe a perfeição. Pudemos seguir esse transformismo universal até às suas últimas conclusões, que sintetizamos em duas expressões limites, uma das quais resolutivas do sistema positivo, e a outra resolutiva do sistema negativo, com o triunfo final do bem sobre o mal e a reconstituição do sistema desmoronado. Pudemos, esta maneira, encontrar a solução final do problema do ser. Descemos depois ao nosso mundo, para nele encontrar confirmações e demonstrações e, afinal, aplicações na sublimação. Com esta, como conclusão moral das visões precedentes, é apontada ao ser humano a via das ascensões espirituais, a da

reconstrução do universo desmoronado, a única que o pode guiar na reconquista da felicidade perdida.

Este foi o caminho que percorremos até aqui.

Chegados a esta altura e completada a precedente ordem de visões e de conceitos, vemos desenrolar-se diante de nós uma perspectiva diversa dos mesmos fenômenos, pela qual observaremos o Todo, já não mais em relação à sorte da criação e das criaturas, mas em relação a Deus e à Sua obra. Sintetizamos atrás a última conclusão da precedente ordem de conceitos, em duas expressões resolutivas do transformismo universal: uma na destruição do ser, 0 = 0, o inferno eterno, a pena máxima para quem assim a quis renegando a existência, destruição do "eu" como individualização espiritual, morte da alma, que, negando Deus, nega a si própria até anular-se; a outra, no pólo oposto, significando a plenitude do ser, ∞ = ∞, a felicidade eterna, a alegria máxima, o triunfo da vida, a afirmação do "eu" em Deus. Iluminados por estas precedentes visões, busquemos agora penetrar ainda mais no íntimo do fenômeno universo, contemplando-o, mais do que em seu transformismo, na sua real essência, na sua mais profunda substância.

❑ ❑ ❑

São João iniciou o seu Evangelho com palavras estranhas, refertas de profunda significação e geralmente incompreendidas. Ciência e filosofia, não conseguindo alcançá-las, negligenciam-nas e as resolvem ignorando-lhes a existência. Entretanto, elas contêm a chave do universo. João, ao certo, iluminado por Cristo, as havia compreendido. Procuremos compreendê-las nós também.

Que significa Verbo? Encontramo-nos em alturas vertiginosas. Tentaremos uma resposta no próximo capítulo. Para alcançá-la necessitamos passar antes por alguns degraus. Partiremos; pois, de nosso concebível, com respeito a nós mesmos.

Pelo princípio da unidade do Todo, e dos esquemas de tipo único, segundo os quais o universo é construído, principio já alhures esclarecido, não é absurdo ver, igualmente em nosso minúsculo contingente, os grandes esquemas do ser refletidos escalonadamente, até ao máximo de Deus. Observemos, então, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, e, de como ele age, podemos formar uma idéia aproximada de como também Deus deve agir. Tudo isto nos é repetido pela inscrição encontrada no frontispício do templo de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo, e conhecerás o universo". Afinal, a correspondência entre microcosmo e macrocosmo é conceito que vigora desde a mais remota antigüidade.

Como age o homem, através de que processo, quando, à imagem e semelhança de Deus, constrói alguma coisa? Qualquer realização humana é retirada do íntimo de quem deseja criá-la. Ele a tira de si do pensamento, da sua alma. Cada qual pode observar em si próprio o fenômeno. Há sempre uma primeira fase no processo criador — mesmo nas mais ínfimas realizações humanas — que consiste na formulação mental da idéia abstrata, que depois encontrará a sua concretização na forma. Todos nós sabemos que nada se cria e nada se destrói, mas isto no que se refere à substância eterna e não quanto à forma em que a idéia abstrata venha a se manifestar. Quando a eterna e indestrutível substância é plasmada pelo pensamento de um "eu sou" em uma dada forma, então temos uma criação que, no sentido relativo como tudo o é neste mundo, é criação do nada. Isto em relação ao seu estado anterior, de não

existência nessa dada forma, que ainda não nascera como tal. Neste sentido o nosso universo foi criado do nada, como anunciou a revelação.

Faz-se aqui necessária uma observação para prevenir dúvidas que podem surgir do confronto entre o que acabamos de expor e o que se encontra no capítulo XI: "A caminho da sublimação". Ali se esclareceu. o valor, sempre com respeito a nós, que pode ter o conceito de criação do nada, qual foi a verdadeira criação, como ocorreu o seu ulterior desmoronamento, que passamos a chamar criação e de como a verdadeira reconstrução é representada pela atual fase evolutiva. Isto foi dito para que se pudesse compreender como realmente se passaram as coisas. Mas aqui, neste capítulo, voltamos a colocar-nos sob o normal ponto de vista humano, o bíblico do nosso relativo, apenas com o intuito de facilitar a compreensão. Chamamos de criação, no sentido corrente, o que, ao contrário, foi um desmoronamento, denominando-se manifestação o que, inversamente, foi uma ocultação. O leitor está apto agora a compreender o verdadeiro significado dessas expressões de uso comum. Podemos, portanto, retomar à psicologia normal, como esta se expressa na concepção bíblica. A presença de Deus criador nesta criação dada pelo desmoronamento explica-se em virtude de Ele ter-se mantido sempre como senhor do sistema, de não tê-lo abandonado na queda e de ter continuado a regê-lo e guiá-lo através de Sua imanência nela. Ainda que mesmo através dos espíritos decaídos, a assim chamada criação está sujeita a Deus, Que nela está presente em toda parte, como seu criador. Ocupando-nos aqui de enfocar principalmente o processo criador, passando por alto sobre a rebelião e a queda, e explicando alhures a gênese do mal e da dor, observamos agora o processo diretamente em relação àquela que permanece como a sua primeira fonte: Deus.

Procuremos agora avizinhar-nos da compreensão da natureza íntima do chamado processo criador, até mesmo no seu caso máximo, em Deus, do Qual, embora a incomensurável distância, o homem busca imitar a ação, no seio do mesmo sistema e seguindo o mesmo esquema. A matéria prima da criação, como já explicamos em outra parte e esclarecemos nas páginas seguintes, é uma eterna e indestrutível substância de natureza pensante, isto é, que possui, como atributos fundamentais, a inteligência e o conhecimento. Este é o estado originário de que derivou o universo, da mente de Deus, como qualquer obra humana deriva da mente do homem.

Qual é o estado do Todo antes da criação? Por Todo devemos entender Deus, porque nada pode existir além Dele. Talvez fosse melhor criar uma outra palavra, de um significado mais preciso e não como essa - Deus - ligada a significados tradicionais. Mas correríamos, com isto, o risco de nos tornarmos ainda menos compreensíveis. O Todo estava, pois, num estado de quietude, o estado em que o homem se encontra antes de empreender qualquer realização. Este é o estado contemplativo, da concepção, sem forma ou expressão ainda, um estado abstrato, feito de puro pensamento. Nele apenas se desenha a idéia-mãe, o esquema ou modelo da forma, no qual esta poderá depois configurar-se, refletindo-se, desde o primeiro impulso conceptual, em uma infinidade de exemplares. Esta é a primeira fase da gênese, a conceptual, a que se denomina de concepção. Nesta fase, a criação ainda não nasceu, está somente concebida.

Como nascerá ela? Passamos agora para a segunda fase, para o segundo momento do processo criador. Até este ponto, a eterna substância pensante do Todo permanente ainda no estado de quietude, imóvel, sem nada ter retirado de si, isto é,

sem haver manifestado as suas possibilidades cinéticas, nela jacentes em estado de latência. E uma das qualidades fundamentais inerentes à natureza da eterna substância pensante que constitui o Todo, a de poder transformar, passando com isto ao estado atual, as qualidades antes adormentadas, latentes no estado de quietação. Este puro pensamento, existente, não no momento do princípio, mas antes dele, representava o caso máximo do princípio da semente ou germe, esquema segundo o qual continuou depois, continua e continuará a gerar-se o universo após a primeira gênese criadora. Sabemos que este é um sistema ecoante, de repetições de ações e de esquemas. Neste estado de pensamento puro existia, pois, em germe a possibilidade latente de todos os futuros desenvolvimentos quais existiram, existem e existirão.

Inicia-se, então, a segunda fase do processo criador. A substância pensante do Todo desenvolve no íntimo as suas qualidades cinéticas, retirando-as do estado latente para o atual. Em outros termos, após a fase de concepção abstrata, de formulação espiritual dos esquemas que deverão depois guiar a ação, esta se inicia e, com isto, a idéia, a princípio apenas abstrata, começa a realizar-se, configurando-se na forma. Esta é filha do movimento. Neste ponto poder-se-á melhor compreender a significação de tantas referências que fizemos nos precedentes volumes ao estado cinético do Todo. Que outra coisa exprime o verbo em nossa psicologia corrente, senão uma idéia abstrata que se põe em movimento, rumo à sua atuação? Quando dizemos verbo, dizemos ação, que é a segunda fase, a de agir, que presume a primeira, a de idealização. Quando falamos: "eu olho, eu falo, eu vou, eu trabalho", executamos a transformação que vai da primeira à segunda fase, passando do estado imóvel da concepção ao cinético da ação. Este último está ligado ao primeiro como uma sua conseqüência. Ele é o mesmo ato em um segundo aspecto. Representa um segundo modo de ser, uma transformação em que desenvolve aquilo que antes estava latente, em quietação, pondo-se em movimento. A substância pensante do Todo continha já em si estes impulsos, que, uma vez lançados pelo primeiro motor, vemos transmitir-se em nosso mundo, segundo os princípios da dinâmica. Ajudar-nos-á a compreender o grande fenômeno da criação, observar o que se passa em nossa mente, quando ela desenvolve semelhantes impulsos com sua manifestação, imprimindo-os no mundo exterior, pois que ela não é mais do que um momento da substância pensante do Todo, que se isolou em um sistema menor, em um "eu sou" subordinado, ao máximo "eu sou" - Deus. Antes de agir todos pensam na ação a executar e este é o primeiro momento, o da construção do esquema diretor, pelo qual se imprimem às formas novos estados cinéticos.

Cada forma do ser se reduz a um estado cinético diferente. Deus criou, pois, pela transformação da substância prima pensante, o espírito a, em energia, β, que representa á fase cinética da ação que expressamos pelos verbos, a fase de querer e por-se em movimento para depois chegar, enfim, à terceira fase do processo, à de matéria, γ, a forma, a criação, obra completada. Neste sentido, podemos dizer que o criado contém e exprime o pensamento de Deus, como podemos dizer que toda obra humana contém e exprime o pensamento do homem que a realizou.

Assim Deus, através do dinamismo β, por Ele mesmo desenvolvido, pôde retirar da fase conceito α, a terceira fase conclusiva do processo, a forma na matéria, γ. Nesta o livre estado cinético da fase energia, concentrou-se nas trajetórias fechadas dos seus átomos constitutivos, podendo assim o primeiro pensamento encontrar a sua

expressão. Semelhantemente age o homem quando, por uma ação menos interior, mais de superfície e secundária, modela as coisas apenas na sua estrutura exterior e não na sua íntima substância constitutiva. Medeia naturalmente imensa distância, mas o tipo do esquema criador é o mesmo. Para operar de qualquer maneira, o homem, uma vez concebido o plano, põe-se em condições de executá-lo, dinamiza-o na ação, passando assim de α, o estado espiritual da concepção, para β, o estado cinético criador. Deste deriva, finalmente, a última fase do processo, o ato completo, resultante dos dois primeiros momentos, a obra concreta que, na forma, exprime a idéia originária. O nosso universo, a criação, representa esta terceira fase. De tudo isto ele conserva traços, sendo guiado pelo pensamento, movido pela energia, constituído pela matéria. E assim também se dá com o nosso próprio organismo, feito de espírito (funções diretivas), depois de um metabolismo e movimento (dinamismo da vida) e, afinal, de um organismo físico (baseado na matéria)[10]. E assim como o universo se desenvolveu da sua causa primeira - Deus - assim também o feto, o corpo e todo o homem, desenvolveram-se da causa primeira, motor primeiro de tudo - o espírito.

❑ ❑ ❑

Esta concepção da estrutura do Todo e do processo criador encontra confirmação não só na constituição de nosso universo, na natureza do homem e dos seus processos criadores, mas também em algumas das mais recentes teorias científicas, como a do espaço-dinâmico, em que se concebe o espaço não como uma extensão geométrica, mas substanciado de uma densidade própria e dotado de uma mobilidade, como um fluido. O homem atribuiu ao espaço, de forma inteiramente arbitrária, os dois atributos de vacuidade e imobilidade, sem saber se eles efetivamente correspondem à realidade física. Há, entretanto, uma única realidade constitutiva do universo físico: o espaço fluido e móvel e o seu movimento. Os movimentos circulares desta substância conformam os sistemas atômicos e astronômicos, de que resulta a matéria. Os seus movimentos ondulatórios constituem a energia. Assim todos os fenômenos se reduzem a uma mecânica universal, dada pelo movimento do espaço, redutível deste fenômeno fundamental único e básico de que tudo emana no universo — o estado cinético do ser, em que vimos sempre a gênese de todas as coisas.

Eis, pois, um espaço — substância que não é vazio nem inerte, mas por sua natureza é genético da matéria, isto é, possui as qualidades aptas à formação, no seu seio, das condensações ou concentrações de substância que se denominam matéria. Ora, uma das conclusões a que chegamos no fim do volume *Problemas do Futuro*, é que a própria ciência, penetrando nos recessos mais íntimos da matéria, verificou que ela se dissolve em energia, perdendo-se, por fim, no campo abstrato do pensamento puro. Efetivamente, o elétron, último elemento a que se chegou até hoje na decomposição da matéria, segundo as mais recentes indagações físico-matemáticas, não possui mais nenhum conteúdo físico, representando apenas um feixe de ondas. O último termo da realidade não passa, pois, de uma concentração de energia ondulatória, tanto mais fácil e exatamente localizável, quanto mais diferem entre si as

[10] Para maior esclarecimento veja cap. XI de A **Grande Síntese. (N. do T.)**

freqüências componentes do diminuto feixe de ondas. Eis, pois, que o extremo corpuscular da matéria, o elétron, se desfaz em ondas A substância fundamental, material de construção do edifício das coisas, é um puro campo eletromagnético, desaparecendo toda idéia de substrato material. Cai, assim, qualquer significado físico real e resta apenas o lógico de representar a probabilidade matemática de que o elétron se encontre, em dado instante, em um determinado ponto do espaço. E se o próprio elétron é hoje concebido como uma concentração de energia, no que então se torna a matéria que dele resulta, se a energia mesma se concebe atualmente como uma abstração matemática: "a constante de integração de uma equação diferencial"?

Tudo isto para demonstrar como a própria ciência tende a reconduzir o material constitutivo do universo físico à sua última realidade, que é a de ser uma substância pensante. O universo, com efeito, não é explicável senão reconduzido ao seu termo extremo e entendido este termo como um puro conceito, único capaz de nos exprimir a essência das coisas. Assim a indagação científica percorreu o caminho inverso ao que Deus seguiu para, com a criação, chegar à manifestação do Seu pensamento. Desta maneira, a ciência da matéria retornou a Deus e no fundo desta encontrou o Seu pensamento animador, isto é, a presença de Deus imanente. Tudo isso corrobora o processo acima exposto da criação e, ademais, nos auxilia a compreender, confirmando-a, a concepção de um espaço - substância por si mesma genética da matéria, concepção que assim se enquadra em um sistema cósmico.

Eis, pois, de como pelo físico-dínamo-psiquismo, concepção fundamental de *A Grande Síntese,* podem ser orientadas, em um plano mais vasto, acessível apenas pela intuição, as últimas conclusões parciais da ciência moderna, que da dispersão, analítica são reconduzidas à unidade, em estreito monismo. Podemos, assim; logicamente chegar ao conceito de espaço-substância, derivando-o do conceito de energia-substância, e este do de pensamento-substância. Temos, pois, uma eterna e indestrutível substância que do estado de puro pensamento (espírito, α) pode passar ao de energia, β, e deste, finalmente, ao de matéria, γ, involutivamente e ao contrário, evolutivamente, permanecendo ela sempre a substância do Todo, o último irredutível elemento da realidade, que só pode ser Deus, centro do ser, princípio e fim de todas as suas transformações.

Podemos, assim, compreender como a Substância que agora escrevemos com S maiúsculo de sua fase ou aspecto de puro pensamento, conceito abstrato, α, pode mudar-se na sua segunda fase ou aspecto de energia, β, e como desta transformação resulta o espaço-cinético (A Substância-pensamento que se põe em movimento, encaminhando-se para a ação), de que deriva o espaço-matéria, fase conclusiva do processo criador. Só assim podemos abranger tudo o que existe, em um só princípio unitário, máxima aspiração instintiva da alma. Somente assim podemos conjugar em um e único ciclo os dois antagonistas - espírito e matéria - em oposição apenas porque situados nos dois pólos do mesmo sistema. A necessidade de contrapô-los com finalidade evolutiva, na luta pela nossa ascensão, não deve infringir a concepção unitária do Todo, e precipitar-se no dualismo de um universo despedaçado, feito de fragmentos. Isto seria satânico.

Assim, a Substância pensante pode transformar-se em espaço fluido-dinâmico, quando, para manifestar-se, a idéia entra no estado cinético da ação, involvendo da dimensão superconsciência e consciência (α), na de tempo (β) e,

finalmente. na de espaço (γ). Este último deriva da Substância pensante, que assumiu a posição cinética, a fim de que depois, no seio do espaço, assim formado, fluido-dinâmico, surja a matéria. E não só esta, mas todos os fenômenos que derivam do movimento deste espaço, isto é, deste fundamental estado cinético da Substância. Todos eles podem ser, desta maneira, reconduzidos a um fenômeno único, enveredando para o monismo universal de *A Grande Síntese*, vindo a reencontrar finalmente, mesmo na ciência, além das infinitas modalidades do contingente, a fundamental unidade do Todo. Podem-se, pois, coligar em um único princípio tanto os fenômenos físicos, como os biológicos e psíquicos, porque tudo nasce desse espaço-cinético, que não é mais do que o estado cinético da originária Substância-pensamento, com a criação, posta em movimento na incessante marcha universal do transformismo, essência de todo o fenômeno e de toda existência.

Podemos, deste modo, formar uma representação mental da técnica da criação. Podemos compreender como na sua fase de espaço-dinâmico, na fase em que a Substância se pôs em estado cinético, pode ter-se originado qualquer fenômeno, quer como energia, quer como matéria, apenas pela diversa aceleração desse espaço. É sempre o estado cinético que constitui a gênese de qualquer forma na matéria. Assim os sistemas galácticos, planetários ou atômicos, vêm a ser constituídos por campos de espaço fluido-dinâmico girando em torno a um centro, isto é, por vórtices de energia, cuja rotação é determinada pelo estado cinético, segundo o esquema universal, pelo qual tudo, em qualquer nível do ser, tanto no espiritual como no dinâmico, roda em torno ao centro — Deus. O núcleo do átomo repete, no plano γ; o esquema universal do "eu sou", mas modificando, de caso para caso, o sistema único, fato de que depende a diversidade estrutural dos diversos átomos. E todo o sistema material, do atômico ao planetário, deste ao galáctico, é gerado como campo centro-giratório, repetindo, assim, o esquema da gênese do universo, que se pode conceber como máximo centro-giratório, porquanto tem por centro — Deus. Se, para o universo, no seu aspecto espiritual, Deus é o sol do sistema, que tudo gerou tudo irradia - como o sol em nosso sistema planetário - assim na formação da matéria, a esfera central do espaço centro-giratório, forma o núcleo central, que gera e rege todo o sistema.

Eis, pois, de como α, por sua exteriorização cinética, pondo-se em ação, pode gerar β, ou seja, o espaço fluido-dinâmico, contendo em si os elementos para determinar em seu seio os vórtices de que nasceu a matéria *(A Grande Síntese*, cap. LIII: "Gênese dos movimentos vorticosos"). É este o sentido em que se pode dizer: do nada nasceu o nosso universo Este, embora existisse o Todo, como substância em Deus, não existia na forma de matéria, porque a Substância estava no estado de pura idéia, em quietação, não cinético, não fenômeno, não forma, não ser, como nós o concebemos de nosso relativo feito de matéria. Para o homem, o que não é perceptível sob a forma de qualquer sensação ou registro, não existe. A criação do plano físico, a partir do nada, ocorreu quando a Idéia, dinamizando-se, gerou centro-movimentos de potência variada, ou seja vórtices ou condensações físicas de várias densidades, segundo a grandeza dos impulsos transmitidos.

Eis no que consiste o processo criador. As suas três fases são conexas por filiação, são três momentos de um mesmo fenômeno, três aspectos de um único princípio, indissolúveis, sem sentido se isolados, três modos de ser do Todo-Uno, que

não se podem cindir sem destruir todo o ser, como no homem não se pode separar o pensamento idealizador da atividade operante e da obra executada. Cada momento está no outro e é o outro. Os três momentos são iguais e distintos. Cada um é o Todo e o Todo está em cada um. Um descende do outro por gênese, como o filho do pai.

Somos assim chegados, talvez, à solução do problema máximo do conhecimento, isto é, à compreensão do mistério da Trindade. Buscaremos confirmação desta visão nas palavras de São João, com as quais ele, no início do seu Evangelho, revela ter alcançado a mesma solução.

Ignoramos se tudo isto corresponde às concepções teológicas e filosóficas aceitas. É certo, porém, que a mente, não pode deixar de satisfazer-se com o conteúdo lógico de todo o procedimento, como também com a concordância destas concepções com os mais recentes rumos da ciência. Também não pode deixar de persuadir-se pelo evidente paralelismo entre elas e o exemplo de nossa atividade criadora humana, que nos diz respeito de tão próximo e, por isso, tão compreensível a nós. Quem houver compreendido a estrutura unitária e hierarquicamente escalonada do universo, achará lógicos estes paralelismos. Tudo isto constitui uma confirmação e convence, mesmo porque sacia o desejo instintivo de unificação. De fato, por instinto, o homem sente uma misteriosa potência nas grandes concepções unitárias, porque elas nos dão o senso de Deus-Uno, elevando-nos a Ele. Poder-se-á objetar que é presunção e profanação buscar levantar os véus do mistério. Mas o mistério é treva, e o homem é feito para a luz e para a compreensão. Deus nos concedeu a inteligência para que a usemos, para que nos avizinhemos Dele e não para ignorá-Lo. A ignorância é devida à obnubilação na escuridão. O ser decaído é feito para evolver, emergindo de novo no conhecimento. O progresso é Lei e o homem não pode permanecer em eterna ignorância, mesmo das coisas transcendentais, das quais depende a sua vida e a sua conduta. Diz-se também que investigar deve significar orgulho. Pode-se indagar com humildade e pode-se compreender com respeito, até mesmo ganhando em veneração, não com espírito de revolta, mas para alcançar, ao contrário, uma evidência mais patente e uma obediência consciente. É neste estado de alma que contemplamos estas visões, o que por si mesmo expressa uma respeitosa recepção conceptual, que é justamente o oposto de uma vaidosa e egocêntrica indagação racional. Aqui a alma não desafia os mistérios de Deus, mas, diante deles, ajoelha-se, ora em agradecimento pelo dom da compreensão concedido.

Na grande curva histórica da atualidade o involuído está para tornar-se evoluído. Ele deve entrar no conhecimento da Lei, que é o código do Reino de Deus, conhecê-lo por completo, porque daqui por diante impõe-se dar-lhe cumprimento, pois que também na Terra ela deve executar-se. E por este motivo que ela se tornou compreensível. Todos os seres racionais devem cumpri-la por necessidade. A fase do terror está superada. A obediência à Lei não se pode mais conseguir com tais meios apropriados apenas ao involuído e irracional. Aquele que desperta no espírito, como o iminente novo tipo biológico humano, só sabe obedecer por compreensão e convicção. Ao involuído não era possível desvendar o mistério, não só porque ele seria incapaz de compreendê-lo, mas também porque está pronto a fazer mau uso de tudo. Mas o evoluído quanto mais souber, tanto mais se sentirá pequeno e humilde no grande universo, comparado ao infinito poder de Deus. Quanto mais se progride conscientemente na Lei, tanto mais se é tomado de sacro temor. À medida que avançamos no conhecimento, menos nos sentiremos sábios, menos acreditaremos

possuir a verdade, menos nos apresentaremos diante de Deus com o orgulho do fariseu, que crê poder julgar a si mesmo e à Lei. Não. A verdade não uma cômoda paralisação em posições estabilizadas, mas é o próprio, exaustivo e incessante caminhar ascensional para Deus.

XIII

IN PRINCIPIO ERAT VERBUM

"In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt; et sine ipso factum est nihil quod factum est"[11].

Procuremos agora responder à pergunta proposta no início do capítulo precedente.

Que significa Verbo? Somente agora, após as preliminares desenvolvidas neste capítulo, nos é possível começar a compreender. Vejamos se as palavras de João realmente confirmam a visão precedente, se esta que vimos é a chave para explicar o misterioso sentido daquelas expressões. Isto nos dirá se o pensamento de João, no seu Evangelho, coincide com a nossa própria orientação. A verdade é que, como logo veremos, se partirmos desta nossa concepção, a obscuridade daquela incompreensível linguagem subitamente se ilumina e adquire um significado evidente. E, então, se ambas as visões se sobrepõem e coincidem, clareando-se e confirmando-se reciprocamente, segundo as linhas de um mesmo sistema, aí está a prova de que elas se originam de uma mesma fonte de pensamento, de modo que ou se aceitam as duas ou se rejeitam ambas. E se a concepção de João exprime a realidade, então a nossa visão deverá concordemente correspondê-la; a menos que se queira negar a revelação do Evangelho.

Vimos que, para o homem, verbo significa conceito que se torna ação, isto é, significa a idéia abstrata, o esquema feito de puro pensamento que se dinamiza e assim se transforma em ato, dirigido no sentido da forma pela qual ele se manifesta e que o exprime na realidade sensível e concreta. Qualquer coisa feita pelo homem existe, em um primeiro momento, em estado de esquema abstrato, que é dela o modelo ideal, a concepção que antecede à gênese, a idéia-mãe. Tudo já existe em germe no pensamento do homem que cria, sem ter nascido ainda. Num segundo momento ela começa a surgir, tomando forma através do processo construtivo da sua gênese, em razão de um estado cinético, assumido pelo "eu" pensante, que passou à ação. Quando, com esse processo construtivo e estado cinético, se mescla inteiramente a idéia-mãe, o modelo ideal adquire a sua completa expressão na forma, que é o terceiro

[11] No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus.
Tudo foi feito por Ele; e nada do que tem sido feito, foi feito Sem Ele. - João, 1: 1-3. (N. do T.)

momento, o qual contém os dois primeiros, como está neles contido.

Também vimos que este é o mesmo esquema que encontramos no máximo caso limite de Deus, que cria o universo. O Verbo, pois, de que fala João, é o segundo momento do processo criador, o da gênese, em que o conceito se torna ação, em que o esquema abstrato formulado na mente de Deus, dinamiza-se e se transforma em ato. Que João se refere à gênese está provado pela primeira frase - "In principio", logo repetida. Ela vale, assim, como ponto de referência, como o exige o ingresso no relativo, onde tudo existe de tal forma, com relação a outros pontos, e não é concebível senão daquela maneira. Então, com efeito, se entra no tempo, coisas todas estas existentes no primeiro momento da concepção abstrata, precedente ao da gênese, momento situado no absoluto e na eternidade. E João logo a seguir particulariza: "Omnia per ipsum facta sunt; et sine ipso factum est nihil quod factum est"[12]. Este "factum", repetido três vezes, nos projeta de imediato na obra completa que, se em um primeiro momento estava apenas no estado de conceito na dimensão consciência, e, em um segundo momento, no estado cinético de atividade construtora, na dimensão tempo, atinge agora o terceiro momento do processo em que ela se opera, assumindo a forma concreta na dimensão espaço, com a gênese da matéria. Eis o que. significa "factum".

João sabe que está falando ao homem. Preocupa-se, pois, principalmente com o universo em que ele vive e que, por isso, mais lhe diz respeito. Para tornar-se compreensível, estabelece logo na sua oração este ponto de referência. E porque deseja permanecer compreendido, João diz em seguida: "in principio" e "factum". Mal, porém, sobe às causas, eis que é constrangido a referir-se ao conceito que as expressões aludidas implicam e somente do qual elas podem derivar: o Verbo. Este representa o segundo momento, o da ação criadora, a que se deve a gênese de que se fala aqui. Ele, como autor desta criação, é o sujeito natural da oração. Temos, portanto, aqui três conceitos logicamente conexos: "Verbum, principium, factum"[13]. Por isto, aqui os encontramos reunidos na lógica de u'a mesma oração.

João, entretanto, não pode deixar de fazer algumas rápidas referências a origens mais remotas, enquadrando o ato criador do Verbo no esquema máximo, que abrange os três momentos mencionados. Assim, enquanto nos diz que no início de nosso universo, para nós início do ser, existia o Verbo, ação criadora, e tudo era feito por Ele, diz-nos também que o Verbo estava junto de Deus.. . "et Verbum 'erat apud Deum, et Deus erat Verbum Hoc erat in principio apud Deum"[14]. Eis os três momentos:

1) **a formação conceptual do modelo: a idéia;**
2) **o processo construtivo da gênese: a ação;**
3) **a expressão da idéia na obra executada: a criação.**

O Verbo representa o segundo momento, o da ação e da gênese. O terceiro momento é dado pela criação, esta que vemos: "Omnia per ipsum facta sunt"[15]. As palavras de São João mencionadas acima referem-se ao primeiro momento e não podem ser compreensíveis senão neste sentido.

---

[12] Tudo foi feito por Ele; e nada do que tem sido feito, foi feito Sem Ele. - João, 1: 1-3. (N. do T.)

[13] Verbo, princípio, fato (N. do T.)

[14] "E o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus"

[15] "Tudo foi feito por Ele" (N. do T.)

E João explica, efetivamente, que como o terceiro momento deriva do segundo, assim também o segundo deriva do primeiro. É claro que a criação deriva do Verbo: a ação, mas o Verbo - ação, deriva da idéia: mãe da ação. O Verbo estava de fato junto de Deus, isto é, a ação estava junto da idéia; o processo construtivo da gênese estava ainda latente, no estado de formulação conceptual do modelo. E a idéia era a ação, porque já a continha em si, em germe. E no princípio, quando a idéia se moveu em ato, tudo isto estava junto da idéia, que continha em si os três momentos em germe, como quotidianamente sucede em nossa atividade humana. Se, pois, no princípio de nossa criação, existia o Verbo - a ação; antes do princípio existia Deus - a idéia; junto do Qual estava o Verbo - a ação. E a idéia era a ação. As expressões de João são assim, claramente compreensíveis. Aqui ele, em poucas linhas, planta magistralmente o problema Deus - Universo. Em outros termos, estabelece o conceito base, seu ponto de partida, o da Trindade do Uno, nos seus três momentos constitutivos.

Nestas primeiras linhas de João temos, efetivamente, três conceitos: 1) Deus, 2) Verbo, 3) o Todo feito por seu intermédio. Estas três unidades estão assim conexas: o Verbo, que estava junto de Deus, fez o Todo. Há aqui um conceito de derivação, de descendência, de filiação no seio do Uno, que se transmuda nestes seus três momentos. Ele permanece, assim, invariavelmente 'Uno, ainda que vindo a existir em três aspectos diferentes, que são sempre Seus, em que Ele continua idêntico a Si mesmo. Exposto desta maneira e assim apresentado à forma mental humana comum, certamente o princípio do Uno - Trino se torna incompreensível e não pode deixar de ser considerado um mistério. Mas, se substituirmos aos três conceitos acima expostos o seu valor equivalente, de acordo com a nossa forma mental racional, então tudo se torna evidente. Substituindo a palavra Deus pela de concepção, de idéia; a palavra Verbo, dinamismo, ação; a palavra Todo, por expressão, obra executada, o criado - então o processo da íntima distinção do Uno, Deus, nos três momentos a que se deve a criação, é compreensível. Isto tanto mais, quanto o processo se repete diariamente no homem que age e cria, e, assim, tudo quanto existe encontra cabal explicação na sua gênese. Deus permanece sempre Deus, em cada um dos Seus momentos. É Deus, no Seu primeiro momento de concepção abstrata, como Idéia. É Deus em Seu segundo momento de ação, a gênese, como Verbo. É Deus no Seu terceiro momento de obra realizada, como o Todo criado.

Eis como encontramos em João a confirmação da verdade do princípio fundamental de *A Grande Síntese,* o da trindade da substância. O mistério é, assim, explicado, da mesma forma que a gênese de nosso universo, reportada até às suas primeiras origens. Isto de acordo com a lógica de nossa mente e consoante os princípios desenvolvidos em nosso modo de agir, assim como com as conclusões da ciência. Além da confirmação de João, que representa a Revelação, o sistema se apresenta racionalmente completo e persuasivo. Não remanescem resíduos e a criação física não é excluída, isolada, fora do sistema, o que significaria desequilíbrio, desarmonia inadmissível. A criação situa-se no sistema como seu último momento, da mesma forma que o corpo, no sistema do ser humano, também ele composto, uno e. trino, à imagem de Deus, é formado. dos mesmos três momentos: 1) alma, idéia: 2) vida, a energia criadora; 3) corpo físico, a última . expressão concreta, o momento final do processo derivado dos dois primeiros. Em todo o caminho percorrido até aqui, a compreensão da estrutura do universo, tão orgânica e harmônica, claramente

nos indica que o princípio de analogia não é arbitrário, pelo contrário, o seu concurso é probatório.

Só assim se compreende como as religiões estão com a verdade, quando dizem que o universo foi criado do nada. E quando a ciência afirma que nada se cria e nada se destrói, também ela diz uma verdade. As religiões viram o processo antropomorficamente, referindo-se ao segundo momento, à ação criadora do Verbo, pela qual o universo físico tem o princípio como tal, porque "como tal", ele antes era o nada. A ciência, ao contrário, teve que ouvir a voz da realidade, como lhe indicava a experiência, e essa voz lhe fala na indestrutibilidade da substância. A ciência, que não é intérprete antropomórfica da revelação divina, mas aderente aos fatos, em que está impresso o pensamento de Deus, teve de enxergar mais a fundo. Desta diversidade de pontos de vista, derivam as dissensões. E quanto mais a ciência progride, cada vez mais desantropomorfizando-se, tanto mais profundamente deverá encontrar-se com este divino pensamento. Ele é o Deus imanente, que é a alma das coisas e representa a sobrevivência do primeiro momento até o terceiro, isto é, a sobrevivência da idéia na obra completa, no criado, sua derivação. Retirai de todas as coisas este seu íntimo pensamento animador — o Deus imanente —, e elas cessarão de existir.

Pode-se agora compreender como a imanência de Deus no criado é uma necessidade lógica de todo o sistema, dada a sua estrutura trino-unitária, isto é, não passa da permanência do primeiro momento, a idéia, até no terceiro momento, a forma. Não pode ser de outra maneira, uma vez que se trata de um único processo do qual a subdivisão em três aspectos não fragmenta, de modo nenhum, a unidade do sistema, e no qual a Substância, embora mude de modo de ser, não deixa de ser sempre a mesma Substância. E, por isso, a ciência teve de comprovar, também em nosso mundo físico, a indestrutibilidade da Substância, o que é uma característica do eterno e do absoluto.

Até este ponto nos trouxe inexoravelmente a lógica e não pudemos desmenti-la, a menos que queiramos renunciar a resolver o problema e a compreender o mistério. Assim tudo está claro. De outra forma tudo se confunde nas trevas. Agora é fácil ver que estes conceitos até aqui expostos são os que se ocultam sob as três palavras: 1) Espírito, 2) Pai, 3) Filho, usados nas religiões. O Espírito representa o primeiro momento da Trindade do Uno, o puro pensamento$_3$ a idéia não ainda em ação. Dele deriva o segundo momento, quando a idéia, dinamizando-se, encaminha-se para a atuação. Eis o Verbo gerador, o Pai, de que nasceram todas as coisas. Do Pai deriva o terceiro momento, a obra completada, a forma concreta em que a idéia-mãe encontra a sua final expressão, o Filho. Cada momento está no Todo e o Todo está em cada um. Eis as três Pessoas iguais e distintas componentes do Uno e cada qual sendo também o Uno.

Mas prossigamos na leitura do Evangelho de João, para nele encontrar novas confirmações. Para facilitar a sua compreensão, traduzimo-lo agora, repetindo as palavras já transcritas: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele no princípio estava com Deus. Tudo foi feito por meio Dele e sem Ele, nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam"[16].

Deus, como Verbo; é, portanto; o princípio da vida, aquilo que a medicina

[16] João, 1: 1-5. (N. do T.)

procura, em vão, retalhando os corpos e que acredita ser efeito, quando é a sua causa. Mas o princípio da vida é o Espírito, origem do ser, de cuja natureza a alma humana, que é uma centelha sua, conservou as características: pensar e conceber. Do Espírito derivou o Verbo, isto é, o dinamismo vital, e irrefreável potência criadora das formas.

Encontramo-nos ainda no início da criação: (. . .) "tudo foi feito por meio Dele (. . .), Nele estava a vida". Mas eis que. apenas determinado no seio de Deus este impulso dinâmico, como segundo momento do Seu ser, João fala em seguida de luz e de trevas. Por que? Aqui está o ser mal saído do regaço da concepção materna. Ele começa a viver, isto é, a existir como individualidade autônoma. E este viver expressa o seu ser e é a sua luz, visto que, com a gênese, o espírito que se tornara distinto no seio de Deus (cada um distinguindo-se dos seus espíritos irmãos), qual "eu-sou" isto é, como indivíduo em si, adquiriu uma consciência própria. Eis que, apenas isto ocorreu, ao lado desta luz, que mal se acendera, surge a sombra, o oposto, o negativo, que se contrapõe ao positivo. "A luz resplende e as trevas não a compreenderam". Nasce no sistema o anti-sistema, a cisão, a queda dos anjos já descrita, o dualismo que dará de si o cunho fundamental a esta vida que nasceu. Mal o Verbo entra em ação, o sistema se fraciona no dualismo: luz - treva, bem - mal, verdade - erro etc., e surge o nosso universo corrompido.

Eis aqui enquadrada em visão ainda mais vasta, expressa pelas palavras de João, as precedentes visões da revolta e do desmoronamento. As trevas são os espíritos rebeldes que não compreenderam a luz. A palavra "compreender" nos transporta, sem mais delongas, ao primeiro momento, ao do puro pensamento, o do Espírito, em que os seres eram puras centelhas de Deus no Seu primeiro aspecto: a idéia. Neste primeiro momento, antecedente do segundo, o do Verbo, ocorreu a inversão da compreensão em incompreensão. E, então, podemos agora alcançar o mais íntimo significado do Cap. XVI: "Deus e Universo" (2ª parte), do volume *Problemas do Futuro*, em que a presente e mais profunda intuição se encontra apenas em forma embrionária. Ali recordamos que a Eucaristia, instituída com o partir do pão na Última Ceia, representa a gênese. Esta distinção do Uno em três momentos, pela qual o Espírito, a idéia, desce à ação e esta, à forma, pode coligar-se à divisão do pão, pela qual Cristo, o Verbo, feito forma, o Pai no aspecto de Filho, dá-se em sacrifício. E pode representar também o mais amplo sacrifício da Divindade que, seguindo na queda os espíritos rebeldes, fica entre eles; entrelaça-se ao seu trabalho de redenção, amparando-os e se lhes unindo; deixa-se desmoronar na forma (imanência), para reconstituir-se, voltando a evoluir, isto é, reconstruindo-se em unidade através deles. A paixão de Cristo não seria, então, mais do que um momento dessa paixão muito maior.

Mas esclareçamos ainda melhor. Vimos acima que, sem a imanência de Deus em tudo o que existe, nada poderia existir. E mais adiante, no cap. XV: "À procura de Deus", chegaremos à confirmação e conclusão. de que, na profundeza do próprio "eu", o ser possui o divino. Ora, a presença de Deus no Seu aspecto imanente, como alma das coisas, representa a sobrevivência do primeiro momento, da idéia, até o terceiro momento, o da forma. Sem a idéia que define, sem a energia que constrói, não pode haver forma. A existência não pode ser dada e não se pode manter senão por esta íntima e última substância, por este "eu sou" menor, centelha do grande "Eu sou", ou seja, emanação de Deus!

Ora, esta necessária imanência de Deus, esta permanência da Sua presença

em tudo o que existe, e sem a qual nada pode ser, prova que Deus desceu com a criatura e na criatura, acompanhando-a em sua queda. Ainda que se conservando invulnerável e intacto em Seu aspecto transcendente, Deus desmoronou na imanência com o ser caído, com o qual se fundiu e que representa quase que um Seu aspecto de desfazimento, devido ao desfazimento da criatura, emanação Sua, pois, não obstante tudo, Ele continua a existir nela.

Tal é a íntima afinidade entre Quem gerou e quem foi gerado, que o desmoronamento pela revolta não podia romper esta ligação substancial. O anjo rebelde é sempre filho e não ficou nem órfão, nem relegado ao abandono. Os vínculos entre filho e pai se ofuscaram, velaram, mas não foram destruídos. Não podia ser permitido à revolta, pelo arbítrio da criatura, alterar o princípio fundamental do sistema: o Amor. E o Amor quis que Deus seguisse a criatura na sua queda para ajudá-la a ressurgir dela.

Só assim é possível compreender por que Cristo tenha encarnado na Terra, e por que a Sua paixão para redimir-nos. Ele, espírito puro que não conheceu o pecado, Filho de Deus, como nós, mas não rebelde, emanação de Deus, como todo espírito, quis seguir a criatura em sua queda, para redimi-la e permitir-lhe subir a Deus. E Ele, o Cristo, quis dividir o pão para sintetizar neste ato o Seu sacrifício de Ser perfeito, que segue a criatura caída na imperfeição, no caso particular de nosso planeta e humanidade. Mas quis dividir o pão para dar-nos em síntese a chave de um mistério ainda maior, para indicar-nos um sacrifício mais amplo, do qual o Seu era apenas um momento: um sacrifício cósmico de toda a Divindade, Que divide a Sua unidade nos Seus três momentos; Que do trono da Sua transcendência, da perfeição no absoluto, precipita-se na imanência, no transformismo do relativo (v. início do cap. "Visão-Síntese"), do seu aspecto de puro espírito até à forma, porque só esta Sua imanência pode operar a redenção pela evolução. Santa, bendita imanência por tantos negada, fruto de infinito Amor, sacrifício cósmico, ao qual a criatura deve a salvação. Tudo nos indica, juntamente com esse ato de dividir o pão pouco antes do sacrifício, uma paixão em que, mais do que Cristo na Terra pela humanidade, é Deus que se crava numa cruz cósmica para redimir o universo desmoronado. "O universo inteiro é a imensa cruz na qual está pregado o Pai" (G. Papini - *Cartas do Papa Celestino VI)*

Esta idéia do desmoronamento, em que a criatura arrasta consigo na queda a divina centelha que a anima, pode parecer que logicamente não seja conciliável com a idéia da. criação operada por Deus. Impõe-se compreender, porém, que tal desmoronamento, confirmado por tantos fatos, implica, ao contrário, justamente a idéia de criação operada por Deus no sentido de que não foi um abandono em si mesmo, mas guiado e dirigido sempre por Deus com a Sua imanência. Nela subsiste a obra de Deus, salvadora por Amor. Deus permitiu o desmoronamento de acordo com uma lei, que é a Sua imanência, a sua presença salvadora. É este fato que faculta ao ser decaído reascender do caos à ordem, reconstruindo o edifício desmoronado. Sem esta imanência de Deus no criado, o caos continuaria sempre caos, ignorando o princípio da evolução representado pela presença de Deus nele, ignorando o princípio da redenção no sacrifício, como nos foi ensinado por Cristo.

Fato maravilhoso é saber que, no fundo desse caos, está latente o princípio de ordem com a presença da Lei de Deus, sem a qual ninguém atingiria a salvação.

O desmoronamento não ocorreu ao acaso, nem a criatura ficou só. Deus guiou o desmoronamento com infinita sabedoria, permanecendo junto à criatura para

reerguê-la até Ele.

E tudo isto é a obra de Deus, é a maior maravilha da Sua criação.

XIV

A ESSÊNCIA DO CRISTO

Eis-nos, neste longo caminho, chegados a esta grande figura central na história do mundo! Sinto que nestas páginas a visão se avizinha da concepção da essência do Cristo em uma primeira aproximação, prelúdio de uma compreensão mais profunda, que amadurecerá no último volume, com o qual será coroada toda a Obra. Os escritores comuns das muitas vidas de Cristo, que se fixam nos fatos da Sua existência física, sem ocupar-se do drama cósmico que está por detrás dela e do qual esta não passa de uma ligeira emersão em nosso sensível, não podem imaginar que falar de Cristo somente como documentação histórica ou obra literária ou filosófica, e permanecer na superfície de abismos oceânicos. Para conseguir compreender um pouco da significação íntima da figura e das vicissitudes terrenas do Cristo, foi-nos aqui imprescindível observar antes a estrutura do universo através de muitos volumes, percorrer em síntese o conhecimento humano e resolver os maiores problemas do ser. Foi, assim, necessário o esforço de uma vida inteira e o auxílio de estados especiais de intuição. E nos encontramos ainda no limiar e temos de percorrer ainda outros volumes antes de nos ser permitido entrar no templo. E já a alma trepida consternada ante a potência titânica do argumento e se abate no temor de ser por ele esmagada. Há visões supremas capazes de fulminar o ser, e, contudo, impõe-se aceitá-las na hora que Deus quiser.

Eis, pois, que o nosso processo lógico nos conduziu até Cristo. Também João aí chegou. Ouçamos as suas confirmações. Do absoluto descemos até o plano humano: "Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João; ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que por meio dele todos cressem. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Havia a luz verdadeira, aquela que ilumina todo homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio à sua casa e os seus não o acolheram. Mas a quantos o receberam, ele deu o poder de tornarem filhos de Deus, deu-o àqueles que acreditavam no seu que não nasceram do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem; mas somente de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós. E nós vimos a sua glória, glória como de Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (. . . .), ninguém jamais viu Deus; é o mesmo Unigênito, que está no seio do Pai, quem o revelou"[17]

Aqui entramos no terceiro momento e os fatos se desenrolam no plano humano, no concreto sensorialmente perceptível, na forma que todos vêem e tocam e que, pelo menos superficialmente, podem compreender. Chegamos ao plano da execução material, último momento, derivado dos precedentes e compreensível apenas se visto nesta sua cósmica preparação no imponderável. O sistema já se dividiu no

[17] João, 1: 6-18. (N. do T.)

dualismo e o espírito já desmoronou na forma material. Em relação a tudo isto, e só em relação a isto compreensível, aparece a figura do Cristo. E eis que, depois do Precursor, que não era a luz, mas somente enviado de Deus para testemunhar, aparece em nosso mundo, para alcançar a criatura até ao fundo de seu desmoronamento, para atingir o espírito aprisionado na matéria, eis que aparece na Terra a luz verdadeira - o Cristo. Veio ao mundo, que fora feito por meio Dele, na forma que é a Sua casa, habitação do espírito que o exprime, e essa luz não foi reconhecida, nem acolhida. Mas a quantos o receberam foi dado o poder de se tornarem filhos de Deus, isto é, os espíritos que não nascem nem do sangue, nem da vontade da carne ou do homem, mas somente de Deus, puderam assim redimir-se e refazer-se de sua posição invertida e, do anti-sistema em que haviam decaído, retornar ao sistema pela via das ascensões espirituais, traçada por Cristo. "*Et Verbum caro factum est, et habitavit in nobis; et vidimus gloriam elus*"[18].

Chegamos, assim, ao nó central de uma questão tremenda: quem era o Cristo? Todos nós mais ou menos conhecemos a Sua figura humana, historicamente retraçável. Mas que haveria por trás dela? Eis o grande problema. Certamente; estes quesitos não se podem nem ao menos formular para a forma mental da ciência moderna, pois com os seus métodos de conceber, eles não são solúveis. As religiões não dão explicações racionais cabais e são obrigadas a recorrer aos únicos meios pelos quais tais problemas se podem apresentar ao involuído atual: o mistério e a fé. Procuremos, pois, compreender.

A luz verdadeira é "aquela que ilumina - todo homem que vem a este mundo". e o espírito, a centelha de Deus, que se manifesta como consciência, o saber-se "eu", a fundamental qualidade e sensação do ser. A treva é a inconsciência, a ignorância, que se torna cada vez mais densa, à medida que se precipita no anti-sistema, involvendo na matéria. De onde provém a luz verdadeira. De Deus, centro do sistema, e ela o anima por completo. Ela é sinônimo de consciência e de vida, é o espírito, é a substância do ser, que permanece Substância em cada um dos seus três aspectos ou momentos. Cristo é, pois, a luz irradiada por Deus, está conexo com Deus e provém do centro do sistema. Ele mesmo, de fato, repetidamente, se declara Filho de Deus.

Mas não basta estabelecer essa origem e descendência, pois que todos os espíritos têm a mesma origem e descendência. O difícil é precisar quais eram as relações entre Deus e Cristo. Mas João o precisa: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". Mas todo espírito se faz carne e anima um corpo, sem o que este não teria nem sensibilidade, nem consciência, e seria cadáver. E todos os espíritos são filhos de Deus, visto que foram por Ele gerados e Dele provieram Então, que diferença há entre a natureza de um espírito comum e o espírito de Cristo?

João fala claro: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". O espírito de Cristo era, pois, o Verbo. Já vimos que este é o segundo momento da Trindade, em que a idéia (espírito), dinamizando-se, encaminha-se à ação, o momento da gênese, do Pai, de Quem nascem todas as coisas, isto é, de que deriva o terceiro momento, a obra completa na forma. Mas o Cristo, aquele que o homem viu na Terra, era o Verbo feito carne, isto é, o Verbo não mais como o segundo momento, mas como terceiro; ou seja,

[18] "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e vimos a sua glória". - João; 1:14.- (N. do T.)

era o Pai imerso na Sua manifestação em nosso plano físico, não mais apenas dinamismo sem forma concreta, mas revestido de matéria. Ele é, pois, o Filho derivado do Pai, o Unigênito do Pai, como lhe chama João. Tudo isto corresponde perfeitamente à estrutura do sistema, como acima descrito e representa a sua fase mais periférica, mais distanciada do centro - Deus; aquela em que o espírito, provindo do centro, submerge nos antípodas, na matéria.

João acrescenta: "Ninguém jamais viu Deus; o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, foi quem o revelou". Trata-se, pois, de uma manifestação de Deus, do Seu primeiro aspecto, do espírito que, através do seu segundo aspecto, o Pai, projeta-se na forma, tornando-se sensível ao homem, que assim pôde ter uma imagem concreta do invisível Deus. Se, pois, Cristo, visto do centro, pode representar uma imersão do Espírito nas trevas e na imperfeição da forma física, visto da periferia, onde está o homem, representa uma revelação de Deus. Trata-se, assim, do sacrifício do Espírito, que vem encarcerar-se no relativo, agraciando o homem com o dom de uma porta aberta para o céu, como uma via de comunicação com Deus. A descida de Cristo à Terra representa, por conseguinte, a penetração de um intensíssimo raio de luz nas trevas, que se dissipam ante o seu ofuscante lampejo. Efetivamente, quantos espíritos não se puseram depois a seguir as. pegadas de Cristo, no caminho da ascensão para Deus!

Quem tiver compreendido o processo acima descrito do desmoronamento do sistema no anti-sistema, e a reconstrução deste sistema, poderá dar-se conta. da capital importância da intervenção da Divindade na salvação da humanidade. Só assim podemos compreender o significado de redenção. A história do mundo não é somente feita de guerras e de impérios, mas também de imponderáveis impulsos espirituais. Céu e Terra se tocam. Muitos se preocupam com definir se Cristo seja Deus ou apenas um profeta. Trata-se possivelmente apenas de palavras, atrás das quais se oculta unicamente a preocupação da supremacia absoluta do próprio chefe espiritual, sobre todas as outras hierarquias e religiões. Preocupações humanas. Baste-nos por ora ter estabelecido o princípio da proveniência de Cristo. Estamos em um mundo em que não sabemos se os nossos pensamentos egocêntricos de personalidade subsistirão e se, a tais alturas, não seja provável que de todos os nossos conceitos não reste mais do que um princípio abstrato irredutível às nossas formas mentais.

Com o progresso da ciência, que aponta a nossa Terra apenas como um ínfimo grãozinho de poeira cósmica, torna-se cada vez mais inadmissível o antropomorfismo, que pretendia fazer dela o teatro dos maiores acontecimentos da criação. Não é concebível que a vida possa estar toda aqui. E, se Deus enviou Cristo como seu representante, torna-se cada vez mais difícil que Ele se tenha ocupado apenas de nossa humanidade, esse Deus que deve sê-Lo não apenas para nós, mas para todo o infinito Universo que escapa a qualquer medida e compreensão nossa. Por que devemos acreditar que Cristo tenha sido o único meio da intervenção de Deus para salvar o ser decaído, quem sabe em quantas e variadas formas? Por que admitir que Cristo tenha sido o único raio enviado pelo Centro para reanimar e reconstruir o universo desmoronado? Deve-se acreditar ter Cristo eventualmente, desempenhado, também em algum lugar, a sua missão redentora, ou ainda, já que o campo por ele escolhido tenha se limitado à Terra, que se tenha valido de outros colaboradores, com Ele enviados por Deus a todo o universo, que igualmente deve ser repleto de vida.

Como separar os fatos da vida terrena dos acontecimentos da vida cósmica?

No Evangelho de João (Cap. 17: 1-2,4) estão as palavras de Cristo dirigidas ao: Pai:

(. . . .) "Para que o Filho Te glorifique a Ti, porque Lhe conferiste poder sobre toda a humanidade" (. . . .).

"Eu Te glorifiquei na Terra, consumando a obra que Me confiaste para fazer".

O mesmo Evangelho de João se reporta as palavras de Cristo, dizendo:

(. . . .) "Quem me vê, vê o Pai" (. . . .),- Cap. 14:9.

(. . . .) "O Pai, que habita em Mim, faz estas obras. Crede-me que estou no Pai e o Pai está em Mim" (. . . .) - cap. 14:10-11.

(. . . .) "O Pai, que me enviou" - Cap. 14: 24.

"Eu e meu Pai somos um" - Cap. 10: 30.

De tudo isso' se poderia deduzir que se trata de uma incumbência recebida d0 Vai com respeito à humanidade, e que a identidade com o Pai é dada para representar um momento diverso da mesma Substância. Tudo o que é forma, porém, constitui esse terceiro momento ou aspecto, é a expressão do pensamento de Deus, sem o que nada pode existir. E então, a diferença entre o ser humano comum e Cristo, encarnado na mesma forma, só pode ser esta: o primeiro representa a imperfeita expressão do pensamento de Deus, com um espírito que se ofuscou pela queda, e corrompeu-se na sua posição periférica, que é o seu ambiente devido e merecido naturalmente; enquanto Cristo representa a expressão perfeita do pensamento de Deus, com um espírito perfeito, incorrupto, projetado apenas por Amor e missão de bem à periferia, que está nos antípodas da sua posição natural. E dizer expressão perfeita de um espírito perfeito é aproximar Cristo do Centro — Deus, de tal maneira, que indagar se Ele se identifica ou não com Deus constitui uma sutileza superior ao nosso concebível, que não pode alcançar a essência de Deus. Baste-nos, pois, ver em Cristo o nosso Pai proposto de nossa evolução. Para nós, Ele representa a aproximação máxima que as forças humanas intelectivas podem atingir da infinita perfeição de Deus; representa para as nossas possibilidades o limite máximo concebível em altura de qualquer modelo que possa ser proposto ao homem, além do qual a nossa acuidade nada mais sabe indagar. E se quisermos indagar, perder-nos-emos no incomensurável dos céus, na vertigem do superconcebível. Cristo provém de um centro que é luz tão ofuscante, que o olho humano nada pode distinguir.

Um outro problema, contudo, nos aguilhoa. Por que desceu Cristo à Terra e por que quis redimir-nos com a Sua paixão? É evidente que Cristo, estando no sistema, provém do Centro e, então, por que quis imergir no anti-sistema? Por que desejou descer ao reino da criatura decaída, do espírito involuído da matéria, projetar-se no relativo, no limite e na dor? Quem compreendeu a estrutura do sistema, pode conceber a imensidão da distância percorrida. Por que este inverter-se com os invertidos, este deixar-se desmoronar no íntimo, até nós, filhos desfeitos pela queda?, E por que o Pai, envia este Seu emissário, que tão intimamente, O representa, manda-O ao martírio, com uma incumbência precisa, e por que Cristo tão piedosa e espontaneamente atende? Que representam estes espirituais movimentos cósmicos na economia do sistema e na obra de reconstrução do anti-sistema? Seriam eles necessários e úteis, segundo a lógica estrutural do Todo?

Há pouco relembramos um conceito, o da divisão do pão na Eucaristia. E entrevimos uma paixão maior do que a de Cristo na Terra, que foi apenas pela humanidade terrena; entrevimos uma paixão cósmica, pela qual a Divindade, seguindo no desmoronamento todos os espíritos rebeldes, deixa-se arrastar com eles para salvá-los. No fundo, o próprio Deus era o sistema e, com o sistema, de uma certa forma, Ele mesmo desmoronava, pois que Ele estava em Sua obra. Mas isto não é suficiente para explicar-nos uma tão tenaz aderência a ela. E que esta era algo mais do que uma obra Sua. Na primeira criação espiritual, a verdadeira, Deus se havia dado a Si próprio e, assim, Ele mesmo permanecera no sistema corrompido, em sua profundidade, latente, sepulto, mas sempre imanente, qual única centelha, sem a qual não há vida Na obra, Deus se dera a Si mesmo, como o pai no filho, mas o universo desmoronado continua a conter Deus, que é a sua vida. O Todo permanece vivo somente enquanto Deus está nele. É necessário compreender como Deus criou os espíritos, para depois poder entender o resto. Deus, sendo o Todo, não pode criar, senão tirando de Si mesmo. Os espíritos puros da primeira criação provieram do seio de Deus, derivaram Dele como filhos. Donde surge um fato de alta relevância: todo espírito é da mesma natureza de Deus, como o filho é da mesma natureza do pai - natureza inalterável. Poderá ela ter-se desvirtuado, decaído, ofuscado, aprisionado no limite e na dor, imergindo na ignorância e na inconsciência? Todavia, a sua qualidade originária de centelha de Deus, diante de um incêndio cósmico, qual é Deus, é indestrutível. E assim ela permaneceu.

Ora, essa natureza divina do espírito não se destruiu, quando ele se rebelou, convulsionando o sistema. Desta forma, o desmoronamento do sistema é, também em parte, o desmoronamento de Deus, evidentemente não na Sua absoluta transcendência, que é inviolável por estar acima de qualquer criação Sua, mas no Seu aspecto de imanência. Se este significa a presença de Deus no universo desmoronado, isto pode de algum modo ser tomado como um desmoronamento de Deus, à semelhança do que pode suceder com o homem que, embora sendo espírito acima das necessidades do corpo, se este adoece, também a alma sofre.

Levanta-se, então, uma questão ainda mais relevante: se Deus tudo sabia, por que se expôs a tal perigo? Trata-se - assim parece - da falência de toda a Sua obra, naufragada na dor e o mal. Não. Tudo é lógico e perfeito. A equação parecerá insolúvel, enquanto não soubermos dar à incógnita X, chave do sistema, o seu justo valor. E este valor é representado pela palavra Amor. Este foi o nosso ponto de partida no início destes capítulos. Ele é agora o nosso ponto de chegada. Inicialmente aceitamos este conceito como um axioma não demonstrado. Agora ele está demonstrado completamente. Ele é o vértice para o qual convergem todas as linhas do edifício.

Deus sabia que a criatura teria podido cair e que Ele, que nela Se havia dado, deveria segui-la na queda, porque ela é substância da Sua Substância. Sabia-o bem. Mas Deus amava a criatura que de Si tirara e que não poderia deixar de querer livre como Ele. Uma criação de espíritos que não aceitassem a existência pelo mesmo Amor, e que livremente não aderissem a Deus pela compreensão espontânea, teria sido uma criação de inferiores, servos ou escravos, delito que só a nossa mente aprofundada no mal pode conceber. Que sucedeu então? Sucedeu que, quando o ser rebelde se precipitou, o Amor de Deus, jamais desmentido, sempre coerente, consigo mesmo, seguiu a criatura decaída e com ela desceu na matéria, para com ela sofrer a sua

redenção. Eis o Amor, sempre o Amor, levado até às suas últimas conseqüências, Amor que, pelo erro do ser, que devia ser livre, em Deus se torna sacrifício.

A Eucaristia, na qual o pão se divide, a paixão de Cristo, o Seu sacrifício pela redenção da humanidade, nos falam claro. Tudo isto nos demonstra que Deus segue o ser decaído, põe-se a seu lado sob o peso da cruz na subida do monte das perfeições, do qual sé precipitou. Só assim se compreende a paixão de Cristo, enquadrando-a em uma paixão maior, que abrange todas as humanidades do cosmo, paixão da qual a de Cristo na Terra não é senão um caso particular. É verdade que o reino da criatura decaída é o do mal e da dor, onde impera Satanás. Estas são as características naturais de um universo decaído. Mas nele também existe como motivo fundamental o de dividir-se por Amor, o do sacrifício e também o de possuir por toda parte a divina virtude reconstrutora que se chama redenção. Nesta paixão maior de todo o universo não é apenas Cristo que morre na cruz, mas qualquer espírito em quem Deus vive e que, encarcerado nas dores de uma existência inferior e pervertida, submete-se a uma crucificação cósmica, em que o grande Centro também sangra e padece.

Eis a que ponto chegou o Amor de Deus! Até que ponto Deus quis respeitar no ser a liberdade! Deus atingiu o extremo de querer intervir para salvar, pagando com o que era Seu, assim como do que era Seu havia dado ao criar! Altruísmo máximo coincidindo com o egocentrismo máximo, pois Deus é tudo o que existe. O ser, ainda que decaído, nas suas profundezas espirituais não pode deixar de sujeitar-se a Deus, o Pai, sua origem. Assim, tudo o que ele sente e vive deve estar sujeito a Deus. O sistema implica conexão e relações entre centro e circunferência. A criatura se comunica com Deus através da oração, transmitindo-Lhe as suas aspirações - inclusive as suas alegrias e dores -, tudo o que sente e registra na profundidade do espírito, onde Deus está. Deus, Que se encontra em nosso íntimo, vive tão junto a nós, que partilha conosco as nossas alegrias e sofre as nossas penas. A nossa inconsciência, treva do espírito, impede-nos perceber esta realidade. Basta, porém, o despertar da alma para se sentir invadida pela universal presença de Deus.

Somos, pois, pobres seres decaídos no mal e na dor. Triste tributo este, que é justo porque foi desejado. Mas Deus está junto de nós. Ele está junto de nossa humanidade no Seu aspecto de Cristo, Que conosco colabora na reconquista do paraíso perdido. Na imensa obra de reconstrução, todo o universo está empenhado sob o comando de Deus, no curso desta longa estrada traçada pela Lei, e que se chama evolução. Deus coloca-se ao lado do ser sepultado na dor e, com ele, põe-se a subir. Na profundeza sé existe uma dor, em que Deus e a alma sofrem juntamente numa união que adulçora qualquer sofrimento. Mas do qual apenas os espíritos despertos têm consciência. No esforço da reconstrução não estamos sós, mas colaboramos com Deus, Que assume o grande encargo desse difícil trabalho.

No sistema devia existir para o ser também uma grande força de coesão, nele inserida desde o seu nascimento, que em qualquer caso e a qualquer custo impede a sua desagregação, força essa que ligaria o Criador à criatura, pela qual Deus viria a colaborar diretamente na reconstrução e, no caso da Terra, enviaria Cristo a encarnar-se na involuída forma humana, assumindo-lhe todas as misérias. E o que poderia ser essa força, senão o Amor, do qual nos fala o universo inteiro e ao qual nos reconduz cada momento seu? Se é verdade que há tanto mal e tanta dor, é porque tais são as qualidades do anti-sistema. Mas este, com a ajuda contínua de Deus, está-se reconstruindo em sistema. Esse mal e essa dor vão se reabsorvendo por obra do

Amor, do qual, não obstante tudo, o universo está saturado. É verdade que Satanás se conserva rebelde, em luta. Mas ele está na superfície, na periferia. E é verdade também que Deus é ainda mais ativo e está presente em toda parte.

Cristo veio à Terra a fim de sacrificar-se por Amor. A Sua paixão é toda um mistério de Amor. A Eucaristia é feita de Amor imperecível. As Suas últimas palavras foram de Amor: "Isto vos mando: amai-vos uns aos outros" - João, 15:17.

"Assim como o Pai me amou, também Eu vos amei; permanecei no Meu Amor" - idem, 15:9.

"O Pai vos ama, porque Me tendes amado" - idem, 16:27. Este Amor é o raio de Deus, que ilumina e vivifica o universo. Por Amor Cristo desceu ao mundo, reino de Satanás, que fez dele um tormento. Mas Cristo venceu em espírito.

O fato de Cristo nos ter trazido Amor, demonstra que Ele provém do Centro e que é um reconstrutor. O Amor na periferia, em que nos encontramos, se despedaçou em ódio, fragmentou-se nas rivalidades egoístas que Cristo nos ensinou a reconstituir em unidade, amando-nos uns aos outros. Com este Seu mandamento fundamental, Cristo quer fundir os fragmentos do Uno, assim desmoronado com a queda do ser. Com o Evangelho, a Boa-Nova anunciada aos homens de boa-vontade, Cristo representa para a humanidade o toque de pôr mãos à obra, sob a Sua direção, na reconstrução de um novo e mais elevado plano do edifício desmoronado do sistema. Fenômeno biológico, pois, que diz respeito a toda a vida, em marcha evolutiva! Cristo veio, assim; revelar-nos uma vida nova, veio manifestar-nos um mais profundo e, consequentemente; um mais real aspecto de Deus - o do Amor - verdade antes ignorada pelo homem que não sabia conceber a não ser o feroz, ainda. que justo, Deus dos exércitos da Bíblia. Na época da vinda de Cristo a humanidade começava a evoluir um pouco ou se preparava para tanto. Estava, assim, à altura de receber princípios mais amplos, inacessíveis antes à sua inconsciência demasiado involuída. Logo que o terreno ficou preparado, uma nova semente foi lançada para fecundá-lo. Faz dois milênios que ela jaz sepulta, dois grandes dias da história. E está próximo o despontar do terceiro dia, o da ressurreição, em que a semente, maturada sob a terra na elaboração das almas, deverá germinar e em que o Evangelho, apenas pregado, deverá ser vivido. E assim o templo será realmente reconstruído em três dias.

Cristo, provindo do primeiro motor central, o Amor, dinamiza o esforço do ser em nosso planeta, acompanha-lhe a maceração, auxilia o homem a sair do seu grosseiro invólucro material para a vida do espírito, repleta sempre de alegria. Assim Cristo se entranha em nossa vida terrena, como o mais poderoso fator de evolução, operando nos nossos mais elevados planos biológicos. Ele nos dá a mão na exaustiva subida para o centro, do ódio ao amor. Ele quis ensinar-nos alegrias maiores, mais reais, libertando-nos do truque ilusionista, próprio do anti-sistema em que nos encontramos. Ponhamo-nos ao lado do Reconstrutor, colaboremos! E do nosso interesse subir para a alegria e desfazer-nos da dor, apanágio natural das regiões inferiores. Este trabalho de reconstrução do sistema reverte inteiramente em nossa vantagem, porque significa a evasão do anti-sistema e de todas as suas aflições. O sistema somos nós mesmos e, reconstruindo-o, reconstituímos o nosso poderio, a nossa felicidade. A Lei é a nossa vida. Conhecê-la e executá-la cada vez melhor, redunda em viver mais intensamente sempre. Endireitemos a nossa posição invertida, isto é, amoldemo-nos à vontade de Deus, em plena e espontânea adesão, invertendo, assim, a primeira rebelião do ser. Deus quer a nossa livre aceitação do Seu Amor, Ele a quer

por compreensão e não por força. Endireitemo-nos, rebelando-nos, ao contrário, contra a vontade de Satanás, que é a lei do anti-sistema.

Não nos esqueçamos de que Deus está conosco, por mais malvados que sejamos.

Assim termina esta visão, primeiro germe de visões mais vastas, da essência do Cristo. Ele nos aparece assim definido em relação a Deus e ao homem neste quadro cósmico. A Sua vinda à Terra significa a retificação do homem, que deve retornar à posição ereta, depois da queda pelo pecado original. Eis o conceito de redenção. Entretanto, o pecado original não foi senão uma conseqüência e continuação da queda dos anjos, foi o caso particular de nosso planeta e de nossa humanidade. Então, assim como por trás do pecado original houve um desmoronamento muito maior, igualmente por trás da descida do Cristo à Terra, para retificar o homem caído, deve ter existido uma descida, com uma redenção muito maior, para a salvação de todo o universo. E como o pecado original foi a conseqüência e continuação da queda dos anjos, também a descida e a paixão de Cristo, com a redenção da humanidade, foi a conseqüência da maior descida e paixão de Deus pela redenção de todo o universo desmoronado. Com essa obra imensa se coordena Cristo. Eis o significado. daquelas palavras, transcritas por João em seu Evangelho, dirigidas ao Pai:

(. . . .) "para que o Filho te glorifique a Ti, porque Lhe conferiste poder sobre toda a humanidade, para que dê a vida eterna a todos os que Lhe deste".

"Eu Te glorifiquei na Terra, consumando a obra que Me confiaste para fazer".

Eis como do ponto de partida: o Amor, tudo se desenvolve, necessariamente com lógica até à descida de Deus, Que permanece imanente na forma, qual seu espírito animador, porque ela possui um pouco da luz originária para Poder voltar a subir. No fundo do quadro da paixão de Cristo, há a cósmica paixão de Deus, que não abrange somente a Terra, mas todo o universo; há a crucificação de toda a divindade, que não abandona o ser caído, mas o segue no desastre, conserva-se em seu interior até no plano físico, em meio à treva e à dor, porque ele sabe que somente a sua íntima presença, que é vida, pode salvá-lo, redimindo-o e reconduzindo-o à vida. Só assim, de fato, será possível a reconstrução do sistema pelo anti-sistema. Somente desta forma o desmoronamento não será uma derrota, mas uma vitória. Por esse motivo é que Deus o permitiu, por saber que, em qualquer caso, o sistema seria o vencedor. E a vitória final de Deus em todo o universo será expressa pelo triunfo do seu princípio fundamental: o Amor.

XV

A PROCURA DE DEUS

"Et multum laboravi quarens
Te extrame, et Tu habitas in me"[19].

[19] "E muito me fatiguei, procurando-Te fora de mim, quando Te encontras em mim". (N. do T.)

(S. AGOSTINHO)

Fundimos em um estreito monismo, em um só sistema, o Todo, desde o seu pólo espírito, até o pólo oposto, matéria. Terra e céu assim se tocam e se fundem em um único universo, em que o espiritual e o material não passam de momentos ou posições da mesma Substância. Podemos agora dizer ao homem imerso nas trevas: desperta e sentirás que Deus está a teu lado, está dentro de ti, é a tua vida, a vida de tudo. Esta é a grande descoberta, que desloca o eixo do ser e que a ciência nem de leve sabe conceber: descobrir a própria imortalidade, o divino que está em nós e com ele aprender a viver eternamente; despertar a própria consciência adormecida, para compreender que somos filhos de Deus, imensamente amados por Ele; capacitar-se de que a causa de todos os nossos sofrimentos não reside na defeituosa construção do sistema, mas em nossa incompreensão da sua perfeita construção; convencer-se de que o tremendo destino de dor que nos aflige depende sobretudo de nossa ignorância e que ele pode transmudar-se em um destino de glória, somente se soubermos superar os nossos baixos instintos e evadir-nos de nossa natureza animal inferior; entender que a vida não pode estagnar, sem avançar, a guerra não terá fim, enquanto o homem não empreender formas de luta e seleção mais evoluídas; compreender que Satanás, o qual gostamos de seguir porque nos engoda, é antes inimigo de nossa felicidade, e que Deus, o Qual relutamos em acompanhar, porque primeiro exige de nós o justo trabalho para depois nos dar a alegria, é o nosso primeiro amigo, que outra coisa não quer e procura, senão cumular-nos de felicidade.

Até aqui temos procurado explicar, com o máximo de clareza, o fim do mal: a autodestruição. As teorias não são nossas, mas as lemos no livro da vida e o Evangelho (Lucas, 11: 17-18) no-las confirma, quando nos diz: "Todo reino dividido contra si mesmo será destruído, e as casas cairão umas sobre as outras. Se, pois, Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino?" (. . . .). O mal, portanto, como provém do anti-sistema, com força negativa, está condenado ao aniquilamento pela própria natureza e qualidade. O espírito de separatismo que anima Satanás o desagregará também pela mesma lei fatal das coisas. E com Satanás se extinguirão a dor e a morte, com a vitória da vida, vida cujo centro se situa no espírito, centelha pela qual Deus se manifesta em tudo o que existe. Não deve a compreensão de tudo isso encher-nos de alegria, de um otimismo fecundo em meio a qualquer dor? Esta é a psicologia da superação que vai além do miserável contigente e nos dá a paz das coisas eternas e a segurança do amanhã.

Tudo isto está largamente exposto no Evangelho e foi por nós tentado racional e cientificamente demonstrar nos esquemas expostos, a fim de conseguir tornar compreensível esta boa nova, já proclamada por Cristo e que aqui repetimos identicamente, porque ela é a maior alegria da alma. Deus está conosco. Quando uma espiga de trigo se multiplica em centenas de espigas e as messes aluíram os campos para dar-nos o pão, Deus está conosco. Quando os rebanhos se multiplicam e os animais, que nos fornecem alimento, se desenvolvem e tudo na terra germina e cresce fecundamente, Deus está conosco. Quando nossos filhos se tornam grandes, Deus está conosco. Deus é esse irrefreável impulso de vida, mesmo que ele possa ser feroz nos graus inferiores, porque os seres não sabem ainda aprender lições mais refinadas.

Avançamos, contudo, no caminho ascensional. Já muitos homens têm terror desta vida inferior, em que muitos se sentem bem. É fatal que a evolução avance e produza um novo e mais civilizado tipo biológico humano. Ele talvez seja, como hoje, dado apenas por um em um milhão. Amanhã estará na proporção de um por mil, depois será um em cem, e assim por diante, até que o homem novo seja maioria e se afirme. A natureza procede por graus e antes de realizar o novo em grandes séries, experimenta-lhe os exemplares em poucos casos, explorando o terreno.

Quando os judeus quiseram lapidar Cristo - narra João - (cap. 10:33-34) a acusação era de blasfêmia: (. . . .) "lapidamos-te por blasfêmia, porque sendo tu homem, fazes-te Deus. Jesus lhes replicou: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois Deuses?" Quando descobriremos a grandeza desta nossa natureza divina, que se filia a Deus? Quando os místicos falam de união, provam que atingiram, ou pelo menos se avizinharam dela. No íntimo de nosso ser, no espírito, há uma profundidade de infinito, para o qual a evolução progressivamente nos desperta. E neste infinito que O nosso pequeno "eu sou" funde-se com: o "Eu sou" do Todo. Quando descobriremos que somos Deuses, que somos, mercê de nossa centelha originária, hoje decaída nas trevas, formados da mesma Substância de que Deus é formado? Como poderia deixar de sê-lo um filho do Pai? E que mais, além disto, poderia significar a imanência?

O Evangelho é uma contínua luta para fazer-se compreender pelos seres inferiores. E os judeus pensavam, como tantos outros ainda hoje, em um Deus déspota, que é obedecido porque pode mais do que nós e que nos faz pagar a desobediência, um Deus de uma outra raça que nos domina, nada tendo em comum conosco. Há, contudo, um denominador comum, um fundo comum, ainda que muitíssimo remoto entre Deus Pai, Cristo e o homem - é esta natureza. divina. Somente que, no ser humano essa íntima Substância se aprofundou tanto na inconsciência, após a queda, que o ser dela nada mais sabe e não consegue imaginar Deus, seu pai. e amoroso amigo, senão antropomorficamente, tal feroz senhor, qual ele seria, se porventura viesse a tornar-se Deus. Não é possível ao ser formar de Deus uma imagem superior a que o grau de compreensão atingido pela sua evolução pode permitir-lhe. Assim, esta não é a psicologia dos judeus apenas, mas do tipo humano involuído, que hoje impera.

Quando imergimos o olhar na essência das coisas, vemos revelar-se-nos um mundo inteiramente diverso do que comumente nos aparece em superfície. são esses novos continentes do espírito que. estamos descobrindo nestes volumes, traduzindo o que tão natural e evidente surge ao olho da intuição, em linguagem racional e científica, reduzindo tudo à forma mental corrente, a fim de tornar-nos compreensíveis, mesmo por aqueles que não sabem enxergar senão com os olhos da razão. Encontramo-nos diante das mesmas dificuldades que na Terra encontrou o Evangelho, na mesma luta por se fazer compreendido. O atual homem comum está tão habituado a conceber qualquer manifestação do ser somente na. sua extrema forma exterior e sensória, está tão convencido de que esta é a realidade e toda a realidade, que quando deseja orar a Deus, projeta Dele uma imagem material, a que ele poderia formar de Deus, e a adora. Ela não é mentira consciente. É uma tradução da linguagem espiritual, que lhe é incompreensível, em uma linguagem concreta, a ele acessível. Assim pode ver e tocar as imagens de Deus. Esta é uma ingênua necessidade de involuídos, que não conseguem pensar e orar a não ser com o corpo, e com os sentidos. Mas certamente, para quem sente Deus em Sua universal presença e

potência, isto pode parecer uma profanação, ainda quando, nos casos mais felizes, constitua um lampejo capaz de reavivar a centelha da arte.

❑ ❑ ❑

Assim foi que da visão dos grandes problemas cósmicos, chegamos à do problema espiritual do homem nas relações da sua alma com Deus. Agora podemos formular uma nova e solene pergunta: onde encontrar Deus? E se é verdade que Deus está no íntimo do ser, então por. que não buscá-Lo dentro de nós e não fora? E como se pode alcançar Deus por essa via? Tratemos agora de resolver o problema da procura de Deus, um dos mais árduos e importantes para o ser. Como subirmos ao Pai que nos gerou e pormo-nos em comunicação com Ele?

Para bem compreender, reportemo-nos às primeiras origens, conceito que depois desenvolveremos (Cap. XVII: Imanência e Transcendência).

Deus, antes de realizar o ato criador, era o Uno-Todo, Que deveria ainda tudo tirar de Si. Sobrevindo a criação dos espíritos, o sistema desmorona, como já vimos, e com ele, de certa forma, desmorona também Deus, Que, sendo o seu íntimo animador, não podia e, por Amor, não devia separar-se dele, houvesse o que houvesse. Por isso nasceu de Deus o aspecto de imanência, que o torna presente no anti-sistema ou sistema desmoronado, como igualmente. vimos. Mas em Seu aspecto transcendente, Ele está além de qualquer criação Sua e dos fatos a ela referentes. E a sua divisão nestes dois aspectos representa juntamente a divisão do Todo no dualismo, que será depois a característica desse Todo, cindido daí por diante em sistema e anti-sistema, entre Deus e Satanás que, então, nasceu como tal, o antagonista. O partir do pão na Eucaristia, já vimos que significa exatamente a divisão do Uno no dualismo, prelúdio da imanência, pela qual o princípio fundamental e originário do Amor não pode subsistir a não ser como sacrifício. Eis a lógica concatenação que liga a divisão do pão à paixão de Cristo, cuja descida à Terra, em corpo humano, é um caso e prova fulgurante da imanência de Deus no anti-sistema, em que nos encontramos. Sem imanência, não poderia existir a paixão e redenção maior que Deus realiza em todo o nosso universo, como já expusemos. E a Eucaristia, para o caso particular de nossa humanidade e do Cristo que a preside, representa justamente esta imanência Isto quer dizer que Cristo não quis descer à Terra por uns poucos anos apenas, mas aí quis ficar permanentemente presente em espírito, na Eucaristia, que expressa. a imanência de Deus em nossa humanidade, com finalidade regeneradora (redenção).

E esta, que é a via da descida, representa também o canal da subida; o fio de comunicação com a divindade. Que significa imanência, senão que Deus permaneceu no fundo de nosso ser como espírito, a animá-lo e fazê-lo evolver, reconduzindo-o a Ele? O espírito, como já afirmamos, é o fundo comum entre Deus Pai, Cristo e o homem e só através desse fundo comum é possível a comunicação. Isto confirma ainda que Deus realmente não pode ser alcançado senão quando descemos conscientes à profundeza de nosso espírito. Veremos a seguir o que significa - conscientes.

Ouçamos as confirmações que nos enviam as grandes almas, as que souberam percorrer esse caminho de retorno. Diz-nos Agostinho: *"Est Deus superior summo, interior intimo meo"*[20]. E acrescenta, falando de Deus: *"Et multum laboravi, quaerens*

[20] "Deus está nas supremas alturas e também no meu íntimo."

***Te extra me, et Tu habitas in me*”. Agostinho testemunha, portanto, que Deus está na intimidade do ser e que não deve ser procurado fora, mas dentro de nós. Paulo afirma a respeito de Deus: "In ipso vivimus, movemur et sumus"[21] (. . . .) - S. Paulo em Atenas -Atos, 17: 28.**

A Beata Ângela de Foligno ouviu Cristo dizer-lhe: "*Eu sou mais íntimo de tua alma do que ela de ti mesma*". Os místicos cristãos, experimentados em semelhantes indagações; dizem que: "*Deus é a nossa superessência*”, isto é, algo de tão íntimo e profundo a ponto de parecer a nossa própria sublimação.

Eis a palavra que nos traça a via de retorno: sublimação, isto é, purificação e elevação de nossa personalidade. Esta é a estrada que reconduz o ser ao ponto de partida, lá onde, após determinados períodos, a ascensão atingirá a meta que é o ponto de chegada. Então o Deus imanente, que por Amor se mostra prazerosamente no sacrifício, lado a lado com a criatura, com ela carregando a cruz, terá refeito todo o caminho da descida. E assim o ciclo será completado e o Deus, do aspecto imanente, terá alcançado o Deus do aspecto transcendente, o imperfeito ter-se-á tornado perfeito, poderá fundir-se nele, o Uno ter-se-á reconstituído e a cisão do dualismo estará sanada.

E evidente que hoje o Todo está dividido em duas partes: o perfeito, que ficou como recordação no fundo do "eu" qual anelo e instinto fundamental dele; e o imperfeito, que evolve para a sua perfeição. Ora, se o imperfeito avança sempre para o perfeito, na progressão para o infinito, ele deverá reduzir as distâncias a quantidades cada vez mais infinitesimais, até sobrepor-se e coincidir com o perfeito. Isto porque, se Deus de um certo modo desmoronou no Seu aspecto imanente, Ele permaneceu perfeito, sem desmoronar, em seu aspecto transcendente. Este é o ponto de chegada que aguarda o imperfeito. Este é o eixo íntegro de todo o sistema, aquele que deve salvá-lo, mesmo no seu momento negativo de anti-sistema.

Como se vê, o problema da ascensão espiritual ou sublimação tem suas raízes no cosmo e não é solúvel a não ser em função do grande problema do ser. Há, pois, um grande fio condutor para a ascensão dado pela imanência de Deus, que deriva da Sua transcendência, o imperfeito que deriva do perfeito. Ora, este último termo do ciclo, no qual o dualismo é sanado e as duas metades do Uno se reúnem, está no fundo de nós mesmos e é nesta direção que devemos caminhar se quisermos atingi-lo. E como se deve proceder para caminhar em direção à profundeza de nós mesmos? Isto significa o que antes já havíamos dito em outras palavras, ou seja, "descer conscientes na profundeza de nosso espírito". Palavras igualmente sibilinas, que não sabemos como traduzir no mundo da ilusão a que chamamos realidade! Trata-se de passar de uma linguagem verdadeira, onde tudo se faz com o espírito - única realidade - para um linguagem falsa, onde tudo se faz com o corpo e com os seus sentidos, construtores da ilusão. O leitor, todavia, vê como estamos assediando e envolvendo a fortaleza em que o problema se entrincheira, até poder finalmente penetrar nela. Primeiro o encaramos do alto das posições máximas do ser. Abordamo-lo agora de baixo, partindo de nosso corpo físico.

A primeira qualidade do existir, que chamamos de vida, é o sentir. A insensibilidade é característica da morte, ausência do espírito. A sensibilidade é atributo do espírito, que é o existir. Espírito significa o que é. Onde falta o espírito,

[21] Nele vivemos, nos movemos e existimos. (N. do T.)

não há existência, porque Deus é espírito, isto é, a plenitude do ser. A sensibilidade, ou seja, a aptidão de perceber, como nós a possuímos, é qualidade exclusiva da alma. Uma vez esta destacada do corpo, este não mais sente, ainda que os seus órgãos estejam intactos. O místico, arrebatado em êxtase, não percebe mais através dos sentidos, porque a alma está ausente deles. Quando estamos distraídos, a mensagem sensória chega regularmente à alma, mas esta não a registrou e, assim, vendo, não enxergamos, escutando, não ouvimos. Sabemos que os nossos vários órgãos sensoriais nada mais são do que aparelhos de captação e transmissão de ondas, não mais. Isto implica que existe um ponto de chegada da transmissão a que estão ligados esses aparelhos. O sistema central (cerebral) para o qual converge o periférico, é apenas um órgão de seleção e coordenação, ainda situado na dimensão espacial, enquanto o "eu" possui a faculdade de juízo e de síntese, próprias de outras dimensões, a que não pertencem nem o sistema central, nem o periférico. Trata-se de um "eu" princípio unitário de todo o organismo e que, como tal, permanece inalterável, não obstante o crescimento e envelhecimento deste, que está sujeito a um contínuo transformismo. Nesse princípio está o abstrato, o supersensório, algo de qualitativamente diverso da vibração transmitida, qualquer coisa que pensa, quer e reage depois, por meio de outros órgãos. Eis o espírito, que se une a Deus. Ele põe-se em comunicação com o mundo exterior por intermédio dos órgãos do corpo, os quais lhe transmitem sinais que ele interpreta e que lhe permitem registrar uma limitada gama de vibrações (som, luz, calor), necessárias à sua vida terrena, além das quais ele nada percebe do mundo exterior. O resto do universo terá também ele a sua sensibilidade, pois que é igualmente animado de vida, isto é, de espírito, de Deus imanente. Mas qual seja ela, não o sabemos. Não podemos saber se a matéria, quem sabe de que maneira, sente a sua estrutura atômica; se um cristal percebe a sua vibração molecular; a célula, o seu metabolismo; uma planta, o mundo exterior. Não podemos penetrar nessas formas do ser tão distanciadas de nós, mas apenas nas biologicamente para nós mais semelhantes e aproximadas.

Ora, a evolução é uma espiritualização, isto é, um despertar para a vida do espírito, que é interior; é um aguçamento, uma precisão, um aperfeiçoamento da sensibilização. Isto é caminhar para a vida, sentindo que se vive cada vez mais intensamente. Significa uma acentuação da vida, isto é, uma revelação crescente do espírito. São qualidades que não podem nascer do nada, mas que constituem apenas um despertar consciente do que estava adormentado no inconsciente, qualidades que representam um progressivo revelar-se de capacidade sensitiva, que forma a divina essência do espírito, o qual, por esta via do despertar, se põe em união com Deus. Certamente, entendemos aqui sensibilização no sentido lato, não só sensório, dado que pode receber novas mensagens do exterior, mas também espiritual e, sobretudo, moral, pela qual se impõem normas de vida cada vez mais aderentes à Lei de Deus.

É por intermédio deste processo que conseguimos sentir em nós, e nas coisas, a presença de Deus. Compreendida de maneiras extremamente diversas no contingente, esta é a essência e o último significado da evolução: despertar em nós o Deus imanente, oculto na profundeza do espírito; tornar de novo consciente e vivido aquilo que, havendo-se invertido pela queda, tornara-se inconsciente e morto. Todo o trabalho da vida, o sucesso ou insucesso, a alegria ou a dor, através de infinitas provas, tudo se reduz a isto. Chama-se catarse ou sublimação, sensibilização sensória, psíquica ou moral, maceração ou maturação evolutiva, superação da treva ou da

ignorância pela luz ou conhecimento - trata-se sempre do mesmo fenômeno de infinitas formas. A hierarquia dos seres é dada pelo grau deste despertar, pois ele que marca o seu valor, representado pela capacidade conseguida de vibrar, é dada pelo grau de consciência alcançado, que os avizinha mais ou menos de Deus.

As almas vão, assim, lentamente despertando, compelidas pela Lei, que expressa a imanência de Deus entre nós. Os involuídos não passam de pobres adormecidos. Entretanto, Deus está tão próximo, que realmente é o "interior intimo meo"! Como fazer, então, compreender isto a seres que O sentem, ao invés, tão distante, chegando mesmo ao ateísmo? Em que consiste essa proximidade e distância? A verdade é que esta sensação possui um sentido interiormente espiritual e não espacial. Não é em quilômetros, como na Terra, ou em anos - luz, como para as estrelas, que se podem medir essas distâncias. O espírito não vive na dimensão espaço, mesmo que venha a manifestar-se nele.

Para compreender é preciso reportar-se à natureza do espírito, que não é matéria espacial, mas um imponderável, definível, por conseguinte, por outras mensurações. A presença de Deus no universo é dada pelo estado cinético, que vimos ser a nova posição que Deus assume do absoluto imóvel, projetando-se na gênese. A vida do universo se manifesta como estado mais ou menos complexo e evoluído, mas sempre com tal íntima natureza. A vida do espírito é representada, então, por um estado vibratório. E a vibração, pois, mais ou menos complexa e evoluída, é também a medida que o define. Ora, a proximidade ou distância entre uma alma e Deus é dada pelo grau de afinidade de vibração atingido por ela em relação a Ele. Em outros termos, a vizinhança é uma sintonização, uma vibração do mesmo diapasão, que, para os místicos, termina na unificação. Ora, o involuído não vibra de modo algum com a vibração do divino, isto é, não está fundido na Lei com toda a alma e, se vibrar, vibra ignorando Deus, freqüentemente contra Deus. Eis no que consiste a imensa distância.

Daí os místicos sentirem a sua personalidade desfazer-se em Deus, no Qual se anulam como egocentrismo separado, porque vêm a assumir, cada vez mais, a vibração do Centro. E assim, quanto maior o progresso neste sentido, tanto mais difícil se torna distinguir-se como "eu", mas em compensação o "eu" se sente viver mais como Deus, isto é, como vastidão, potência e unidade. Por isso Paulo pôde dizer: "*Não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*[22]". E assim que a divindade pode despertar em nós. Eis os resultados da evolução. E quanto mais ela avança, tanto mais o egocentrismo separatista do "eu", filho da fragmentação do Uno, se atenua, irmanando-se em unidades coletivas cada vez maiores, e tanto mais se reconstitui a grande harmonia unitária do sistema, rompida na queda.

Eis o que significa o despertar de Deus dentro de nós. A vibração Dele, estado cinético da vida, mantém-se em inatividade no involuído e com isto a verdadeira vida está apenas latente, em estado de inércia, à espera de desenvolvimento, como um instrumento musical, cujas cordas estão mudas. A vida do involuído é uma vida animal, inferior, que a cada passo é contida pela morte e pela dor. Não é a vida verdadeira. Trata-se aqui de um despertar de consciência, que é justamente o estado cinético, qualidade do espírito; trata-se de entrar cada vez mais nesse estado cinético, o que significa desmaterializar-se (sair da inércia da matéria), para espiritualizar-se (entrar no dinamismo do espírito). E retornar ao espírito significa retornar ao divino,

[22] Gálatas, 2:20 (N. do T.)

nosso estado originário, volvendo a ser consciente, vivo, vibrante, até na profundeza em que está Deus. Eis qual é a via para reencontrar Deus. Quando o homem tiver se tornado consciente da presença de Deus em si, o caminho da evolução estará completado, o edifício desmoronado estará reconstruído, a natureza rebelde terá volvido ao Criador.

O homem comum está em poder do jogo das suas ilusórias sensações de superfície e ignora que maravilhosos tesouros repousam inexplorados na intimidade do seu ser. Mas aqui estão descritos de forma racional as profundas mutações ocorridas na alma, quando um homem se torna santo. Poucos as reparam porque a maioria vive de sensações a que escapam tais interioridades. Estes não estão em grau de compreender e admitir, em absoluto, uma distância qualitativa, evolutiva, de igual natureza, do tipo de vibração, uma imensa distância de algo que, no entanto, nos é tão intimo. É inútil, pois, falar de uma incompreensível imanência de Deus em todas as coisas e, sobretudo, na profundidade de nossa alma. Quem não possui meios para registrar uma vibração, acredita-a inexistente e a nega. Essa incompreensão, porém, explica-se facilmente. É difícil da periferia mover-se à procura de Deus, onde se está situado em posição invertida A ciência, em última análise, nada mais faz do que tentar essa procura. Ela não o sabe, embevecida pelas habituais miragens, mas, na realidade, é esse o seu verdadeiro e substancial objetivo Na periferia, todavia, em meio a um sistema esfrangalhado em uma infinita poeira fenomênica, ela se perde no particular, condenada ainda à ausência de uma síntese total. Para voltar a encontrar Deus, seria necessário reconstituir no Uno essa infinita pulverização do ser, o que é impossível. Não é, pois, à ciência que podemos pedir tais resultados. São necessárias outras vias para que isso se dê.

Assim, tudo o que existe, inclusive os homens, escalona-se por degraus ao longo da escala evolutiva, representando a reconstrução dos vários planos do sistema desmoronado. A escala do que conhecemos vai da matéria ao super-homem. E tudo está a caminho. O termo fixo de comparação, o absoluto que, na relatividade do Todo, permite estabelecerem-se as distâncias, é Deus. No mineral, o divino está tão profundamente sepultado em estado de inconsciência que não se pode, de maneira nenhuma, falar de consciência e espírito, pois que eles jazem como que anulados. Sem liberdade de escolha, nem luz de compreensão, o ser ai se movimenta no determinismo que a Lei, completamente ignorada, impõe. Todavia, a individualidade atômica, molecular, química, planetária ou galáctica, tem as suas características inequívocas, que lhe conferem como que uma personalidade. E esta exprime uma estrutura tão complexa, que o homem ainda não a decifrou. Há, pois, aí também, um grande pensamento, que não pode deixar de ser o de Deus imanente, porque ao certo essa individualidade o ignora por completo. Não poderemos admitir que o átomo saiba calcular a sua velocidade interior e trajetória. Ele é ligado a uma lei de ferro, da qual não tem consciência. Estamos nos antípodas do centro-Deus, onde existe a plenitude da liberdade e da consciência. O ser deve reconquistar essa plenitude, que, neste caso extremo, se inverteu em uma carência completa; deve, evolvendo, reconstruir-se. E assim se sobe gradativamente. Na progressiva conquista de mobilidade e de sensibilidade, há uma liberação. A consciência, qualidade divina, revela-se cada vez mais, por graus, até o plano do homem e do super-homem. Mas nós vemos que a inteligência de Deus existe mesmo nos graus ínfimos do ser. Só existe esta diferença com as formas mais evoluídas: estas, quanto mais ascendem; tanto mais vêm a tornar-

se participes dessa inteligência que já existia, mas da qual, embora ela existisse dentro deles, esses seres estavam excluídos. E que mais significa esta, senão tornar-se consciente, isto é, o despertar no ser do Deus Que, com o desmoronamento, permaneceu nele imanente, mas sepultado na inconsciência?

É grave e de transcendental importância a conclusão deste capítulo, especialmente para quem está em condições de senti-lo inteiramente, porque a atingiu por si mesmo, através da própria maturação e visão. Constitui uma descoberta revolucionária chegar a saber que, na profundidade do próprio "eu", se possui o divino e que Deus, Que o animal ignora e o ignorante nega, está tão junto de nós. E deveras emocionante saber-se eterno cidadão do universo! E uma conclusão de incomensurável alcance, mas por isso mesmo perigosa, se não for encarada sabiamente, motivo pelo qual não pode ser dita indiscriminadamente a todos e manuseada pelo involuído Quem não estiver preparado, não pode receber a luz da verdade, tão excessivamente ofuscante. A verdade deve ser dada proporcionadamente a quem a recebe. Tais conceitos, postos na mente do involuído, são transviados, podem ser entendidos às avessas no que se refere à sua posição de modo que, ao invés de estimularem uma anulação do próprio egocentrismo, na fusão com $Deus_5$ podem levá-lo a exalçar-se, erigindo-se em anti-Deus. A primeira rebelião está sempre pronta a explodir de novo no anti-sistema. O indivíduo pode, assim, ser levado a crer-se Deus. Esta, embora uma interpretação invertida, satânica, da conclusão verdadeira, será quase certa. E por esta razão que o conhecimento de um fato de tal alcance, como é a presença do divino em nós, é vedado à maioria, enquanto não houver alcançado o grau de evolução necessário. Ai de quem entender em sentido inverso a presença de Deus em nós, porque, então, tudo isto, ao invés de servir para a ascensão, contribuirá para a descida ainda maior. O místico jamais se ensoberba com essa descoberta; pelo contrário, vê nela um motivo a mais de obediência e humildade. É necessário fazer Deus crescer em si, não pelo caminho oposto da exaltação do "eu". Deus está em nós como princípio de Amor, para que façamos Dele o nosso centro, e não para que façamos de nós um centro contra Ele. Então Deus se negará cada vez mais, em lugar de dar-se, e o ser precipitar-se-á ao invés de subir.

Estamos na Terra, em um reino periférico do anti-sistema, onde é comum subverter a verdade no erro. Assim é fácil, neste reino, conferir à nossa fé e intuição da imanência de Deus uma interpretação de panteísmo impessoal, confundindo-o com o unilateral, que exclui de Deus o aspecto pessoal e transcendente. Esta foi efetivamente a interpretação que emprestaram aos volumes precedentes, especialmente em *A Grande Síntese*, da qual este e os demais tomos não são mais do que o desenvolvimento e a explicação. Ora, Deus estar em nós, como presente em todos os seres, porque sem Ele nada pode existir, é uma certeza, uma realidade que jamais poderá renegar quem a atingir por intuição. Depois, se corretamente interpretada, ela não leva a uma soberba deificação do nosso eu , ou da natureza, mas determinará a fusão de nossa alma e do criado, com o Criador aí imanente, sem o que tudo estaria órfão. Os conceitos acima expostos não levantam o "eu" contra Deus, mas tendem a diminuir o "eu" para deixar que Deus desperte nele e viva nele em lugar do "eu" separado, filho do desmoronamento. Não é mais o "eu" rebelde que agora predomina, mas o "eu" em sacrifício, aos pés da Lei. "Os últimos serão os primeiros", isto e, quem quiser ser o primeiro no sistema, deve ser o último no anti-sistema, ou seja, servo do próximo, não em soberba, mas em obediência e em humildade. Desta

maneira não se aumenta a cisão, mas a unificação, não se caminha para o triunfo do "eu", mas de Deus. É evidente que a via acima traçada não é a que leva a Satanás, mas a que conduz a Deus.

E assim evidente também o que diz o Evangelho sobre a necessidade de decidir-se na escolha, porque não é possível servir a dois senhores ao mesmo tempo, isto é, prosperar concomitantemente no sistema e no anti-sistema. Se quisermos realmente vencer, é de nosso interesse seguir o primeiro e não o segundo. É natural, pois, que Cristo e o mundo sejam inexoravelmente inimigos, mas também que Cristo, Senhor do sistema, vença o anti-sistema. Cristo não sofreu porque fosse fraco ou vencido, como acreditou a estupidez dos seus algozes, mas em razão de livre e deliberado sacrifício de Amor. A paixão de Cristo se situa logicamente no plano de salvação do universo, no plano da reconstrução do sistema com o anti-sistema em que ele desmoronou.

Senhor deste plano, desdenhando os pobres meios humanos de ataque e defesa, Cristo, o Cordeiro pacífico e inerme, venceu o mundo.

XVI

A PRECE

E natural que, para quem chegou à grande descoberta do "Tu habitas in me[23]" a vida espiritual se transforme. Nos volumes anteriores temos contraposto, nos campos mais díspares, as manifestações do tipo biológico evoluído às do involuído. Observemos agora como este mais adiantado ser humano, ao qual pertence o futuro, se conduz nas suas relações para com Deus. O nosso mundo e a sua ciência não se ocupam, embora seja ele o problema central do ser, da maneira como pôr-se em contato com a fonte suprema e atingir as fontes da vida. Podemos agora indagar: as formas de manifestação espiritual praticadas pelas grandes massas serão adaptadas a quem sente Deus como acima descrevemos?

É evidente que a vida espiritual ligando-se ao infinito e sendo, pois, susceptível de evolução, a grande maioria tenha feito dela um tipo de expressão que indica o seu nível de desenvolvimento e se lhe adapte. Assim é para todas as coisas. Por exemplo, a guerra, assassínio legalizado, subsistirá enquanto o homem, evoluindo, não passar a uma forma de atividade, biologicamente construtiva e superior. A Lei nos dá sempre, segundo o nosso grau de evolução, aquilo que merecemos. Ora, o evoluído, biologicamente mais avançado, não pode manifestar a sua vida espiritual da forma que a maioria criou para si. À parte a má fé de pseudos super-homens que, presumindo-se iluminados, pretendem evadir-se das formas comuns, mas incapazes de qualquer vida espiritual no seu íntimo, a discrepância acima referida pode nascer. Quanto mais se avança, porém, tanto mais se penetra nas realidades espirituais e tanto mais a forma perde importância e ganha a substancial essência. Quanto mais se progride, tanto melhor se compreende, mais tolerantes nos tornamos para os irmãos

[23] "Tu moras em mim". (N. do T.)

menores, que são incapazes de conceber. E por isso jamais há luta nestes casos, ainda que seja só polêmica. Pelo contrário, surge no pleno respeito das formas, mesmo quando se sabe que estas só servem para os seres menos evoluídos, uma nova vida espiritual que se lhes dá como conteúdo uma nova substância que as vivifica, enchendo aquele vazio substancial que elas geralmente revelam na alma de quem não sabe pensar, sentir e manifestar-se, a não ser com os sentidos e com o corpo. Surge, em outras palavras, o culto interior, dirigido também no rito ao espírito e que foge às manifestações religiosas rumorosas e profanas, que mais atraem as multidões O culto interior é um estado de alma que pode subsistir em qualquer forma, mesmo nas comuns, mas que não se exaure em manifestações físicas e vocais ou impressões sensoriais, e que tende a atingir no fundo do espírito a sensação da presença de Deus.

Ocorre então um estranho fato: caem os absolutismos, a intransigência, a convicção de que o próprio ponto de vista possa ser o único para avaliar o infinito. Assim, da verdade se obtém um conceito novo: de que ela é algo de não codificado nem codificável, mas infinito, para cuja aproximação é imperioso trabalhar e, sofrer em cada dia. Concebe-se, desta maneira, a verdade, não mais como um cômodo assento em que nos refestelamos para repousar, como o fizeram os nossos ancestrais, mas como uma íngreme ladeira que importa galgar com a própria boa vontade. Mas não é só, pois, ganhando em substância, podemos melhor compreender o valor relativo e transitório das formas e nelas enxergar cada vez menos uma razão de dissensões, de antagonismo, isto é, daquela cisão que representa o desmoronamento do sistema e que justamente vai sendo absorvida na unidade. O evoluído, de fato, é um ser que mais subiu em direção a Deus, Que é unidade, numa ascensão que não pode, pois, deixar de implicar unificação.

Essa ascensão inclui naturalmente também uma conquista em liberdade. Está na lei do processo. É liberdade que ao involuído pode parecer anarquia espiritual, mas que, contrariamente, acarreta uma disciplina mais severa, não mais exterior, mas interior, onde ela é mais rígida e sentida. O homem comum pode, assim, muito bem acreditar ter cumprido todos os deveres espirituais, seguindo algumas práticas e observando uns tantos preceitos, após o que crê poder retornar aos seus instintos mais ou menos animalescos. O evoluído, ao contrário, sente sempre a presença de Deus e deve viver noite e dia em face de tal presença, Que ele sabe o que significa: viver em contínuo controle de si mesmo e no domínio da própria natureza animal inferior. Ele pode, pois, assumir liberdades formais, que não devem ser concedidas ao tipo comum, porque este faria mau uso delas, não possuindo na própria consciência o sentido da Lei. Quem possui esse sentido conhece as tremendas conseqüências decorrentes de qualquer erro, porque se o pode velar aos homens, não é possível ocultá-lo de Deus; sabe que é inútil procurar enganá-Lo com ardis ou escapatórias; sabe que é livre, por isso responsável, e que é impossível furtar-se às justas sanções. Se é verdade que ao indivíduo mais evoluída se podem permitir mais liberdades formais, é porque também menos liberdades substanciais ele se permite. Evidentemente, o primitivo, que não sente as forças espirituais, deve ser enquadrado em normas materiais, sua única regra de vida, pois que as puramente espirituais lhe superam as suas qualidades perceptivas. Na evolução da vida espiritual sobrevem a inversão que comprovamos na ascensão da matéria para o espírito, ou seja, uma desmaterialização, mercê da qual, quanto mais se conquista em substância, vale dizer, em verdadeira espiritualidade, tanto mais perde a forma em importância. Tanto mais se tem necessidade da forma,

quanto menos se conquistou e se possui substância, isto é, verdadeira espiritualidade.

A razão pela qual as religiões não podem e não devem conceder liberdade e sim exigir observância de disciplina, mesmo formal, está no fato de que a maioria é involuída e para tal tipo a forma é tudo. Suprimida a expressão material, única capacidade de manifestação, nada mais fica. Todo ato do involuído é físico, mesmo que tenha um conteúdo moral que, sem um revestimento concreto, para ele é inconcebível. Por isto são necessárias nas religiões as representações sensórias, até mesmo as mais bombásticas, introduzidas pelo rito. As massas exigem-nas, porque realmente necessitam delas para compreender alguma coisa e encontrar nelas uma forma de expressar o seu sentimento religioso. O homem normal não está ainda maduro para o culto interior, feito sem atos sensoriais e físicos, o qual, para ele, poderia desembocar na anarquia do livre exame. Se, todavia, não se podem conceder tais liberdades, ninguém sofre por isso, já que o espírito é livre por natureza, pois ninguém pode interferir nas relações diretas entre a alma e Deus. Ninguém pode, portanto, impedir que o indivíduo, evolvendo, possa sentir e praticar, ao lado do culto exterior, também e sempre mais o culto interior, dando assim uma mais potente substância à forma.

Quem realmente sente Deus, O vê e encontra por toda parte, mesmo no contingente cotidiano. Quem não sente Deus, se não for enquadrado em normas estabelecidas, não sabe o que fazer, não havendo, com o despertar da consciência, encontrado nela o sentido da Lei. É difícil estabelecer a medida das concessões e esta deveria ser diferente de alma para alma, porque dois são os escolhos em que é fácil colidir: de um lado o materialismo religioso e, do outro, a anarquia do livre exame. No primeiro caso cai-se no farisaísmo, formalismo e politeísmo senão íntimo ateísmo. No segundo, cai-se na desordem espiritual, no orgulho e na revolta. A regra é que uma disciplina é necessária para tudo, mesmo para as atividades espirituais. Dado isto, não é lícito libertar-se de uma forma de disciplina, senão no caso de se ter conseguido uma outra mais avançada e poderosa, como é a interior. O primitivo não pode ser deixado em liberdade, porque ainda não sabe dirigir-se por si e é perigoso conceder-lhe qualquer autonomia espiritual. Por liberdade ele não sabe entender senão a sujeição aos seus baixos instintos animais. Ele não sabe conceber mais senão um Deus tirano a que deve obedecer apenas pelo temor das sanções, um Deus dotado dos sentimentos humanos de domínio e vingança. A repugnância de tantos espíritos em admitir a imanência de Deus e a tendência em concebê-Lo somente em Seu aspecto pessoal e transcendente, deriva desta forma mental, pela qual a imanência representa uma pulverização ilimitada no nada, uma incompreensível presença onde os sentidos nada mais vêem e tocam do que matéria bruta. E a imanência tanto mais se assemelha a absurdo, quanto na Terra não se encontram senão seres que são constituídos por uma individualidade pessoal.

Assim, por mais que as religiões ditem normas iguais para todos e todos possam igualar-se na forma, as íntimas diferenças substanciais existentes de alma para alma, não podem impedir que cada qual sinta, e intimamente viva a religião de maneira diversa, segundo sua natureza, que vai do carola ao santo. A igualdade exterior cobre variadíssimas gamas de modos de sentir. Quem tem os pulmões conformados para o meio material, não pode respirar na atmosfera rarefeita dos anjos. A evolução conduz a substanciar cada vez mais o culto exterior, que é veste, com a alma do culto interior. Tal é o futuro do homem e, por conseguinte, também das

suas religiões até que, no indivíduo espiritualizado, preponderará o culto interior. A evolução leva cada vez mais a sentir Deus, não apenas transcendente, mas também imanente, até que o indivíduo espiritualizado sinta a presença Dele não somente em si, mas em torno de si. Então se descobrirá que Deus está em toda parte, que o Seu templo é o universo e a alma, e que o Seu altar pode ser o coração do homem.

É certo que o tipo do futuro buscará e orará a Deus de outra maneira e Lhe obedecerá com mais amor e convicção. Quem sente o Deus imanente, sabe que Ele está sempre presente e não só nos templos, não podendo, por conseguinte, evadir à Sua Lei. A vida assim entranhada do divino em cada ato e momento, transforma-se em algo diferente. Como guia está sempre presente no íntimo e afasta os perigos do livre exame. O porvir está na interioridade, no desenvolvimento do "eu". Hoje é necessário que os conceitos sejam encapsulados no invólucro protetor da forma, porque, sendo por natureza evanescentes, eles assim ficarão de algum' modo fixados em nosso mundo. E muitas vezes nem isto basta,, porque a evanescente e animadora espiritualidade, pela qual somente se justifica a forma, evapora-se e se esvai. E quando não arde no íntimo essa chama que dá vida às coisas, a forma se torna um cadáver E então novas de espiritualidade devem baixar do céu, porque as religiões se fizeram necrópoles.

A potência da vida interior dos santos nos mostra que a essência da religiosidade está no espírito, na vida interior. Quando o homem, evolvendo, atingir e fizer sua essa essência, então cairão todas as divergências que dividem, e todas as diferenças de superfície encontrarão a unidade no profundo. Neste, que é o esperado Reino dos Céus, Deus residirá nas almas e se manifestará nas obras do homem, que cumprirá consciente e espontaneamente a Lei. Também as religiões evolvem, pois que se aperfeiçoam as relações entre a alma e $Deus_5$ que elas exprimem. Bem que a cristalização do farisaísmo seja a última fase do seu ciclo vital, o hálito divino sempre sopra da profundeza dos espíritos, onde ele está, para reacender a sagrada chama, sem a qual tudo é cadáver. Assim, se as religiões passam, a "religião jamais passará.

❑ ❑ ❑

Que é a prece? Que significa orar? Em que se tornará este ato para atingir a vida interior? Orar significa colocar-se em atitude íntima em que a alma busca comunicar-se com Deus. Então ela, dirigindo-se a Ele, como uma planta para o sol que lhe dá a vida, inclina-se da periferia para o Centro. A prece é, pois, a posição espiritual orientada neste sentido, aquela que o "eu" humano assume, quando procura pôr-se em contato com o "Eu" do universo, com a infinita consciência cósmica do Todo. E vimos que ela não é exterior, mas íntima às coisas e a nós. Depois de tudo quanto dissemos, podemos compreender que a verdadeira prece não se dirige ao exterior, mas ao nosso interior e que, se ela se dirige para o exterior, o faz por concessão à materialidade humana, que tem necessidade desta via mais longa, mas para a alma que evolui, vai se tornando irreal como ilusão psicológica.

A prece é um anelo da alma instintivamente ansiosa por reencontrar Deus. Corresponde a uma necessidade de evasão e de ascensão, é a ânsia de luz que o cego busca distendendo os braços, é o anseio pela felicidade e conhecimento perdidos. A prece se faz grito de invocação no perigo e na dor clamando pela salvação, transmuda-se no abandono entre os braços pródigos da Lei que nos dá paz e repouso, explode no

pranto de nossas culpas, que mais ainda nos arredam de Deus, ou modula-se no canto de gratidão pelo Amor e alegria recebidas. Ela se plasma, se configura, em cada ato de nossa vida, em cada atitude de nosso espírito. Então, cada qual a seu modo, nós confessamos todo o nosso "eu" de pobres criaturas perdidas no abismo da queda, no turbilhão da vida infinita, aprisionados no mistério; confessamo-nos quais somos, como podemos, com o que somos, ao único que tudo sabe e Que pode, por conseguinte, tudo compreender.

Os modos de orar são muitos e diversos, ainda que a forma que os reveste possa ser igual para todos, porque, cada ser está diante do Absoluto apenas como um pobre relativo, que não sabe além do seu "eu" particular e não sabe, pois, dizer a Deus o que ele sente e é. A mente do pensador penetrará o infinito, a da pobre velhinha pedirá graça para sua casinhola e para o netinho. Apesar disso, não obstante a acentuada diferença de substância espiritual velada sob as mesmas fórmulas da regra, cada oração possui sempre um fundo inconfundível, comum a todos os outros; o mesmo anelo para com o divino. Qualquer seja a posição do indivíduo em face de Deus, ela é sempre uma aspiração, débil e indistinta, ou poderosa e consciente para o infinito. Ela representa sempre um apelo à presença de Deus e um brado da profundeza para reconduzir o "eu", além de todas as ilusões da forma, a esta grande realidade do espírito.

Deus! Que palavra incomensurável! Como é oceânica, como é íntima, como é viva! Ela tenta a síntese do inexprimível e nos deixa estupefatos e embevecidos. Como é pejada de mistério! E no mistério há tudo: há o terror das sanções que seguem o mal praticado; há a alegria do bem praticado, que nos dá paz ao coração; há toda a nossa infinita ignorância que não nos espanta, porque a ignoramos; há o enigma do nosso destino, quase sempre mais pejado de dores do que de alegrias; e há a grande torrente de muitos destinos, todos em marcha para Deus.

Ora-se de modos diversos e por muitas coisas diferentes. Há quem não saiba fazê-lo, senão com os lábios, desfiando uma longa mecânica de repetições, apenas para conseguir formular um pouco de pensamento; há quem não o consiga, senão mascarando o vazio interior com o manual de preces formais; há quem assista ao profundo simbolismo do rito como a uma representação, cujo significado não apreende, mas do qual tem, contudo, necessidade para concentrar a atenção e localizar o pensamento que vagueia pelas imagens do templo; há quem só saiba orar por suas pequenas coisas: a família, os negócios, a saúde, rogando algumas alegrias e alívio de pequenos males. São insignificantes coisas terrenas e nada além. Certamente o olhar de Deus é bastante poderoso para, em visão microscópica, tudo observar e prover. Mas também há quem não saiba, não consiga orar assim, não podendo pronunciar a palavra Deus, sem sentir-se invadido de uma sagrada perturbação. De quantos modos ela pode ser pronunciada! Mas há também os que a apoucam tanto que podem imiscuí-la em todas as minudências contingentes de iguais para iguais, como se todas fossem da mesma grandeza.

À medida que a alma evolve, a idéia de Deus se amplia e se potencia na multiplicação ao infinito de todos os grandes atributos concebíveis. Então o despertar do divino, sepultado em nós sob a forma latente, torna sempre mais pronunciada a sensação da presença de Deus, até que ela invade os horizontes do ser. Assim, para algumas almas essa idéia se torna tão ofuscante como o sol, poderosa como as massas cósmicas, tonitroante como o primeiro impulso da gênese, vertiginosa sobre todos os

abismos do mistério, suspensa sobre a profundidade do inconcebível. A prece se transforma à medida que o ser evolui. Então não poderá mais ter importância a pequena graça a ser pedida, conexa a interesses terrenos, à vida aqui transitória de nosso pequeno "eu". Quando se superou o egocentrismo anulando-se em Deus, essa psicologia não tem mais sentido. Não pode mais interessar, nem ao menos o problema tão inquietante para todos, da própria salvação pessoal, do cálculo utilitário da recompensa ou da punição e de tudo o que constitui apenas um egoístico interesse, ainda que ultra-terreno. Mal se sobe para Deus em espírito, essa psicologia, inteiramente humana, se desfaz ao calor do incêndio divino.

Então resta um só sentimento: amar-se. Perdidamente se ama a Deus, em Si mesmo e na Sua expressão: as Suas criaturas. Esta pequena palavra, Deus, que tantos pronunciam com indiferença, mesclando-a a tudo, que tantos chegam mesmo a insultar e blasfemar, esta pequena palavra revela tão poderosamente o seu profundo significado às almas sensibilizadas pela evolução, que as convulsiona, como fazem a tempestade e o turbilhão para a pobre árvore só e indefesa. E a alma está só e indefesa porque Deus é o mais forte, e na luta entre o "eu" egoísta que desejaria defender-se na forma, isolando-se, e Deus, Que quer fazer Sua a criatura, vence o mais forte. Forte de bondade infinita, que deseja apenas desfazer a onerosa bainha isolante, a prisão do "eu", para tomá-lo por completo, permeá-lo e saturá-lo com a divina linfa vital do Seu Amor. É o bem que quer triunfar e que, para benefício da criatura, usa da violência, sacode-a e a convulsiona, a fim de que o divino, oculto nas suas profundezas, desperte nela sob a forma de consciência, e assim a alma reencontra Deus.

A tão potentes contatos com Deus, a prece abre a porta para as almas amadurecidas: uma prece que se torna qualquer coisa de estranho para o homem comum. Ele não sabe, de fato, conceber este ato nesta nova forma, que oferece mais do que pede, que ouve mais do que fala, que é um estado de abandono e de recepção, mais do que uma atitude de conquista de bens futuros; um estado de expansão e de desfazimento do "eu" em Deus, mais do que de egocentrismo que pretende tomar Deus para si. Como se vê, trata-se de atitudes opostas, porque ao se passar para um plano superior de vida, tem-se uma verdadeira inversão de valores. Não se pode pretender que o homem comum ore assim. Entretanto, esta e a verdadeira prece, a que nos põe em contato com Deus, a única em que se ouve a resposta e com que se pode estabelecer um colóquio. A comum é um monólogo, uma exposição de desejos, sem conhecimento de confirmação. Ela nos deixa a sensação de estarmos sós, diante do mistério, que emudece. Deus permanece, então, um enigma, o inatingível transcendente, que não é imanente entre nós. Assim se explica, como acima dissemos, a repugnância de algumas almas em admitir a imanência.

Dessa oração superior, feita com o espírito e não com o corpo, nos fala o Evangelho (Mateus, 6: 5-8): "Quando orardes, não sejais como os hipócritas que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem notados pelos homens. Digo-vos, em verdade, que já receberam a sua recompensa. Mas tu; quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em secreto, e o teu Pai, que vê em secreto, te dará a recompensa. Orando, não multipliques as palavras como fazem os gentios, que deveras pensam extravasar virtudes pela sua loquacidade. Não vos façais, pois, semelhantes a eles, pois que o vosso Pai sabe o que vos é necessário, mesmo antes que lhos peçais. Palavras. estas que nos apontam a prece interior (em segredo), com poucas exteriorizações vocais e sem muito rogar, porque Deus já sabe o

de que precisamos.

Na prece cada qual revela a própria natureza, isto é, demonstra neste seu ato para com Deus todas as qualidades do seu tipo biológico. O involuído não pode orar senão como involuído. Ele se faz centro de tudo. Para este ato ele transportará, pois, a sua normal psicologia de luta e de interesse, feita de cálculo e desejosa de entesourar, mesmo no espírito. Para ele é inconcebível o absoluto desinteresse em não lutar para arrebatar alguma coisa. E ignora que a ascensão espiritual consiste exatamente no oposto dessa psicologia e que a alma evoluída se reconhece justamente por essa atitude diversa. O homem comum, ora, encerrado na couraça do seu egocentrismo que lhe parece uma defesa, quando é uma prisão. O místico ora em um estado de expansão, em que o "'eu" só afigura desfeito, mas somente no qual 'ele consegue atingir a sensação de Deus. O próprio interesse, egoístico, que está em toda manifestação da vida da maioria, perde aqui qualquer sentido, porque a conquista se cumpre, expandindo-se em Deus, Que é um, Pai que sabe de todas as nossas necessidades, é riquíssimo e não deseja mais do que nos prover. O entesouramento não tem mais razão de ser, quando o "eu" expandindo se perde no "eu" cósmico, que 'é senhor de tudo e conosco tudo compartilha.

A prece alcança, então, vastidão cósmica e profundidade transcendental, torna-se um turbilhão que arrebata, sublimando em alta tensão toda a potência da inteligência e do coração, até fazer-se êxtase. A oração passa a ser uma coisa imensa, que as formas de nenhuma religião conseguem mais contê-la, transformando-se em algo de tão universal que abrange qualquer aspiração superior da alma, seja a do crente, seja a do artista que cria, seja a do cientista que indaga, a do gênio que desvenda o mistério, a do herói que triunfa, a do mártir que se sacrifica, a do santo que tem a visão de Deus! Neste nível tudo se muda em prece, no avizinhamento de Deus pela alma, em que a criatura olha o Criador e Lhe estende os braços, sequiosa por dilatar-se e fundir-se Nele: do pequeno consciente individual no infinito consciente cósmico.

Se esta é a verdadeira, a grande prece, aquela que aproxima a alma de Deus e, se pode também haver uma prece menor em que as almas menos desenvolvidas fazem o que podem, que será dos espíritos tão involuídos ou decaídos, que não conhecem nenhuma oração? Que será daqueles que não oram mais ou que jamais oraram e que nem ao menos sabem conceber o que seja dirigir-se a Deus? Que sorte aguarda esses "eu" separatistas do "Eu" Central, fonte da vida? Como poderá viver isoladamente, confiado apenas em seus próprios recursos, esse fragmento rebelde, expulso do sistema? Como tal ele é paupérrimo; logo, extremamente ávido. Somente quem está ligado ao centro é rico. Ao rebelde falta qualquer conhecimento da vida eterna e a sua existência é somente a de um corpo físico. E quem não possui senão uma vida tão pobre, desesperadamente se apega a ela com feroz egoísmo, e é capaz de qualquer delito para defendê-la. Pobre ser recluso no relativo e nó tempo, sem esperança de infinito! Está sempre famélico, acuado pelo tempo que foge e que lhe rouba a vida. O seu reino é a forma, a ilusão, o caduco. As suas construções esboçam-se sempre e ele, porque tão distante do centro genético, tem que reconstruí-las de contínuo. Os tesouros desse reino não perduram como os situados no eterno. Ele se sente perdido, porque, destacado do Centro-Deus, fonte do ser, sua existência vai-se dissecando dia a dia. Na sua desesperação ele se alheia a tudo, contanto que se conserve vivo no corpo, único meio de alegria e de vida.

Mas a extinção o espreita. Ele está agora voltado para o pólo negativo do ser e com isto autocondenado. E sente que não há escapatória. Para salvar-se ele teria não só que inverter a rota, mas percorrer em subida todo o caminho feito em descida e, então, após tanta faina, tentar comunicar-se de novo com a fonte da vida, para retomar alimento. Eis a oração. Mas o rebelde recusa-se justamente a curvar-se ante Deus; é exatamente essa harmonização com o Todo que ele não sabe e não quer fazer; é então essa sua posição de dependência do centro-Deus que ele não quer reconhecer. Assim a descida precipita-se e o pobre espírito, centelha de Deus, se não se resolve a inverter o caminho, então de delito em delito e de desesperação em desesperação, em agonia de alma, gradativamente tende a extinguir-se em nada, porque insistir no erro e assim confirmar a revolta, define a sua vontade de ser autodestruído. Se depois, ele pode obstinar-se em persistir, laborando inteiramente em seu dano, essa é uma possibilidade teórica que já examinamos no Cap. X "A teoria do desmoronamento e suas provas".

O ateu, negando a Deus, nega a si próprio. Deus não pode ser atingido pela negação do ateu. E golpeado apenas quem nega. Negando a fonte da vida em Deus, ele não saberá, nem conseguirá mais alcançá-la. Negando a vida depois da morte, ele permanecerá inconsciente e não terá sensação de vida após a morte. Se ele não enveredar pelo caminho oposto, que se orienta em direção à vida, ao que o seu próprio interesse deverá tarde ou cedo induzi-lo, receberá cada vez menos dela, até que não mais despertará e passará por completo ao pólo oposto de Deus, isto é, do ser passará ao não ser, pois que o vazio e o nada são a plenitude do anti-sistema. A punição de Deus consiste na perda de Deus. A expulsão do sistema afirmativo para o invertido ao negativo, até à anulação, eis o inferno eterno, o mais terrível, lógica conclusão de uma vontade tenaz que deliberadamente quisesse negar Deus através de uma infinita série de vidas. Há, então, entre punição e culpa a proporção que não existe entre uma sanção eterna e uma só breve vida, por mais malvada que seja. Inferno não antropomórfico, mas metafísico, o mais implacável, a morte da alma, a extinção do ser no não-ser, o nada. No extremo oposto do dualismo, o santo caminha para a paraíso eterno. Aproximando-se cada vez mais das fontes da vida, em Deus, ele se expande gradativamente na plenitude do ser, afirma-se no sistema positivo, até o triunfo da felicidade eterna em Deus.

XVII

IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA

Levados por outros fios condutores, não foi possível, nos capítulos precedentes, abordar, senão em relação com outros problemas, o da imanência e transcendência. Cuidamos agora de retomá-lo para encará-lo diretamente, aclarando-o com mais exatidão. Antes, porém, de entrarmos em suas particularidades, quisemos aplicar as concepções precedentes, orientando-as também, como experiência, na vida espiritual de cada um.

Voltemos às primeiras origens, que já esfloramos no início do Cap. XV: "À

Procura de Deus".

Como já dissemos, antes de criar, Deus era o Uno-Todo, Que ainda tudo devia tirar de si. Não havendo ainda a criação, não nascera nem o sistema, nem o anti-sistema, isto é, não havia dualismo de aspectos, mas somente o Uno. Com a criação, o Uno se distinguiu em Criador e criatura, então puramente espiritual, e nasceu o sistema. Mas com a queda ele se dividiu em dois: sistema e anti-sistema, em que a criatura espiritual caiu na prisão da forma, ou corpo. Ora, acima de tudo isto, permanecerá o Uno no seu aspecto absoluto, que e , além de qualquer criação ou manifestação. Este é o Deus no seu aspecto transcendente, sem dualismo, acima dele, invulnerável e perfeito. Deus, no seu aspecto imanente, não poderia existir a não ser em algo que não constituísse Ele mesmo, porque é óbvio ser imanente em Si mesmo. E Deus imanente se encontra na criação, quer no sistema conservado íntegro, onde Ele está em Sua perfeição, quer no anti-sistema desmoronado, onde Ele, por Amor, desceu à imperfeição, para reconduzi-la à perfeição originária. Mais exatamente, a imanência e o dualismo transcendência - imanência nasceram no ato da criação. Somente se costuma chamar imanência à presença de Deus no nosso universo decaído, porque somente este percebemos, ao passo que a imanência abrange também o universo feito de puros espíritos, conservado perfeito. Em outras palavras, a imanência não é senão a permanência do Criador na Sua criação, pelo que Deus permaneceu presente, quer no sistema, quer no anti-sistema.

A coordenação destes conceitos, observando-os agora frontalmente e não, como nos capítulos anteriores, em perspectivas obliquas, em função de outras visualizações, aclarará melhor o nosso pensamento.

A transcendência é, pois, o princípio de natureza abstrata, que no aspecto imanência descerá às formas para animá-las, mas que, como aspecto transcendência permanece inalterado, acima de qualquer criação. O fato de que nesta criação não pode existir forma, nem qualquer fenômeno, senão em consonância com um princípio que lhe oriente o transformismo, demonstra a existência de Deus transcendente. E o fato de que o princípio transcendente não pode atuar a não ser assumindo forma em qualquer ser ou processo fenomênico, revela a existência de Deus imanente. É que o transcendente dirige o imanente. É o perfeito que guia o imperfeito, para levá-lo à perfeição. Eis a razão e o íntimo significado do fato que verificamos em nosso universo, isto é, que ele está em evolução, ou seja, é uma imperfeição que caminha para a perfeição. Assim se explica como o universo se mantém e não pode, em razão de sua estrutura, manter-se, a não ser pela presença nele de um contínuo impulso criador. Assim se explica também a individualização do ser em infinitas formas, preestabelecidas segundo esquemas abstratos, que não existem no contingente, a não ser na última fase da sua expressão material. Onde estarão elas antes de manifestar-se, senão no transcendente, que com elas se põe em contato através do imanente? Quem estabelece no tempo os ritmos de adolescência e velhice, a duração da vida de cada tipo, o seu limite de desenvolvimento orgânico?

Deus, pois, não apenas no princípio criou o Seu universo de um estado de nada "relativamente" ao novo estado, não somente com o Seu primeiro impulso de origem à gênese, mas permaneceu depois nesse universo, não exteriormente, mas intimamente, continuando incessantemente a criá-lo com a Sua presença. Esclarecemos, no fim do Cap. XIII: "In principio erat Verbum , as razões e as origens dessa imanência. Ela é devida ao princípio fundamental da criação - o Amor, pelo qual um

verdadeiro Pai não abandona jamais o filho, faça ele o que quiser, e, justamente para salvá-lo, segue-o em qualquer desventura em que ele tenha recaído, livremente, porque assim o exige o Amor. Essa imanência, ou presença de Deus, é o que se chama vida, mas em senso latíssimo, vida que anima igualmente a orientação das moléculas nos cristais, como o funcionamento atômico da matéria. Tirai de tudo o que existe essa vida, que representa a imanência de Deus, e o universo recairá no nada, isto é, em um estado de não-ser "relativamente" ao atual. Deus não criou, pois, como o faz o homem, mas de uma forma muito mais profunda, isto é, não lavrou a Sua obra de fora, para depois destacar-se dela, mas de dentro, para nela permanecer indestacavelmente. As obras do homem são, efetivamente, mortas e têm necessidade sempre de novas intervenções, que constituem a manutenção somente as obras de Deus são vivas, e, se parecem andar por si, é porque dentro delas está o Deus imanente, que, como vida, age continuamente. Se deixarmos uma casa, com tudo o que possui entregue a si mesmo, após muitos anos, encontraremos tudo em decadência Se deixarmos plantas, encontraremos um bosque; se animais, um rebanho. De onde vem essa capacidade de multiplicação, senão de Deus imanente? De onde promana a vida, a não ser dessa fonte que alimenta todo o criado? Que imperfeita imitação da obra de Deus são as obras do homem! Mas mesmo estas, para conservar-se, reclamam aquela assistência que se chama de manutenção, que constitui uma espécie de imanência do homem nelas.

Podemos agora melhor compreender tudo isto, confrontando com o que foi dito no Cap. XIII: "In principio erat Verbum". Deus, no Seu aspecto transcendente, é o Espírito, o primeiro momento da Trindade do Uno, o puro pensamento, a idéia ainda não em ação, anterior e acima de qualquer criação e suas vicissitudes. Deus, no Seu aspecto imanente, é o segundo momento da Trindade do Uno, aquele em que a idéia entra em ação e o Espírito se fez Verbo gerador, o Pai. Do Pai deriva o terceiro momento, a criação, quer a que permaneceu perfeita nos espíritos puros, o sistema, quer a desmoronada na imperfeição da forma material, o anti-sistema. A imanência, surgida no segundo momento com o ato criador, que o conduz ao terceiro, à obra realizada, revela-se nesta. E nela vemos que o aspecto de imanência existe e tudo rege. A forma concreta de tudo o que existe em nosso universo, não é mais do que a expressão de tal imanência. Em outras palavras, o Filho é a expressão do Pai. Não que o nosso universo físico seja o Filho, mas como forma material ele é a expressão e a manifestação da atividade genética do Pai aí imanente, a qual é um momento derivado da Idéia situada no Espírito. Eis o Todo coligado em estreito monismo, desde o Espírito, origem de todas as coisas, a todas as coisas Dele originadas.

Tais conceitos não podem ser entregues às mãos do involuído que, julgando tudo sensoriamente, é capaz de dizer que o Filho é a matéria. As mais recentes concepções da ciência que, da última substância do mundo físico fizeram uma fórmula abstrata, nos ajudam a compreender tudo isso. Foi assim que, quando se quis ver a essência, a matéria foi reconduzida ao Espírito. É necessário recordar que ela é uma pura ilusão dos nossos sentidos.

Por mais que possa parecer audaciosa semelhante concepção, os fatos depõem em seu favor. A vida, expressão de Deus imanente, tem um caráter inteiramente interior. Ela germina incessantemente e, só graças a essa imanência, é que o ser pode viver, vencendo o desgaste imposto pelo ambiente. A medicina não examina senão as manifestações desse Deus imanente e estuda as formas construídas pela Sua

inteligência. No cadáver, a medicina estuda os restos de uma vida que se retira de sua manifestação. A vida lhe escapa, porque é de natureza espiritual, campo que ela ignora.

Toda forma provém do interior, de um germe e se desenvolve em torno dele, por crescimento. Todo germe é filho de outro germe e assim por diante. O ato originário da primeira gênese se repete no mesmo modelo, em continuação. O fato de que tudo não pode existir, a não ser por filiação, nos diz que o nosso universo é regido pelo princípio do Filho. Todo esse processo genético permanece, porém, um enigma indecifrável, se não nos reportarmos ao primeiro ato genético executado pelo Pai. A vida é atributo da alma, que é interior ao ser. Aí está o centro e a síntese de todas as sensações. Tudo caminha do ambiente para o espírito e do espírito para o ambiente, e esta é a base da experiência pela qual o "eu" pode crescer e evolver E no interior da matéria que se encontram os velocíssimos circuitos atômicos que lhe emprestam a solidez. O crescimento por multiplicação celular, como a cicatrização das feridas por reconstrução dos tecidos lacerados, provém do interior. A "vis sanatrix naturae[24]", que preside à conservação de nosso organismo, e todas as sábias diretivas de nosso funcionamento orgânico, tão automático, que o desconhecemos, tudo provém do interior, dessa presença de Deus imanente. Esse pensamento diretor está tão bem oculto nas profundezas, que a ciência não soube ainda encontrá-lo. Embora tendo sob as vistas a expressão, só lhe encontra os efeitos. Ele está tão oculto que se lhe ignora a presença, apenas porque se furta à análise sensória, dita objetiva, ao passo que nada é tão pouco objetivo quanto ela. E desta forma se chega até ao ateísmo, enquanto se mergulha nessa atmosfera divina, na qual se respira e se vive.

Esta interioridade do Deus imanente em Seu universo que, embora sendo imanente, nós concebemos como material, porque a materialidade é uma ilusão, nos leva a considerar as relações. entre a alma e o corpo, no homem. Também este é a expressão de um espírito animador, que se reveste de forma física. Que assim seja, é lógico pelo princípio dos esquemas de tipo único. Da mesma forma se poderia conceber Deus no Seu aspecto imanente como a. alma do nosso universo. Em ambos os casos a forma - matéria está na periferia, no. exterior, alimentada do interior, em que se encontra o princípio: vida. Em ambos os casos tudo é inteligentemente orientado e guiado do interior, a forma é gerada pelo espírito, isto é, o corpo humano é constituído pela alma, seu princípio vital, como o universo físico foi formado pelo Verbo, o Pai. A alma humana, como o Deus imanente estariam tão entranhadas na forma, que o fato de a primeira não poder viver senão em um corpo, não representa nada mais do que um caso particular da universal imanência de Deus, que ela representa e constitui no seu caso particularizado. E que é essa substância pensante, matéria prima de nosso universo, senão o espírito?

Prossigamos na observação do paralelismo. Suprimamos a alma no homem e teremos um cadáver. E que poderia restar do universo se dele desaparecesse a projeção da inteligência diretora (o Espírito) e cessasse a presença do princípio vital (o Pai)? E semelhantemente, ao fim da existência na forma, a alma humana se retrai para o interior da sua manifestação, como o Deus imanente, ao término da vida do cosmo, retrair-se-á para o íntimo dessa Sua manifestação, para coincidir no fim do ciclo, como já dissemos, com o ponto de partida; o Deus no aspecto transcendente. E

[24] **"A** força curadora da natureza". **(N.** do T.)

assim como todo o universo, evolvendo, exprime o gradual retorno da imanência à transcendência, assim também em cada morte, se a alma evolui, ela cada vez mais se avizinhará do Deus transcendente, o perfeito do qual se avizinha gradativamente a imperfeição, para alcançar, na fonte primeira, nova energia para uma nova vida. Isto porque, com a queda, os espíritos precipitaram-se na periferia e não lhes é possível senão uma vida fragmentada, pelo que, a cada morte, inevitável nesse plano, é necessário voltar ao centro para conseguir um novo impulso dinâmico, sem o qual não se suporta uma outra vida. Como já vimos a razão pela qual o desenvolvimento jamais ultrapassa as dimensões estabelecidas no esquema de um dado tipo de ser; também agora podemos compreender porque a carga vital recebida, que o espermatozóide e o óvulo contêm, mas que não geram, porque a recebem do espírito para desenvolver-se. é de uma duração limitada que depois se exaure na morte.

Esses paralelismos nos permitem compreender também o porquê deste cíclico retorno da juventude e velhice, em todas as formas da vida, seja no indivíduo, seja na família, nas nações, nos impérios, nas civilizações, na humanidade. Não se trata senão de repetições em dimensões menores do ciclo máximo do aspecto imanência de Deus, que torna a coincidir com o Seu aspecto transcendência. Quanto menor a unidade da individualização tomada para exame, tanto menor também o seu ciclo e mais rápida a sucessão deles. Mas, em cada caso, do homem às nações, à civilização, à humanidade, ao universo, o esquema é sempre o mesmo. Temos, assim, dois momentos: no primeiro é o espírito que trabalha por fazer para si uma forma, por organizar uma sua expressão no plano exterior (o homem organiza um corpo, as nações um governo, as civilizações uma ordem, as humanidades uma sede planetária, o universo um organismo cósmico); no segundo momento, inversamente, é a forma física que se consome em favor do espírito, enriquecendo-o de todas as gastas experiências da vida. Assim como na juventude do indivíduo temos um período de construção física, assim também no universo temos a formação de um substrato feito de matéria; e como no indivíduo temos depois com a velhice o declínio da forma em benefício do desenvolvimento de consciência, igualmente no universo verificamos um período de destruição física e de paralela expansão vital sempre maior no plano espiritual.

Isto confirma o que já dissemos algures, a respeito de que o universo físico acabará por desintegração atômica ($\gamma \rightarrow \beta$) e o universo biológico (vida) findará com a espiritualização da forma física ($\beta \rightarrow \alpha$). Essa espiritualização pode parecer um fim para o ser situado na matéria, mas tudo é relativo ao ponto em que se coloca o observador. Nós chamamos existir o viver na matéria, porque a nossa vida se desenvolve na periferia. Assim também chamamos de criação, isto é, passagem do nada ao ser, à transformação que se opera em nosso tipo de existência. Mas, se estivéssemos situados no centro, no absoluto, no espírito, ao invés de nos encontrarmos na periferia, no relativo, na matéria, então conceberíamos o viver na matéria como um não-existir. A atual criação nos pareceria, nestas condições, a passagem do ser para o nada, porque não seria a transformação que se opera no sentido de nosso tipo de existência, mas algo que caminha para a sua negação. Se superarmos, porém, a relatividade destes pontos de vista, veremos que o referido término do universo físico e biológico não passa de uma mudança de forma para retornar ao originário estado espiritual, ponto de partida do atual universo desmoronado. Em conclusão, só em nosso plano relativo é que se pode ser ou não ser, isto é, relativamente a uma dada

forma assumida naquele momento pelo ser. Mas o Todo - Deus - jamais pode não-ser na Sua substância. Somente no relativo poderá ocorrer o não-ser, isto é, um não-existir parcial em relação a outras formas de existir. Mas, no absoluto, que é tudo, tudo não pode deixar de eternamente ser.

O paralelismo entre a unidade alma-corpo e a unidade Deus-imanente-universo, ajuda-nos a compreender as relações entre Deus transcendente, origem primeira de tudo, e essa Sua incomensurável criatura coletiva, que é o universo. Embora neste Seu último aspecto Ele seja invulnerável, acima de qualquer criação Sua e de suas alternativas, é também através desse aspecto de imanência que Ele pode permanecer presente, agir, guiar e assim tudo reconduzir do imperfeito, em que o sistema desmoronou, para o perfeito em que Ele "é". Torna-se-nos também assim compreensível, a ação à distância, inimaginável de outro modo e que nos poderá mesmo induzir a pensar em um Deus ausente, desinteressado da sorte de uma criação abandonada a si mesma. Desta maneira explica-se também a imperfeição, o estado de contínua formação, o fenômeno da evolução, que reinam em nosso universo. E compreende-se, então, que esse transformismo é um estado transitório, decaído, impróprio do ser perfeito e se entrevê a meta que nos espera a todos, o ponto de chegada de tanto trabalho.

Pode-se agora alcançar a definição de uma importante questão, qual seja: se Deus é pessoal ou impessoal O aspecto transcendente leva à primeira concepção; o imanente, à segunda. No primeiro Deus é centro, um ponto, um "Eu sou", o Todo-Uno, possuindo todas as características da personalidade, as que encontramos no menor "eu" humano. No segundo, Deus é periferia$_5$ imerso na Sua manifestação, pulverizada em infinitos "eu sou" menores, havendo o Todo-Uno se fracionado no desmoronamento do sistema. Ele possui, pois, todas as características do impessoal, as que encontramos na massa de células componentes do corpo humano. Tudo isto corresponde exatamente à universal lei do dualismo, pela qual toda unidade é constituída de duas partes inversas e complementares. E assim seria por toda parte, desde Deus-Universo até à alma-corpo.

A esta altura, poder-se-ia, contudo, objetar: existem, então, dois Deuses? Respondemos: existirão, talvez, duas Terras, porque a nossa tem dois pólos? Existirão, porventura, dois seres em um homem porque é feito de alma e corpo? E se assim é a constituição do esquema do ser, não nos é dado mudá-lo. Devemos limitar-nos a comprovar que assim é. Caberia, contudo, ainda objetar: mas então o universo físico é o corpo de Deus? De novo respondemos E que é o corpo para a alma, senão o seu veículo e meio de expressão? Impõe-se, ao certo, conferir então à palavra corpo um sentido tão mais amplo, que nem ao menos poderíamos concebê-lo. E esta foi exatamente uma das erradas conseqüências do imanentismo: perder de vista o Deus-Uno e vê-lo definitivamente fragmentado no panteísmo, como se do "Eu sou" central não tivesse restado mais do que uma poeira de Divindade, pela qual ela estaria dispersa em infinitos "eu sou" menores, sem possibilidade de reconquista do Uno e de conexão com Ele. Mas o leitor já viu quão longe estamos de semelhantes concepções (Vide o fim do cap. XV: "À procura de Deus")

Trata-se, pois, apenas de duas posições diversas da Divindade. No pólo transcendência temos de Deus o aspecto unitário e estritamente pessoal. No pólo imanência temos Dele o aspecto multíplice, um pan-psiquismo uma presença dada por uma pulverização no particular, até ao panteísmo, concepção que é a natural resul-

tante da cisão no desmoronamento. Panteísmo de fato significa presença de Deus na multiplicidade, ou seja, na imanência. O erro está em ter-se querido contrapor, ao invés de conjungir, estas duas verdades complementares, feitas para completar-se reciprocamente, único modo de reconstruir completamente o conceito de Deus. Resultou daí uma unilateralidade de visão, fonte de polêmicas destituídas de outro sentido que não seja o de alcançar, através da luta entre opostos, a compreensão da relatividade das nossas concepções. É certo que Deus transcendente, situado acima de qualquer criação, representa a centralização máxima no "eu" pessoal. Mas é também certo que o desmoronamento do sistema, arrastando consigo Deus transcendente na imanência, necessária para manter e salvar o anti-sistema, explica e justifica o panteísmo. Este é verdadeiro, mas apenas no pólo imanência, ao passo que é erro quando admitido no pólo transcendência, como também é verdadeiro o oposto princípio da personalidade, se admitido apenas no pólo transcendência, constituindo erro quando concebido no pólo imanência. Afinal, o ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus e Seu universo, reflete bem estes conceitos, mostrando-nos o "eu" espiritual, pessoal e central, e o corpo físico, onde, em cada célula, esse "eu", está imanente, como a origem das sensações e da vida. E tudo, do caso máximo ao mínimo, corresponde à lei universal das unidades coletivas, lei pela qual todos os elementos componentes do sistema hierarquicamente convergem para um único vértice, estritamente individualizado. Trata-se, pois, apenas de dois aspectos, como sempre dissemos: o transcendente ou inexpressado, e o imanente ou expresso na criação, o qual naturalmente deve conter Deus, pois que é Dele a expressão. Temos um caso semelhante no homem que pode ter uma idéia, sem expressá-la, ou então projetá-la fora de si, na ação e depois na forma, podendo, assim, essa idéia coexistir ao mesmo tempo no aspecto inexpresso e expresso. Podemos muito bem conceber Deus não imerso na concatenação causal, na sucessão dos atos no tempo, como é o homem antes de traduzir em ato a sua ação. Os dois aspectos são conexos por toda parte. Assim é construído o Todo. Eles efetivamente assemelham-se a dois amantes separados, uma unidade dividida, desesperadamente desejosos ambos de um recíproco amplexo, para reconstituir a unidade. Parece que o imanente persegue o transcendente, cuja imobilidade atingirá após uma ilimitada corrida. Ele parece uma imensa carência que só findará quando se completar na transcendência. É o vazio que está faminto do pleno, é o pleno que tem necessidade de encher o vazio. É a universal complementariedade dos dois opostos do dualismo, sobre o qual se eleva a unidade. Como o macho e a fêmea, imanente corre e o transcendente aguarda. Aí está Õ princípio das trajetórias espiralóides, que continuamente se reduzem, até que, como se passa no correspondente esquema do plano físico, o imanente se precipitará no transcendente, anulando-se na identificação com ele. Então, o Deus transcendente terá reabsorvido em Si a Sua manifestação, a universal reespiritualização, terá retornado ao seio do Uno, do qual nascera, desaparecendo a distinção entre os dois aspectos.

Nada mais nos resta, para concluir a argumentação do que ouvir a confirmação de tudo isto numa voz inteiramente ortodoxa, que reproduzimos de uma página da obra de Paulo de Jaegher S.J. - *Confidência* (Meditações), tradução do francês vol. I, Ed. Marietti, tipografia pontifícia, da S. C. dos Ritos, 1934 (o escrito é de 1929, com Imprimatur).

O Cap. XIV, pág. 273 e seguintes, diz:

"Deus cria a cada instante o mundo apenas com o pensamento (. . . .). O

pensamento da criação nos é familiar, mas o que nos é menos familiar é o pensamento da criação contínua, que é a conservação do mundo. Pensamos demasiado freqüentemente que Deus criou este magnífico universo no princípio dos tempos, limitando-se em seguida a dirigi-lo e governá-lo, como se ele pudesse subsistir por si, de modo mais ou menos independente de Deus. Ao contrário, a conservação do mundo é uma criação contínua, que a cada instante pressupõe uma potência igual à que originariamente criou todas as coisas (. . . .). Medimos Deus pelo nosso gabarito (. . . .).

"Quer executemos uma obra de arte, quer construamos uma edificação, uma vez completadas, estas coisas subsistem independentemente de nós. No máximo, velamos pela sua conservação e manutenção. Da mesma forma, para muitos homens, o mundo existe por si, uma vez criado, não cabendo a Deus senão conservá-lo e defendê-lo. Na realidade Deus faz o mundo a cada instante: cria sem cessar (. . . .). Que idéia tão mais exata e benéfica teríamos da Potência infinita, se considerássemos o mundo sob este aspecto! Como sentiríamos melhor a nossa independência de Deus e a nossa necessidade de gratidão, se tivéssemos maior consciência dessa ação continuamente criadora de Deus sobre tudo o que nos rodeia, como sobre nós mesmos ... .

"Deus fez e faz sem cessar todas essas maravilhas apenas com o Seu pensamento repleto de amor. Deus pensa e ama todas essas coisas com um amor que cria. Pelo próprio fato Dele pensá-las e amá-las, elas recebem o ser (. . . .). Deus pensa todas essas coisas, cria com o só pensamento este mundo imenso (. . . .).

Todo o universo é o Seu pensamento (. . . .).

"Vós somente, meu Deus, produzis, criais, fazeis existir com o Vosso pensamento apenas (. . . .). O mundo inteiro é um poema magnífico animado pelo Vosso pensamento (. . . .).

"Ele está presente em cada criatura (. . . .), e para conservá-la no ser (. . . .). Mas há uma coisa mais surpreendente ainda e bem pouco conhecida. O Espírito infinito, o Ser sem limites que cria todas as coisas com o pensamento (. . . .), não se separa da Sua criatura, que, sem o Seu auxílio, cessaria de existir. A Infinita Inteligência está e permanece no fundo de toda criatura, no fundo de cada Seu pensamento. Vem a ela, circula nela, embebe-a e a inunda de Si mesma a cada instante, mas Deus imanente e transcendente ao mesmo tempo, está na Sua criatura (. . . .). Todo ser é como um tabernáculo de Deus (. . . .). Quantos poucos, ó meu Deus, são aqueles que têm consciência disso! (. . . .). A criação inteira é como um templo do Altíssimo, três vezes santa. Tudo está repleto de Deus, tudo está impregnado Dele (. . . .). Deus inunda cada coisa. Como uma esponja imersa no oceano, o universo inteiro está envolto na imensidão do Pensamento de Deus.

(. . . .) "Cada coisa é a obra-prima de Deus! (. . . .), nada de imperfeito (. . . .). O Deus, que não posso ver daqui de baixo (. . . .), está, todavia, em toda parte. Ele me circunda, no mundo (. . . .). Eu estou imerso Nele, o grande oculto e o grande presente". Não se poderia descrever melhor o que é o nosso monismo e o nosso imanentismo, que foi confundido com panteísmo. O nosso conceito, acima exposto, de um universo-manifestação é mantido pelo Cardeal Nicola Cusano Venerável nestas suas palavras: "Quid est mundus nisi invisible Dei apparitio, quid est Deos nisi visibilium invisibilitas?[25]" E poderemos repetir várias citações já transcritas no Cap.

[25] "Que é mundo, senão a aparição invisível de Deus; quem é Deus, senão a invisibilidade visível?" (N. do T.).

XV "À procura de Deus".

Não faltam, pois, mesmo no campo ortodoxo, confirmações de nosso ponto de vista. Sem este conceito da imanência de Deus, se entendido sem as aberrações do panteísmo, não se explica o amor de São Francisco de Assis por todas as criaturas, nem que Cristo pudesse repetir dos livros sagrados que nós somos Deuses. É toda a lógica do sistema que, pois, prova a imanência. Ela aí está escrita e não se pode deixar de lê-la. Tanto mais que a criação contínua, quer dizer manutenção da própria obra, não exclui, de modo algum, uma criação originária e que, no sentido relativo acima exposto, se pode admiti-la também do nada, sem lesar com isso o princípio da indestrutibilidade da Substância. E também dissemos porque a alguns espíritos repugna admitir a imanência. Mas assim como se observam os olhos de uma pessoa para perscrutar-lhe a alma, assim como cada ser possui um semblante que exprime o espírito animador de sua forma e nos diz da vida que o anima, assim também, olhando o rosto e os olhos deste nosso universo ilimitado, perceberemos o seu princípio animador, que tudo move: Deus.

XVIII

O FENÔMENO INSPIRATIVO

Desçamos das alturas do capítulo precedente para um terreno mais vizinho nosso, do qual poderemos melhor compreender-lhe a estrutura se a virmos à luz dos fatos mais elevados, acima descritos. Queremos agora focalizar a nossa atenção no fenômeno inspirativo que, assim visto, se tornará mais inteligível. Só agora, depois de tais preliminares, estamos em condições de aprofundar e resolver tão árduo problema. Em geral é inútil examinar uma questão isoladamente, porque ela permanece insolúvel se não for antes orientada no todo e precedida da solução dos problemas fundamentais do ser.

O fenômeno inspirativo diz respeito às relações entre o "eu" individual e o "eu" cósmico, entre a alma e Deus. No Cap. XV "A procura de Deus", vimos como a evolução é um processo de desmaterialização ou espiritualização que percebemos como um fenômeno de nossa sensibilização: liberação da forma física, conquista de mobilidade e de consciência, revelação do Divino que em nós jaz latente. É a via do retorno a Deus, a que chamamos sublimação. A todos estes conceitos, aqui já desenvolvidos, está conexo o fenômeno inspirativo e é em função deles que devemos observá-lo. Ele aí está enquadrado como inserido no fenômeno da sublimação, da mesma forma que este no início do Cap. XI: "A caminho da sublimação", foi enquadrado no esquema do universo. A inspiração surge-nos, então, como um caso de evolução, estreitamente conexo com a catarse biológica da sublimação; aparece-nos como um fenômeno ligado à ascese moral, ao movimento centrípeto do espírito para o Centro-Deus, ao misticismo. De modo que podemos dizer que o fenômeno inspirativo não passa de um momento ou aspecto de tudo isto e que só pode ser compreensível em função da sublimação mística. Ele faz parte do despertar da consciência e do retorno da alma a Deus.

Esta nossa colocação do fenômeno destaca-o definitivamente dos símiles com os quais ele foi por outros até agora confundido, pelo menos em nosso caso. Ele nada tem em comum com a mediunidade física e nem tampouco com a comum ultrafania, em que o ser é instrumento passivo. Em nosso caso, na sua fase atual, não se é mais inconsciente aparelho registrador de algum conceito, ainda que ele provenha dos mais elevados planos do pensamento, mas se trata de um processo inteiramente diverso. O sujeito registra por si, com os próprios meios intelectivos, visões que ele atinge justamente através do processo de espiritualização ou sublimação mística ou catarse biológica a que nos referimos acima. Então o despertar dos profundos estados de consciência, antes latentes e adormecidos no inconsciente, como se dá para a maioria, leva o eu a pôr-se desperto em dimensões conceptuais superiores, menos periféricas e mais centrais no sistema. Desta forma ele vem a encontrar-se como que mais iluminado do que normalmente pelo pensamento de Deus, do qual assim pode perceber e ilustrar aspectos novos e inéditos, ainda ignorados do homem. Por este modo o sujeito pode contemplar, em visões sucessivas, a estrutura e o funcionamento do grande organismo do universo, segundo esse pensamento; pode, em outras palavras, "sentir" a Lei. Estranho modo de explorar o ignoto! Método aqui regularmente usado, que está nos antípodas do método objetivo e experimental da ciência, método que até agora nos forneceu, para qualquer problema, aquela orientação geral que a ciência com os seus meios não poderá atingir. Mas é dos princípios gerais e da essência de nosso caso e do fenômeno da intuição que aqui queremos falar, e não do seu aspecto contingente, que já foi contemplado na introdução do volume: *Problemas do Futuro*.

O fenômeno inspirativo apresenta-se-nos, pois, composto de tais elementos morais e espirituais, que a ciência moderna é incompetente para julgá-lo, já que ela ignora esses elementos nas suas observações. A ciência da matéria não pode admitir nem compreender a do espírito. Ela só se ocupa de especiais fins imediatos, sem cogitar se a consecução destes é depois um bem ou um mal para o progresso da humanidade. Não trabalha, assim, pelo fim supremo para o qual trabalha a vida, que é a evolução Em face da convergência de todo o criado com o fim de ascender a Deus, a ciência permanece agnóstica, o que significa sem orientação, porque não compreendeu qual é a meta de todas as atividades do ser. No fenômeno inspirativo culmina, ao invés, o movimento da vida, na catarse biológica da sublimação mística, a operar uma das suas maiores criações. Para julgar tais fenômenos de alma, não bastam os meios técnicos ou matemáticos, mas é indispensável um instrumento de igual natureza do fenômeno. O espírito não se pode aquilatar senão pelo espírito. Para controlar um fenômeno de sublimação mística, como é o da inspiração, seria necessário um santo, único competente na matéria, porque só ele conseguiu atingir aquele grau de purificação e, por conseguinte, de sensibilização imprescindível para poder perceber e medir as qualidades espirituais.

Dissemos aqui acima que o fenômeno inspirativo diz respeito às relações entre o "eu" individual e o "eu" cósmico e no Cap. XV: "À procura de Deus", esclarecemos que o grau de proximidade entre uma alma e Deus é dado pelo grau de afinidade de vibrações, conseguido em relação a Ele, isto é, de consonância ou sintonização. Ora, a inspiração exprime a comunicação exatamente por consonância, que é uma sintonização pelo despertar em nós daquele estado cinético da vida que, embora originário, se congelou na inconsciência (não vibração), com a queda ou desmorona-

mento do sistema. Em outros termos, a inspiração é um despertar consciente na profundeza em que está Deus. Então se atinge a sintonização e esta é a base das visões que nos revelam os grandes esquemas do pensamento divino. A visão é, pois, um problema de aproximação qualitativa. Eis a extrema importância do aperfeiçoamento moral, da purificação. Falamos aqui do fenômeno inspirativo justamente em relação com o problema central da III trilogia: a sublimação.

Mas esse fenômeno pode ser observado também sob outros aspectos. O "eu" individual aproxima-se do conhecimento do pensamento do "eu" cósmico pelo fenômeno inspirativo, justamente porque a evolução pode conceber-se também como uma expansão do primeiro no segundo. Esse despertar de zonas interiores da consciência pode dar um sentido de expansão, de uma dilatação do "eu" individual no "eu" universal. Quando, assim, o espírito do indivíduo mais se harmoniza com a Lei, isto é, sintoniza-se e entra em consonância com a vontade de Deus, então tanto mais ele participa do pensamento da Lei, Quanto mais a alma se abre e tanto mais ela é inundada pela luz que o Centro irradia sobre todo o sistema. Conseguir sintonizar cada vez mais, pode significar também ascender em direção centrípeta, da periferia para o centro. Eis as múltiplas vias que levam à inspiração. Em outras palavras, pode-se dizer que o super consciente é mobilizado, ou seja, que é posto em estado cinético (consciente) ou vibratório o consciente universal, que é Deus imanente, adormecido no profundo de nosso espírito e cujo despertar constitui a evolução, que nos reconduz a Ele como meta. E, então, deste ponto de vista, o fenômeno inspirativo nos aparece como uma expansão ilimitada do pequeno consciente individual, no infinito consciente universal. E uma superação de limites, no que consiste todo fenômeno evolutivo; é um desembocar na forma-prisão, na infinita liberdade do espírito. O fenômeno inspirativo pode então definir-se como: "o fenômeno da catarse biológica ou espiritualização ou sublimação mística, visto no seu aspecto consciência".

Ora, nem todos os fenômenos inspirativos são iguais, justamente porque eles constituem um índice do grau evolutivo atingido individualmente, porque o limite do consciente individual ou forma-prisão se desfaz e a sua dilatação no consciente universal se dá apenas na proporção da potência que o "eu" reconquistou por evolução e esta é dada pelo grau de consonância conseguido em relação a Deus, centro de vida. Mas, se na verdade os vários fenômenos inspirativos são diferentes, contudo idênticos são o seu princípio e técnica, e todos são um momento do universal fenômeno da evolução. Por aqui se vê que profundas raízes na vida, mesmo nos seus planos superiores, tem o fenômeno inspirativo.

É natural, então, pela sua estrutura, que a inspiração pode representar um precioso método de indagação, ainda que a ciência não o aceite, precioso porque ele pode revelar-nos qualquer coisa que não está no consciente individual, algo que nos permite ultrapassar os limites deste, que é, todavia, axiomaticamente colocado como medida de todas as coisas. Poder atingir o consciente cósmico, que para o homem está habitualmente sepultado no inconsciente e representa, pois, um inatingível mistério; apanhar-lhe, até onde é possível, à conteúdo por inspiração e traduzi-lo em forma racional, acessível a todos, tudo isto pode assemelhar-se a explorações efetuadas nas profundezas abissais dos mares ou na estratosfera. E não é possível saber jamais o que isto poderá revelar-nos.

Aliás, as instituições do gênio, os produtos da arte, as descobertas do cientista, quando representam uma desenvoltura do pensamento no sentido da sua orientação

original, constituem sempre algo atingido, não no consciente individual humano, mas no consciente cósmico que está naquele latente, em estado de inconsciência. Efetivamente, quem alcança tudo isto por inspiração tem sensação de defrontar-se com um pensamento de estrutura e dimensão diversas da normal, com um pensamento que não se apresenta por sucessão lógica, mas por instantaneidade, como se estivesse além da nossa dimensão tempo, limite que aqui é superado. O "eu", então, na inspiração não concebe mais sucessivamente, em encadeamento conclusivo, como ao longo de uma linha, ainda que livre de mover-se na superfície, mas no lampejo de um conjunto, como que encontrando-se no interior de u'a massa de conceitos que à envolvem por todos os lados ao mesmo tempo. E assim, para traduzi-los em termos racionais, ele tem de passar da dimensão volumétrica à linha e exprimir-se consecutivamente. Para reconstruir o pensamento deste volume na sua primeira fase inspirativa, o leitor teria que imaginá-lo reduzido a um relâmpago instantâneo, que iluminassem um globo dentro do qual, contemporaneamente, está escrito e se lê todo o volume.

Nestas condições, querer indagar, refletir, concatenar, controlar, é impossível. Devemos limitar-nos a observar e registrar. Levados os produtos do superconsciente para o consciente? Teremos feito o mesmo trabalho que executa o cientista que carrega os frutos das suas explorações abismais ou estratosféricas para o seu laboratório. Só neste poderá começar a analisá-los. Por isso, não podemos oferecer senão sínteses. Incumbe, depois, ao pensador racional, controlar com os seus processos lógicos e experimentais esses produtos. Então, só então, podem intervir as faculdades humanas de vontade e atenção, que na inspiração, inversamente, possuem poderes negativos, inibidores.

A esta altura podemos compreender a diferença entre o intuitivo e o homem positivo de ciência. Este último, sobretudo quando é matemático, procede encerrado em uma férrea lógica e não concebe e admite senão o que pode ser aferido pelos meios exatos de mensuração e demonstração. Mas nem todo o universo é suscetível de reduzir-se aos termos dados por esta forma mental. Existem e valem também as idéias vagas inaferráveis como a névoa em formação, que se nos escapam para o superconcebível, que não se podem ainda reduzir e fixar em medidas exatas e fórmulas definitivas E é este estado intuitivo e fluido da concepção a primeira fase da construção conceptual, mesmo para o cientista ou matemático. Todavia, pela sua forma mental, tudo nos pode parecer mais visão de artista do que de cientista. Só assim posso explicar-me o juízo emitido por Einstein em sua última carta, a respeito do meu volume de caráter científico: *Problemas do Futuro:* "The danger in such philosophical entreprises is that the word becomes dissociated form te world of experience, so that the whole structure impresses me more as an independent work of art than as an intellectual interpretation of something else"[26].

A este propósito poder-se-ia observar que o trabalho inspirativo, além de ser o mais livre e independente da vontade, é também o menos exaustivo. Ele fatiga muito menos do que o trabalho consciente, obrigado ou espontâneo. No primeiro caso, somos como que rebocados pelo próprio trabalho, que nos arrasta para onde quer. No

[26] **"O perigo desse tipo de reflexão filosófica é que a palavra se torna dissociada do campo cientifico, de forma que todo o seu conteúdo me dá a impressão de um trabalho independente, mais de arte do que uma interpretação intelectual de alguma coisa mais". (N. do T.)**

segundo, temos de querer, impor-nos, afadigar-nos. Poder-se-ia concluir daí que, para não nos cansarmos, bastaria que trabalhássemos com o subconsciente, isto é, no campo do consciente adquirindo (idéias inatas), por automatismos. E é verdade, mas o problema consiste em possuir um subconsciente que saiba trabalhar em um plano digno. Todos sabem trabalhar com o subconsciente, mas ele é uma sobrevivência limitada e atávica de animalidade e não um amplo despertar interior, pelo qual o "eu" pode atingir o pensamento cósmico. Geralmente se confunde no próprio inconsciente, fora da consciência normal, o subconsciente revivido do passado com o superconsciente, antecipação do futuro. Só este é um despertar consciente na profundeza em que está Deus. Todos sabem trabalhar sem fadiga com os meios da primeira espécie de inconsciente. Não é a ele que está confiado o nosso funcionamento orgânico? Quanta gente, ademais, utiliza, sem esforço algum, tal patrimônio adquirido, nos atos instintivos da vida, que todos sabem fazer sem mestre! Assim, diariamente, todos praticam um sem-número de atos, que constituem também uma forma de atividade, gratuitamente. Mas para poder trabalhar sem fadiga com os recursos do inconsciente, é necessário possuí-los, tê-los conseguido antes com o esforço da aquisição. E ter adquirido tais recursos significa ter construído qualidades. Ora, esse difícil trabalho só pode executar, com esforço e tenacidade o consciente, introduzindo com a sua ordem no subconsciente e aí fixando pela repetição, hábitos novos, até que eles sejam assimilados como automatismos. Educar, transformar um subconsciente que resume, em si impressos, impulsos atávicos consolidados por experiência milenária e oriundos da animalidade, não é fácil. Para alguns seres mais evoluídos, como os santos, isto representou uma luta violenta e terrível. Por certo, no fundo de nós está Deus, mas quem sabe despertar nessa profundidade, onde tudo jaz imerso em um sono profundo? É inútil, pois, dizer que poderemos poupar-nos o esforço do trabalho, confiando-nos ao nosso inconsciente. A maioria tem de lavrar, contrariamente, no consciente, isto é, nas zonas de aquisição dos novos instintos - zona de vontade e de esforço - as qualidades e idéias inatas. Não se podem usufruir os frutos do despertar interior, senão fazendo preliminarmente o esforço de provocar semelhante despertar.

Agora que compreendemos, com a conclusão "Tu habitas in me", que Deus é interior e não exterior a nós, poderemos atinar com o que se deve entender por fonte inspirativa. No volume *As Noúres,* a imaginamos como um transmissor, do qual o indivíduo era um receptor. Mas após o caminho percorrido até aqui podemos ser bem mais precisos.

Temos falado nos capítulos precedentes da interioridade do Deus imanente, que se encontra também em nós. E, pois, para esta interioridade que a inspiração se dirige: a entidade transmissora é espírito e o espírito se alcança sempre andando para o interior da forma física, que constitui a periferia, o seu revestimento externo. Vimos também que as características da personalidade, do "Eu-Centro-Uno", são encontradas no aspecto transcendente de Deus, em que Ele é centro de tudo, e que as opostas características da impersonalidade são encontradas no pólo oposto do ser, no aspecto imanente de Deus, em que o Uno se pulverizou em infinitos "eu" menores.

Eis o que então sucede ao nosso "eu" humano. Se na verdade ele é pessoal relativamente ao seu pequeno "eu próprio, no mundo em que está imerso, na periferia do sistema, ele contudo representa a pulverização do Uno, uma centelha de Deus. Quando, pois, o nosso "eu", pelo ato inspirativo, se dirige para o centro, ele se desloca

para o aspecto transcendente e pessoal de Deus. Ora, esse centro, para ele que é periférico, representa a reunificação, isto é, a reabsorção no Uno, da sua personalidade distinta, de modo que na inspiração, o "eu" perde as suas qualidades, que como tais o distinguem e separam dos outros "eu", e cada vez mais tende a fundir-se em Deus-Uno. Assim se explica a anulação da própria personalidade na inspiração, tanto mais acentuada, quanto mais poderosa for esta, e também se compreende que todas as inspirações, embora diversas, se ligam a um único transmissor - o Centro-Deus.

Como se vê, o problema inspirativo tem as suas raízes na profundidade do Todo e não é solúvel a não ser em função do Todo. Agora podemos compreender por que nos seres elevados é difícil, e tanto mais quanto mais altos, encontrar os elementos distintivos da personalidade, como os entendemos em nosso mundo. Quanto mais se ascende para Deus, tanto mais aumentam as Suas características de personalidade (da imanência impessoal, para a transcendência = pessoal), e tanto mais diminui a distinção, ou seja, a personalidade dos "eu" destacados. Então, pelo princípio das unidades coletivas, eles se reagrupam, formando esses "eu" cada vez mais vastos e poderosos. A essas alturas não encontramos mais "eu" isolados, que pensam separadamente, mas correntes de pensamento, Noúres, próprias de espíritos sintonizados, consonantes, o que para um espírito significa ser de igual natureza, porque o que define o espírito é o seu tipo de vibração E quem é de igual natureza coincide com os idênticos e neles se funde no mesmo "eu", como duas notas idênticas formam a mesma nota. Isto corresponde à progressiva unificação, pela qual o Uno, que se fracionara no anti-sistema, vem a reconstituir-se integralmente no sistema.

O fenômeno inspirativo, se é a expressão da sublimação no seu aspecto consciência, segue esse processo de unificação que é inerente à sublimação, culminante na união mística da alma com Deus. Então aquela expansão do pequeno consciente individual no infinito consciente cósmico - o que constitui o fenômeno inspirativo - pode ser comparada ao caso em que a consciência de uma célula isolada, consciência naturalmente limitada apenas ao seu funcionamento, pudesse ultrapassar este seu limite natural para alcançar a consciência de todo o organismo humano, do qual ela faz parte, consciência própria de um funcionamento mais amplo, e pudesse assim tornar-se mais ou menos completamente consciente também deste. Semelhantemente, no fenômeno inspirativo a consciência humana normal, naturalmente limitada às necessidades da sua vida e incapaz de compressões mais amplas do que as adstritas à satisfação das suas necessidades humanas, transpõe esse seu limite natural, para entrar no consciente cósmico, de que faz parte, apropriado a um funcionamento de tão maior envergadura, e pode assim, mais ou menos completamente, tomar conhecimento também dele. Eis o que representa o fenômeno inspirativo, nas relações entre o eu individual e o eu cósmico, entre a alma e Deus.

De tudo isto se depreende a importância que pode assumir para o progresso da humanidade e para a defesa de sua vida, uma expansão além do limite da compreensão normal e a contribuição que ela pode dar ao grande problema do conhecimento. Porque pouco conhecido e muito pouco adquirido e utilizado, a humanidade não se dá conta de que resultados esse fenômeno é capaz de oferecer na indagação do inexplorado, sobretudo no campo mais dificilmente explorável, porque mais distanciado de nosso contingente, como é o campo das grandes sínteses e das supremas abstrações dificilmente acessíveis aos meios da racionalidade comum. E a

ciência é incapaz de, com seus métodos, atingir tais sínteses universais, que lhe são tão necessárias como orientação. Uma hipótese de trabalho assim orientada possui muito mais probabilidades de estar nas pegadas da verdade do que uma outra que é mera tentativa lançada ao acaso. Tudo isto é verdadeiro, pois não temos nenhum direito de acreditar que o método usado pela ciência deve ser o único e o mais apropriado para alcançar a compreensão da natureza dos fenômenos. O fato de a ciência nos ter fornecido grandes resultados utilitários, não é suficiente para dissipar a suspeita de que o domínio da experimentação somente pode mais facilmente afastar-nos do que aproximar-nos da visão da essência das coisas.

Enfim, tudo isto pode também interessar diretamente à vida. Possuir uma orientação pode ser a chave para resolver problemas, cuja solução, especialmente em dados momentos como o atual, é imposta pela evolução à humanidade como questão de vida ou de morte. A vida, no seu desenvolvimento, propõe ao ser sempre novos quesitos, e do saber responde adequadamente, pode depender a continuação ou o fim, bem como forma de continuação da existência. Algumas espécies tiveram de desaparecer por não terem sabido resolver certos problemas. O conhecimento é uma das armas mais poderosas para vencer, também no terreno biológico da luta nela vida.

Antes de encerrar este capítulo analisemos a significação e valor do fenômeno inspirativo em face do problema do conhecimento. O homem utilizou três métodos para atingir o conhecimento: 1º) a revelação (recepção mais ou menos passiva, o fenômeno inspirativo e método da intuição); 2º) a lógica (construção abstrata por esforço mental, pura racionalidade e método analítico); 3º) a experiência (controle pela observação, realidade exterior e método sensorial).

O primeiro é o método aqui acima descrito. O segundo é o método dos processos matemáticos. O terceiro representa o único contato direto de que dispomos para alcançar a realidade. Pondo de parte, porém, o método da intuição, que é inteiramente excepcional, também com o pensamento puro pode enfrentar a realidade. O conhecimento pode derivar não somente da observação, mas também do esforço de construção lógica do puro pensamento. Mas é sempre necessário que os seus resultados sejam transportados e aprovados no plano da realidade objetiva que, embora ilusão sensória e limitada, exprime no seu plano uma verdade, ainda que relativa a ele. É necessário, em suma, controlar tudo, observando o que corresponde aos conceitos abstratos no terreno concreto. Ao contrário, as observações são depois interpretadas, correlacionadas, destiladas no essencial, pela elaboração lógica da racionalidade e, às vezes, superando a própria racionalidade. O todo, para atingir o plano abstrato da lei geral, deve ser reconcebido em lampejos pelo método da intuição. Os três métodos, sendo contíguos, podem fundir-se e auxiliar-se mutuamente.

O certo é que o experimentador jamais poderá elevar-se ao campo das puras abstrações e generalizações, onde labora o teórico, terreno quase filosófico das formulações matemáticas, no qual somente aparecem as grandes leis unitárias. Assim como numa casa de dois planos, também a teoria de Einstein da relatividade generalizada, que abrange a gravitação, se ergue desenvolvendo-a sobre a teoria da relatividade restrita. O valor de uma hipótese ou teoria está, pois, em poder abranger, com um mínimo de axiomas, um máximo de conteúdo experimental. Sobe-se, assim, do analítico e particular para o sempre mais sintético e universal, até que, da mesma

forma que a experiência deva ceder lugar à racionalidade, esta deve cedê-lo à intuição, se ainda quiser subir mais para o sintético e universal. Quanto mais se sobe, porém, tanto mais se ganha em vastidão, e tanto mais se perde em segurança experimental na abstração; mais se desce na realidade concreta, tanto mais se restringe o campo das nossas conclusões.

Os dois caminhos são inversos: o primeiro vai da periferia ao centro do sistema universal, para o absoluto; o segundo vai do centro para a periferia, para o relativo. O primeiro, certamente caminha para a verdade; o segundo, para a ilusão. Mas a verdade, ao se subir, vai-se-nos escapando, torna-se vaga, abstrata, incontrolável, perdendo para nós, relativos que somos, a força da verdade. Ao se descer, ela se torna mais palpável, mais concreta, digamos, mais verdadeira, ao mesmo tempo que nos encerramos mais no limite do contingente e na ilusão do sensório. Somos desta forma, circundados por barreiras que nos obstaculam o conhecimento por todos os lados. Nada mais nos resta do que valer-nos dos três métodos, procurando acordar entre eles os resultados obtidos com cada um e fazendo com que cada qual forneça a contribuição de que é capaz, ou seja: 1º) as diretrizes máximas da ordem universal, pelo método intuitivo; 2º) a coordenação das observações e as diretrizes menores, como uma ponte entre o primeiro e o terceiro, pelo método racional analítico; 3º) o controle do resultado dos outros dois, pelo experimental.

É certo que o governo do universo, a inteligência e o poder que assumem a direção do funcionamento deste grande organismo ou coletividade, não é exterior como o governo das nossas coletividades estatais, mas está no interior dos seres ou fenômenos, de onde os guia. É indiscutível que o essencial, o que mais vale para o conhecimento é o abstrato, dado que a assim chamada realidade objetiva é superficial e secundária. A verdadeira realidade não é exterior, mas interior e tanto mais verdadeira e real se torna; quanto mais interior, quanto mais se distancia da solidez do concreto. A chave dos mistérios está na abstração das grandes sínteses, e não pode ser encontrada senão pela intuição. Assim, pois, os três métodos se escalonam em três níveis diversos, como três graus do conhecimento, com funções e resultados diferentes. Cada um necessita ficar no seu plano para fornecer, segundo a sua natureza e potencialidade, o rendimento que pode dar. Eis a significação e o valor do fenômeno inspirativo em face da ciência e do problema do conhecimento.

Antes de deixar este argumento, observemos, transportando-nos para o terreno moral, um caso particular do referido fenômeno, caso que podemos chamar de voz da consciência. Fenômenos de inspiração, pode-se dizer que se verificam todas as vezes que alguém consulta o próprio "eu" profundo, para conhecer a verdade em torno da própria conduta. Dissemos, acima, que as inspirações se ligam a um centro único - Deus, e que Deus é interior e não exterior a nós. Trata-se de uma ampliação da pequena consciência individual no consciente cósmico, pelo qual o "eu" superficial, feito de contingente, isto é, a nossa consciência normal, tenta avizinhar-se do "eu" cósmico, para coincidir, o mais possível, com o pensamento e a vontade de Deus.

Eis o que deveria ser a voz da consciência: a que nos aponta a perfeita adesão à Lei de Deus. Esta é a verdade que se encontra em nossa profundidade, porque Deus está em nós. Ora, o problema é este: quem é capaz de despertar, além da superfície, em tais profundezas, quem conseguirá tornar-se consciente da verdade universal? E, assim sendo, essa sincera voz interior a qual chamamos voz da consciência, sentimos o dever de obedecê-la como a qualquer coisa de sagrado que vem de Deus. Que

aproximação representa e nos dará da verdade absoluta, que está em Deus? Certamente deveremos admitir que não se pode tratar senão de aproximações maiores ou menores e elas dependem da evolução conseguida para cada qual, isto é, dependem do seu grau de sensibilização, que lhe permite vibrar em sintonização com verdades sempre mais profundas, despertando consciente no seu interior divino.

Se então observarmos em derredor de nós e atentarmos para o nível espiritual da maioria humana, devemos afirmar que, não podendo esta, dado o seu grau de involução, alcançar senão escassas aproximações da verdade, a voz da consciência não revela desta mais do que fragmentos, aspectos, pequenas verdades particularizadas, relativas a cada qual, limitadas no contingente e transitórias no tempo. Se teoricamente a voz da consciência é sagrada, porque tende a dirigir-se para o Centro - Deus, na maior parte dos casos é bem difícil que o atinja. Esta voz pode, então, ser apenas a de uma vida individual, clamando somente em sua defesa e por seus interesses. Pode mesmo ser um longínquo eco da voz de Deus, porque todos têm o direito e o dever de viver. Mas quanto estamos distanciados da universalidade do pensamento central, que protege toda a vida, mesmo com o sacrifício da vida individual, pensamento que está imensamente afastado do egoísmo exclusivista desta última!

É assim que estas "verdades" individualizadas, particularizadas, embora sendo sinceras vozes de consciência, podem entrar em conflito íntimo, levando a que, em nome da verdade, se desencadeiem choques fratricidas, cada qual agindo em plena consciência. Bem poucos são aqueles que, no exemplo máximo de Cristo, sabem fazer coincidir a voz interior da própria consciência com a voz do consciente cósmico - Deus. A Sua voz, mesmo a que tende a fazer-se ouvir da profundidade, quando tantos a interrogam, permanece às vezes sepultada e tão longe da normal consciência desperta, que dela não resta senão um débil sussurro. Dela não nos chega senão um balbucio tão incerto e às vezes contraditório, tão tímido e fragmentário pois que somos surdos e involuídos, que mal percebemos a voz de Deus e ainda assim humanizada através de nossa consciência, que não conseguimos nem ao menos reconhecê-la é a confundimos com os nossos desejos, que qualificamos, então, como voz da consciência. E são justamente os que assim a ouvem os que mais alto gritam para melhor serem ouvidos! Daqui certa legítima desconfiança das autoridades religiosas a respeito da voz interior que, se em princípio é e deve ser sagrada, na prática pode representar apenas um genuíno produto do "eu" individual.

É difícil julgar em tais casos. Mas é certo também que, existindo almas superiores, capazes de ouvir na própria consciência a voz de Deus, isto é, uma voz que se identifica, acima do próprio egoísmo, com a vida universal, essas almas devem saber superar todas as resistências e obstáculos - que é indispensável que sejam opostos a essas exceções para prová-las - criados por uma norma estabelecida pela maioria humana, que é de involuídos. De outro lado, as autoridades religiosas, que julgam a matéria, defrontam-se com não pequenas dificuldades. É verdade que a voz da consciência é sagrada, mas se exagerarmos na liberdade, caímos na anarquia do livre exame. É também verdade que freqüentemente o que denominamos de voz de consciência pode ser um puro juízo pessoal. Urge, pois, uma norma a que a consciência seja submetida e assim a sua liberdade limitada. Mas igualmente se exorbitarmos na disciplina, caímos na tirania. É lógica, pois, a atitude inicial de suspeita mantida pelas autoridades religiosas em relação a quantos se digam

inspirados. A estes incumbe demonstrar, depois, através de toda a sua vida, que a voz interior não os enganou. É um controle necessário para eles mesmos. E se a voz realmente vem de Deus, ela encontrará tanta força nos fatos e sabedoria nos conceitos, que se imporá a todos, tanto ao inspirado, quanto aos juizes. E não faltam os exemplos que nos demonstram quantas vezes estes tiveram, embora tardiamente e contradizendo as suas primeiras condenações, que reconhecer a verdade da inspiração.

XIX

A ALMA E DEUS

O estudo do fenômeno inspirativo nos leva agora a considerar as relações entre a alma e Deus. Nas páginas precedentes, comparamos a expansão do pequeno consciente individual no infinito consciente cósmico, que constitui o fenômeno inspirativo, com o caso em que uma célula individualizada pudesse alcançar a consciência de todo o organismo humano. Cabe agora aqui indagar: serão estas as relações entre o "eu,' individual e o "eu,' cósmico, isto é, entre a alma e Deus, as mesmas que ocorrem entre uma célula e todo o organismo?

É certo que desde o átomo até à molécula, ao cristal, à célula, e a todas as formas de vida individual e coletiva, se cada individualização do ser revela saber quanto lhe basta para existir, não tem, todavia, de modo algum, consciência do Todo. O próprio homem, que se situa no ápice da evolução biológica, não tem consciência senão de uma parte mínima da sua vida, da qual só possui muito limitadamente as diretrizes. Temos, então, que atribuir ao consciente universal esse conhecimento que as individualizações isoladas do ser não possuem propriamente. Assim se delineiam as relações entre o "eu" individual e o "eu', cósmico, isto é, entre a alma (tomada no sentido lato, inclusive como a alma das coisas) e Deus. Ora, imaginar que cada uma das várias individualizações do ser representa a sede de uma íntima imanência neles, no fundo e além do seu relativo consciente, do consciente do "eu" universal, que sabe e pensa em cada ser dentro dos limites de sua natureza, provendo-lhe a vida - imaginar tudo isto é mais plausível e convincente do que conceber um universo regido, não se sabe como e por que meios - por um consciente "eu", universal que lhe é exterior e estranho. Vimos que Deus não é exterior; mas íntimo do ser, e concluímos pela Sua imanência neste. Isto tanto mais se tornará convincente, quanto atentarmos para que, se parece conduzir-nos à impessoalidade de Deus e ao imanentismo panteísta, não exclui nem lesa, efetivamente, o conceito do Deus pessoal e transcendente.

O consciente universal é, pois, íntimo ao ser, representando o imenso fundo de sabedoria que guia toda a sua vida, sem que ele se aperceba de nada. Neste campo se incluem o funcionamento orgânico, tudo o que é guiado pelo instinto, o desenvolvimento das alternativas coletivas que constituem a história. Ainda se incluem a Lei que enquadra os nossos atos livres na férrea concatenação causal e depois

se desenvolve no destino individual e coletivo, a oportuna intervenção da Providência - guia e ação situadas além do conhecimento e das forças humanas, e assim por diante. Se o universo foi gerado, como vimos, por uma Substância pensante, o que vale dizer, feito de divina imanência, justamente por esta razão todo ser é dela feito, ou seja, é pensante na sua profundidade. Se ele não tem disso consciência, não importa. De como ele vive e funciona devemos deduzir que este pensamento está nele, mesmo que ele não o note, como está, não apenas nos seres evoluídos, mas até nas mais involuídas formas da matéria bruta.

E este pensamento uno, que reconduz as infinitas formas à unidade do Todo e constitui a universalidade da Lei - una. Então, que diferença existirá, por exemplo, entre a pedra, a árvore e o gênio? Ela reside no grau em que a individualização do ser, segundo seu plano evolutivo, consegue participar desse consciente universal, isto é, consegue despertar conscientemente, ou seja, em consonância, no seio do pensamento de Deus. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que o universo é inteiramente feito dessa primordial Substância conceptual que é o pensamento de Deus, e qual um infinito oceano vibrante, em cujo seio, porém, cada individualização do ser não vibra da mesma forma, sendo mais ou menos desperta e participe, como estado de consciência dessa vibração. Em tudo o que existe, há a possibilidade de poder atingir toda a vibração do pensamento de Deus, mas tal vibração não existe em atividade, ela está latente, adormecida, à espera de gradual despertar. E a este despertar que se denomina evolução.

Podemos agora melhor compreender o significado dos conceitos de subconsciente, consciente e superconsciente, já expostos no volume: *Ascese Mística.* O consciente é a zona de trabalho (com a experiência da vida) e de despertar do ser para entrar em vibração no consciente universal. A evolução não é, assim, um avanço cego, mas um despertar vibratório, segundo esquemas pré-existentes, por conseguinte pré-estabelecidos, no consciente universal. O subconsciente é a consonância, a sintonização já adquirida com esse consciente e estabilizada nos automatismos (instintos, idéias inatas etc.). Ele abre o campo já explorado pelo ser na experiência realizada na vida; e tanto é sua propriedade, como expressa suas qualidades. Ele coincide com o pensamento de Deus,. mas nos mais baixos planos de sua expressão, sendo, pois, guiado pelo consciente que já começa a vibrar nos planos mais elevados. O superconsciente é o pensamento de Deus, ainda latente e adormecido no ser, que ainda não se pôs a vibrar em zonas evolutivas mais elevadas. Ele está, pois, para o ser ainda em estado de não-consciência.

Poderemos dizer com o suave Virgílio: "Mens agitat molem"[27], no sentido de que dentro de cada forma e atrás de toda aparência há um proporcionado despertar com relação ao divino, de um estado vibratório que a rege. Veremos, então, atrás da hierarquia das formas uma interior hierarquia de consciências, constituída pelos graus de consonância atingidos pelo ser em relação com o pensamento divino. Desta forma, no consciente do indivíduo vão surgindo problemas cada vez mais vastos e complexos, à medida que ele sobe. A uma planta bastará resolver o problema da assimilação e respiração. O gênio. sentirá necessidade de resolver o problema do

[27] "O espírito move a matéria". ENEIDA, VI: 727. (N. do T)

universo.

Assim, pois, vemos que as posições de subconsciente, consciente e superconsciente são relativas ao grau de evolução de cada ser. Para o homem racional o subconsciente representa apenas o pensamento sensitivo do animal e vegetativo da planta. Para o animal, é subconsciente este último, enquanto para a planta é subconsciente o pensamento molecular, isto é, o que preside à construção e funcionamento dos elementos químicos componentes; para estes o subconsciente é o pensamento atômico, isto é, o dos diferentes edifícios eletrônicos componentes.

E em direção oposta, poderemos dizer que, assim como para o homem racional o superconsciente é o pensamento intuitivo sintético do super-homem, também para o animal o superconsciente é o. pensamento racional humano, para a planta é o pensamento sensitivo do animal, par' a molécula da química inorgânica é o pensamento celular vegetativo da planta e para o átomo é o pensamento molecular da química. Assim se pode compreender o sentido que está no fundo das palavras de Sertillanges: "na natureza tudo tende a subir. A apoteose da matéria está no vegetar, a do vegetal, no sentir, a do animal, no pensar."

Como se vê, o ser, da mesma forma que o homem, move-se em um ilimitado oceano de pensamento, em que o seu próprio avança mais ou menos e se expande, conforme o estado de consonância que ele, evolvendo, consegue atingir. O pequeno "eu" individual tem de se haver sempre com este consciente universal, que é o Deus imanente, no qual ele está imerso, como em uma atmosfera de pensamento que ele respira com o seu pensamento e com o qual se comunica por um contato que constitui a vida. Para o homem, o Deus imanente é uma zona ilimitada, situada além da sua consciência e qualquer processo evolutivo, até à fulguração do gênio, constitui uma aproximação Dele por progressiva consonância. Estamos circundados pelo mistério. Mas a evolução consiste justamente na expansão de nosso consciente individual no infinito consciente cósmico. Poderemos imaginar o primeiro como uma pequena circunferência que, partindo do mesmo centro, se dilata no seio da infinita circunferência do consciente universal. Podemos também representar a Substância pensante do Deus imanente, constitutivo do Todo, inflamar-se de estados vibratórios mais ou menos intensos e complexos em vários pontos, que formam, deste modo; os centros pensantes que constituem o consciente dos vários "eu" individualizados. O fenômeno inspirativo não passaria, então, de um índice que nos revela haver o ser executado, através de um despertar vibratório, mais um lanço evolutivo, uma dilatação de consciência, expressão de uma catarse biológica.

O que espera o homem a despertar no superconsciente é o Deus imanente, o consciente cósmico. Ali já está escrita a resposta a todos os porquês, feitas estão todas as descobertas, evidentes são todos os mistérios Segue-se daí que o problema do conhecimento é sobretudo uma questão de maturação biológica. E principalmente esta, e não as elucubrações racionais, que inflama o lampejo ao gênio, porque, sendo evolução, leva o homem a vibrar harmonicamente mais próximo do pensamento de Deus. Então, entrando num plano de vida mais alto, nasce uma nova sensibilização espiritual: o que antes era um superconcebível, torna-se espontaneamente, inteligível e se revela. Quando não é o indivíduo isolado que avança (o gênio), mas um grupo ou mesmo a massa humana, então o fenômeno inspirativo se generaliza, segundo a potência de cada um, surgindo a era das conquistas do pensamento, os grandes séculos construtivos, as descobertas em cadeia, como hoje. Tudo explode assim, em um surto

evolutivo em todas as partes do mundo, quase contemporaneamente, acreditando cada célula da humanidade haver feito uma descoberta com seu engenho. Todavia, não se trata senão de uma geral maturação biológica. Esta é a razão pela qual somente hoje se fizeram descobertas antes julgadas impossíveis e inconcebíveis pelo homem. E logo chegarão novas orientações sobre aquilo que atualmente é tomado por superconcebível. No fundo trata-se tão somente de sensibilizações progressivas, de que nascem mais elevadas consonâncias ou sintonizações com o pensamento de Deus.

Toda a evolução se reduz, assim, a um problema de sensibilização nesse sentido. As janelas de nosso consciente sobre o mundo hoje são poucas. E é preciso ser bastante involuído, isto é, adormecido, para sentir-se bem satisfeito em uma casa tão pequena e escura. A conquista da verdadeira liberdade não está na liberdade de mostrar-se animalesco, mas no despertar de consciência que nos permite sair da tremenda prisão da ignorância e da inconsciência. Quantas mensagens constantemente o consciente universal não enviará ao nosso minúsculo consciente individual! Maravilhosos apelos, e nós continuamos surdos, sem compreender! Tudo vibra de pensamento e freme de vida em derredor de nós, e não sabemos por-nos em contato com este maravilhoso universo saturado de Deus, porque não estamos sensibilizados, não sabemos vibrar em uníssono, para ouvir e responder. E permanecemos mudos e inertes no vórtice de todos os esplendores do concebível. Estamos encarcerados na matéria. Em torno, tudo nos empareda nas barreiras de nossa insensibilidade. E o involuído não arde senão na ânsia de refocilar na lama das suas baixezas, porque aí estão os seus atrativos, porque essa é para ele a vida. Que pobre vida, quando somos feitos de infinito, para o infinito! Pobre involuído, manobrado como um fantoche pela Lei a que, enquanto crê comandar, nada mais faz no fundo que obedecer, porque é ela que o comanda e deve comandar como a um títere, pois que ele nada sabe, nem pode mesmo dirigir!

Mas observemos ainda as relações entre o "eu" individual e o "eu" cósmico. Já idealizamos o consciente individual, sediado no consciente universal, como as células no organismo humano. Já conhecemos a estrutura hierárquica piramidal dos seres, pela qual, consoante o principio das unidades coletivas, se passa a um número crescentemente reduzido de individualizações sempre mais sintéticas, partindo de uma incomensurável quantidade de individualizações, tanto mais particularizadas e analíticas, quanto mais descemos na escala dos seres. Assim, da célula se desce à molécula, depois aos átomos, aos elétrons etc., ao passo que se sobe para o órgão, para o organismo completo, para o grupo familiar, nacional, para a humanidade etc.. O mesmo se dá no plano da matéria inorgânica, na construção dos universos estelares. Esta, em cadeia, é a técnica construtiva dos edifícios do ser.

Ora, dissemos que, por de trás dessa estrutura física, existe uma outra mais real que a rege - a espiritual, animadora dessas unidades, uma outra estrutura hierárquica piramidal, feita de pensamento. O universo não será inteligível se, atrás da hierarquia exterior das formas, não enxergarmos essa outra hierarquia de motivos conceptuais ou de modelos abstratos que são aqueles segundo os quais as formas se plasmam. Por trás dos planos biológicos existem planos conceptuais que se sobrepõem e se escalonam ascendentemente numa hierarquia de princípios espirituais que culminam em Deus - vértice da pirâmide ou centro da circunferência. Segue-se daí que, com o progresso da evolução, se a forma muda é porque, sobretudo, muda a natureza do pensamento que ela expressa e muda a consciência do ser em

conseqüência da elaboração do viver. Eis, pois, o que existe de substancial no substrato da evolução e no que a rege: o progressivo despertar do "eu" em um estado vibratório cada vez mais elevado.

Estamos agora em condições de encarar a evolução de um modo mais substancial, isto é, mais correspondente à verdadeira realidade, que é a interior à forma. A evolução não é, pois, um aprimoramento de organismos, a não ser como última conseqüência Ela corresponde, contrariamente, a um conceito metafísico: o despertar do espírito, a mobilização das qualidades adormecidas e latentes no inconsciente e, com isto, a reconstrução através da experiência na matéria, do sistema espiritual desmoronado, até que o Deus imanente, nele incorporado, retorne ao estado de origem, para coincidir com o Seu aspecto transcendente. Assim, a formação das unidades coletivas em dimensões cada vez mais vastas, não constitui apenas uma agregação de elementos, mas uma organização dos mesmos, de modo a que cada unidade superior represente uma perfeição maior, conseguida por efeito de mais profunda manifestação do espírito, e mais profundamente desperta.

Não se trata, pois, de ver no universo somente um infinito oceano de pensamento, uma infinita atmosfera pensante, de que tudo vive. Isto é verdade mas é insuficiente. Nela se formaram, como dissemos, núcleos de consciências individuais, como no espaço cósmico paralelamente se formaram núcleos de matéria. Ora, este e mais precisamente o aspecto do Deus imanente em nosso universo, isto é, não pode ser uma uniforme e informe atmosfera pensante, mas o de se ter individualizado em infinitos núcleos de consciência ou "eu" pensantes.

Eis no que consiste a imanência de Deus em nosso universo: ter querido, por Amor, seguir o sistema no seu desmoronamento! Eis no que consiste a maior paixão de Deus por todo o Seu universo: a Sua encarnação e crucificação além do Gólgota! Eis como se explica o "Tu habitas in me", como a presença de Deus é íntima a nós e às coisas! Eis porque Cristo pôde dizer: "Vós sois Deuses". Poderá parecer audaciosa esta concepção, mas é a única que tudo aclara em profundidade.

Vemos, efetivamente, que cada unidade coletiva superior não representa somente a soma das suas unidades componentes, mas alguma coisa a mais. Nela há coordenação e organização da atividade dos elementos constitutivos, criação, por conseguinte, de qualidade que eles não possuem isoladamente, execução de encargos que eles, sozinhos, não poderiam realizar. Com a fusão das unidades menores em unidades coletivas, nasce algo de novo, que antes não existia em nenhuma delas e que elas conseguem somente com essa união. Isto tem um profundo significado. Antes de tudo, o nascimento dessa qualquer coisa dê novo não pode deixar de ser um desenvolvimento do latente, como vimos, porque de outra maneira ele seria inexplicável. E desenvolvimento do latente não pode significar senão maturação evolutiva no espírito, isto é, o despertar do ser no seio do Deus imanente, como vimos. Mas há mais: é que tudo isto só se verifica com a técnica das unidades coletivas. Logo, esse desenvolvimento do latente e o despertar do Deus imanente no espírito de cada ser não ocorre senão por reunificação dos fragmentos de um sistema desmoronado, senão por irmanação e fusão em organismos superiores mais vastos e orgânicos dos diversos "eu", em que o Ser-Uno se fragmentou originariamente. Podemos então dizer que a lei das unidades coletivas, por nós algures mencionada e demonstrada, nos prova que a reunificação é o sistema de reconstrução e que, quem se reunifica, se reconstrói. Eis, portanto, a técnica do retorno do anti-sistema ao sistema.

Concluímos agora com esta grave afirmação, levando até às últimas conseqüências os motivos acima assinalados: as diferentes almas individualizadas são fragmentos do Espírito e constituem cada individualização decaída em toda forma existente. O que anima o ser e sem o que não pode haver existência é a doação por Amor do Deus Criador, Que não abandonou a criação, mas nela permaneceu no Seu aspecto de Deus imanente. Foi dessa doação por Amor que nasceram os diferentes espíritos, não apenas os incorruptos do sistema, mas igualmente os corruptos do anti-sistema. E estes, no plano humano, somos nós, homens, como almas. Quando, pois, chamamos a estas: centelhas divinas, devemos subentender fragmentos de Deus. E, enquanto os espíritos incorruptos permaneceram unidos em Deus, nós, espíritos rebeldes, ficamos isolados. Cada espírito entre nós é um fragmento do Espírito-Deus Que, pulverizado em nós no anti-sistema, se precipitou conosco na forma. Eis em que sentido nós somos Deuses. E o somos.

Explica-se, desta forma, por que essas centelhas têm tanta fome de unidade, atraindo-se e rejubilando-se, quando, superadas as resistências do anti-sistema, conseguem irmanar-se, como recomenda o Evangelho. Justamente esta é a razão: por mais que a rebelião do anti-sistema queira o contrário, elas se sentem dispersas, insuladas, e procuram na união recuperar a potência, a inteligência, a vida. Por isso, a unificação é criadora, pois ela é, e só agora podemos entender, a reconstrução do universo desmoronado, ou seja, do Deus-Uno, fragmentado em infinitos "eu" menores e que, do Seu aspecto imanente reconstrói, até atingir novamente o Uno, representado por Deus no Seu aspecto transcendente. Todo o grande drama do ser decaído pode, assim, resumir-se em duas palavras: fragmentação e reunificação.

Fragmentação, reunificação! A potência reconstrutora do Todo é dada pelo mesmo Amor que caracterizou a primeira gênese, mesmo quando, na reconstrução, ele devesse assumir o aspecto negativo de sacrifício. Este, de fato, representa para a criatura decaída a única forma de verdadeiro amor construtivo. O amor-gozo é apenas uma recordação da sua origem: gozo limitado, fugaz, ilusório, quase que somente tolerado com mera introdução ao amor-sacrifício, que não efêmero nem ilusório, mas o único verdadeiro e construtivo. Fragmentação, reunificação. Deus está sempre presente, é sempre o Todo. Reunificar-se é o grande propósito de todo o universo; porque no fundo de todas as formas há um pequeno fragmento de Deus, que tem fome de voltar a ser Uno. Se o universo é todo um desencadeamento de antagonismos, desde o plano físico ao espiritual (repulsão-ódio), ele é também um anseio de amplexo em todos os planos (atração-amor). Fragmentação significa a revolta e o desmoronamento, terminando no caos. Reunificação significa a obediência e a reconstrução, terminando na ordem do Uno.

Este é também o caminho de nosso mundo. Se descermos os graus e tempos mais involuídos da humanidade, encontraremos aí o politeísmo. Deus estava fragmentado também como concepção e vinha sendo, desde os tempos da Grécia e de Roma, adorado por fragmentos. Mas deu-se a superação na unificação, passando-se ao monoteísmo. Então a humanidade volveu a olhar mais para o alto, deixando a dispersão divina pelo Centro-Uno e, mais amadurecida, pôde compreender melhor a unificação. Mas não basta. O politeísmo está para o monoteísmo, como este para o monismo. Atentemos para este fundamental conceito do Uno e não apenas para o significado que se pode dar a esta palavra por ter sido usada por esta ou aquela escola filosófica. Monismo aqui significa ter compreendido não somente a unidade de Deus,

mas também a unidade do Todo, pela qual tudo o que existe forma um sistema único, do qual Deus é o centro.

A vida do indivíduo se torna grande quando ele compreende que é, no sentido exposto, o filho de Deus. Grande coisa se torna a organização da sociedade humana, quando é concebida como um momento do processo de reorganização do universo, que se está reconstituindo para retornar a Deus. Eis o grande sentido teológico que se pode conferir à política e ao Estado moderno. O indivíduo é uma célula sua e esse Estado é uma célula da humanidade, que é célula da vida. E ai de quem falsear os valores substanciais e usurpar, perante a hierarquia que se inicia em Deus, uma posição que não corresponde aos valores intrínsecos. Permanece para todos, crentes ou ateus, a imanência de Deus, e quem forja mistificações ou falseamentos experimenta nas próprias carnes o punhal da dor. Mas nem por isso a reconstrução estaca. Perde-se o indivíduo, mas o sistema se reconstrói da mesma forma, porque esta é a Lei. E ser tem de se reconstruir plano por plano. E quando dizemos ser, dizemos a nossa alma, ou seja, centelha de Deus em nós imanente. E sofremos juntamente com Deus, porque em sua profundeza o nosso espírito é Deus. A alma sofre em Deus e Deus sofre na alma.

Mas cada vez que uma alma se irmana a uma outra, é um fragmento de Deus que se uniu a outro fragmento, e um passo foi dado para a reunificação . O incêndio originário começa assim a reacender-se aqui e acolá pelas fagulhas semi-extintas. Cada duas chamas que se unem não ardem, por duas. mas por quatro. Satanás, força do anti-sistema, desesperadamente lança água no fogo com a cisão, procurando frenar a reconstrução, porque esta significa o fim do seu reino, que é o caos. Mas assim ascendendo, com a elaboração de cada célula e a fusão com outras células, as consciências individuais se reorganizam para reconstruir o "eu" cósmico, a consciência do universo. Cada consciência inferior, dissemos, em face da superior, é sempre de caráter analítico; a superior, diante da inferior, é de caráter sintético. A superior adquire funções de coordenação para fins mais elevados, antes ignorados. Uma célula se torna diferente quando faz parte de um organismo, assim como um homem quando integra um exército ou qualquer organização social. Ele então age e produz de outro modo. Há uma sublimação e valorização do seu "eu", assim enquadrado em funções mais altas, flanqueado por outras funções que o completam na colaboração. Colaborar é muito mais do que trabalhar, quer pelos fins, quer pelos meios, seja pela unidade coletiva, seja pelo indivíduo. Quanto mais orgânica se torna a vida, tanto mais altos, vastos e poderosos são os fins que se podem atingir.

Com esta orientação cósmica podemos apreciar o valor de cada ato nosso, quer como indivíduos, quer como sociedade. Tudo evolve e nós evolvemos como indivíduos e como sociedade, em demanda de sínteses mais vastas, profundas e compreensíveis. Nós, centelhas de Deus, somos os operários de Deus para a reintegração do Deus imanente. A nossa vida não pode ter significação a não ser quando nos pomos em função desta reconstrução. O Deus imanente dorme em nossas profundezas. Despertando nós ou ressurgindo Ele - o que é a mesma coisa - na profundidade do nosso espírito, reconstruir-se-á no estado de consciência aquela do universo (o Espírito), que agora jaz no estado de inconsciência que o homem agora se encontra. Isto não significa que o ser, o nosso minúsculo "eu" se torne Deus, mas que Deus volta a ser qual era antes do desmoronamento do sistema. Não somos nós insignificantes homens, que de novo nos devamos encher de orgulho, mas é Deus que

em nós deve despertar cada vez mais, a fim de que o nosso "eu" desapareça reabsorvido Nele. Por isso, nos capítulos precedentes insistimos na atitude a assumir e que o místico assume, pela qual o desenvolvimento do "eu" humano consiste na sua anulação em Deus. Isto porque, compreendamo-lo bem, não é o nosso "eu" egoísta e separatista, filho do anti-sistema, cindido e rebelde a Deus, que devemos desenvolver, mas é justamente o nosso outro "eu' divino que devemos despertar e que dorme nas profundidades de nosso espírito. Se agirmos noutra direção, caminharemos, ao invés, para a destruição e não para a reconstrução. Em lugar de seguir a via: "fragmentação, reunificação", seguiremos a oposta: "fragmentação, fragmentando-nos mais ainda".

Concluindo, procuremos penetrar esta estupenda realidade: em profundidade todos os seres são uno, isto é, na íntima essência espiritual de todas as individualizações existe uma substância que as funde em unidade, pela qual todas elas retornam ao centro comum que tudo irradia e tudo atrai - o Centro - Uno - Deus. No fundo de todos os seres. está esse seu centro, no qual cessa qualquer distinção, e a infinita pulverização dos "eu" separados na periferia do sistema reencontra a sua unidade em um só "Eu". Por isto, amando o seu próximo, o indivíduo caminha para Deus e esta via que o conduz a Deus é a da unificação. Tanto mais o ser se avizinha do centro - Deus, quanto mais sente que a sua alma é a dos outros seres são uma só coisa. Assim, pois, evolução, espiritualização e unificação caminham paralelamente; hoje, quem ama a Deus, O ama em todas as criaturas, e quem vive em todas as criaturas, vive em Deus, ao passo que quanto mais egoisticamente se vive, tanto mais se vive distanciado de Deus.

Não se deveriam dizer estas coisas abertamente ao mundo involuído de hoje, porque ele está sempre pronto a dar-lhes uma interpretação às avessas, satânica. Não se deveria dar ao público a solução dos mistérios aqui obtida por intuição, inacessível pela via racional, solução que deveria ser, pois, naturalmente proibida. Poder-se-ia repetir: "não atireis pérolas aos porcos, a fim de que não as pisem com os pés e se voltem contra vós para dilacerar-vos"[28]. Por isto tais coisas são ditas em livros de complexa concepção, que os cérebros preguiçosos e ignorantes repelem e que a maioria dificilmente penetra, justamente para que poucos as conheçam, mas as possam encontrar prontas quando hajam amadurecido. É, ademais, necessário deixar o mundo de hoje entregue às suas ferozes exercitações evolutivas, já que menos ferozes ele não sabe praticar, e as atuais são as de que ele necessita, sendo elas proporcionadas ao seu grau de inconsciência. Porém, quem tem ouvidos de ouvir que ouça e quem tenha intelecto para compreender que compreenda, pois que o quadro da visão do ser está completo e é chegada a hora em que a verdade será dita abertamente sem véus, pelo menos aos mais evoluídos, que podem compreendê-la.

Quem chegar a compreender tudo isto, sabe que é uma eterna, indestrutível centelha de Deus. E sabe também que, no Seu aspecto imanente, Deus está presente em nosso universo, até em nossas menores coisas e que nós não só podemos senti-Lo espiritualmente, mas igualmente vê-Lo. Se não nos é dado conceber o Deus transcendente, podemos, no entanto, ver o semblante do Deus imanente, pois que toda forma de existência é uma expressão do pensamento e da vontade Dele, é uma manifestação do Seu ser. Certamente sendo Ele um infinito, nós não podemos limitá4o

[28] Mateus, 7:6 (N. do T.)

no relativo de uma forma particular. Ele permanece um infinito, tem, pois, infinitos rostos e o veremos expresso em tudo o que é beleza, bondade, floração de vida e de alegria. Esta e, efetivamente, a manifestação do sistema no lado positivo do ser. Esse sistema, apenas floresce, é minado pelo anti-sistema, negador e destruidor de beleza, de bondade, de vida, de alegria. É assim que tudo se estiola, corrompe-se e morre. Mas o Deus imanente, sendo a alma das coisas, do íntimo delas continua a manifestar-se numa incessante floração e, assim, embora tudo feneça, corrompa-se e morra, tudo de novo refloresce e revive. Desta forma, o sistema, não obstante os contínuos assaltos do anti-sistema, venceu, vence e vencerá sempre, sendo o mais forte.

Esta é a significação de tudo o que existe em derredor de nós, de tudo o que nós mesmos vivemos. E quando o homem peca, ele se coloca no campo do anti-sistema, ao sabor das suas forças, das quais nada mais pode esperar, senão dor. Toda vez que praticamos o mal, renovamos a primeira revolta com as suas conseqüências. E temos de subir até nos havermos reequilibrado na Lei, reingressando na sua ordem, por ter seguido as suas normas de harmonia e de amor.

Somente o homem que sabe tudo isto, compreendendo a vida, orientou-se no Todo, não sendo mais um cego entregue a forças ignotas, mas se tornando senhor de si e do seu destino.

XX

VISÃO SÍNTESE

Antes de terminar definitivamente esta argumentação, façamos um seu resumo completo, a fim de que fique inteiramente claro o nosso pensamento em uma visão de conjunto, em um panorama sintético, partindo do começo.

Já vimos que três são os aspectos da Substância, ou três são os momentos da Trindade de Deus: 1) O Espírito, a concepção; 2) o Pai, o Verbo, a ação; 3) o Filho, a criatura. Todos são o mesmo Deus em Seus três momentos No primeiro momento a criação é concebida; no segundo, executada; no terceiro, acabada. Neste terceiro momento, o incêndio de todo o Ser como que se dividiu em infinitas centelhas: as criaturas. Temos de recorrer a essas representações antropomórficas para tornar inteligível o processo. O que nós, filhos do relativo no espaço-tempo, apresentamos como uma divisão, deu-se por Amor, que é o divino princípio da criação. Já vimos (Cap. IV) que foi só e exclusivamente neste único princípio de Amor que se baseou a criação, a ele podendo-se reduzir todos os outros, que nada *mais* são do que derivação dele. Por criação entendemos aqui a originária dos espíritos perfeitos, e não a nossa atual, que é uma deformação sua. Nessa primeira criação "perfeita", as criaturas, centelhas em que o incêndio divino se dividiu por Amor (criação), continua "Uno", porque estão fundidas em um só organismo unitário - Deus - Que se cindiu para dar por Amor o ser às criaturas espirituais, mas cindiu-se apenas no Seu interior, permanecendo como um Todo orgânico, uno e indivisível, do qual as criaturas, espíritos perfeitos, fazem parte.

Até aqui a unidade do Deus trino, nos seus três aspectos, está intacta. A criação puramente espiritual ocorreu no Seu seio, no Todo-Uno e nele permanece. Deus quis multiplicar-se em infinitos seres, permanecendo "uno". Com tudo isto, as concepções antropomórficas, relativas à nossa posição humana, que é completamente diversa, nada tem a fazer e obstaculam mais do que facilitam a compreensão. Em outras palavras, poderemos imaginar esse processo criador como uma elaboração íntima pela qual um Deus uniforme, indistinto, se transformou em um organismo que, permanecendo "uno", diferenciou-se no seu íntimo em elementos diversos, mas tão exatamente coordenados em hierarquias e funções, que mais contribui para reforçar do que para demolir a originária unidade de Deus. Poderemos conceber esse processo criador como uma passagem, no seio de Deus, de um estado homogêneo e simples do Todo para outro diferenciado e orgânico, fato do qual deriva a estrutura orgânica do sistema, que vemos conservar esse tipo de esquema em todas as individualizações menores. Essa primeira criação, puramente espiritual, consistiu, pois, justamente numa transformação do Todo em sistema orgânico e hierárquico, princípio estrutural esse que depois todo ser repete, princípio do qual ele nos põe a prova sob os olhos, demonstrando-nos também que todo ser é feito à imagem e semelhança de Deus. Mas a estrutura orgânica e hierárquica da criação originária não é provada apenas pela estrutura semelhante que cada individualização do ser repete depois em ponto menor, mas também pelo fato de que, nos antípodas, o anti-sistema em que tudo se inverteu, oferece, justamente na maior profundidade de seu desmoronamento, precisamente as características do caos. Só assim este se explica como exato pólo oposto do estado orgânico-hierárquico do originário sistema íntegro.

Esta trindade compreende, pois, a primeira criação perfeita de puros espíritos existentes no seio de Deus. Dela faz parte Cristo, Neste sentido é compreensível como Ele seja o Filho e a terceira Pessoa ou momento da Trindade. Somente assim é compreensível que Ele seja. Deus e uno com o Pai, que é o Verbo criador, a ação a que o Filho deve a Sua gênese.

Até aqui temos, pois: em um primeiro momento o Espírito pensou e concebeu; em um segundo momento o Pai ou Verbo, agiu, criando; em um terceiro momento o Filho, íntima multiplicação, por Amor, do Deus indistinto, teve existência. Mas tudo se deu sempre no seio de Deus, que assim se conservou "Uno", o Todo, intacto. A referência contínua de Cristo ao Pai, com sentido de unidade, o, retorno ao seio Dele, após a descida à Terra, nos dizem que os Espíritos perfeitos estão sempre em Deus, no Seu terceiro aspecto de Filho. Até aqui tudo é Deus e perfeito. Logo Cristo é o espírito perfeito, é Deus, mesmo sendo Filho, o terceiro aspecto ou momento.

❑ ❑ ❑

A esta altura intervém um fato novo, acima descrito, em virtude do mau uso que a criatura fez da sua liberdade: ocorreu a queda dos anjos. Parte dos espíritos se rebelou contra o sistema. O nosso universo não é a criação, mas o desmoronamento da criação, que foi espiritual e se tornou material; que foi de caráter infinito, mas decaiu na involução de dimensões cada vez mais limitadas. Entendamos bem este conceito, pois que ele pode aparentemente parecer contradição com o que dissemos no final do

cap. XIII: "In principio erat Verbum". A primeira criação, a verdadeira, perfeita obra de Deus, foi a espiritual. A nossa, material, é uma segunda criação, posterior e imperfeita contrafação da primeira. Na material, a originária Trindade, em que Deus permanece Uno nos três momentos, como já dissemos, se subverte em unidade fragmentada, cujos três momentos: 1) a concepção, 2) a ação, 3) e a criatura se separam em um transformismo sucessivo, primeiramente involutivo: espírito, energia, matéria, para depois se recompor no transformismo evolutivo: matéria, energia, espírito. (Para nós, seres decaídos, o espírito é também o ponto de chegada. Por isso o concebemos por último na Trindade).

Somente agora poderíamos chegar a compreender a origem e a significação das três formas: α, β, γ, expostas em *A Grande Síntese.* Elas nada mais são, realmente, que uma posição invertida e decaída da primeira e originária Trindade perfeita. Falamos aqui da primeira criação, e também, da segunda, isto é, uma contrafação sua advinda com o desmoronamento do sistema após a queda, quando vimos (final do cap. XIII: "In principio erat Verbum"), na distinção de Deus-Uno em três momentos sucessivos, o Seu sacrifício cósmico por Amor da criatura, precipitando-se com ela e nela, no Seu novo aspecto de imanência, nos antípodas da Sua originária transcendência.

E assim que até ao nosso universo se projeta o originário sistema uno da Trindade, conservando o seu esquema originário, em forma de contrafação e inversão, como que contraído no sistema cindido, que em *A Grande Síntese* foi expresso, segundo a grande equação da Substância, pela fórmula: $\omega = \alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \beta \rightarrow \alpha$, que exprime a imensa respiração do transformismo do universo. Só aqui poderíamos expor tudo isso, havendo amadurecido estes conceitos. E somente agora se pode compreender o verdadeiro valor dado à palavra Trindade (isto é, $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$), em *A Grande Síntese,* em que α, β, γ representam a projeção invertida no anti-sistema, cindido, portanto, em três momentos diversos, da Trindade una do sistema íntegro.

Assim, desmoronaram também as centelhas de Deus, da criação de origem, que continuam ainda a animar a criação corrupta. Desmoronou, também em parte, o terceiro aspecto, o Filho, agora não mais incorrupto, uno com o Pai, mas junto de criaturas decaídas; um momento cindido que, com a ajuda de Cristo na Terra, Ele próprio Filho de Deus, se esforça e sofre para reascender à antiga perfeição, como nos aponta a cruz do Gólgota. Compreende-se, deste modo, como Cristo, um dos espíritos perfeitos - todos são o Filho - conservando-se unido com Deus, tenha querido fundir-se na dor humana, encarnando na criatura terrestre imperfeita, ou seja; no Filho, aqui não mais incorrupto, uno com o Pai, mas separado Dele, na humanidade de seres decaídos; exilados na matéria. Cabia, não ao Espírito Santo ou ao Pai, mas ao Filho perfeito, socorrer o Filho imperfeito, criatura decaída, mas sempre criatura irmã.

Por essa razão Cristo nos ensinou a orar: "Pai Nosso", enquanto ele chamava: "Pai Meu", com a mesma palavra que exprime a mesma relação de filiação perante o Pai comum, pelo Qual todos foram gerados. Assim, o Filho perfeito, sem culpa, quis permanecer irmão do filho decaído, para redimi-lo e fazê-lo retornar à antiga perfeição.

Isto implica a imanência de Deus também em todo o universo, que deve ser dirigido e redimido por uma encarnação mais vasta do que a de um só espírito perfeito em favor de uma só humanidade, ou seja encarnação de todo o Filho (terceira

pessoa da Trindade-Una, constituída pelos espíritos perfeitos do sistema íntegro), para a salvação de todo o Filho (terceira pessoa da Trindade fragmentada, constituída pelos espíritos imperfeitos, pelas criaturas do sistema desmoronado), de modo que o universo possa assim reerguer-se como Filho, terceiro aspecto do estado de Filho decaído e imperfeito, ao originário estado de perfeição, ou seja, do estado de Filho separado ao de Filho-Uno em Deus.

❑ ❑ ❑

Desçamos agora ao nosso universo. Ele, em sentido absoluto, não é o Todo, porque além dele há Deus, nos seus três aspectos. Trata-se aqui de um organismo imperfeito no seio do maior e perfeito organismo do Todo-Uno-Deus, trata-se de uma unidade cindida, enferma, de uma criação destorcida, corrupta, desmoronada na forma-matéria; trata-se de uma criação contraída por involução e que por evolução deve novamente expandir-se até Deus, do Qual tentou destacar-se. Aqui, a originária centelha espiritual está envolta nas trevas da forma-matéria, da qual deve, evoluindo, ressurgir, libertando-se dela.

Somente assim é possível compreender o nosso universo como uma contração de $\alpha \rightarrow \beta \rightarrow \gamma$ em que o estado cinético ondulatório da energia se enclausurou, fechando-se em si mesmo, no estado cinético vorticoso, gerando a matéria, concentração do espaço-fluido-dinâmico. Houve, assim, o desmoronamento das dimensões, da qual nasceu primeiro o tempo e depois o espaço, que se pôde contrair até ao ponto. Os fenômenos de nosso mundo, os que a ciência objetiva toma pôr base e que reputa verdade, são posições contraídas, involuídas, contorcidas e falseadas da verdade, que só se encontra no espírito em estado de perfeição em Deus. O que a ciência estuda é o universo desmoronado em dimensões involuídas, é um estado particular contraído de um ser decaído.

Fundamentar-se no concreto como em uma base segura e objetiva, denuncia uma fase espiritual involuída que não sabe conceber, senão em função da ilusão dos sentidos, aprofundando-se assim nos mais baixos planos de vida, nos planos satânicos. E esta é uma razão pela qual a ciência permanece encerrada na análise e no relativo e, pela própria natureza, é incapaz de atingir as grandes sínteses universais, com o seu método de orientação. A ciência, fechada com o seu positivismo neste universo, jamais poderá, sem o lampejo intuitivo que lhe revele conceitos para ela inacessíveis, compreender e admitir que o mundo que ela aceita por verdadeiro não é senão um mundo às avessas e negativo. Sem as grandes orientações, acessíveis só por intuição, ela tateia sempre no escuro.

Só assim tudo é logicamente inteligível. O egoísmo representa a contração do sistema, que do infinito se fragmenta no finito, em partes cada vez mais isoladas, isto é; egoístas, quanto mais ele se afunda no desmoronamento, na direção de Satanás. Os espíritos não rebeldes, mantidos perfeitos, ficaram fundidos em união com Deus. Os espíritos rebeldes fragmentaram essa unidade em múltiplos "eu" separados, até Satanás que, no pólo oposto de Deus (dualismo), representa a máxima contração do ser no egoísmo separatista. E o retorno a Deus é um afastamento de Satanás, expandindo-se no altruísmo.

A prisão em que desmoronou o espírito do homem é o seu corpo. Para

reascender a Deus o espírito do homem deve consumir na dor este seu invólucro, feito de carne-matéria, que é a sua animalidade, a sua parte inferior que pertence aos planos mais involuídos da existência. Temos vergonha de nossa nudez, porque ela descobre a nossa animalidade, que nos torna semelhantes aos animais e a velamos para esconder e idealizar a nossa miséria. Há luta entre essa animalidade que, no caminho evolutivo, se encontra na cauda, e o espírito, que está na cabeça. A dor é o sacrifício da ascensão, que finda na libertação do espírito. À animalidade é concedido, contudo, um pouco de prazer, necessário para induzir a carne a viver. E a sua vida é necessária, a fim de que possamos suportar essa dor criadora. Sem este mínimo de prazer (gula na alimentação e sexo para a reprodução), a carne recusar-se-ia a viver, não podendo, consequentemente, preencher a necessidade de sofrer. Deixemos, pois, os ingênuos crerem que viver seja alegria e que dar a vida seja dar alegria. Não. A vida é dor. O seu primeiro objetivo é evoluir, que é sofrer, ainda que para conquistar a felicidade. É necessário viver, somente porque é necessário sofrer. Entre pais e filhos só há um traço de união: o da comum dor humana. Ao corpo são concedidos alguns prazeres para estimulá-lo a viver e a sofrer. E os ingênuos, que não entenderam a estrutura do sistema, acreditam poder basear neles a sua felicidade. Ilusão! Os prazeres, tão cobiçados na Terra e pelos quais tanto se luta, são por sua natureza limitados ao bastante para fazer viver e sofrer, o que parece uma traição. Mas como o escopo é evoluir, com a reconquista da felicidade perdida, deixa de haver traição. Por aqui se vê quanto otimismo há no fundo de nosso pessimismo.

Somando ás totais do cálculo utilitário das conseqüências de tudo isso em relação ao homem, podemos dizer que, se a posição da criatura em um universo desmoronado é bem dura, porque o seu destino é dor na obrigatória fadiga de evoluir para redimir-se, todavia, por mais decaída esteja ela, resta-lhe sempre o dom supremo da existência, que lhe ficou intacto, apesar de tudo, além da liberdade de aceitá-lo ou não. Na sua dor, ela é assistida sempre por aquele Amor, permanente e divino princípio do ser. Ela pode recusar, se quiser, a existência, mas certamente essa recusa lhe custaria o que se chama: o inferno, isto é, muita dor, com afastamento de Deus e imersão cada vez mais no mal, de modo que ela veria a conveniência de mudar de rota, recomeçando o esforço da ascensão. Todavia, lhe resta também a evasão da existência, ainda que não convenha, com precipitação no vazio. Mas, à criatura se reserva, mais que essa liberdade de escolha, o dom da existência, tão grande que, se ele hoje, por causa da revolta e do desmoronamento, signifique dor, de outro lado implica a possibilidade de recuperação, representando um absoluto direito à alegria. Alegria remota, mas direito inalienável.

Eis a posição do homem diante de Deus. Ela é o que é e ninguém pode mudá-la. O ser é livre e pode escolher. Há muita dor, mas existe a escada para subir, muito auxílio de Amor, muita felicidade no alto. Há igualmente a escada para descer, que nos dá uma ilusão de evasão e que, ao contrário, agrava a dor até à infinita dor da anulação.

(Só nesse sentido se pode falar de inferno eterno).

❑ ❑ ❑

Quisemos, deste modo, esclarecer melhor e resumir o nosso pensamento sobre

o tema deste nosso livro *Deus e Universo,* em um quadro sintético, que vai de Deus ao homem, numa última síntese, que abrange e enquadra, no infinito *A Grande Síntese,* nosso primeiro volume.

F I M